



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Amanda Chofard

**Contatos intervarietais das variedades sul-rio-grandense e paulista nos dados do Projeto  
Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros**

Florianópolis  
2023

Amanda Chofard

**Contatos intervarietais das variedades sul-rio-grandense e paulista nos dados do Projeto  
Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em  
Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina  
para a obtenção do título de doutora em Linguística.  
Orientador: Prof. Dr. Felício Wessling Margotti  
Coorientador: Prof. Dr. Valter Pereira Romano

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Chofard, Amanda

Contatos intervarietais das variedades sul-rio grandense e paulista nos dados do Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros / Amanda Chofard ; orientador, Felício Wessling Margotti, coorientador, Valter Pereira Romano, 2023.

304 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Linguística, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Geolinguística. 3. Atlas Linguístico. 4. Tropeirismo. 5. Contato intervarietal. I. Margotti, Felício Wessling. II. Romano, Valter Pereira. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Linguística. IV. Título.

Amanda Chofard

**Contatos intervarietais das variedades sul-rio-grandense e paulista nos dados  
do Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros**

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca  
examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera  
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Greize Alves Silva  
Universidade Federal do Tocantins

Profa. Dra. Edair Maria Görski  
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi  
julgado adequado para obtenção do título de doutora em Linguística.

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti  
Orientador

Florianópolis, 2023.

Este trabalho é dedicado às 100 pessoas que confiaram na minha pesquisa e doaram horas ou parte do seu dia para uma troca de conhecimentos que foi muito além de um inquérito linguístico.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus informantes e a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que eu pudesse localizá-los, pois sem eles esta pesquisa não teria se concretizado.

Ao meu companheiro João, que sempre esteve ao meu lado, tanto nos momentos difíceis durante a pandemia de COVID-19, quando vi que a pesquisa talvez não pudesse mais ser realizada, quanto nos mais felizes, como no fim de cada viagem em que o sentimento de dever cumprido se estabelecia.

À Andrea, minha grande amiga e parceira de viagem, que confiou em mim e aceitou cair na estrada, vivenciando comigo desde atolamento de carro em estrada de chão até as pequenas alegrias ao localizar aquele último informante de certa localidade.

Agradeço aos meus pais, sempre presentes me apoiando em todos os momentos da minha vida.

A todos os meus familiares, que me apoiaram e me ajudaram durante esses quatro anos.

Ao professor Felício Wessling Margotti, grande orientador, que me deu a ideia de pesquisa e sempre confiou em minha capacidade de realizá-la, me dando todo o apoio necessário.

Ao Valter Pereira Romano, que além de professor e orientador considero um amigo e admiro muito desde os tempos de UEL, por todas as orientações no decorrer da elaboração desta tese, assim como por todas as dicas da vida acadêmica.

Às minhas amigas Dayse e Marina, à minha irmã Ana Cláudia, à Íris, ao Lucas, à Sarah e à Malu, que me ajudaram com no árduo processo de transcrição e revisão dos dados.

À querida professora Vanderci de Andrade Aguilera, exemplo de professora, que me acolheu no segundo ano da graduação me orientando desde os primeiros passos da vida acadêmica. A quem sou muito grata por ter me incentivado a tomar novos ares, conhecer o desconhecido e explorar o inexplorado. Meu muito obrigada, professora!

À Greize Alves da Silva, por todas as trocas profissionais e pessoais, além da leitura, sempre muito atenta e enriquecedora, desta tese e de outros textos.

Às professoras Edair Maria Görski e Aparecida Negri Isquierdo, por terem aceitado participar da banca desta tese e por fazerem parte da minha trajetória em diferentes momentos.

Ao professor Cléo Altenhofen, por ter participado da banca de qualificação, e à professora Marcela Paim, que aceitou ser suplente da banca de defesa.

A todos os amigos que a UFSC me deu, pelo companheirismo acadêmico e pessoal.

Ao LabTrans/UFSC, na pessoa da Paula, pela compreensão e flexibilidade no trabalho, permitindo que eu realizasse a pesquisa de campo.

Ao programa do estado de Santa Catarina UNIEDU/FUMDES pelo apoio financeiro.

É, talvez mais que tudo, fazer desde já o melhor que pudermos, com o senso de realismo sem o qual não há nenhuma esperança para a Dialectologia e conscientes de que esta só se aprende a fazer... fazendo (ROSSI, 1967).

## RESUMO

O Brasil, com suas amplas dimensões, passou por muitos processos migratórios, históricos e econômicos que contribuíram para sua formação, o que faz dele um país repleto de diversidade, cabendo ressaltar aqui a diversidade linguística. No que diz respeito à Região Sul, observamos a influência de um importante acontecimento histórico-econômico, o Tropeirismo, do qual herdamos uma cultura tropeira que pode ser revelada por meio da língua. Posto isso, esta tese teve como motivação inicial o interesse em investigar a realidade linguística na antiga rota dos tropeiros, tendo como principal objetivo constituir um banco de dados fonético-fonológicos, morfossintáticos e semântico-lexicais do português no espaço geográfico dessa rota, no percurso que vai de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, a Sorocaba, em São Paulo, passando pelos estados de Santa Catarina e do Paraná, com a finalidade de ter subsídios para a elaboração do Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros e para análises que venham contribuir para uma melhor compreensão de parte da atual realidade linguística da área em questão. Destaca-se que o diferencial desta pesquisa está no fato de ter como ponto de partida não uma área geográfica específica, como a maioria dos estudos geolinguísticos, mas sim um fato histórico, a partir do qual foi estabelecida a rede de pontos, salientando a importância da correlação entre a História e a Geolinguística. Para proceder à investigação proposta nesta tese, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: (i) coletar, in loco, dados orais que ofereçam informações passíveis de comparação, ao longo da denominada rota dos tropeiros; (ii) descrever o português na área correspondente ao *Caminho da Vacaria dos Pinhais*, um dos caminhos dos tropeiros na Região Sul, em diferentes dimensões de análise; (iii) identificar variantes linguísticas indicadoras da existência tanto da variedade regional paulista quanto da sul-rio-grandense na área linguística enfocada; (iv) estabelecer diálogo com diferentes áreas do conhecimento com o intuito de compreender o acontecimento histórico em questão e sua influência, tendo em vista as migrações sentido norte e sul, no que tange à língua portuguesa; e (v) verificar em que medida as dimensões diatópica, diasssexual, diageracional, diazonal e diastrática se relacionam com as variantes utilizadas pelos informantes no território em estudo. A hipótese central desta pesquisa vai ao encontro da proposta feita por Koch (2000) de que na Região Sul há diferentes áreas linguísticas, dentre elas uma que se caracteriza pelo contato intervietal das variedades paulista e sul-rio-grandense, cuja explicação pode ser dar pelo avanço de variantes paulistas [+SP] para o sul e de variantes gaúchas [+RS] para o norte da região no período compreendido pelo Tropeirismo. Para o cumprimento dos objetivos propostos, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística Pluridimensional (THUN, 1998), foram aplicados questionários em 12 pontos de inquérito, três no Rio Grande do Sul, três em Santa Catarina, três no Paraná e três em São Paulo, totalizando 96 informantes estratificados por sexo, idade e área habitacional correlacionada à escolaridade. Depois, foram elaboradas 47 cartas linguísticas e feitas análises que contemplam aspectos de diferentes níveis linguísticos, a saber: (i) dois fenômenos fonético-fonológicos, realização da vogal média anterior em posição postônica final e realização do rótico em *onset* silábico; (ii) uma variável morfossintática, uso dos pronomes *tu* e *você* em posição de sujeito gramatical; e (iii) quatro questões semântico-lexicais, QSL 32- pilchado, QSL 55- bezerro, QSL 66- carroça/carreta/charrete e QSL 93-guasqueiro, a partir das quais foi possível ratificar a hipótese central do trabalho, uma vez que os diferentes níveis linguísticos evidenciaram a existência de variantes [+RS] e [+SP] que configuram a existência de um contato intervietal na área linguística investigada. Por fim, salienta-se que as análises aqui apresentadas poderão ser ampliadas, uma vez que, em um futuro próximo, almeja-se a elaboração do Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros.

**Palavras-chave:** Atlas Linguístico. Contato intervietal, Tropeirismo. Geolinguística.

## ABSTRACT

Brazil, with its vast dimensions, has undergone numerous migratory, historical, and economic processes that have contributed to its formation, rendering it a country rich in diversity, particularly noteworthy for its linguistic diversity. Concerning the Southern Region, the influence of a significant historical-economic event, *Tropeirismo*, is evident, giving rise to a *tropeira* culture that can be unveiled through language. Thus, this thesis was initially motivated by an interest in investigating the linguistic reality along the ancient *tropeiros* route. The primary objective was to establish a phonetic-phonological, morphosyntactic, and semantic-lexical database of Portuguese in the geographical space of this route, spanning from Cruz Alta in Rio Grande do Sul to Sorocaba in São Paulo, passing through Santa Catarina and Paraná. This database aims to provide resources for the development of the *Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros* and contribute to a better understanding of the current linguistic reality in the area. It is noteworthy that this research differs by starting not from a specific geographic area, as in most geolinguistic studies, but from a historical event, emphasizing the correlation between History and Geolinguistics. To achieve the goals outlined in this thesis, specific objectives were established: (i) collect on-site oral data for comparative analysis along the designated *tropeiros* route; (ii) describe Portuguese in the area corresponding to the *Caminho da Vacaria dos Pinhais*, one of the *tropeiros* paths in the Southern Region, across various analytical dimensions; (iii) identify linguistic variants indicating the presence of both the *paulista* and *sul-rio-grandense* regional varieties in the focused linguistic area; (iv) engage in interdisciplinary dialogue to comprehend the historical event in question and its influence concerning north and south migrations in Portuguese language use; and (v) examine how diatopic, diasexual, diagerational, diazonal, and diastratic dimensions relate to the variants used by informants in the studied territory. The central hypothesis aligns with Koch's (2000) proposal that the Southern Region exhibits different linguistic areas, including one characterized by intervarectal contact between *paulista* and *sul-rio-grandense* varieties. This contact is explained by the spread of *paulista* variants [+SP] to the south and *gaúcho* variants [+RS] to the north during the *Tropeirismo* period. To fulfill the proposed objectives, questionnaires were administered at 12 survey points—three each in Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, and São Paulo—totaling 96 informants stratified by gender, age, and habitation area correlated with education. Subsequently, 47 linguistic maps were created, analyzing aspects of various linguistic levels, including two phonetic-phonological phenomena, a morphosyntactic variable, and four semantic-lexical questions (QSL 32 - *pilchado*, QSL 55 - *bezerro*, QSL 66 - *carroça/carreta/charrete*, and QSL 93 - *guasqueiro*). These analyses confirmed the central hypothesis by revealing [+RS] and [+SP] variants, indicating intervarectal contact in the investigated linguistic area. Lastly, it is emphasized that the presented analyses can be expanded in the near future with the development of the *Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros*.

**Keywords:** Linguistic Atlas. Intervarectal Contact. *Tropeirismo*. Geolinguistics.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tropas e tropeiros.....	30
Figura 2 – Tropa em marcha.....	34
Figura 3 – Caminhos das tropas.....	37
Figura 4 – Ilustração do traje tropeiro.....	40
Figura 5 – Divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes .....	42
Figura 6 – Representação das áreas linguísticas propostas por Altenhofen (2002).....	44
Figura 7 – Carta nº 23 do Atlas Prévio dos Falares Baianos .....	65
Figura 8 – Carta nº 112 do Atlas Linguístico do Paraná.....	66
Figura 9 – Carta L26S do Atlas Linguístico do Brasil.....	67
Figura 10 – Carta F41 do Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins.....	68
Figura 11 – Mapa da Rota dos Tropeiros com destaque para os pontos de inquérito .....	80
Figura 12 – Carta-base .....	91
Figura 13 – Notações fonéticas adotadas.....	93
Figura 14 – Carta monodimensional: <i>realização da vogal média anterior /e/ em posição postônica final</i> – vocábulos leite, quente, elefante .....	101
Figura 15 – Arealidade das variantes /i/ e /e/ – vocábulos leite, quente, elefante .....	103
Figura 16 – Arealidade gradual das variantes /i/ e /e/ – vocábulos leite, quente, elefante ....	104
Figura 17 – Carta linguística ALPR: <i>vogal média anterior em posição postônica final</i> .....	105
Figura 18 – Carta linguística a partir dos dados do Projeto ALiB: <i>vogal média anterior em posição postônica final</i> .....	106
Figura 19 – Carta linguística ALERS QMS 6.7.a - (SET)E .....	107
Figura 20 – Carta monodimensional: <i>/R/ em onset silábico</i> com agrupamento das questões	115
Figura 21 – Arealidade das variantes [r] e [r̥] com agrupamento das questões .....	117
Figura 22 – Arealidade gradual das variantes: <i>/R/ em onset silábico</i> com agrupamento das questões.....	118
Figura 23 – Cartas linguísticas ALPR: vocábulos com <i>/R/ em onset silábico</i> .....	120
Figura 24 – Carta linguística ALERS QFF 09.a - R(EVÓLVER).....	121
Figura 25 – Carta linguística ALERS QFF 04.b - (GEN)R(O) .....	122
Figura 26 – Carta linguística a partir dos dados do Projeto ALiB: <i>/R/ em onset silábico</i> .....	123
Figura 27 – Carta monodimensional QMS 1 .....	130
Figura 28 – Arealidade das variantes <i>tu</i> e <i>você</i> .....	132

Figura 29 – Carta Linguística ALERS QMS 07.g - predomínio da variante <i>você</i> no Paraná	133
Figura 30 – Carta linguística a partir dos dados do Projeto ALiB - <i>tu</i> e <i>você</i> interior da Região Sul	134
Figura 31 – Carta linguística a partir de dados do Projeto ALiB - <i>tu</i> e <i>você</i> nas capitais	134
Figura 32 – Arealidade gradual das variantes <i>tu</i> e <i>você</i>	135
Figura 33 – Arealidade gradual da variante $\emptyset$	137
Figura 34 – Carta monodimensional para as variantes do QSL 32	143
Figura 35 – Arealidade gradual de <i>pilchado</i> e <i>traiado</i>	145
Figura 36 – Carta monodimensional das variantes para o QSL 55	152
Figura 37 – Arealidade da variante <i>novilha</i>	154
Figura 38 – Arealidade gradual de <i>bezerro</i> e <i>terneiro</i> (cômputo geral)	157
Figura 39 – Arealidade gradual de <i>bezerro</i> e <i>terneiro</i> (primeiras respostas)	159
Figura 40 – Carta linguística ALERS QSL 191.c (cria da vaca)	160
Figura 41 – Carta monodimensional para as variantes do QSL 66 (variantes mais produtivas)	169
Figura 42 – Carta linguística ALERS QSL 177 (etn.) <i>carreta</i> (de duas rodas)	171
Figura 43 – Arealidade das variantes <i>aranha</i> , <i>carreta</i> e <i>gaiota</i>	172
Figura 44 – Arealidade gradual das variantes <i>aranha</i> , <i>carreta</i> e <i>gaiota</i>	174
Figura 45 – Carta monodimensional para as variantes do QSL 66 (variantes menos produtivas)	176
Figura 46 – Arealidade das variantes <i>carretão</i> e <i>carrinho</i>	178
Figura 47 – Arealidade gradual das variantes <i>trole</i> , <i>carro de boi</i> e <i>carroção</i>	179
Figura 48 – Propagação de variantes [+RS] e [+SP] em direções opostas	180
Figura 49 – Carta monodimensional para o QSL 93	191
Figura 50 – Arealidade das variantes <i>trançador</i> e <i>seleiro</i>	193
Figura 51 – Arealidade gradual das variantes <i>coureiro</i> , <i>trançador</i> e <i>seleiro</i>	195
Figura 52 – Arealidade gradual da variante <i>guasqueiro</i>	197

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Momentos e etapas da pesquisa Geolinguística.....	49
Quadro 2 – Exemplos de questões para analisar /r/ em coda silábica .....	54
Quadro 3 – Exemplos de questões para investigação semântico-lexical.....	55
Quadro 4 – Exemplos de questões para investigação morfossintática .....	55
Quadro 5 – Técnicas de coleta de dados geolinguísticos.....	59
Quadro 6 – Pontos de inquérito numerados .....	74
Quadro 7 – Caracterização dos pontos de inquérito do Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros no Rio Grande do Sul .....	75
Quadro 8 – Caracterização dos pontos de inquérito do Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros em Santa Catarina.....	76
Quadro 9 – Caracterização dos pontos de inquérito do Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros no Paraná.....	77
Quadro 10 – Caracterização dos pontos de inquérito do Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros em São Paulo .....	78
Quadro 11 – Síntese das informações da rede de pontos.....	79
Quadro 12 – Perfil dos informantes.....	82
Quadro 13 – Estrutura do QFF.....	85
Quadro 14 – Relação questões-atlas QFF .....	86
Quadro 15 – Relação questões-atlas QSL.....	88
Quadro 16 – Agrupamentos das variantes documentadas para a questão 1 – tu/você.....	127
Quadro 17 – Agrupamentos das variantes documentadas para a questão 32 - pilchado .....	140
Quadro 18 – Agrupamentos das variantes documentadas para a questão 55 - bezerro .....	150
Quadro 19 – Agrupamentos das variantes documentadas para a questão 66 - carroça .....	164
Quadro 20 – Agrupamentos das variantes documentadas para a questão 93 - guasqueiro....	187

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Índice geral de ocorrências para a vogal média anterior /e/ em posição postônica final .....	97
Tabela 2 – Índice de ocorrências por ponto de inquérito para a vogal média anterior /e/ .....	97
Tabela 3 – Índice de ocorrências por item investigado (7-leite).....	98
Tabela 4 – Índice de ocorrências por item investigado (12-quente).....	99
Tabela 5 – Índice de ocorrências por item investigado (31-elefante).....	99
Tabela 6 – Índice geral de ocorrências para o /R/ em <i>onset</i> silábico.....	112
Tabela 7 – Índice de ocorrências por ponto de inquérito para o /R/ em <i>onset</i> silábico .....	112
Tabela 8 – Índice geral de ocorrências para o /R/ em <i>onset</i> silábico: classe gramatical .....	113
Tabela 9 – Índice geral de ocorrências para o /R/ em <i>onset</i> silábico: posição silábica .....	114
Tabela 10 – Índice geral de ocorrências - QMS 1 .....	128
Tabela 11 – Índice de ocorrências por ponto de inquérito - QMS 1 .....	129
Tabela 12 – Produtividade geral das variantes documentadas para a questão 32 - pilchado.141	
Tabela 13 – Produtividade geral por estado das variantes documentadas para a questão 32 - pilchado.....	142
Tabela 14 – Produtividade geral das variantes documentadas para a questão 55 - bezerro ..	151
Tabela 15 – Produtividade geral das variantes documentadas para a questão 66 - carroça...167	
Tabela 16 – Produtividade das variantes sob a perspectiva diasssexual .....	183
Tabela 17 – Produtividade das variantes sob a perspectiva da dimensão diageracional .....	184
Tabela 18 – Produtividade das variantes sob a perspectiva das dimensões diazonal e diastrática .....	185
Tabela 19 – Produtividade geral das variantes documentadas para a questão 93 - guasqueiro .....	188

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- [+RS] - Marca linguística da variedade sul-rio-grandense
- [+SP] - Marca linguística da variedade paulista
- ALERS - Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
- ALF - Atlas Linguístico da França
- ALiB - Atlas Linguístico do Brasil
- ALiNPiPR - Atlas Linguístico do Norte Pioneiro do Paraná
- ALiSPA - Atlas Linguístico Sonoro do Pará
- ALITTETO - Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins
- ALPR - Atlas Linguístico do Paraná
- ALRT - Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros
- ALSAM - Atlas Linguístico do Sul Amazonense
- ALSCE - Atlas Linguístico dos Sertões Cearenses
- AMSIMA - Atlas Morfossintático da Microrregião do Madeira
- CTG - Centro de Tradição Gaúcha
- HARAS - Homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IPA - Alfabeto Fonético Internacional
- NORMs - Nonmobile, older, rural, males
- QFF - Questionário Fonético-Fonológico
- QMS - Questionário Morfossintático
- QSL - Questionário Semântico-Lexical
- RP - Resposta prejudicada
- SGVCLin - Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas
- SIG - Sistema de Informação Geográfica

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>19</b>
<b>2</b>	<b>CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LINGUÍSTICA DO ESTUDO: O TROPEIRISMO EM FOCO</b> .....	<b>25</b>
2.1	FORMAÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DA REGIÃO SUL .....	25
2.2	TROPEIRISMO .....	30
2.2.1	<b>Tropas, seus caminhos e a Feira de Sorocaba</b> .....	<b>34</b>
2.2.2	<b>Hábitos, costumes e o legado do Tropeirismo</b> .....	<b>39</b>
2.3	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA REGIÃO SUL E SUAS POSSÍVEIS ÁREAS LINGUÍSTICAS .....	41
<b>3</b>	<b>GEOLINGUÍSTICA PARA ALÉM DE UM MÉTODO DIALETOLÓGICO</b> .....	<b>46</b>
3.1	MÉTODOS E ETAPAS DO FAZER GEOLINGUÍSTICO.....	48
<b>3.1.1</b>	<b>Pré-coleta de dados</b> .....	<b>50</b>
3.1.1.1	<i>Estudos prévios</i> .....	50
3.1.1.2	<i>Definição da rede de pontos e elaboração da carta base</i> .....	51
3.1.1.3	<i>Perfil dos informantes</i> .....	53
3.1.1.4	<i>Questionários</i> .....	54
3.1.1.5	<i>Materiais e recursos auxiliares</i> .....	57
3.1.1.6	<i>Técnicas de coleta de dados</i> .....	58
3.1.1.7	<i>Treinamento dos agentes atuantes na coleta de dados</i> .....	59
<b>3.1.2</b>	<b>Coleta de dados</b> .....	<b>60</b>
<b>3.1.3</b>	<b>Pós-coleta de dados</b> .....	<b>62</b>
3.1.3.1	<i>Formação de banco de dados</i> .....	62
3.1.3.2	<i>Cartografiação e exegese dos dados</i> .....	63
<b>4</b>	<b>PRINCÍPIOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>72</b>
4.1	A ÁREA INVESTIGADA E A COMPOSIÇÃO DA REDE DE PONTOS .....	72
4.2	PERFIL DOS INFORMANTES .....	80

4.3	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	83
4.3.1	<b>Questionário Fonético-Fonológico (QFF) .....</b>	<b>84</b>
4.3.2	<b>Questionário Morfossintático (QMS) .....</b>	<b>86</b>
4.3.3	<b>Questionário Semântico-Lexical (QSL) .....</b>	<b>87</b>
4.3.4	<b>Temas para discurso semidirigido .....</b>	<b>88</b>
4.4	PROCESSO DE FORMAÇÃO DO BANCO DE DADOS.....	89
4.5	CARTOGRAFAÇÃO .....	90
5	<b>DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>95</b>
5.1	VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA .....	95
5.1.1	<b>Realização da vogal média anterior em posição postônica final.....</b>	<b>95</b>
5.1.2	<b>/R/ em onset silábico .....</b>	<b>109</b>
5.2	VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA .....	126
5.2.1	<b>Pronome pessoal de segunda pessoa do singular.....</b>	<b>126</b>
5.3	VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL.....	139
5.3.1	<b>QSL 32 – pilchado .....</b>	<b>139</b>
5.3.2	<b>QSL 55 – bezerro.....</b>	<b>149</b>
5.3.3	<b>QSL 66 – carroça/ carreta/ charrete .....</b>	<b>163</b>
5.3.4	<b>QSL 93 – guasqueiro.....</b>	<b>186</b>
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>201</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>205</b>
	<b>APÊNDICE A – Questionários .....</b>	<b>213</b>
	<b>APÊNDICE B – Ilustração da matriz de transcrição.....</b>	<b>256</b>
	<b>APÊNDICE C – Carta QFF 7 .....</b>	<b>257</b>
	<b>APÊNDICE D – Carta QFF 12 .....</b>	<b>258</b>
	<b>APÊNDICE E – Carta QFF 31 .....</b>	<b>259</b>
	<b>APÊNDICE F – Carta mista com agrupamento de questões: vogal média anterior em posição postônica final.....</b>	<b>260</b>
	<b>APÊNDICE G – Carta arealidade: /e/ e /i/ .....</b>	<b>262</b>

APÊNDICE H – Carta arealidade gradual: /e/ .....	263
APÊNDICE I – Carta arealidade gradual: /i/ .....	264
APÊNDICE J – Carta QFF 23.....	265
APÊNDICE K – Carta QFF 39.....	266
APÊNDICE L – Carta QFF 47 .....	267
APÊNDICE M – Carta QFF 51.....	268
APÊNDICE N – Carta QFF 55.....	269
APÊNDICE O – Carta QFF 57.....	270
APÊNDICE P – Carta mista com agrupamento de questões: /R/ em <i>onset</i> silábico.....	271
APÊNDICE Q – Carta arealidade: vibrante múltipla e tepe.....	272
APÊNDICE R – Carta arealidade gradual: fricativas posteriores .....	273
APÊNDICE S – Carta arealidade gradual: vibrante múltipla .....	274
APÊNDICE T – Carta arealidade gradual: tepe .....	275
APÊNDICE U – Carta QMS 1.....	276
APÊNDICE V – Carta arealidade: tu e você.....	277
APÊNDICE W – Carta arealidade gradual: tu.....	278
APÊNDICE X – Carta arealidade gradual: você.....	279
APÊNDICE Y – Carta arealidade gradual: apagamento .....	280
APÊNDICE Z – Carta QSL 32 .....	281
APÊNDICE AA – Carta arealidade gradual: pilchado.....	282
APÊNDICE AB – Carta arealidade gradual: traiado .....	283
APÊNDICE AC – Carta QSL 55.....	284
APÊNDICE AD – Carta arealidade: novilha .....	285
APÊNDICE AE – Carta arealidade: novilha, garrote, boizinho .....	286
APÊNDICE AF – Carta arealidade gradual: bezerro.....	287
APÊNDICE AG – Carta arealidade gradual: terneiro .....	288

APÊNDICE AH – Carta QSL 66: variantes mais produtivas .....	289
APÊNDICE AI – Carta QSL 66: variantes menos produtivas.....	290
APÊNDICE AJ – Carta arealidade: aranha, carreta e gaiota.....	291
APÊNDICE AK – Carta arealidade: carretão e carrinho .....	292
APÊNDICE AJ – Carta arealidade gradual: aranha .....	293
APÊNDICE AK – Carta arealidade gradual: carreta.....	294
APÊNDICE AL – Carta arealidade gradual: gaiota .....	295
APÊNDICE AM – Carta arealidade gradual: trole .....	296
APÊNDICE AN – Carta arealidade gradual: carro de boi.....	297
APÊNDICE AO – Carta arealidade gradual: carroção .....	298
APÊNDICE AP – Carta QSL 93 .....	299
APÊNDICE AQ – Carta arealidade: trançador e seleiro .....	300
APÊNDICE AR – Carta arealidade gradual: guasqueiro .....	301
APÊNDICE AS – Carta arealidade gradual: coureiro.....	302
APÊNDICE AT – Carta arealidade gradual: trançador .....	303
APÊNDICE AU – Carta arealidade gradual: seleiro .....	304

## 1 INTRODUÇÃO

Um atlas linguístico, visto como principal produto de uma pesquisa geolinguística, configura-se como uma coletânea de mapas que apresentam diferentes formas e fenômenos linguísticos, sejam eles fonéticos, lexicais ou morfossintáticos, os quais reunidos exprimem os traços dialetais de determinada variedade, comunidade linguística e/ou espaço geográfico, que, por sua vez, coexistem no mesmo sistema linguístico (BRANDÃO, 1991). Dessa forma, ressalta-se a relevância dos atlas para a compreensão e conhecimento de realidades linguísticas, tendo em vista que a cartografia e o caráter geográfico transcendem o registro de formas em mapas, evidenciando as relações humanas, culturais e históricas do homem em seu recinto natural (COSERIU, 1982).

Sabe-se que o Brasil, com suas dimensões continentais, passou por inúmeros processos históricos, migratórios e econômicos que contribuíram para sua formação e, conseqüentemente, para sua grande diversidade em diferentes aspectos, o que inclui a diversidade linguística que pode ser evidenciada nos atlas linguísticos já desenvolvidos nas diferentes regiões brasileiras. No que se refere à diversidade linguística na Região Sul, revelada pelos atlas já desenvolvidos, a saber: *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR) e *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), dentre tantos outros trabalhos sobre variação e mudança linguísticas, verifica-se grande influência de um importante movimento de ocupação e povoamento do território, o Tropeirismo.

O Tropeirismo foi um acontecimento histórico-econômico que teve início no século XVIII e surgiu da necessidade de solucionar os problemas de transporte da mineração. Assim, no princípio, caracterizava-se como uma atividade itinerante em que homens e tropas de gado muar e vacum partiam do Rio Grande do Sul e iam até Sorocaba, em São Paulo, onde aconteciam feiras em que se comercializavam animais que, em sua maioria, eram destinados ao trabalho nas Minas Gerais. Com o passar do tempo, além do trabalho voltado ao comércio, o tropeiro, segundo Job (1984), passou a desempenhar papel fundamental em diferentes atividades, configurando-se como um fornecedor de produtos e até mesmo como o transportador de notícias. Assim, como fruto dessa atividade, observa-se hoje uma cultura tropeira, a qual pode ser revelada por meio da língua, tendo em vista que estes homens foram deixando suas marcas culturais e linguísticas por todo o trajeto percorrido ao longo de cerca de 200 anos.

Koch (2000, p. 59), ao propor a delimitação de áreas linguísticas da Região Sul, postula que há quatro fatores que podem ser considerados “principais determinantes das variantes do

português falado na região”, os quais se destacam: (i) pela presença de açorianos, principalmente na parte leste de Santa Catarina; (ii) pelo contato linguístico entre o português e o espanhol, existente em toda a parte fronteira com países de língua hispânica no extremo sul; (iii) pela existência de áreas bilíngues oriundas da vinda de imigrantes para o Brasil; e (iv) pelo contato entre paulistas e gaúchos em seus fluxos migratórios durante o Tropeirismo, que, com base nos dados do ALERS, fundamenta a hipótese de arealização mais abrangente, conforme Altenhofen (2002), sendo ela a que divide a região em duas grandes áreas, uma chamada de paranaense e outra de sul-rio-grandense, as quais se encontram no território de Santa Catarina que, por sua vez, configura-se como zona de transição, denominada por Koch (2000) como Leque Catarinense.

Posto isso, esta tese teve como motivação inicial o interesse em investigar a realidade linguística na rota dos tropeiros, levando em consideração os inúmeros aspectos da cultura sulista herdados desse acontecimento, que se manifestam por meio da culinária, das festas, do manejo e criação de animais, das vestimentas tradicionais, assim como por seus usos linguísticos.

Destaca-se ainda que o diferencial desta pesquisa, ao contrário da maioria dos estudos geolinguísticos, está no fato de ter como ponto de partida não uma área geográfica específica, mas sim um fato histórico, a partir do qual foi estabelecida uma rede de pontos que atendessem ao principal trajeto percorrido pelos tropeiros em sentido norte e sul e vice-versa, salientando a importância da correlação entre a História e a Geolinguística, seja tomando-a como ponto de partida, seja subsidiando as análises e descrições linguísticas de determinada língua ou variedade.

Além disso, vale ressaltar que esta pesquisa também se justifica pelo fato de não se ter, até o momento, nenhum estudo específico que demonstre a realidade da língua falada no trajeto aqui tomado como base, o que contribuiu para o interesse em levantar o panorama geossociolinguístico da área que abarca uma das rotas percorridas durante o Tropeirismo, o *Caminho da Vacaria dos Pinhais*, também denominado por alguns autores como Caminho das Missões, o qual pode revelar, ou ao menos contribuir para a compreensão da influência dos tropeiros na composição dos falares da Região Sul. Nesse contexto, salienta-se que a escolha de investigar os falares nessa rota e não em outras se deve ao fato de ela ser considerada, de algum modo, a rota com maior tempo de utilização e a mais representativa.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo geral constituir um banco de dados fonético-fonológicos, morfossintáticos e semântico-lexicais do português falado no espaço

geográfico da rota dos tropeiros no percurso que vai de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, a Sorocaba, em São Paulo, passando por Santa Catarina e pelo Paraná, com a finalidade de ter subsídios para a elaboração do Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros e para análises que venham contribuir para uma melhor compreensão de parte da atual realidade linguística da área em questão.

Para a investigação nessa determinada área no que tange à língua portuguesa, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- i. Coletar, in loco, dados orais que ofereçam informações passíveis de comparação, ao longo da denominada rota dos tropeiros;
- ii. Descrever aspectos do português, em diferentes dimensões, na área correspondente ao *Caminho da Vacaria dos Pinhais*, um dos caminhos dos tropeiros na Região Sul;
- iii. Identificar variantes linguísticas que reiterem a existência das variedades regionais paulista e sul-rio-grandense na área linguística enfocada;
- iv. Estabelecer diálogo com diferentes áreas do conhecimento com o intuito de compreender o acontecimento histórico em questão e sua influência, tendo em vista as migrações sentido norte e sul, na composição dialetal existente no Sul do Brasil, no que tange à língua portuguesa;
- v. Verificar em que medida as dimensões diatópica, diassexual, diageracional, diazonal e diastrática se relacionam com as variantes utilizadas pelos informantes no território em estudo.

A hipótese central que norteou esta tese vai ao encontro da proposta feita por Koch (2000) de que na Região Sul há diferentes áreas linguísticas, dentre elas uma que se caracteriza pelo contato intervareletal das variedades paulista e rio-grandense, cuja explicação pode se dar pelo avanço de variantes paulistas [+SP] para o sul e de variantes gaúchas [+RS] para o norte da região no período compreendido pelo Tropeirismo.

Nesse sentido, há diversos estudos baseados nos atlas já desenvolvidos, ou em desenvolvimento, que respaldam esta hipótese. Como exemplo, no que tange ao nível fonético-fonológico, sabe-se que um traço marcante do falar paulista é a realização do /r/ retroflexo, aspecto fonético esse que, conforme Altenhofen (2002, p. 125), juntamente com outros traços, “[...] avançam, em forma de cunha, na direção sul, seguindo o Corredor de Lages”, estando presente, assim, em São Paulo, no Paraná e em Santa Catarina na realização de lexias como go[r]dura, co[r]ta, co[r]da, fe[r]vendo e calo[r]. No que se refere ao nível lexical, Romano

(2015), ao descrever as variantes registradas para denominar a criança de 5 a 10 anos do sexo masculino, constata que *guri* é proveniente do território gaúcho e se irradia pelo oeste de Santa Catarina, se mostrando presente em grande parte do Paraná, no Mato Grosso, no Mato Grosso do Sul e na parte limítrofe de São Paulo com o Paraná, o que, para Romano e Seabra (2014), pode ser explicado pela influência dos tropeiros, já que algumas das localidades de São Paulo onde a variante *guri* foi produzida faziam parte da rota feita para chegar ao destino final que era Sorocaba.

Já em relação ao nível morfossintático, os dados do ALERS também revelam que no Paraná predomina o uso do pronome *você* que se projeta para o Sul, enquanto em grande parte do Rio Grande do Sul há preferência pelo uso do pronome *tu*, e Santa Catarina, como área de transição, apresenta ambas as formas e tende a utilizar o sujeito oculto (ALTENHOFEN, 2002), comportamento diatópico que também pode ser comprovado por meio dos dados do Projeto ALiB (ROMANO; MARGOTTI, 2016).

Diferentes pesquisas revelaram a existência, em uma visão macro, de duas grandes áreas linguísticas denominadas variedade paulista e variedade sul-rio-grandense, demarcadas, principalmente, no espaço que serviu de rota para os tropeiros. Além de buscar subsídios que ratifiquem tal realidade, buscamos responder as seguintes indagações, bem como formular as respectivas hipóteses que orientaram a pesquisa, a saber:

- a) As diferenças linguísticas existentes no território em análise estão relacionadas a aspectos geográficos, históricos e sociais?

Diferentes pesquisas atestam que a diversidade linguística pode ser explicada a partir de aspectos extralinguísticos. Nessa perspectiva, Teyssier (1994) defende que no português falado no Brasil as diferenças sociais estão mais atreladas à variação do que os aspectos geográficos, contudo, os resultados do ALERS (2011) e trabalhos com dados do português falado na Região do Sul em nível lexical (ROMANO, 2015) e em nível fonético (SIMÕES, 2019), por exemplo, mostram que a diatopia exerce grande influência, sendo muitas vezes, principalmente no nível lexical, a dimensão que mais contribui para a variação, isso porque a diatopia está condicionada em grande parte por aspectos sócio-históricos dos processos de ocupação e povoamento dos diferentes territórios. Isso posto e considerando o universo em que esta tese se insere – a rota dos tropeiros – a nossa hipótese é de que os aspectos relacionados ao espaço geográfico e a sua consequente constituição histórica se caracterizam como a dimensão que mais influencia as escolhas linguísticas dos informantes. Inferimos que a dimensão diazonal, dentre as controladas nesta tese, é a mais significativa nas escolhas linguísticas, tendo

em vista que o movimento tropeiro, apesar de ter dado origem a inúmeras cidades, exercia atividades rurais, as quais tendem a ser transmitidas de uma geração para a outra neste mesmo ambiente, principalmente no que tange ao nível lexical.

- b) Como a escolha linguística dos falantes está relacionada às dimensões diassexual e diageracional?

Sabemos, com base em estudos sociolinguísticos e geolinguísticos, que os aspectos sociais estão intimamente ligados às escolhas linguísticas feitas pelos falantes, principalmente quando são comparados dados de fala de pessoas mais velhas com dados de fala de pessoas mais jovens. Nos estudos sobre variação e mudança linguística, normalmente os jovens lideram as mudanças: os mais velhos tendem a usar variantes conservadoras e em processo de arcaização, e os jovens usam variantes inovadoras. Por outro lado, é sabido que, tradicionalmente, certas atividades são destinadas mais aos homens do que às mulheres, e outras são destinadas mais às mulheres do que aos homens<sup>1</sup>. Também já se constatou que, predominantemente, as mulheres tendem a escolher formas com maior prestígio social. E isso determina, em algum nível, a depender da área semântica e dos aspectos etnográficos envolvidos, se são os homens que têm maior influência nas escolhas linguísticas, ou se são as mulheres. Em se tratando do espaço geográfico da rota dos tropeiros, no qual de certo modo prevaleceu a lida com o gado vacum, equino e asinino, a hipótese é de que os homens têm maior influência sobre a variação e mudança linguísticas, principalmente em nível lexical.

- c) Levando em consideração a existência do contato intervareial de um falar paulista, que se projeta para o Sul, e de um falar sul-rio-grandense, que se projeta em sentido norte, e que em cada uma dessas variedades linguísticas há variantes fonético-fonológicas, morfossintáticas e lexicais que as diferenciam da outra variedade, qual desses falares, [+SP] ou [+RS], predomina na rota dos tropeiros no território de Santa Catarina, entendido como uma zona de transição<sup>2</sup>?

Perante esta indagação, pressupomos que nenhum dos falares se sobressai, sendo o falar de Santa Catarina, no que diz respeito ao percurso feito pelos tropeiros, um misto das duas variedades, ora se aproximando mais do falar paulista [+SP], ora do sul-rio-grandense [+RS] e ora se mostrando com características próprias, esse último aspecto sendo relevante a partir da

---

<sup>1</sup> Ressaltamos que isso é um dado histórico-antropológico da nossa cultura que está mudando pouco a pouco, mas ainda se reflete na língua.

<sup>2</sup> Para a elaboração deste questionamento foi levada em consideração a precursora proposta de divisão dialetal da Região Sul concebida por Koch (2000).

constatação feita por Romano e Aguilera (2014) ao revisitarem estudos precursores acerca das áreas linguísticas do Sul (KOCH, 2000; ALTENHOFEN, 2005; MARGOTTI e VIEIRA, 2006). Nesse estudo, Romano e Aguilera (2014) analisam, com base nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil comparados a dados do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil, a existência de seis possíveis áreas: (i) área de transição (Leque Catarinense (KOCH, 2000)); (ii) corredor oeste de projeção sul-rio-grandense; (iii) zona lateral do Paraná do norte; (iv) litoral norte de Santa Catarina; (v) áreas de colonização europeia; e (iv) interior central de Santa Catarina “[...] que, possivelmente, revela características do contato entre gaúchos e paulistas [...]” (ROMANO; AGUILERA, 2014, p. 585), não possuindo, dessa forma, traços de uma ou outra variedade, mas se distinguindo delas por apresentar variantes próprias, muito provavelmente provenientes do vaivém tropeiro.

Para o cumprimento dos objetivos propostos e averiguação das hipóteses e questionamentos levantados, foram aplicados questionários com perguntas relativas a aspectos fonético-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos, além de temas cuja intenção foi a obtenção de dados de fala espontânea ou semidirigida. As entrevistas foram realizadas em 12 localidades, sendo três no Rio Grande do Sul, três em Santa Catarina, três no Paraná e três em São Paulo. No total, foram entrevistados 96 informantes, estratificados por sexo, idade e área habitacional correlacionada à escolaridade, cujos dados, obtidos em conformidade com princípios da Geolinguística, servirão para elaborar o Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros – ALRT e também para outros estudos posteriores.

Posto isso, esta tese se estrutura em quatro capítulos, dentre os quais o primeiro apresenta uma contextualização histórico-linguística, tendo como foco principal o Tropeirismo, além de abordar a formação histórica e social da Região Sul de modo mais geral; o segundo capítulo traz reflexões acerca da Geolinguística para além de um método dialetológico; o terceiro capítulo traz considerações sobre os princípios metodológicos adotados para a realização desta tese; e, por fim, o quarto capítulo, traz a descrição e a análise dos dados, seguido das considerações finais, das referências e dos apêndices.

## **2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LINGUÍSTICA DO ESTUDO: O TROPEIRISMO EM FOCO**

A história do Brasil se constitui a partir de inúmeras situações que ocorreram ao longo dos séculos em diferentes âmbitos – econômico, cultural, político, social –, as quais se mostram, em certa medida, influenciadoras no modo como vivemos o hoje.

Dessa forma, neste capítulo apresentamos uma contextualização histórica e linguística da Região Sul, dando destaque para o Tropeirismo e sua influência na área investigada, já que o acontecimento se caracteriza como o grande impulsionador desta tese. Além disso, trazemos os reflexos da formação histórica na diversidade linguística existente na região, o que possibilita a delimitação de possíveis áreas linguísticas, muitas das quais já foram aludidas em diferentes estudos acerca dos falares sulistas.

### **2.1 FORMAÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DA REGIÃO SUL**

A história do Brasil como um todo é marcada pela fusão de raças e culturas. Assim, observamos que a ocupação do território brasileiro pelos colonizadores portugueses se deve à sua capacidade de adaptação somada aos interesses pré-existentes e a decorrente aproximação com os indígenas que aqui habitavam. Foi nesse cenário, portanto, que os europeus se impuseram, a princípio, dizimando centenas de índios por meio de doenças transmitidas, bem como por confrontos na exploração das terras e, depois, escravizando-os.

O processo de colonização do Brasil teve início no litoral, demorando anos para começar a avançar para o interior, tendo em vista o posicionamento geográfico estratégico e o temor ao desconhecido. Além disso, também cabe salientar que no início a Região Sul não estava sob domínio português, sendo constante motivo de disputa entre Espanha e Portugal.

Os primeiros habitantes das terras sulistas eram, principalmente, índios Guarani, Kaingang e Carijó, os quais foram alvo dos padres jesuítas que aportaram na região no século XVI com o intuito de catequizar os índios e de controlar o território defendendo os interesses espanhóis.

Nesses anos, pouco das terras do Sul havia sido explorado, uma vez que a Coroa portuguesa, apesar de lutar pelo território, implantando o sistema de capitanias, por exemplo, ainda possuía foco econômico no Nordeste brasileiro e na produção de açúcar. Inseridos nesse contexto, observa-se que durante muitas décadas “[...] os herdeiros dos donatários de São Vicente e Santo Amaro mostraram grande desinteresse por essa faixa sulina da colônia”

(SIMONSEN, 2005, p. 262), já que as capitânicas paulistas eram pobres pelo fato de os engenhos de açúcar não prosperarem.

Diante da pobreza enfrentada, era recorrente o sonho de encontrar metais preciosos, como acontecera no Peru, e acrescido a isso a mão-de-obra escrava africana era inacessível, favorecendo o uso da força de trabalho indígena, o que deu início às investidas para o interior, tendo como principal foco a captura de índios. A esse respeito, Ribeiro (1995, p. 364) destaca que “essa pobreza, que está na base tanto das motivações quanto dos hábitos e do caráter do paulista antigo, é que fazia deles um bando de aventureiros sempre disponível para qualquer tarefa desesperada, sempre mais predispostos ao saqueio que à produção”.

Posto isso, entende-se que o desbravamento do que hoje é conhecido como Região Sul teve início, em certa medida, com o movimento dos bandeirantes, embora esses não tenham povoado efetivamente a área, mas sim aberto caminhos e percorrido, durante os preamentos indígenas, parte do território, uma vez que rumaram mais para os sertões em direção norte, exercendo grande influência no povoamento de regiões como Minas Gerais, Cuiabá e Goiás, por exemplo.

Hoje, reconhece-se que o bandeirismo teve três ciclos: a caça ao índio, o sertanismo de contrato e o ciclo do ouro, sobre os quais Simonsen (2005, p. 266) afirma:

Não obstante a intensa fé católica, característica da época e dos colonos lusitanos, foi mais forte o imperativo econômico de um povo que queria expandir-se; a lei foi infringida, os jesuítas combatidos e até expulsos, dentro dos primeiros cem anos da vida piratiningana. E durante quase dois séculos irradiaram, das capitânicas paulistas, esses grupos de energia condensada, que iriam conquistar e integrar na colônia mais de metade do Brasil de hoje.

Verifica-se, portanto, que os bandeirantes, de modo geral, não se fixaram e criaram raízes no Sul, contribuindo de fato para sua formação, mas a eles cabe o feito da conquista do território para a Coroa portuguesa, principalmente com as grandes batalhas enfrentadas contra os jesuítas que cada vez mais foram recuando para o ocidente da América do Sul, onde imperava o domínio castelhano.

Com o descobrimento das zonas de mineração, no século XVIII, há uma mudança no eixo econômico do Brasil Colônia. Assim, transfere-se a capital para o Rio de Janeiro e os olhares que antes se fixavam no Nordeste e nos engenhos de açúcar, se voltam para o Centro-Sul e para a produção aurífera, para onde migrou grande parte dos que antes se beneficiavam

do açúcar, levando consigo também toda a força de trabalho escrava, africana e indígena, que possuíam.

É, então, decorrente do grande ciclo do ouro que se desencadeia outro importante acontecimento histórico-econômico, o Tropeirismo, que surge, principalmente, para suprir as necessidades ligadas ao transporte e ao escoamento da produção das minas. Assim, como já era de conhecimento o valor dos muares no trabalho nas minas peruanas, os paulistas, desbravadores natos, logo rumaram abrindo caminhos ao Sul, conseguindo chegar à Argentina e vendo grande potencial de criação nos vastos campos sul-rio-grandenses.

Conforme Diégues Jr. (1960), vale destacar que desde o século XVII os bandeirantes já transitavam pela região do Paraná, seguindo pelo litoral até a ilha de Santa Catarina, chegando a Laguna, o que de certa forma contribuiu para as atividades tropeiras, resultando até em muitos casos de bandeirantes que, observando o comércio de animais e de produtos básicos que serviam à região de mineração, mudaram de ofício e passaram a integrar a nova economia subsidiária que surgia.

Portanto, é nesse cenário que realmente se instaura o início da ocupação das terras sulistas; é graças às mulas que muitos povoamentos se formaram e deram origem a prósperas cidades atuais como é o caso, por exemplo, de Passo Fundo, Lages e Ponta Grossa. O tropeiro, plantador de cidades, muito fez, sem saber, para o que a Região Sul é hoje, tendo sua parcela na miscigenação existente na raça e na cultura, pois, por onde passavam, fosse negociando mercadorias ou conduzindo animais, deixavam um pouco de si.

Do mesmo modo que a colonização ocorreu no Brasil pela parte leste, os tropeiros também abriram seus primeiros caminhos próximos ao litoral, saindo do extremo Sul, subindo e descendo serras, cruzando campos e rios até adentrarem o território paulista, onde faziam sua última parada às margens do Rio Sorocaba, negociavam seus animais nas feiras sorocabanas e tornavam a descer para que, no ano seguinte, conseguissem rumar ao norte mais uma vez. Contudo, com o passar do tempo esses caminhos foram mudando, seguindo cada vez mais para Oeste, decorrente, a princípio, da tentativa de fugir dos postos fiscais implantados pela Coroa e, depois, pela circunstância da expulsão dos jesuítas, visando, dessa forma, habitar o território conquistado. Com isso, ao longo das rotas das tropas muitos paulistas iam se sedentarizando, construía uma capela e abriam pequenos comércios para atender às necessidades dos viajantes, dando vida ao território que por muito tempo foi inexplorado.

Concomitantemente a isso, a Ilha de Santa Catarina, atual Florianópolis, no início da colonização, era habitada por alguns náufragos e desertores e depois local de missões jesuíticas,

mas foi com o Tratado de Madrid, em 1750, que o primeiro governador de Santa Catarina intensificou a povoação da capitania e favoreceu a imigração de indivíduos provenientes das ilhas dos Açores, os quais também foram enviados, por recomendação da Coroa, para povoar o Rio Grande do Sul, anos mais tarde dando origem ao Porto dos Casais, localidade hoje conhecida como Porto Alegre.

A esse respeito, Cabral (1994, p. 61) afirma que

merece especial destaque o estudo do povoamento de Santa Catarina pelos casais açorianos, pois, como ficou dito, não só contribuíram eles para o aumento da insignificante população existentes como porque emprestaram à terra os caracteres básicos da sua cultura, dando à gente catarinense uma feição inconfundível.

Caracterizada como um território de constantes disputas, a Região Sul foi palco de inúmeras batalhas e tratados na busca da limitação das terras entre lusos e castelhanos. Foi no século XVII, após a expulsão dos jesuítas, que Portugal pode ampliar definitivamente sua área de ocupação e, para isso, era preciso povoar. Dessa forma, além dos açorianos e dos tropeiros que avançavam para o oeste, chegaram também imigrantes alemães, italianos, libaneses, poloneses, holandeses, eslavos, entre outros (BRUM, 1999).

Diégues Jr. (1980) afirma que as correntes imigratórias no Brasil se concentraram na região meridional, com destaque para o Sul. Nesse sentido, o autor defende que

devemos, porém, considerar como causa mais direta dessa preferência pela região meridional as condições econômicas e sociais e, especialmente, maior área de terras inexploradas e menor presença do trabalho escravo. O problema da propriedade da terra foi fundamental na fixação dos imigrantes na região Sul. Aí a existência de áreas ainda não ocupadas permitia a distribuição de lotes aos imigrantes, que desta forma se tornavam proprietários (DIÉGUES, JR., 1980, n.p).

Devido a esses fatores, portanto, é que grande parte dos imigrantes não rumaram para o Norte e Nordeste brasileiro, se fixando nas terras sulistas, onde hoje se observam fortes características desses estrangeiros no modo de vida, na língua e na cultura de seus descendentes.

Dentre as etnias que imigraram para o Brasil, na Região Sul, destacam-se a alemã e a italiana. Nesse cenário, foi logo após a independência que se iniciou o primeiro fluxo migratório com a vinda, em 1824, de um grupo de alemães que fundaram a colônia de São Leopoldo, onde desenvolveram, além da agricultura de subsistência, “[...] uma promissora pequena indústria de funilaria, ferraria, selaria, curtumes, olarias, moinhos, serrarias, alambiques e estaleiros” (BRUM, 1999, p. 138). Assim, com o tempo, essa colônia foi se expandindo e recebendo cada

vez mais imigrantes, uma vez que para a fixação dos alemães o governo imperial não mediu esforços, auxiliando tanto na concessão das terras quanto com apoio financeiro (DIÉGUES JR., 1980).

Com o crescimento de São Leopoldo, os alemães foram se expandindo, ocupando outras partes do Rio Grande do Sul e avançando para o território catarinense, onde deram origem à colônia de São Pedro de Alcântara, porém sem receber tantas benesses como no Rio Grande do Sul, o que fez desses colonos serem reconhecidos apenas a partir da criação da colônia de Blumenau. Já no Paraná, no início, essas colônias não se firmaram, tendo em vista os recorrentes ataques indígenas (DIÉGUES JR., 1980).

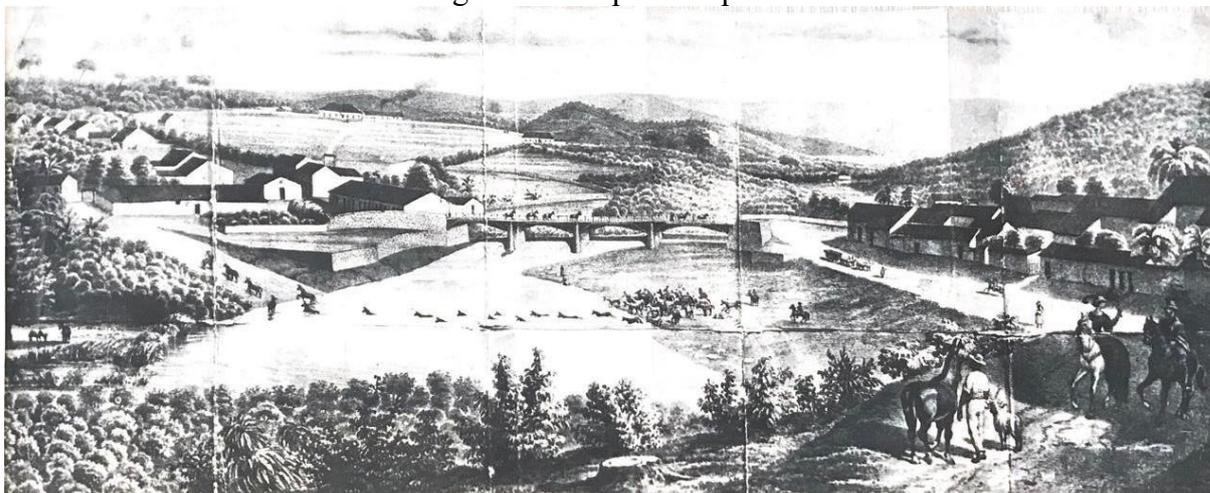
Os italianos, por sua vez, começaram a emigrar intensamente para o Brasil após a reestruturação econômica da Itália, quando o feudalismo deu lugar ao capitalismo. Nesse cenário, buscando uma melhor qualidade de vida, muitos ítalos foram enganados por agenciadores com promessas nunca cumpridas, sendo trazidos no intuito principal de cumprir com a política do Império que visava “[...] substituir a mão-de-obra escrava nas lavouras de café e injetar população nova no Rio Grande do Sul para diminuir o poder incontestável da oligarquia rural” (BRUM, 1999, p. 139). Verifica-se, portanto, que a chegada dos italianos foi mais difícil que a dos alemães, tendo esses não se fixado nas melhores terras, porém, por outro lado, os italianos não encontraram grandes dificuldades de se integrar na vida brasileira.

A importância do imigrante para a formação da Região Sul é incontestável, contudo, não cabe aqui aprofundar, mas vale destacar que todas as etnias vindas para o Sul tiveram sua parcela significativa na constituição do que se tem hoje, assim como os lusos, os índios, os negros, os mulatos e os mamelucos. Nesse contexto, Diégues Jr. (1980, n.p) assevera que o processo de ocupação humana entrelaça fatores do meio físico, econômicos e históricos, assim, “a geografia, a história e a economia se unem para dar feição à sociedade em formação”.

Além disso, também cabe ressaltar que a ocupação e o povoamento do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul não foram uniformes, tendo cada estado sua história particular, perpassada por fatos peculiares e compartilhados, dentre os quais, nesta tese, o Tropeirismo.

## 2.2 TROPEIRISMO

Figura 1 – Tropas e tropeiros



Fonte: Almeida (1971).

O movimento tropeiro pode ser entendido como um fato histórico, social e econômico que perdurou por cerca de 200 anos, acompanhando os períodos de Brasil Colônia, Império e República (MATTOS, 1984).

Após o auge das bandeiras e a febre do ouro, os paulistas, que antes se dedicavam ao desbravamento de novas terras, à busca por metais preciosos e à captura de índios para o trabalho braçal, passaram a se sedentarizar e a se dedicar, principalmente, à agricultura e à pecuária no intuito de abastecer a região das minas e do Rio de Janeiro, que vinha a ser a nova capital.

Nesse cenário, um dos grandes gargalos da produção mineradora se concentrava no transporte, tendo em vista que

no início da mineração e até meados do século XVIII a falta de animais de tração, carga ou sela era quase absoluta não só nas Gerais como em São Paulo e no Rio de Janeiro. O homem - índio e negro escravizados, e o mameluco assalariado - é que se constituía no meio de transporte usual. Nas costas, nos ombros, no pescoço e na cabeça de homens é que se transportava não só mercadorias como também viajantes (JOB, 1984, p. 12).

Frente a essa necessidade e à mudança do eixo econômico no Brasil Colônia, manifesta-se o Ciclo do Tropeirismo, que passa a subsidiar, por meio da pecuária nas terras sulistas, a economia central da época, evidenciando sua não autonomia, a que se devem seus altos e baixos (MATTOS, 1984).

A essa época, em terras de colonização hispânica, como na Argentina e no Peru, já havia a comercialização de animais, em especial de muares, os quais eram criados pelos espanhóis na região de Corrientes e Entre Rios e negociados no Paraguai, com destino às minas de Potosí, no Alto Peru<sup>3</sup> (MATTOS, 1984). Assim, o pioneirismo da vida tropeira na América se deve aos espanhóis que ensinaram os poucos brasileiros envolvidos no início do Tropeirismo no Brasil a lida com o gado muar e com o negócio desses animais (ALMEIDA, 1971). Além disso, destaca-se que dos vizinhos os brasileiros não herdaram apenas os conhecimentos sobre a criação e comercialização, mas também

deles trouxeram o nome. Antes, nenhum documento brasileiro conhece a palavra tropeiro, e muito menos a palavra tropa no sentido de rebanho de gado. Mas os futuros argentinos e peruanos já desde os últimos anos do século da descoberta e todo o século XVIII usaram à vontade os dois termos. E no-los emprestaram (ALMEIDA, 1971, p. 16).

Assim, acredita-se que o termo tropa começou a ser utilizado na região do Rio da Prata e no Peru e depois foi incorporado no Sul do Brasil justamente pela proximidade territorial e pela forte influência dos castelhanos no início do movimento (ALMEIDA, 1971).

No período do Brasil Colônia, século XVIII, foi que o Tropeirismo deslanchou no país. Nessa época, como ainda não havia grandes criatórios em terras brasileiras, muitos animais adentravam o país por contrabando, “[...] formou-se assim o primeiro criatório de muares em terras do Rio Grande português, dando a primeira base firme para o abastecimento das Gerais com as preferidas mulas, que passariam a generalizar na substituição ao cavalo” (MATTOS, 1984, p. 19).

Contudo, este cenário em que as riquezas desse comércio de animais findavam em mãos espanholas não agradava à Coroa, o que impulsionou as autoridades portuguesas a incentivar a povoação de terras do Rio Grande. Com propósito semelhante, incumbiram Cristóvão Pereira de Abreu, por volta de 1730, da abertura de um caminho que ligasse as terras do Sul aos campos gerais de Curitiba e às regiões centrais, conhecido como Caminho de Viamão, para que os animais pudessem chegar com maior expressividade nas regiões mineiras, facilitando o trabalho e favorecendo a principal economia da época (JOB, 1984; MATTOS, 1984).

---

<sup>3</sup> Principal centro produtor de prata na América no período colonial, atualmente faz parte do território boliviano.

Com a abertura desse caminho, o extremo Sul integra-se ainda mais ao país e a sua economia, uma vez que os bandeirantes haviam adentrado terras paranaenses no intuito de preservar território conquistado, o que não ocorreu com as áreas de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, onde os paulistas tiveram grande importância na ocupação do território, não como bandeirantes, mas sim como tropeiros (BRUM, 1999).

A esses tempos, os muares já haviam substituído os cavalos por sua força e excelência cargueira e eram cada vez mais transportados dos criatórios sulistas para o trabalho nas minas. Dessa forma, Curitiba-PR, que já se destacava na criação de cavalos, passou a figurar como um posto fiscal, assim como Itu-SP, os quais, posteriormente, foram transferidos para Rio Negro-PR e Sorocaba-SP, respectivamente. Foi então, em 1750, que, conforme Brum (1999, p. 128) a cidade paulista começou a se transformar no “centro comercial mais importante de São Paulo”, abrigando a grande feira de muares.

Até chegar ao destino, a feira de Sorocaba, onde se encontravam os tropeiros que subiam sentido ao Norte e desciam os tropeiros baianos no sentido Sul, era árduo, o trabalho desses homens para guiar grandes quantidades de animais xucros. Assim, iniciavam as jornadas diárias ainda pela madrugada e paravam no fim do dia em pousos, muitas vezes sem que pudessem dormir para vigiar a tropa e com pouco para comer, o que reflete, diante de tais circunstâncias que “[...] do Brasil Colonial relativamente poucos tropeiros herdaram riquezas. O saldo de conjunto foi a contribuição prestada ao povoamento e integração das regiões brasileiras, preparando a unidade nacional necessária à futura independência” (MATTOS, 1984, p. 21).

Já na fase imperial do Brasil, século XIX, um fato marcante foi a expulsão dos jesuítas e a decorrente ocupação da região das Missões por meio da concessão das sesmarias a tropeiros paulistas, o que resultou, segundo Brum (1999), no deslocamento das tropas para o oeste e, conseqüentemente, no surgimento de povoados ao longo do novo caminho percorrido. Somado a esse fato, a mudança dos caminhos trilhados também se deve, em certa medida, aos tributos que passaram a ser cobrados em postos fiscais instalados ao longo dos trajetos, onde a coroa via grande possibilidade de arrecadação.

De acordo com Mattos (1984), foi no Brasil Império que o Tropeirismo viveu o auge de seu desenvolvimento, levando em consideração a grande quantidade de muares vendidos nas feiras de Sorocaba, por volta de 50 a 100 mil cabeças, os quais serviam, principalmente, para atender a agricultura que se propagava na região central do país, com foco maior no café e no algodão com vistas à exportação. Nesse sentido, Alгатão (2010, p. 2) afirma que “o tropeiro,

homem simples, foi indiretamente responsável pela manutenção do modo de vida da elite, pois era através de suas tropas que se transportava a produção dos fazendeiros”, evidenciando mais uma vez o caráter de subordinação do movimento à economia central.

Nesse período também, muitos produtos externos chegavam ao Brasil e muitos povoamentos tinham se constituído nas proximidades dos caminhos por onde as tropas eram transportadas, o que fez do tropeiro comerciante tanto de animais quanto de produtos. Dessa forma, verifica-se que os negócios desses viajantes se constituíam em duas direções, uma, a princípio, com o deslocamento das tropas para a venda em São Paulo e outra, ao retornar, ao levarem para o interior as mercadorias que abasteciam os moradores dos lugares por onde passavam, muitos desses caracterizados como locais de pouso (FITZ, 2013). Assim, segundo Job (1984, p. 14), “além de agente por excelência do comércio, o tropeiro tornou-se indispensável em outras atividades. Era o emissário oficial, o correio, o transmissor de notícias, o intermediário de negócios, o portador de bilhetes, recados, encomendas e receitas”.

Diferentemente do cenário vivido no período colonial, no decorrer da fase imperial verifica-se uma ascensão do comerciante de animais que tinha a possibilidade de estabelecer contato direto com fornecedores e consumidores (MATTOS, 1984). Contudo, é também neste período que se observa o início do declínio do ciclo, o que se deve, de modo geral, a introdução de outras possibilidades de transporte que enfraqueceram a utilidade do animal cargueiro, somado ao fato de, em 1897, antes do início da feira, ter havido boatos de casos de febre amarela, o que favoreceu a gradativa extinção da Feira de Sorocaba.

Após o fim da grandiosa feira de muares em território sorocabano, o principal ponto de encontro para os negócios passou a ser Itapetininga-SP, local esse que ainda sediou feiras de muares por cerca de 30 anos, já vivendo a fase do Brasil como República, século XX. Entretanto, nesse período, como afirma Brum (1999), as feiras já não eram tão significativas como antigamente, sendo a maior parte das tropas vendida pouco a pouco para fazendeiros ao longo do trajeto.

Outro ponto importante a destacar é a instalação de ferrovias e o crescente investimento em melhores estradas e transportes mecanizados, o que, em certa medida, também contribuiu para o fim do Tropeirismo, tendo em vista a substituição do muar pelas novas alternativas modernas e tecnológicas. Contudo, esse não foi o fato crucial para a decadência do ciclo, já que no interior essas novas possibilidades de transporte custavam a chegar e a agricultura de boa parte do país, em um primeiro momento, ainda dependia das criações provenientes das terras do Sul.

Nesse sentido, Mattos (1984) sugere como principal razão de declínio do movimento tropeiro o fato de a República ter possibilitado maior autonomia aos estados, dando mais liberdade administrativa, o que resultou cada vez mais na não necessidade de uma economia subsidiária, pois, como já aludido, era a posição econômica assumida pelo Tropeirismo que, de modo geral, sempre se manteve subordinado à economia central do país.

Frente a essa epopeia brasileira, verificamos que, apesar do caráter econômico, o movimento exerceu influência em muitos outros aspectos, consolidando territórios e contribuindo para a construção de uma identidade social e cultural Brasil adentro.

### 2.2.1 Tropas, seus caminhos e a Feira de Sorocaba

Figura 2 – Tropa em marcha



Fonte: Almeida (1971).

O Ciclo do Tropeirismo em todas as suas fases teve como personagem principal o animal, em especial, o muar, um híbrido resultante da cruzada entre a égua e o asno, dos quais herda as características físicas da mãe e a notável força e resistência do pai, cujo rebanho é chamado de tropa, sendo classificada em dois tipos: xucra e arreada.

A tropa xucra, ou solta, consistia no transporte dos animais adquiridos no Sul, guiados por uma égua-madrinha com um cinorro no pescoço que, por sua vez, era seguida

instintivamente pelos demais animais. Nesse tipo de tropa, em que viajavam montados, Brum (1999) destaca que todos os integrantes eram chamados de tropeiros, mas suas funções eram distintas: (i) o *batedor* ia na frente verificando o caminho e organizando a passagem da tropa pelos povoados; (ii) o *madrinheiro* tinha a função de conduzir a égua-madrinha; (iii) o *contador* contava e recontava a tropa para que nenhum animal se perdesse ao longo do caminho; (iv) o cozinheiro e os peões e camaradas. Os animais, xucros ao saírem dos criatórios, eram domados ao longo do caminho e nas redondezas de Sorocaba, onde por vezes aguardavam o início das feiras e representavam a mercadoria necessária em muitas áreas do país (JOB, 1984).

Por outro lado, havia a tropa arreada, ou cargueira. Tratava-se da tropa já domada, acostumada com o trabalho pesado, que levava em cangalhas produtos para serem comercializados. Diferentemente do que ocorria nas tropas xucras, nas arreadas apenas o dono da tropa ou o capataz é que viajava montado, enquanto os outros iam a pé. Dentre esses homens também havia a distribuição de tarefas, assim, faziam parte da comitiva: (i) o *capataz*, responsável pela tropa; (ii) o *madrinheiro*, que acumulava a função de guiar a égua-madrinha e de cozinheiro; (iii) o *arrieiro*, responsável por cuidar da carga e dos arreios; e (iv) os *tocadores* (BRUM, 1999).

No decorrer da tropeada muito tempo se passava, sendo percorridos por volta de vinte a trinta quilômetros por dia, segundo Brum (1999, p. 131-132),

Saía-se antes do nascer do sol, após tomar chimarrão ou um café preto. Ao meio-dia, pausa para almoço, sesta para os tropeiros e descanso para os animais. A segunda etapa da marcha ia até a tardinha. O pouso era sempre em lugares certos, onde, com o tempo, foram se estabelecendo comerciantes para atender aos tropeiros. Nesses locais, o comerciante ou fazendeiro construía um rústico galpão aberto, com cobertura de palha, para abrigar os tropeiros que dormiam sobre os arreios, cobertos com o poncho ou a capa.

Assim como o tempo, longas também eram as distâncias percorridas pelas tropas que saíam do Sul rumo ao Sudeste. Nesse sentido, sabe-se que para chegar a Sorocaba, destino da maior parte das tropas, alguns caminhos foram abertos e trilhados pelos tropeiros no decorrer da existência do ciclo.

O primeiro movimento de abertura de caminhos no Rio Grande se deu a mando da Coroa portuguesa no intuito de evitar que o comércio de animais frutificasse entre os contrabandistas vizinhos. Dessa forma, em 1721, as autoridades incumbiram Francisco Brito Peixoto de abrir trajetos e fundar povoamentos no território sul-rio-grandense, que, com alguns lagunistas, começou a desbravar e a povoar os campos de Viamão, compreendendo uma faixa

entre o mar e a Lagoa dos Patos, até São José do Norte, o que ocorreu, de certo modo, concomitantemente à abertura da *Estrada da Serra*, por Souza Faria, no intuito de interligar o Brasil já conhecido, que ia de Laguna a Viamão e à Colônia do Sacramento, dando início efetivamente ao Tropeirismo brasileiro (MATTOS, 1984).

Pouco tempo depois, por volta de 1731, ciente da existência de um caminho já iniciado, Cristóvão Pereira de Abreu, um dos grandes nomes do Tropeirismo no Brasil, propôs às autoridades da Capitania de São Paulo a ampliação desse caminho e assim o fez, retificou o trajeto já existente e partiu com sua primeira tropa de mulas provenientes, provavelmente, da região de Entre Rios, na Argentina. Assim, originou-se o célebre *Caminho do Viamão* que, já em terras brasileiras, tinha início em Viamão, de onde se guiava sentido ao Norte, passando por Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula, Bom Jesus, Vacaria, Passo de Santa Vitória, Lages, Rio Negro, Lapa, Ponta Grossa, Castro, Itararé, Itapeva, Itapetininga, Araçoiaba da Serra, até, finalmente, chegar em Sorocaba (BRUM, 1999).

Esse primeiro trajeto, com suas variações que dependiam das condições de pouso e do tempo, perdurou exclusivamente por um bom período. Nele, conforme Brum (1999), cobravam-se tributos das mulas que, em sua maioria, provinham de terras Argentinas, tendo em vista que somente por volta de 1760 é que passou a ter criatórios no Rio Grande do Sul, sendo proibida a importação desses animais.

Decorrente dos postos de registro que iam sendo instalados pela Coroa a fim de produzir receita, mas, principalmente, devido à expulsão dos jesuítas e à concessão de sesmarias para a ocupação do Oeste, os caminhos das tropas foram se deslocando para a região.

Abandona-se o traçado que cortava transversalmente (Uruguaiana, Alegrete, Santa Maria, Rio Pardo, Viamão, Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula, Bom Jesus, Vacaria), adotando-se o traçado São Borja, Santo Ângelo, Cruz Alta, Carazinho, Passo Fundo, Lagoa Vermelha, Vacaria (BRUM, 1999, p. 124).

O novo trajeto, denominado *Caminho da Vacaria dos Pinhais*<sup>4</sup>, deu origem a muitos povoados que hoje se caracterizam como cidades fundadas por tropeiros. Essa rota pode ser encarada como a que foi mantida por mais tempo, sendo considerada o percurso clássico do Tropeirismo.

---

<sup>4</sup> Brum (1999) denomina este traçado como *Caminho das Missões*, porém, como esse nome também é adotado para a outra rota aberta posteriormente, no século XIX, optamos por utilizar *Caminho da Vacaria dos Pinhais*, nomenclatura empregada por outros estudiosos, a fim de diferenciá-las.

Anos mais tarde, avançando ainda mais na região Oeste, foi aberto, pelo tropeiro Francisco da Rocha Loures, o último caminho conhecido, chamado *Caminho das Missões*, que modificara o *Caminho da Vacaria dos Pinhais*. Assim, saíam de Passo Fundo, passavam pela região de Erechim, atravessavam o Oeste catarinense e adentravam o Paraná passando por Palmas e Guarapuava, seguindo em direção a Castro, onde retomavam o trajeto antigo (BRUM, 1999).

Figura 3 – Caminhos das tropas



Fonte: Adaptado de Gazeta do Povo (2013).

Diante de todos esses caminhos trilhados, observa-se que os tropeiros percorreram boa parte do território sulista, povoando a região e desempenhando importante papel na história do Brasil. Nesse sentido, Job (1984, p. 14) afirma que

pela sua coragem e pelo denodo com que enfrentava as peripécias de uma vida rigorosa, preñhe de riscos, nas constantes aventuras das viagens de meses por

caminhos e regiões inóspitas, rasgando matas, varando serras, estabelecendo uma teia de caminhos, o tropeiro ligou e manteve vivos os núcleos urbanos isolados, representando efetivamente o consolidador das fronteiras nacionais.

Com tantos papéis, não se pode esquecer que o principal objetivo do tropeiro não era contribuir para o povoamento e para a formação sociocultural de uma região, mas sim o comércio de animais, em especial, muares. Nesse contexto, Sorocaba se mostra como o principal palco onde acontecia o encontro de indivíduos provenientes de Norte a Sul e o consequente encontro de regiões econômicas diversas.

Segundo Vieira (1984), os tropeiros partiam do Rio Grande do Sul no fim do inverno, pois precisavam de boas pastagens para seus animais, viajavam lentamente e iam parando por onde encontravam os melhores pastos, como, muitas vezes, no pé da serra catarinense, o que proporcionava a chegada de animais sadios e bem valorizados nas feiras que aconteciam, normalmente, entre abril e meados de junho.

Sorocaba, local de destaque neste acontecimento, foi fundada por volta de 1654 e servia como ponto de descanso dos equinos provenientes da região de Curitiba. Mais tarde, em 1750, passou a atuar como um dos Registros de Animais, que funcionava como posto fiscal em que os tropeiros eram obrigados a passar e a pagar impostos que satisfaziam os interesses da Coroa, visando tanto à arrecadação quanto a evitar o contrabando.

Destaca-se que a ponte do Rio Sorocaba foi escolhida de maneira estratégica para a instalação do Registro, substituindo Itu, tendo em vista que o rio se configurava como um divisor de campos, possuindo grandes pastagens ao seu redor, abrigando as tropas em seu último pouso para descanso, onde ocorria a engorda e a doma dos muares que não haviam sido domados ao longo do caminho. Portanto, acredita-se que como consequência disso surgiram as Feiras de Sorocaba, além, de certo modo, se mostrar como um meio do caminho entre os viajantes do Centro, do Norte e do Sul (VIEIRA, 1984).

“Todos os anos pelos meses de março e abril há nesta cidade uma feira de animais burrais e cavalares. A população torna-se verdadeiramente negociante e a cidade se converte em uma praça ou bolsa de comércio, este compra, aquele vende, este rebate letras, aquele outro barganha. Para aí afluem mineiros, baianos, fluminenses, paulistas a comprar e paranaenses, rio-grandenses, argentinos a vender. Concorrem mascates de ouro, quinquilharias, companhias ambulantes de comédias e dramas, cavalinhos, toureadores, etc.”  
Assim descreveu a feira de Sorocaba o bacharel Salvador José Correia Coelho (ALMEIDA, 1971, p. 65)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Em Almeida (1971), Vieira (1984) e Brum (1999) consta a descrição sobre como era feita a venda dos animais, bem como maiores detalhes sobre as Feiras de Sorocaba.

As feiras, portanto, funcionavam, como o próprio nome sugere, como dias festivos em que além do comércio havia encontros, diversão e descanso após longas jornadas, a fim de recuperar o fôlego para traçar o caminho de volta para que fosse possível começar tudo de novo no ano seguinte.

Apesar da consecutiva realização, com o passar do tempo as feiras foram perdendo seu prestígio, levando em consideração que os muares foram, progressivamente, substituídos por motores que desempenhavam seu papel, além de as facilidades de transporte instauradas possibilitarem que os compradores fossem diretamente aos criatórios ou a exposições, feiras de amostras e concursos, os quais pouco a pouco tomaram o lugar das feiras de animais definitivamente (ALMEIDA, 1971; VIEIRA, 1984).

Somado a isso, outro fator crucial para o fim das Feiras de Sorocaba foi que em 1897, quando a feira já estava acontecendo, anunciou-se um caso de febre amarela e de lá “após os negócios fechados às pressas, os tropeiros partiram para sempre. Para Sorocaba era o fim de uma época” (BRUM, 1999, p. 129). Depois disso, outras feiras foram organizadas, como a Feira de Itapetininga, porém como o comércio de muares já estava decaindo, tendo em vista a introdução das ferrovias e de demais transportes de carga, não obtiveram êxito.

Portanto, neste período observa-se o declínio do Ciclo do Tropeirismo que pouco a pouco vai se aproximando do fim e se finda por definitivo, como já aludido, no Brasil República em que os estados passam a ter mais liberdade administrativa, a prover seus próprios insumos, e os burros e mulas são colocados em segundo plano, dando lugar aos motores.

### **2.2.2 Hábitos, costumes e o legado do Tropeirismo**

Decorrente do árduo trabalho realizado, entende-se que a vida do tropeiro, bem como seus hábitos e costumes, incluindo a vestimenta e a alimentação entre outros aspectos, se baseava na simplicidade e na funcionalidade, tendo em vista que precisavam se adaptar às condições impostas pelas atividades desempenhadas e pelo que encontravam ao longo dos caminhos.

Nesse sentido, a indumentária tropeira precisava funcionar como uma espécie de proteção para os viajantes, devendo ser resistente. Assim, Brum (1999, p. 132) destaca que, apesar de variar com a localidade de origem e o tempo, os trajes eram basicamente compostos por:

[...] chapéu de abas muito largas, com barbicacho sob o queixo; calças folgadas e camisas de algodão grosso; guaiaca de vários forros para levar muito dinheiro, além dos avios de fogo, fumo e palha; botas de cano muito alto, sanfonadas, de cor natural do couro, com tentos para amarrar na altura da coxa; poncho ou capa de baeta; um facão sorocabano e uma garrucha.

Figura 4 – Ilustração do traje tropeiro



Fonte: Adaptado de Gazeta do Povo (2011).

No que se refere à alimentação, diante das limitações e dificuldades na manutenção de produtos perecíveis, a comida da comitiva era baseada em produtos secos e que possuíam longa duração, assim, se faziam muito presentes o feijão, o arroz, as farinhas, principalmente a de milho, o toucinho e o charque, os quais davam a sustância de que precisavam. Nesse contexto, Frioli (1984) afirma que a base da alimentação desses viajantes era o ainda hoje conhecido feijão tropeiro, assim, tanto para o almoço quanto para o jantar, o cozinheiro armava sua trempe<sup>6</sup>, quando pela manhã, passava o café ou preparava o chimarrão, cozinhava o feijão, fritava o toucinho e/ou o charque e a esse feijão com toucinho gordo juntava a farinha de milho, prato esse que de tempos em tempos se alternava com o pirão ou com o angu somados a uma outra carne fresca ou frango.

Destaca-se também que, por não terem como comprar carne fresca na maior parte do trajeto e se depararem com diferentes animais que poderiam servir como alimento, a caça era

<sup>6</sup> Espécie de tripé de ferro utilizado para apoiar panelas sobre o fogo.

muito praticada, “[...] nela não se perdoavam as aves como papagaio e outros pequenos animais. A morte de um tamanduá bandeira significava festa por alguns dias” e, ainda, “nas margens dos caminhos as frutas silvestres ou cultivadas como a laranja melhoravam a vida desses tropeiros” (FRIOLI, 1984, p. 27).

Pelo fato de os pousos costumarem ser em locais regulares, com o passar do tempo formaram-se povoados com comércios que objetivavam atender às necessidades dos viajantes. Além disso, uma das primeiras coisas que os fazendeiros faziam era construir uma capela, afirmando sua devoção, dando origem a muitas vilas interioranas que hoje se constituem como cidades, muitas delas, prósperas (ALGATÃO, 2010).

Esses fazendeiros fundadores de povoados eram em sua maioria paulistas e uma parcela consistia em ex-tropeiros que se sedentarizaram após muito percorrerem, o que reflete ainda hoje no modo de vida, nas memórias, na fala e na cultura dos que nessas cidades habitam e, de certo modo, na Região Sul como um todo, afinal, como já afirmara Bonadio (1984), não teria como um ciclo tão longo e tão importante não exercer grande influência sobre a identidade cultural.

Por fim, vale ressaltar que essas influências muitas vezes passam despercebidas no cotidiano do século XXI, mas se mostram enraizadas ao observar, por exemplo, as inúmeras versões existentes do feijão tropeiro preparadas em famílias e integrando cardápios de restaurantes, mas sempre tendo como base o feijão e a farinha. Do mesmo modo, vez ou outra se escuta que fulano “perdeu as estribeiras” e pouco se relaciona com essa época em que os estribos eram a grande firmeza do muladeiro e do cavaleiro no decorrer das viagens. As romarias, tão caras aos devotos que em tropa, hoje na maioria cavalar, rumam a algum destino religioso, relembando e reafirmando a devoção existente. As vestes típicas gaúchas. A delimitação das fronteiras do Sul. Enfim, são inúmeras as contribuições averiguadas, das quais neste trabalho focalizaremos em seus reflexos nos falares existentes ao longo de um dos caminhos trilhados, conhecido como *Caminho da Vacaria dos Pinhais*.

## 2.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA REGIÃO SUL E SUAS POSSÍVEIS ÁREAS LINGUÍSTICAS

Por muito tempo a questão da diversidade linguística brasileira foi ignorada, seja perante as demais línguas faladas no país ou em relação ao próprio português. Diante disso, de maneira leiga, comumente se vê o emprego homogeneizante de nomenclaturas para distinguir os falares existentes no Brasil, pautando-se em um ou outro traço, geralmente fonético ou

lexical, para a delimitação do que se entende por jeito de falar baiano, paulista, carioca, gaúcho etc. Contudo, cada vez mais pesquisas de cunho geossociolinguístico evidenciam que há mais diferenças do que semelhanças entre esses falares generalizados.

Tendo como o cerne geolinguístico a delimitação de áreas dialetais e o reconhecimento de variedades dentro de determinado território, desde o início desse campo de estudo no Brasil, os precursores buscaram reconhecer e estabelecer as variedades regionais do português existentes no amplo território nacional. Nesse cenário, Antenor Nascentes é a figura que se destaca ao propor a clássica divisão dialetal, na obra *O Linguajar Carioca*, a qual é tomada como base até os dias de hoje, seja para ratificá-la ou refutá-la.

Em sua proposta, Nascentes (1953), pautado na abertura de vogais pretônicas, apresenta uma ampla divisão dos falares brasileiros em dois: falares do Norte e falares do Sul, destacando também a existência de seis subfalares acrescidos de uma área tida como território incharacterístico, os quais podem ser visualizados na Figura 5.

Figura 5 – Divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes



Fonte: Nascentes (1953).

Englobada no falar sulista, a Região Sul, locus desta pesquisa, vem sendo estudada sob diferentes perspectivas, o que possibilita afirmar, como assevera Görski (2012, p. 807), que é ilusório acreditar que exista apenas um falar que caracterize toda a região, uma vez que a heterogeneidade se sobrepõe à homogeneidade.

Nesse sentido, perante os trabalhos desenvolvidos no Sul desde a década de 1980 (FURLAN, 1986; MERCER, 1992; AGUILERA, 1994) tornou-se cada vez mais evidente a possibilidade de reconhecer as diferenças dialetais. Ademais, com a realização do ALERS, como um atlas que recobre os três estados sulistas, fez-se possível a proposição de áreas linguísticas para a região, as quais refletem aspectos históricos decorrentes do processo de ocupação e povoamento (ROMANO; AGUILERA, 2012).

Koch (2000), ao tratar sobre a formação de áreas linguísticas no Sul, defende quatro principais determinantes para a existência das variedades faladas na região: (i) a presença de açorianos no leste catarinense; (ii) o contato do português com o espanhol no extremo sul; (iii) o contato entre paulistas e gaúchos em fluxos migratórios opostos e o papel da rota dos tropeiros; e (iv) a existência de áreas bilíngues provenientes da ocupação por imigrantes não-lusos.

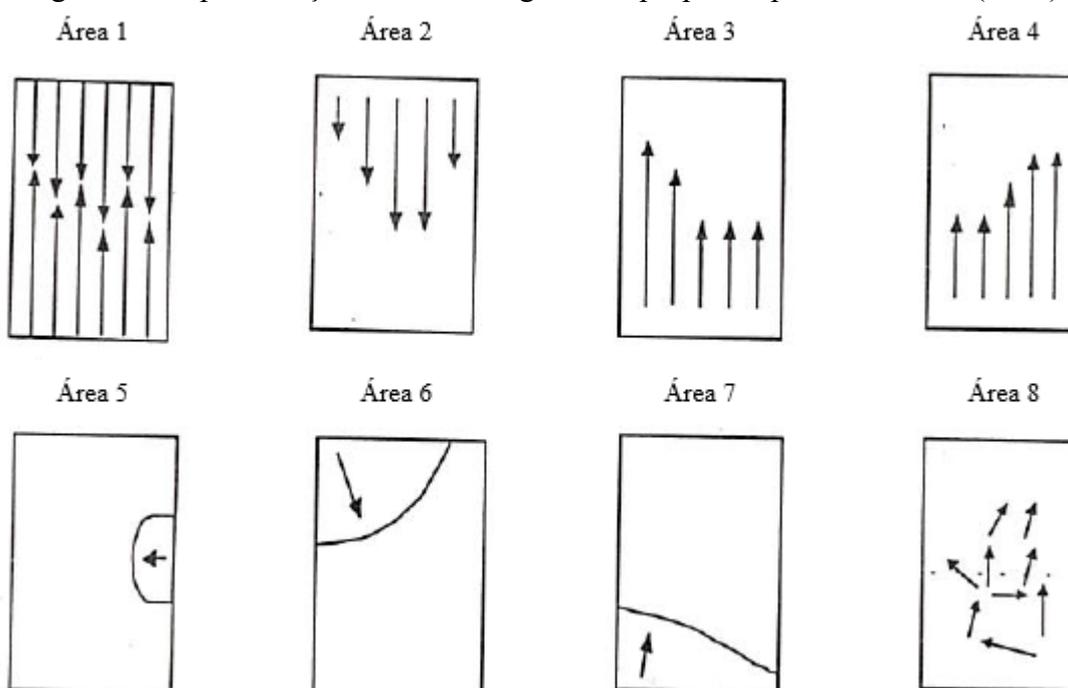
Com esse plano de fundo, pautado em dados fonéticos do ALERS e no que tange à variedade impulsionada pelo processo migratório tropeiro, o autor divide a Região Sul em duas grandes áreas, a paranaense e a sul-rio-grandense, sendo Santa Catarina identificada como uma área de transição, denominada pelo autor como *Leque Catarinense*. Nessa perspectiva, o dialetólogo assevera que essas duas grandes áreas se delimitam a partir de “dois movimentos colonizadores em sentidos opostos, um que partia do ‘Paraná antigo’ em direção ao sudoeste e outro que seguia do vale do Rio Jacuí em direção ao norte” (KOCH, 2000, p. 56). Além disso, identifica subáreas no litoral de Santa Catarina, no norte e noroeste paranaense (*Feixe secundário paranaense*) e na projeção sul-rio-grandense para o leste catarinense (*Feixe secundário sul-rio-grandense*), as quais ratificam arealizações preconizadas por Furlan (1986), Mercer (1992) e Aguilera (1994).

Em posse de mais dados do ALERS, fonéticos e morfossintáticos, Altenhofen (2002) revisita Koch (2000), reafirma a existência de duas grandes áreas linguísticas e amplia a arealização apresentada, desdobrando o conceito de *Leque Catarinense*, propondo a existência de oito possíveis áreas dialetais, sendo elas:

- (1) Área de transição (Leque Catarinense, postulado por Koch (2000));
- (2) Corredor central de projeção paranaense;
- (3) Corredor oeste de projeção rio-grandense;
- (4) Corredor leste de projeção rio-grandense (Feixe Rio-Grandense, na interpretação de Koch (2000));
- (5) Zona lateral açoriano-catarinense;
- (6) Zona lateral do Paraná do norte (Feixe Paranaense, na interpretação de Koch (2000));
- (7) Zona lateral da fronteira sul-rio-grandense;
- (8) Áreas bilíngues de português de contato (ALTENHOFEN, 2002, p. 134).

Cujas representações constam a seguir:

Figura 6 – Representação das áreas linguísticas propostas por Altenhofen (2002)



Fonte: Adaptado de Altenhofen (2002).

Romano e Aguilera (2014), por sua vez, dão luz às áreas já preconizadas e investigam como elas se comportam no nível lexical a partir de dados do Projeto ALiB<sup>7</sup>, o que permite aos pesquisadores aventarem a existência de seis áreas lexicais, três coincidentes com as propostas por Koch (2000) e Altenhofen (2002). Assim, os autores concluem que:

O que se observa na região Sul é a presença de dois grupos de falares: o do norte paranaense e o do sul-rio-grandense. Entre esses dois falares, encontra-se o Estado de

<sup>7</sup> Vale ressaltar que os autores confrontaram os dados obtidos com as cartas linguísticas apresentadas pelo ALERS no que diz respeito ao item investigado.

Santa Catarina como (i) área de transição que recebe influências gaúchas e paranaenses; (ii) corredor oeste de projeção rio-grandense, localizado no oeste de Santa Catarina e Paraná; (iii) zona lateral do Paraná do norte, caracterizada pela sua identificação linguística com o Estado de São Paulo; (iv) área do litoral norte de Santa Catarina; (v) áreas de colonização europeia que revelam traços de bilinguismo e, por fim, (vi) área do interior central de Santa Catarina (ROMANO; AGUILERA, 2014, p. 585).

Feita a revisão das possíveis áreas linguísticas já delimitadas, verificamos que todas as propostas assumem que há ao menos dois grandes falares na Região Sul, o que por si só retrata a diversidade existente. Além disso, observamos que, a depender do fenômeno investigado, é possível identificar desdobramentos dessas duas grandes áreas dialetais que, com o passar do tempo, poderão se tornar cada vez mais assertivos, uma vez que com a confrontação de diferentes corpora e variáveis analisadas se terá maior clareza da realidade linguística em questão.

Focalizando no que se toma como ponto central desta tese, destacamos ainda que todas as propostas identificam áreas em comum, dentre elas a que corresponde a uma área central que, conforme Altenhofen (2002, p. 125), é representada “[...] por um grupo de isoglossas que avançam, em forma de cunha, em direção sul, seguindo o corredor de Lages, por onde passavam as antigas rotas migratórias paulistas, no comércio do gado com o gaúcho rio-grandense”.

Sob essa perspectiva, aventamos a ideia de que os fatores históricos decorrentes do processo de ocupação e povoamento da região são uma “variável imprescindível” (ALTENHOFEN, 2008, p. 19) para uma descrição mais precisa dos falares sulistas. Assim, reiteramos a importância dos tropeiros para a composição desses falares, uma vez que a partir das hipóteses já postas verificamos que eles são tidos, de certa forma, como responsáveis pela existência de uma das variedades do português falado no Sul, cujos traços de fala são identificados como herdados do vaivém de paulistas e gaúchos durante os séculos XVIII e XIX, postos em evidência nesta tese.

### 3 GEOLINGUÍSTICA PARA ALÉM DE UM MÉTODO DIALETOLÓGICO

As observações populares acerca dos diferentes modos de falar sempre foram muito fecundas, porém foi com o desenvolvimento da Dialectologia que os linguistas passaram a se dedicar ao estudo das variedades de uma língua, consolidando-a como um dos ramos da ciência da linguagem.

Reconhecida como a disciplina que estuda os dialetos, a Dialectologia se encarrega de investigar como os usos linguísticos se configuram espacialmente. Assim, a partir das particularidades de determinada comunidade de fala, ou seja, da variação, estabelece áreas linguísticas e busca “[...] identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 15).

Conforme Pop (1950), é no século XVIII que linguistas voltam a atenção para os dialetos e, a partir daí, passam a realizar os primeiros trabalhos de caráter dialetológico, muitos deles resultando em glossários e demais tipos de estudos monográficos. Contudo, o desabrochar dessa ciência se concretiza com o surgimento do método fundado por Gilliéron, no fim do século XIX, a Geografia Linguística, modernamente denominada de Geolinguística, o que possibilitou a obtenção de dados passíveis de comparação, provenientes de uma coleta mais ágil, colaborando, dessa forma, com a tendência de elaboração de atlas linguísticos.

Entretanto, não podemos perder de vista que as pesquisas dialetológicas não se resumem na elaboração de atlas, pelo contrário, ao desenvolver um estudo de determinada variedade é possível realizar um estudo dialetológico sem que ele ao menos esbarre por uma das etapas do fazer geolinguístico, como ocorre, por exemplo, em diversas investigações com foco nas línguas em contato, em comunidades indígenas, quilombolas, entre outros. É preciso, pois, considerar que ao realizar um estudo geolinguístico se executa um estudo dialetológico, mas nem sempre que se faz um estudo dialetológico ele será de cunho geolinguístico.

Sob essa perspectiva, Montes Giraldo (1987) afirma que são diversas as maneiras de estudar as variantes de uma língua e que a Dialectologia se detém em três principais formas, por meio de vocabulários e glossários, de monografias e de atlas linguísticos, estando sempre em sua essência ligada ao aspecto diatópico, porém não necessariamente com a representação em mapas.

No que diz respeito à elaboração de vocabulários e glossários, esses se mostraram bastante produtivos desde o início dos trabalhos dialetais, muitas vezes, sendo feitos sem rigor científico, como é o caso de inúmeros dicionários e vocabulários de regionalismos das mais

diversas variedades de línguas, podendo registrar o vocabulário como um todo ou evidenciar apenas os aspectos que divergem da variedade a que se compara (MONTES GIRALDO, 1987). Dessa forma, ao analisar a existência de variação lexical em determinada comunidade linguística e registrá-la em obras lexicográficas, verificamos o estabelecimento de uma interface entre a Dialetoлогия e a Lexicografia.

As monografias, por sua vez, caracterizam-se pela descrição quase exaustiva da fala de um lugar, distinguindo-se por terem um espaço geográfico limitado e por descreverem um falar em todos os seus aspectos, sem a realização de comparações (MONTES GIRALDO, 1987), tratando-se, assim, de estudos dialetológicos que podem fazer fronteira com estudos de contato linguístico e com a Etnolinguística.

Já os atlas, que consistem em uma série de cartas linguísticas e buscam registrar a distribuição de fenômenos linguísticos em mapas temáticos, se configuram como empreendimentos de cunho dialetológico que estabelecem interface com a Geolinguística, com a Sociolinguística, com a Etnolinguística e mesmo com a Geografia, entre outras disciplinas e áreas do conhecimento que se podem evocar, como a História, no caso desta tese.

Portanto, ao refletir sobre as possibilidades de abordagens que podem ser feitas no âmbito das pesquisas dialetológicas e ao analisar as distintas interfaces estabelecidas, torna-se possível afirmar que a Dialetoлогия se configura como uma disciplina de entremeio com outras disciplinas, áreas e ramos que, de alguma forma, se voltam para a questão diatópica, à qual subjazem todas as investigações desse cunho. Isso posto, aqui, defendemos a Geolinguística enquanto um ramo dos estudos dialetológicos, com o qual a disciplina maior faz fronteira ao objetivar a representação em mapas das variantes linguísticas e sua distribuição no espaço geográfico (diatopia), requerendo, dessa forma, todo o aparato metodológico necessário para tal realização e distinguindo-se dos aparatos metodológicos mobilizados para o desenvolvimento de glossários, vocabulários e monografias, por exemplo.

Há muito já é possível reconhecer a contribuição das pesquisas geolinguísticas para o desenvolvimento da Dialetoлогия e para as ciências da linguagem de forma geral, uma vez que fornecem “[...] fotografias autênticas de formas e expressões linguísticas de grandes e pequenos territórios”, entretanto há pouco “[...] reclama status de subdisciplina, uma vez que não se confunde com a Dialetoлогия [...]” (ROMANO, 2014, p. 148; 135). Dessa forma, Romano (2014, p. 150), ao fazer um percurso historiográfico e metodológico do ramo dos estudos dialetais em questão, propõe “[...] um convite à reflexão sobre o status da Geolinguística no âmbito dos estudos da linguagem”, o que corresponde ao que objetivamos com este capítulo.

Traçando um paralelo desta discussão com o que ocorre em outras esferas da ciência da linguagem, mais especificamente nos estudos lexicais, cabe averiguar o status assumido pela Lexicografia que, por alguns pesquisadores, como Borba (2003), é encarada enquanto método lexicológico ao passo que por outros (CASARES, 1992; OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001; BIDERMAN, 2001) assumem caráter de ramo dos estudos lexicais, por possuir objeto de interesse comum, no entanto, com metodologia e pressupostos teóricos próprios. Posto isso, assumimos que a Lexicografia e a Geolinguística, cada qual com suas possibilidades investigativas, podem ser consideradas como estando no mesmo patamar, tendo pesquisadores de ambas as áreas que as consideram como método de disciplinas maiores e outros que as defendem como sendo muito mais do que um método.

Ao defender essa alteração de status, evocamos a ideia de que, a princípio, a Geografia Linguística assumia com excelência o papel de método dialetológico. Contudo, com o passar do tempo, com o desenvolvimento de inúmeras pesquisas e o aperfeiçoamento de seu aparato, se adequando às novas exigências da sociedade e do ramo de estudo como um todo, demandou novos olhares sobre cada uma das etapas metodológicas, exigindo, por exemplo, a inclusão de variáveis sociais, mudanças no perfil dos informantes, reconsiderações sobre os materiais e recursos utilizados para a coleta de dados, novas possibilidades em relação à cartografia, o que vem gerando uma gama de pressupostos teóricos próprios e muito bem delineados (RADTKE, THUN, 1996; THUN, 1998; 2005; MARGOTTI, 2008; ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014; FIGUEIREDO JR. *et al.*, 2021), não aplicáveis a todas as investigações dialetais.

No que diz respeito à existência de uma metodologia própria, Chambers e Trudgill (1994, p. 45) já a reconhecem e discorrem acerca dos “Métodos da Geografia Linguística”, que englobam questionários e mapas dialetais, aos quais se acrescentam outras etapas já delineadas. Sob essa mesma perspectiva, Romano (2014, p. 150) elenca uma série de atividades que compreendem o fazer geolinguístico, defendendo que esse “[...] não se resume à simples representação de dados em cartas linguísticas”, sendo a cartografia apenas um de seus métodos.

Feitas essas considerações e ampliando o já postulado pelo supracitado autor, na seção a seguir, discorreremos acerca dos métodos e das etapas empregadas na pesquisa geolinguística, visando a uma coleta e ao tratamento de dados profícuos.

### 3.1 MÉTODOS E ETAPAS DO FAZER GEOLINGUÍSTICO

Coseriu (1982), ao tratar sobre a Geografia Linguística, elenca três principais etapas: (i) coleta de materiais, (ii) registro dos materiais coletados em mapas e (iii) estudo do material

cartografado, considerando os demais princípios metodológicos e técnicos necessários como integrantes do que ele denomina de etapa de preparação.

No que tange ao fazer geolinguístico, de modo distinto ao defendido por Coseriu (1982), não reconhecemos a existência de três principais etapas, mas de três distintos momentos na pesquisa, os quais requerem processos e etapas que lhes são próprios, porém sem deixarem de estar interligados, como podemos visualizar no Quadro 1:

Quadro 1 – Momentos e etapas da pesquisa Geolinguística

<b>PRÉ-COLETA DE DADOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Delimitação da área de estudo.</li> <li>• Definição da rede de pontos.</li> <li>• Elaboração, junto a um geógrafo ou profissional competente, da carta base.</li> <li>• Estabelecimento do perfil dos informantes.</li> <li>• Estudos prévios acerca da comunidade linguística investigada e da rede de pontos estabelecida.</li> <li>• Elaboração de questionários.</li> <li>• Determinação de materiais e recursos que auxiliem na coleta de dados.</li> <li>• Definição da técnica de coleta de dados a ser empregada.</li> <li>• Treinamento dos agentes que atuarão na recolha dos dados.</li> </ul>
<b>COLETA DE DADOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ida a campo.</li> <li>• Localização dos informantes.</li> <li>• Aplicação dos instrumentos de coleta de dados.</li> </ul>
<b>PÓS-COLETA DE DADOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formação de banco de dados:               <ul style="list-style-type: none"> <li>• Transcrição e revisão dos inquéritos.</li> <li>• Organização do corpus.</li> </ul> </li> <li>• Cartografiação:               <ul style="list-style-type: none"> <li>• Elaboração das cartas linguísticas.</li> </ul> </li> <li>• Exegese dos dados coletados.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora.

Ressaltamos que nosso objetivo não é tratar a fundo cada uma das etapas metodológicas, uma vez que há referências que as detalham (MONTES GIRALDO, 1987; BRANDÃO, 1991; FERREIRA; CARDOSO, 1994; CARDOSO, 2010), mas apresentá-las, acrescentando e destacando os métodos e os procedimentos que, muitas vezes, ficaram à

margem do tripé básico da pesquisa de cunho dialetal (CARDOSO, 2010), tendo em vista que muitos deles foram teorizados e hoje devem ser encarados como parte dos princípios metodológicos que integram e elevam o status da Geolinguística a ramo dos estudos dialetológicos.

Posto isso, na sequência, discutimos cada um dos momentos da pesquisa e as etapas e os métodos que abarcam.

### **3.1.1 Pré-coleta de dados**

O momento “Pré-coleta de dados” diz respeito ao início do trabalho, ao período em que se estrutura e delinea boa parte da pesquisa. Esta fase exige do pesquisador tomadas de decisões, nem sempre fixas, mas que podem influenciar diretamente nos resultados a serem obtidos. Assim, engloba desde a realização de estudos prévios sobre a realidade linguística e sócio-histórica e a delimitação da área a ser investigada, definição da rede de pontos até a preparação dos agentes que atuarão na coleta de dados.

#### *3.1.1.1 Estudos prévios*

A necessidade da realização de estudos prévios acerca da comunidade linguística investigada e da rede de pontos estabelecida é inquestionável.

Como defende Montes Giraldo (1987), o objetivo principal de um atlas, geralmente, não é averiguar a existência de fenômenos linguísticos novos, mas identificar a distribuição geográfica e a extensão de fenômenos já conhecidos. Dessa maneira, exige-se um amplo estudo dos trabalhos já elaborados, tanto no que diz respeito aos aspectos linguísticos quanto aos aspectos sócio-históricos.

Nesta etapa, sugerimos, portanto, no quesito propriamente linguístico, a busca por atlas linguísticos, monografias, glossários, vocabulários, artigos, entre outros estudos não mencionados, mas que possam convergir para a ampliação dos conhecimentos prévios que o pesquisador possui inicialmente sobre as características linguísticas do território e da comunidade que deseja investigar. Para o estudo dos conhecimentos sócio-históricos, por sua vez, recomendamos pesquisas em sites como o do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apresenta dados confiáveis sobre os municípios e regiões brasileiras, trazendo informações desde número de habitantes até tipo de economia, saúde, meio ambiente, mapas, fotos e história.

Além disso, como também defendido por Montes Giraldo (1987), ressaltamos a importância de voltar o olhar para materiais menos científicos e integrantes da cultura da comunidade, por exemplo, para as músicas típicas ou tradicionalistas, as quais podem retratar em suas letras peculiaridades linguísticas, etnográficas, históricas e sociais que possam dar subsídios para a constituição dos questionários, na interpretação de dados coletados etc.

### *3.1.1.2 Definição da rede de pontos e elaboração da carta base*

Um dos primeiros delineamentos necessários é o estabelecimento da área de estudo, na qual será definida uma rede de pontos (localidades) a serem investigados, pois, como já mencionado, a diatopia é uma das variáveis intrínsecas à pesquisa geolinguística. Dessa forma, observamos que, tradicionalmente, essa definição se pauta no caráter geográfico ou em características linguísticas de comunidades que habitam certo espaço, sendo necessário considerar aspectos sócio-históricos. Como bem discorrem Ferreira e Cardoso (1994, p. 24-25):

A determinação da área a ser submetida à investigação dialetal define-se em razão de sua situação geográfica, de sua história, das interferências de que têm sido objeto, do tipo de povoamento que nela se processou, da situação econômica atual e passada, da sua relação com as demais áreas a serem pesquisadas (quando for o caso), da sua situação demográfica, enfim, por ter como base um conjunto de caracteres que a demarcam e a distinguem de outras áreas. Pode, por outro lado, fundamentar-se em determinado dado linguístico, cuja análise se quer priorizar ou pôr em relevo, para submetê-lo, ou não, a confronto com o que se verifica em outras regiões.

Contudo, salientamos a possibilidade de a área de estudo ser motivada por outros fatores além do geográfico, como é o caso desta tese, que se configura como um atlas temático com motivação pautada em um acontecimento histórico que ocorreu em determinado território, a partir do qual foi definida a rede de pontos. Portanto, verificamos a existência de novos olhares e delineamentos possíveis nesse quesito metodológico, algo que hoje não é amplamente exercido, mas que pode vir a ser com a ampliação dos horizontes do fazer geolinguístico.

Ainda sobre a área a ser investigada, após defini-la, outro foco de atenção é a densidade da rede de pontos, que se dá, em geral, em função da extensão territorial e da população, a depender dos objetivos e das possibilidades de estudo, considerando que uma rede mais densa proporciona uma melhor delimitação de fenômenos linguísticos (MONTES GIRALDO, 1987). Nesse sentido, Silva e Romano (2022) voltam o olhar para a realidade brasileira e remodelam as categorias de atlas linguísticos, defendendo, para o Brasil, a elaboração de atlas nacional, regionais e estaduais, caracterizados como de maior amplitude, e atlas de pequeno domínio ou

locais, que funcionam como uma espécie de zoom, pois proporcionam um olhar pormenorizado de certas áreas, devido a sua maior densidade e possibilidade de contemplar especificidades linguísticas, o que comumente não é contemplado pelos macroatlas, vindo, assim, a corroborar para entendimentos mais aprofundados acerca das regionalidades brasileiras.

Acrescenta-se a isso a necessidade de parâmetros claros para estipular os pontos de inquérito, os quais devem ser distribuídos com certa equidade por todo o território tomado em análise e escolhidos com base em critérios que podem levar em conta a representatividade na região, a antiguidade e o povoamento, entre outros que se vinculem ao proposto.

Ressaltamos que, concomitantemente, à definição da rede de pontos, é elaborada a carta-base, trabalho esse que deve ser feito conjuntamente por um geógrafo e um linguista, tendo em vista que requer conhecimentos de ambas as áreas. Dessa forma, destacamos a necessidade de recorrer a uma base cartográfica georreferenciada, com sua devida escala, para que se tenha a representação geográfica e seja possível localizar cada ponto de inquérito na superfície terrestre por meio de suas coordenadas e ter, de fato, um mapa linguístico, pois, conforme Teles (2018, p. 135-136),

[...] para poder ser considerado como mapa, deve conter informações essenciais como: escala, sistema de projeção, sistema de referência para as coordenadas e orientação. Entretanto, se não apresentá-las, é denominado cartograma [...]. Embora continue sendo um documento cartográfico, não é útil para diversas aplicações já que se limitará a dar informações dos eventos representados, sem permitir a obtenção de outras informações tais como direções, distâncias e áreas, por exemplo. A omissão dessas informações, muitas vezes, inviabiliza o uso de ferramentas de reprodução e edição em meio digital, hoje disponíveis e que são de extrema valia.

Além disso, é neste momento de elaboração que devem ser pensados todos os elementos que comporão a carta-base, por exemplo, limites fronteirios, corpos hídricos, autoria, espaço para a inserção do número da carta, espaço destinado à legenda e à identificação do item representado, entre outros que se façam necessários e venham a contribuir ao que se pretende com a pesquisa. A esse respeito, salientamos que a elaboração de uma carta-base, geralmente, precisa de diversas versões até se chegar na versão final, podendo, portanto, essa tarefa se estender aos momentos coleta e pós-coleta de dados, uma vez que ao longo do processo podem emergir nuances que também se mostrem relevantes para incluir nas bases cartográficas.

### 3.1.1.3 Perfil dos informantes

Ao tratar sobre o estabelecimento do perfil dos informantes, constatamos que este item metodológico passou por relevante aperfeiçoamento com o desenvolvimento da Geolinguística e com as exigências que as mudanças sociais lhe impuseram.

Sob a ótica da Dialetoлогия tradicional, Chambers e Trudgill (1994, p. 56-57, tradução nossa) afirmam que “independentemente da diversidade de culturas, das discrepâncias socioeconômicas e da variedade topográfica, a maioria dos informantes em todos os casos foi composta por homens da zona rural, idosos e sedentários<sup>8</sup>”, perfil que ficou conhecido como NORMs (*nonmobile, older, rural, males*) ou HARAS (homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário), adaptado para o português (ZÁGARI, 1998), que na perspectiva monodimensional justificava-se por julgarem se tratar de um típico falante do local.

Contudo, com o desenvolvimento de novas áreas de estudo, dentre elas a Sociolinguística, e com um evidente afastamento da realidade do mundo moderno, houve o que Radtke e Thun (1996) chamaram de “crise” da geolinguística românica, que foi determinante para o estabelecimento de novas perspectivas<sup>9</sup>. Assim, é com a adoção dos parâmetros sociolinguísticos que podemos dizer que tal crise foi superada.

À vista disso, hoje, com a convergência da horizontalidade (dimensão diatópica) da Dialetoлогия com a verticalidade (dimensão diastrática) da Sociolinguística, consideramos essencial incluir variáveis sociais na estratificação dos informantes, tais como sexo, escolaridade, faixa etária, uma vez que por meio delas será possível um melhor entendimento sócio-histórico dos usos linguísticos dentro de determinado espaço geográfico (BRANDÃO, 1991).

Nesse sentido, para a delimitação do perfil dos informantes, é preciso ter clareza quanto aos objetivos da investigação e a partir deles planejar uma estratificação que proporcione uma melhor compreensão dos fenômenos de variação linguística, sendo o número de informantes determinado pelas variáveis elencadas para análise.

Paralelamente à estratificação, também ressaltamos a importância de estabelecer princípios básicos para a escolha dos informantes – ter nascido na localidade (ou ser migrante,

---

<sup>8</sup> Independentemente de la diversidad de culturas, de las discrepancias socioeconómicas y de la variedad topográfica, la mayoría de los informantes ha sido en todos los casos constituida por *varones rurales, mayores e sedentarios* (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 56-57).

<sup>9</sup> Radtke e Thun, em vista da “crise da geolinguística”, organizaram o simpósio “Novos caminhos da geolinguística românica”, que possibilitou o diálogo entre pesquisadores mais tradicionais com outros mais inovadores, viabilizando a discussão acerca das novas perspectivas que a Geolinguística poderia ter a partir de então. Assim, no texto de 1996, publicado nos anais do evento, os autores tecem um balanço sobre esses novos caminhos.

a depender dos objetivos), apresentar boas condições de fonação, desenvolver atividades sociais e possuir envolvimento com a comunidade, entre outros –, visando à representatividade do ponto de inquérito e à padronização para obtenção de dados intercomparáveis.

#### 3.1.1.4 Questionários

Após o estudo prévio da comunidade e da área investigada, o pesquisador possui expertise para a determinação e a elaboração dos instrumentos a serem utilizados na coleta de dados.

Tradicionalmente, os questionários são os instrumentos mais empregados, podemos dizer até que fundamentais, para uma recolha de dados que possibilite dados comparáveis. Para a seleção das questões, devemos ter claro o que será investigado, se serão dados de cunho fonético-fonológico, semântico-lexical ou morfossintático, por exemplo. Nesse contexto, tendo em vista a elaboração de atlas linguísticos, torna-se relevante selecionar questões que manifestem fenômenos variáveis, o que demonstra mais uma vez a necessidade da realização de estudos prévios.

Conforme Cardoso (2010), toda a organização dos questionários se baseia no tipo de dado a ser recolhido. Ao tratar sobre o questionário fonético-fonológico, verificamos que seu objetivo é registrar segmentos fônicos importantes na área em análise, assim, a partir do que se pretende coletar é que se dá a escolha dos itens lexicais que apresentam os contextos das variáveis eleitas. Para exemplificar, no Quadro 2, trazemos possíveis questões para investigar a realização do /r/ em coda silábica.

#### Quadro 2 – Exemplos de questões para analisar /r/ em coda silábica

CARNE – Como chama aquilo que se assa em churrasco?

GORDURA – A carne de porco não é magra porque ela tem muita...?

Fonte: Elaborado pela autora; Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001).

Por meio desses exemplos, de acordo com Chambers e Trudgill (1994), observamos a utilização de dois tipos diferentes de questão, a primeira que pede uma denominação para o informante – *naming* – e a segunda que deixa uma lacuna na elocução para que o informante complete – *completing*. Dessa forma, evidenciamos que há distintas maneiras de formular as indagações, mas ressaltamos a importância de serem elaboradas de modo objetivo e por meio de abordagens que façam parte do repertório linguístico e sociocultural dos falantes, uma vez

que, na coleta de dados fonético-fonológicos, sempre se busca a obtenção do mesmo item lexical (contexto) que, por sua vez, possibilitará o registro do segmento desejado.

Por outro lado, na perspectiva semântico-lexical, não almejamos registrar apenas um item específico, mas o maior número de lexias que correspondam a um referente. Nesse contexto, além dos dois tipos de questão apontados anteriormente, temos a possibilidade de elaborar questões onomasiológicas – apresenta-se o significado e busca-se pelo nome – e semasiológicas – apresenta-se o nome e busca-se o significado –, sempre objetivando levantar a maior quantidade de informações possível. No Quadro 3, constam exemplos desses tipos de questões:

#### Quadro 3 – Exemplos de questões para investigação semântico-lexical

MARCHADOR – O que se entende por cavalo marchador?

CARROÇA/ CARRETA/ CHARRETE – Como chama um veículo puxado por animais para transportar cargas ou pessoas?

Fonte: Elaborado pela autora.

Para o registro de dados morfossintáticos, por sua vez, podemos fazer uso dos diferentes tipos de questões apresentadas, a depender do fenômeno investigado, assim como de realia e/ou álbum de figuras. Além disso, para a obtenção de alguns itens, também são criadas situações corriqueiras em que, usualmente, eles emergem, como mostram os exemplos constantes no Quadro 4.

#### Quadro 4 – Exemplos de questões para investigação morfossintática

TU/VOCÊ – Quando um amigo diz que vai viajar e se quer saber para onde vai, como é que se pergunta?

NÓS/ A GENTE – O que vocês fazem aqui no fim de semana?

DEGRAUS – Nesta escada eu tenho vários...? (mostrar)

CHAPÉU – Nesta imagem eu tenho vários...? (mostrar)

Fonte: Adaptado de Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001).

Apresentadas algumas das técnicas empregadas na elaboração dos questionários, salientamos que o número de questões é particular a cada trabalho e que cabe ao pesquisador, a partir de critérios estabelecidos, tal decisão. Entretanto, a seguir, elencamos algumas recomendações gerais:

- Contemplar mais de uma questão para cada variável fonética investigada.
- No questionário fonético-fonológico, misturar as questões para que o informante não perceba o objeto enfocado.
- Organizar os questionários de modo a possibilitar uma conversa coerente.
- Agrupar as questões semântico-lexicais em campos semânticos.
- Elaborar questões que correspondam a um referente bem delimitado.

Somada a essas sugestões, Montes Giraldo (1987, p. 90, tradução nossa) também propõe que

para os atlas de territórios com variedade idiomática considerável e que prestam muita atenção a aspectos etnográficos [...] convém elaborar dois questionários: um geral, que será aplicado em todas as localidades, e outro (ou outros) especial para investigar aspectos que só se dão em algumas regiões [...]<sup>10</sup>.

Ademais, ressaltamos a importância da utilização de álbuns de figuras para a aplicação de todos os questionários, seja no fonético-fonológico para auxiliar na busca por um item que não foi obtido apenas por meio do questionamento feito, no semântico-lexical para a confirmação de determinado referente ou, ainda, no morfossintático, para que o informante descreva o que visualiza, demonstrando como se dão seus usos nesse nível linguístico.

Além do método de aplicação de questionários, há muito já se considera relevante a coleta de elocuições livres para complementar as investigações, tendo em vista que elas de fato extrapolam a formalidade, mesmo que mínima, do inquérito pautado em perguntas e respostas, proporcionando a obtenção de dados ainda mais próximos à fala espontânea.

Tais elocuições podem ser obtidas por meio de conversas semidirigidas em que o pesquisador propõe temas voltados para as vivências pessoais dos informantes, o que, geralmente, leva os falantes a prestarem mais atenção no que está sendo dito do que no como está sendo dito, deixando, portanto, que o vernáculo emerja.

Como possibilidades de temas, sugerimos que o inquiridor peça para o informante falar sobre algum fato que marcou sua vida com bastante alegria ou tristeza, que conte alguma

---

<sup>10</sup> Para los atlas de territorios con variedad idiomática considerable y que prestan mucha atención a aspectos etnográficos [...], conviene elaborar dos cuestionarios: uno general, que ha de preguntarse en todas las localidades, y otro (u otros) especial para investigar aspectos que sólo se dan en algunas regiones [...] (MONTES GIRALDO, 1987, p. 90).

Sob a perspectiva de elaboração de questionários gerais e especiais, citamos como exemplo os procedimentos adotados pelo Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil que traz questões semântico-lexicais específicas para cada um dos estados abrangidos, apresentando até mesmo, para o estado de Santa Catarina, diferentes questões para as áreas de influência germânica e italiana.

história que ficou bem conhecida na cidade ou, ainda, que elabore temas voltados ao aspecto etnográfico.

Feitas essas considerações, ressaltamos que de modo distinto ao enfrentado pelos pioneiros da Geolinguística no Brasil, atualmente, há muitos atlas já elaborados, nos quais é possível nos inspirarmos para uma série de tomadas de decisões e até mesmo para que os dados possam ser confrontados, enriquecendo ainda mais os conhecimentos sobre a realidade linguística de determinado território. Nesse sentido, torna-se imperativo que os atlas que venham a ser produzidos levem em consideração, mesmo que minimamente, aspectos metodológicos, como os questionários, do Atlas Linguístico do Brasil.

### 3.1.1.5 *Materiais e recursos auxiliares*

De modo a complementar e auxiliar nos inquéritos com aplicação de questionários, com vistas a minimizar eventuais insucessos na obtenção de respostas ou dados válidos e também à clareza sobre o referente investigado, os atlas, assim como muitos já fizeram, utilizam recursos como gestos, mímicas, imagens impressas e réalia (objetos ou miniaturas de objetos sobre os quais se pergunta). Nesse sentido, ressaltamos a importância de tais materiais, pois eles podem garantir a uniformidade dos dados.

Portanto, sugerimos a elaboração de álbuns de figuras<sup>11</sup> contemplando o maior número de questões possível ou, ainda, a organização de réalia para serem utilizadas: (i) em casos de dúvidas sobre o referente, por parte do informante; (ii) para o inquiridor confirmar se de fato uma variante diz respeito ao item almejado; (iii) nas situações em que o informante declara que não se lembra, não sabe ou não conhece; (iv) entre outras situações que venham a ocorrer e que o aplicador dos questionários julgue adequado o uso.

Além desses materiais e diferentemente do que era feito nos primeiros atlas, devido às condições e ao momento de elaboração, atualmente é quase que inconcebível a aplicação de questionários sem gravação em áudio. Dessa forma, recomendamos o uso de pelo menos duas mídias, sendo uma delas um gravador portátil que proporcione boa qualidade de som<sup>12</sup>, com o intuito de amenizar as chances de falhas na gravação que podem inviabilizar todo o inquérito.

---

<sup>11</sup> Sobre a aplicação de álbuns de figuras, destacamos que esses podem ser impressos ou digitais, por meio de tablets, por exemplo, todavia, ressaltamos a importância de o pesquisador atentar para o fato de alguns equipamentos poderem inibir e/ou criar certo distanciamento entre inquiridor e informante, o que não é desejável.

<sup>12</sup> Não cabe aqui opinar sobre tipo ou modelo de gravador a ser utilizado, devendo o pesquisador analisar as condições e disponibilidade financeiras e as necessidades do trabalho como um todo, haja vista a infinidade de equipamentos existentes no mercado atual.

Também como recurso auxiliar, mostra-se relevante o preenchimento de uma ficha do informante, na qual devem ser registradas as informações pessoais de cada participante, incluindo domicílio atual e anteriores, idade, escolaridade, profissão, atividades desenvolvidas junto à comunidade, preferências de lazer, assim como percepções do inquiridor sobre o informante e o ambiente no momento da realização do inquérito, por exemplo, espontaneidade, postura do informante, características do ambiente, dentre outros aspectos que se mostrem relevantes para cada pesquisa. Destacamos que o registro desses dados é valioso, uma vez que agrega informações que podem contribuir para certos entendimentos do material documentado em áudio.

#### 3.1.1.6 *Técnicas de coleta de dados*

Como bem afirmam Figueiredo Jr. *et al.* (2021, p. 6), “não só os instrumentos de levantamento de dados devem estar bem ajustados com os objetivos da pesquisa, mas também as técnicas de elicitação precisam ser bem definidas”.

Hoje não se discute mais a importância da coleta de dados *in loco*, o que está em pauta e em constante aperfeiçoamento são as técnicas empregadas para a obtenção desses dados, que também se refletem em sua organização e tratamento.

A seguir, relacionamos algumas das técnicas que vêm sendo aplicadas em muitos atlas e pesquisas geolingüísticas:

Quadro 5 – Técnicas de coleta de dados geolinguísticos

<b>TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS GEOLINGUÍSTICOS</b>	
TÉCNICA DA PLURALIDADE SIMULTÂNEA, SUCESSIVA OU DE VÁRIAS VIAS	Assegura a pluralidade dos informantes (RADTKE; THUN, 1996), pressupondo a presença de vários informantes durante a aplicação do inquérito (pluralidade simultânea), a aplicação de partes do questionário para informantes distintos, porém com mesmo perfil (pluralidade sucessiva), e a aplicação de todo o questionário em informantes separadamente (pluralidade de várias vias)
TÉCNICA EM TRÊS TEMPOS	Técnica desenvolvida por Thun (2000) que consiste em perguntar, insistir e sugerir
TÉCNICA DE ENTREVISTA ORIENTADA À CONTUNDÊNCIA RESPONSIVA/ANUENTE	Desenvolvida por Figueiredo Jr. (2019) em sua tese de doutorado com base na técnica de três tempos
TÉCNICA DE EFEITO TRÍPLICE	Recém elaborada por Figueiredo Jr. <i>et al.</i> (2021), englobando aspectos da técnica de três tempos e da técnica de entrevista orientada à contundência responsiva/anuente

Fonte: Elaborado pela autora.

Portanto, levando em conta as particularidades de cada estudo, salientamos que cabe ao pesquisador, dentre as técnicas já conhecidas, averiguar qual melhor se relaciona com seus objetivos, podendo aplicá-la tal qual foi concebida, adaptá-la para suas necessidades ou, ainda, desenvolver seu próprio método.

### 3.1.1.7 *Treinamento dos agentes atuantes na coleta de dados*

Tão significativo quanto as demais etapas explanadas até o momento é o treinamento dos agentes que atuarão na pesquisa empírica, tendo em vista que nada vale a tomada de uma série de decisões se não aplicadas e bem executadas.

O primeiro passo, portanto, é definir quais serão os agentes atuantes na coleta de dados. Idealmente, sugerimos a presença de um inquiridor, responsável por formular as questões e manter o diálogo direto com o informante; de um auxiliar, que apoiará o inquiridor na reformulação de questões, no controle dos itens que precisarão ser retomados e em demais demandas a favor do bom andamento do inquérito; e de um auxiliar técnico, que ficará responsável pelos equipamentos de gravação de áudio, por fazer registros fotográficos e tomar

nota de possíveis detalhes que fujam à atenção dos outros agentes que estão com foco direto no levantamento de dados<sup>13</sup>.

Definidos os agentes, esses devem ser familiarizados com o material a ser aplicado. Dessa forma, cabem diversas leituras críticas e atentas dos questionários, assim como a audição, se possível, de inquéritos já realizados para fins de outros atlas, tendo em vista que, conforme Ferreira e Cardoso (1994, p. 33),

a experiência de inquéritos realizados pode, e deve, ser fartamente aproveitada em, pelo menos, dois sentidos: no que permite de conhecimento de formas de alcançar-se maior êxito e melhor rendimento na aplicação de um questionário ou na realização de uma entrevista visando a análise linguística; e no fato de demonstrar-se, ao vivo, todo e qualquer tipo de falha cometida, permitindo, assim, que se estudem os meios de evitar tais dificuldades.

Sendo assim, destacamos a importância de um treinamento conjunto para que todos os membros estejam alinhados e saibam reagir, nos momentos oportunos, em benefício da recolha dos dados, porém sempre tendo em mente que falhas podem acontecer e que, se necessário, há a possibilidade de voltar a campo (CARDOSO, 2010).

### **3.1.2 Coleta de dados**

A coleta de dados pressupõe a ida a campo, a localização dos informantes e a aplicação dos instrumentos elaborados para a recolha das informações. Este é o momento em que se executa e se coloca em prática tudo o que foi delineado no momento da pré-coleta.

A “Coleta de dados” se inicia com o planejamento da viagem para acessar as localidades definidas como pontos de inquérito. A partir do que bem afirmam Ferreira e Cardoso (1994), apesar das inúmeras possibilidades de locomoção e de acesso até mesmo a localidades remotas ou distantes de centros urbanos, ainda se faz necessário um planejamento logístico e econômico que viabilize a realização da pesquisa.

No que diz respeito à localização e à abordagem dos informantes, atualmente, inúmeras são as possibilidades, podendo ser realizados contatos prévios, anteriores à ida a campo, ou já na localidade. Dessa forma, no mundo globalizado em que vivemos, sabemos que contatar pessoas ficou muito mais fácil, principalmente por meio das redes sociais, o que se mostra como uma alternativa na busca pelos informantes. Entretanto, salientamos que uma das

---

<sup>13</sup> Salientamos que muitas vezes a realidade não condiz com o que é o ideal, assim, cabe a cada pesquisador definir quais serão os agentes atuantes em sua pesquisa e prepará-los da melhor forma possível para que, de alguma forma, todas as funções sejam desempenhadas e a coleta não seja prejudicada.

maneiras mais profícuas de adentrar a comunidade é por meio de alguém que já faça parte dela. A ajuda de uma pessoa que pertença àquele meio e seja intermediária entre o pesquisador e o possível informante é valiosa.

Ademais, cabe ressaltar que também se mostra relevante o contato prévio com instituições públicas que, porventura, possam vir a colaborar, como secretarias de cultura, de educação, centros de assistência social, museus, entre outros, os quais já podem ser identificados na etapa de realização de estudos prévios.

Contudo, cientes de que encontrar o informante com o perfil estabelecido não é uma tarefa fácil, às vezes é diretamente na localidade que esse objetivo se concretizará. Nesse sentido, cabe ao pesquisador aguçar sua proatividade e, dentro do contexto inserido, buscar as mais diversas estratégias que o levem ao sujeito buscado. Portanto, sugerimos que, ao chegar em determinado ponto de inquérito, o investigador procure identificar, além das instituições já mencionadas, pessoas que desempenhem algum tipo de liderança local, como presidentes de bairro, de clubes ou associações, entre outros.

Encontrado o informante, o inquiridor deve se apresentar, dizer o seu objetivo e como funcionará o inquérito, sempre respeitando o informante e deixando-o o mais à vontade possível, o que é facilitado quando o contato seja intermediado por uma pessoa da localidade.

Para a realização do inquérito, Montes Giraldo (1987) defende que o melhor lugar é a casa do informante, pelo fato de ele estar em um ambiente que lhe é confortável. Entretanto, caso não seja possível, ao buscar um local, o pesquisador precisa estar atento a alguns detalhes que, se passados despercebidos, podem vir a comprometer a gravação. Assim, sugerimos lugares mais silenciosos, que não sejam ambientes vazios e que não proporcionem a dispersão dos envolvidos.

Quanto à aplicação dos instrumentos de coleta, reforçamos a importância do treinamento dos agentes de pesquisa, bem como da delimitação da técnica a ser utilizada, no intuito de obter um padrão metodológico. Neste momento, cabe a cada agente ficar atento às suas funções, visando sempre ao bom andamento do inquérito.

Por fim, destacamos a importância de, ainda nesta etapa, realizar uma conferência do material coletado, analisando a qualidade de gravação. Havendo algum problema, que possa ser corrigido. E se tudo ocorreu como o esperado, o pesquisador deve armazenar os áudios, preferencialmente, em mais de uma mídia.

### 3.1.3 Pós-coleta de dados

Findado o trabalho em campo, o pesquisador volta-se exclusivamente às atividades em gabinete, momento este que chamamos de “Pós-coleta de dados”, no qual se procede à formação de banco de dados, à apreciação do material coletado, à transcrição, ao tratamento dos dados, à cartografia e à análise e exegese e ao tratamento dos resultados, passos esses que explanamos a seguir.

#### 3.1.3.1 Formação de banco de dados

Uma das tarefas ao retornar da pesquisa de campo é a formação do banco de dados, que engloba todo o processo de transcrição e revisão, bem como a organização do corpus, incluindo as gravações, os dados transcritos, as fotografias e quaisquer outros materiais que se mostrem relevantes.

No início dos estudos geolinguísticos no Brasil, a transcrição fonética era realizada *in loco*, tendo em vista a escassez de recursos que proporcionassem uma boa captação do som para posterior análise. Todavia, hoje em dia não há mais essa necessidade, podendo o pesquisador voltar ao dado quantas vezes julgar necessário.

O primeiro passo para começar o processo de transcrição é estabelecer as normas que deverão ser seguidas por todos os transcritores<sup>14</sup>, sempre buscando uma padronização. Dessa forma, cabe ao pesquisador delimitar, entre outros aspectos que julgar apropriado:

- O que será objeto de transcrição grafemática e o que deverá ter a correspondente transcrição fonética.
- Quais as nuances que serão marcadas foneticamente.
- Quais os fatos fônicos que deverão ser representados grafematicamente.
- Como será transcrita a fala do inquiridor.
- Como proceder com as respostas que foram obtidas fora de ordem e com as que não foram obtidas ou não respondidas.
- Qual a fonte e tamanho a serem utilizadas, tanto para a transcrição grafemática quanto para a fonética.
- Como será a formatação dos arquivos em que os dados serão transcritos.

---

<sup>14</sup> Diante da importância do ALiB, sugerimos que o pesquisador tome conhecimento das normas de transcrição estabelecidas para o Atlas, as quais se consolidaram na ocasião do V WORKALiB, que aconteceu em Salvador-BA, no ano de 2005.

- Se haverá um cabeçalho apresentando as principais informações referentes ao inquérito (nome da pesquisa, data de realização do inquérito, nome e número do ponto, nome e número do informante, nome do transcritor e do revisor, data de início da transcrição e da revisão etc.).

Estipuladas as normas e desenvolvido o arquivo matriz, o próximo passo é iniciar, de fato, a transcrição, que deve ser realizada por profissional competente, do qual se espera amplo conhecimento linguístico, especialmente fonético. Depois, já em posse da transcrição finalizada, sugerimos que seja feita ao menos uma revisão por profissional distinto, com o propósito de que as informações registradas sejam validadas.

No que tange à organização do corpus, sabemos que com o passar do tempo os recursos e os meios de catalogação e arquivamento dos materiais se alteraram. Nesse sentido, hoje, é inquestionável a necessidade de o arquivamento dos materiais ser feito em ambiente virtual, o que facilita o acesso, a disponibilização, o manuseio e até mesmo a manutenção dos dados. Assim, sugerimos que os arquivos sejam alocados em mais de um local, sendo um deles a nuvem, proporcionando maior segurança contra possíveis falhas em equipamentos físicos.

Para a catalogação, recomendamos que ela seja feita com vistas a facilitar o acesso aos materiais, pois quanto mais organizado e detalhado for, melhor. Nesse contexto, se o armazenamento ainda não estiver sendo feito em site ou repositório on-line próprio, a identificação das pastas e subpastas é fundamental.

Por fim, cabe mencionar que, embora muitos tenham sido os avanços tecnológicos, atualmente os pesquisadores que formam corpora geolinguísticos ainda possuem dificuldades em estabelecer qual o melhor modo para organizar, arquivar e disponibilizar os dados virtualmente, tendo em vista, principalmente, os custos para arcar com um repositório próprio, e/ou com profissionais competentes que possam desenvolver e alimentar ferramentas específicas, o que nos leva a pensar sobre a importância de um diálogo maior dentro das universidades que proporcione parcerias entre as áreas de Humanas e as Engenharias e a Computação, por exemplo.

### *3.1.3.2 Cartografiação e exegeze dos dados*

Com os dados transcritos e revisados, passa-se para a etapa de apreciação do material coletado, cabendo ao pesquisador observar quais são os fenômenos linguísticos que realmente se mostraram representativos e devem ser cartografados, sempre tendo em mente que o estabelecimento de possíveis áreas linguísticas ocorre a partir da variação existente em

determinado território geográfico. Ademais, cabe salientar, em consonância com Ferreira (1998, p. 21), ao tratar sobre a elaboração das cartas do Atlas Prévio dos Falares Baianos, que

[...] fazer uma carta não é mero trabalho de transposição das respostas fornecidas para um cartograma. Longe disso. É selecionar as respostas coerentes com as perguntas, o que muitas vezes leva à ampla discussão, inclusive porque não são raros os mal-entendidos entre informante e inquiridor, principalmente a depender do tipo de conteúdo das perguntas [...].

Sendo assim, para definir, de fato, as respostas que são válidas, o pesquisador precisará levar em consideração a técnica delimitada para a coleta, assim como estabelecer critérios que o auxiliarão na apreciação das respostas obtidas.

No que tange à cartografia, averiguamos uma evolução nos estudos brasileiros, uma vez que, nos primeiros atlas, o trabalho era artesanal e, atualmente, beneficia-se da informatização. Para exemplificar, a seguir, apresentamos quatro cartas linguísticas, as primeiras referentes a dois dos primeiros atlas brasileiros, Atlas Prévio dos Falares Baianos e Atlas Linguístico do Paraná, respectivamente, e as duas últimas mais recentes, uma pertencente ao Atlas Linguístico do Brasil e outra ao Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins.

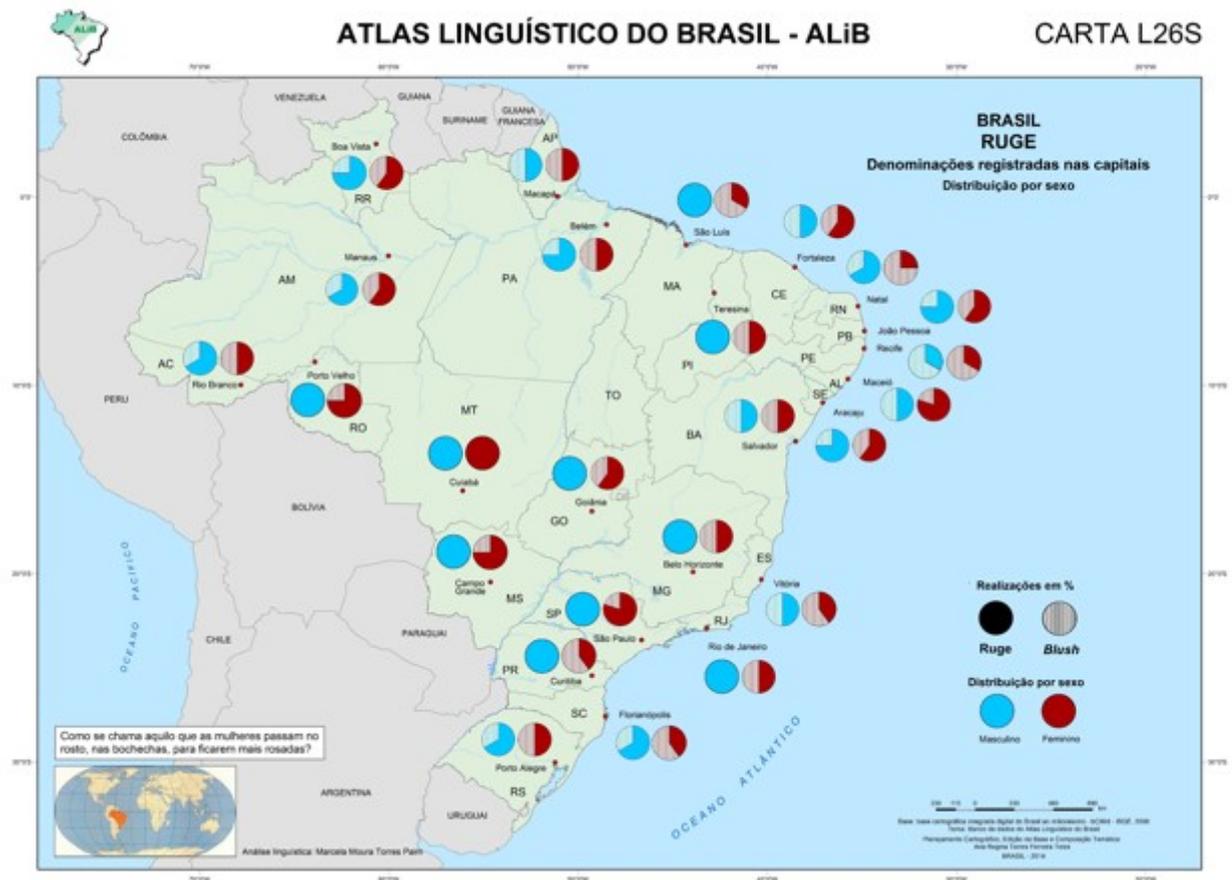
Figura 7 – Carta nº 23 do Atlas Prévio dos Falares Baianos



Fonte: Ferreira (1998, p. 27).

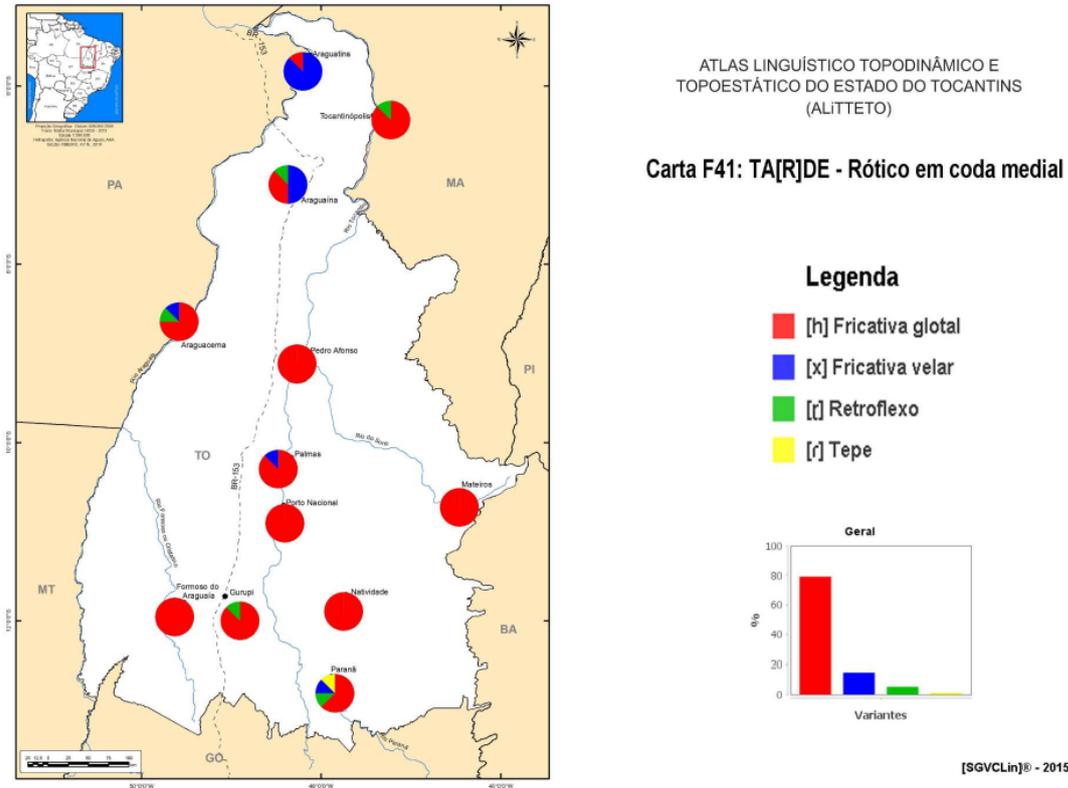


Figura 9 – Carta L26S do Atlas Linguístico do Brasil



Fonte: Cardoso *et al.* (2014).

Figura 10 – Carta F41 do Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins



Fonte: Silva (2018).

Diante dessas cartas, observamos que as elaborações contemporâneas vêm sendo realizadas no meio digital, amparadas pelos princípios da Cartografia<sup>15</sup> e da Computação, o que, muitas vezes, leva o pesquisador a terceirizar esta etapa do trabalho. Nesse sentido, Romano, Seabra e Oliveira (2014, p. 123), ao se referirem à realidade brasileira, afirmam que

em geral, observa-se, no cenário nacional, que a etapa de cartografia linguística, passo importante para a construção do atlas linguísticos, é realizada, em sua maioria, por profissionais ou da área da Geografia, que possuem conhecimentos específicos de cartografia e de SIG (Sistemas de Informação Geográfica) ou por designers gráficos, pessoas habilitadas a trabalhar com softwares de edição de imagens. Raramente o próprio linguista produz suas cartas devido a dois motivos fundamentais: (i) pelo grande conjunto de dados a ser analisado e estudado, que exige amplo investimento de tempo e (ii) pela falta de conhecimentos computacionais de softwares de edição e geração de imagens.

<sup>15</sup> Conforme o IBGE ([s.d.]), a Cartografia “é um conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que [...] visa à elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão gráfica ou representação de objetos, elementos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como sua utilização”.

Com a consciência de que a cartografia linguística vai muito além da simples transposição de dados em mapas e da importância do geolinguista nesta fase da pesquisa, na década de 1990, estudiosos brasileiros, como Hilda Gomes Vieira, despenderam esforços para o desenvolvimento de programas e bancos de dados com o objetivo de uniformizar e agilizar o tratamento dos dados, já que a maior parte do trabalho poderia ser desempenhado pelo próprio pesquisador. Entretanto, na época, o projeto foi pouco difundido e, posteriormente, descontinuado, sendo utilizado apenas em algumas pesquisas, por exemplo, no Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul e na tese de Margotti (2004)<sup>16</sup>.

Anos depois, outras iniciativas visando a formas mais modernas de disponibilização e apresentação dos dados também foram desenvolvidas, tais quais a aplicada no Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA). Sobre o tema, Seabra, Oliveira e Romano (2015) destacam que, apesar do grande avanço que essas novas possibilidades de cartografia linguística proporcionam para a Geolinguística brasileira, elas se limitam e atuam pontualmente como soluções e inovações de projetos específicos, não se difundindo amplamente para a comunidade.

Diante, portanto, desta demanda, estabelecendo parcerias com profissionais da Computação, Romano (2015), em sua tese de doutorado, desenvolveu o *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas (SGVCLin)*, com o objetivo de facilitar a etapa de cartografia por meio de uma interface intuitiva, na qual o próprio linguista é capaz de alimentar seu banco de dados, gerar relatórios e elaborar suas cartas, necessitando de um geógrafo apenas para a confecção de uma carta base georreferenciada.

Desde a criação da ferramenta, diversos atlas, principalmente os denominados por Romano (2020) como de pequeno domínio, a utilizaram, como o Atlas Morfossintático da Microrregião do Madeira (AMSIMA), o Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO), o Atlas Linguístico do Sul Amazonense (ALSAM), o Atlas Linguístico dos Sertões Cearenses (ALSCE) e o Atlas Linguístico do Norte Pioneiro do Paraná (ALiNPiPR), bem como tantos outros artigos publicados em periódicos, nos levando a inferir que o desenvolvimento de recursos tecnológicos voltados para o fazer geolinguístico se apresenta como mais um indicativo da existência de uma metodologia própria deste ramo dos estudos dialetais.

---

<sup>16</sup> Paralelamente a isso, cabe ressaltar também o desenvolvimento do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul, sexto atlas publicado no Brasil, trazendo consigo a inovação de ser o primeiro atlas a utilizar um programa de cartografia digital. Mais informações sobre a cartografia do ALERS (2011, p. 28) podem ser consultadas em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/232185/000816277.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

Isso posto, atualmente, há a possibilidade de o linguista decidir se terceirizará o processo de cartografia ou se ele mesmo o fará. No entanto, destacamos a importância da participação ativa do pesquisador linguista em todas as etapas, tendo em vista que muitos aspectos observados ao longo do trabalho podem contribuir para elucidações posteriores.

Determinado o software ou a tecnologia a ser utilizada para a geração das cartas, o pesquisador passa a tomar outras decisões, por exemplo, o layout das informações contidas na carta base, quais tipos de mapa apresentar (analíticos, sintéticos, sintético-analíticos<sup>17</sup>), como se dará a ordenação desse material, entre outras. Suscintamente, em relação à escolha do tipo de mapa a ser apresentado, Chambers e Trudgill (1994) defendem a utilização dos diferentes tipos de mapas, tendo em vista que cada um possibilita uma visão diferente do dado.

Por fim, após a geração de todo o material cartográfico, o pesquisador chega à última etapa do fazer geolinguístico, ou então ao início de um novo trabalho, como sugerem Ferreira e Cardoso (1994, p. 36), pois depois de colocados os dados em mapas “[...] começam todas as possibilidades de investigação sobre a região em si mesma e/ou em confronto com outras, com a utilização do que no atlas se tem documentado”. Neste momento, portanto, o pesquisador busca interpretar uma gama de informações, recorrendo muitas vezes a diversas outras esferas do conhecimento, a fim de elucidar da melhor maneira a realidade dialetal de um território, ultrapassando o puramente linguístico e revelando aspectos sociais, culturais e históricos.

Em geral, os dados recolhidos para a elaboração de um atlas linguístico não se esgotam em uma dezena de trabalhos para periódicos ou então em sua primeira publicação, podendo o material ser explorado por diferentes pesquisadores, em um longo período de tempo, e sob diferentes perspectivas, fonéticas, lexicais, morfossintáticas, prosódicas etc., até que se tenha uma ampla descrição da área investigada, a qual possa vir a contribuir para o campo Geolinguístico como um todo, assim como para outras esferas, como a de ensino da(s) língua(s), evidenciando mais uma vez suas possíveis interfaces.

Tecidas todas essas considerações, concluímos este capítulo reafirmando que, atualmente, a Geolinguística vai além de um método, devendo ser encarada enquanto um ramo

---

<sup>17</sup> Conforme Montes Giraldo (1987), mapas analíticos são aqueles que em cada ponto há a transcrição das respostas; sintéticos são os que, geralmente, englobam mais de um fenômeno que se dá de igual modo em um território e formam zonas de falares; já os sintético-analíticos mesclam esses dois tipos, não apresentando a transcrição em cada ponto, mas possuindo um símbolo correspondente a cada variante, podendo, assim, mostrar as respostas de cada localidade, porém sem sua transcrição literal.

Ressaltamos que na literatura há divergências quanto a nomenclatura empregada para cada mapa e que no SGVCLin tem-se empregado os termos carta diatópica (correspondente aos mapas sintético-analíticos) e carta de arealidade (correspondente aos mapas sintéticos), podendo as cartas diatópicas serem pluridimensionais.

dos estudos dialetológicos, uma vez que, como apresentado, vai muito além da representação de dados em mapas. Nesse sentido, reafirmamos a existência de diferentes momentos de uma pesquisa desse cunho, os quais englobam etapas e processos próprios que se interligam e constituem o fazer geolinguístico, para o qual, atualmente, há uma gama de pressupostos teórico-metodológicos bem delineados, tais como os mostrados e adotados nesta tese.

## 4 PRINCÍPIOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta os princípios e caminhos metodológicos adotados para a constituição do banco de dados fonético-fonológicos, morfossintáticos e semântico-lexicais do português no espaço geográfico de uma das rotas percorridas durante o Tropeirismo, o qual subsidiará a elaboração do Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros.

Com o intuito de atingir os objetivos propostos, esta tese adotou como base os pressupostos metodológicos da Geolinguística Pluridimensional (THUN, 1998), a qual se caracteriza pela manutenção do eixo horizontal (dimensão diatópica), a exemplo do que se fez tradicionalmente desde o *Atlas Linguístico da França* (ALF), e pela inclusão do eixo vertical (dimensão diastrática), entre outras dimensões sociolinguísticas (BASSI; MARGOTTI, 2012; THUN, 2010; ALTENHOFEN, 2013).

Conforme Cardoso (2010, p. 89), “a pesquisa de cunho dialetal se fundamenta em um tripé básico: a rede de pontos, os informantes e os questionários, cujo estabelecimento se molda sob diferentes perspectivas, orientadas por procedimentos teóricos também variados”. Desse modo, ressaltamos que, para a delimitação desses aspectos, como o Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros engloba os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, tomamos como norte os atlas já existentes que recobrem o mesmo território ou parte dele, a saber: *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR), *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS) e *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), além de outros estudos sobre variação e contato linguístico.

Posto isso, a seguir, descrevemos os componentes metodológicos do trabalho, sendo eles: a área linguística investigada e a composição da rede de pontos, o perfil dos informantes, os instrumentos de coleta de dados, o processo de formação do banco de dados e, por fim, a cartografia.

### 4.1 A ÁREA INVESTIGADA E A COMPOSIÇÃO DA REDE DE PONTOS

A área investigada nos estudos geolinguísticos diz respeito, tradicionalmente, à área geográfica de abrangência ou a características linguísticas, por exemplo, estudos com foco em bilinguismo ou línguas em contato. Esta pesquisa, por sua vez, estabeleceu sua área linguística a partir de um acontecimento histórico-econômico, o Tropeirismo, e, conseqüentemente, da área geográfica em que ele se desenvolveu, a qual engloba a Região Sul e parte da Região Sudeste no estado de São Paulo.

Apesar de as migrações sempre se manterem em direção norte e sul e vice-versa, ao longo dos anos em que as atividades tropeiras aconteceram, diferentes rotas foram percorridas. Em vista disso, destaca-se que esta pesquisa contemplou a rota conhecida como *Caminho da Vacaria dos Pinhais*<sup>18</sup>, considerada, de algum modo, a rota com maior tempo de utilização e a mais representativa, tendo em vista que, conforme Brum (1999), após a expulsão dos jesuítas, desenvolveu-se a ocupação das Missões com os povoados que se criavam em torno dos pousos das tropas.

Assim, deixou-se de cruzar o Rio Grande do Sul transversalmente e adotou-se o percurso São Borja, Santo Ângelo, Cruz Alta, Carazinho, Passo Fundo, Lagoa Vermelha, Vacaria. Depois de Vacaria, rumo ao destino das conduções que visavam à feira de muares, este caminho encontrava-se com o da antiga rota e seguia por Passo de Santa Vitória, Lages, Rio Negro, Lapa, Ponta Grossa, Castro, Itararé, Itapeva, Itapetininga, Araçoiaba da Serra até chegar em Sorocaba (BRUM, 1999).

Conhecendo a área linguística abrangida, o primeiro passo para a composição da rede de pontos foi mensurar sua densidade, obedecendo à exequibilidade no período compreendido por uma pesquisa de doutorado. Sendo assim, delimitamos três localidades por estado, totalizando 12 pontos de inquérito.

Depois, procedemos a um estudo da região e dos locais por onde os tropeiros passaram e, tendo como referência a rota *Caminho da Vacaria dos Pinhais*, as localidades foram selecionadas levando em consideração o povoamento e a significativa influência tropeira, na maioria dos casos, averiguada até hoje. Sendo assim, vale destacar que grande parte das localidades que se configuraram como pouso tropeiro tiveram seu povoamento, em maior ou menor escala, influenciado pelo acontecimento, uma vez que indivíduos iam se fixando e até mesmo ofertando serviços que atendessem as necessidades dos que por ali passavam, o que se reflete no fato de em muitos dos pontos de inquérito ainda hoje existir a preservação da cultura tropeira, que pode ser confirmada pela existência de museus tropeiros, como o de Castro-PR, por exemplo, centro de tradições, clubes etc.

Feita a seleção, os pontos foram numerados de 1 a 12, em ordem crescente, iniciando no ponto mais ao sul (Cruz Alta) e terminando no ponto mais ao norte (Sorocaba), destino das

---

<sup>18</sup> O Caminho das Missões consolidou-se após a expulsão dos jesuítas, quando as tropas se deslocaram mais para o Oeste do Rio Grande do Sul, o que está descrito no capítulo “Contextualização histórico-linguística do estudo: o Tropeirismo em foco”, assim como pode ser encontrado, de forma pormenorizada em Brum (1999), que apresenta as rotas percorridas pelas tropas de Santa Fé (Argentina) até Sorocaba.

tropas que saíam do Rio Grande do Sul. O Quadro 6 apresenta a rede de pontos com a devida numeração.

Quadro 6 – Pontos de inquérito numerados

<b>Nº do ponto</b>	<b>Localidade</b>	<b>Estado</b>
1	Cruz Alta	Rio Grande do Sul
2	Passo Fundo	Rio Grande do Sul
3	Vacaria	Rio Grande do Sul
4	Lages	Santa Catarina
5	Curitibanos	Santa Catarina
6	Mafra	Santa Catarina
7	Lapa	Paraná
8	Palmeira	Paraná
9	Castro	Paraná
10	Itararé	São Paulo
11	Itapetininga	São Paulo
12	Sorocaba	São Paulo

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, as localidades elegidas são apresentadas mais detalhadamente em quadros separados por estado, expondo, além do número e nome do ponto, o ano de fundação, a população total, a população urbana e rural e um breve histórico<sup>19</sup>.

<sup>19</sup> Informações obtidas no site do IBGE com base no censo de 2010 e no site das prefeituras municipais.

Quadro 7 – Caracterização dos pontos de inquérito do Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros no Rio Grande do Sul

Nº do ponto	Cidade	Estado
1	Cruz Alta	Rio Grande do Sul
<p><b>Fundação:</b> 1821</p> <p><b>População:</b> 62.821 pessoas</p> <p><b>População urbana:</b> 60.594 pessoas</p> <p><b>População rural:</b> 2.227 pessoas</p> <p><b>Breve histórico:</b> Antigo ponto de internada e pouso de tropeiros provenientes da Argentina e do Uruguai que se destinavam à Feira de Sorocaba para a comercialização de animais. Por se consolidar como um Pouso Tropeiro no final do século XVIII, muitos passaram a residir nas proximidades e, em 1821, a partir de uma petição popular fundou-se o município.</p>		
2	Passo Fundo	Rio Grande do Sul
<p><b>Fundação:</b> 1827</p> <p><b>População:</b> 184.826 pessoas</p> <p><b>População urbana:</b> 180.120 pessoas</p> <p><b>População rural:</b> 4.706 pessoas</p> <p><b>Breve histórico:</b> Território habitado pelas tribos indígenas Tapes e Kaingangs, tornou-se pouso obrigatório dos tropeiros que cruzavam as fronteiras do Sul rumo a Sorocaba por questão de segurança, tendo em vista os ataques de índios às tropas nos trechos de matagal. A partir de 1827 passou a receber colonizadores luso-brasileiros vindos da província de São Paulo.</p>		
3	Vacaria	Rio Grande do Sul
<p><b>Fundação:</b> 1850 (elevada à categoria de cidade)</p> <p><b>População:</b> 61.342 pessoas</p> <p><b>População urbana:</b> 57.339 pessoas</p> <p><b>População rural:</b> 4.003 pessoas</p> <p><b>Breve histórico:</b> Integrante da região onde os jesuítas deixavam os gados trazidos das Missões se criarem soltos, serviu de passagem para os tropeiros.</p>		

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 8 – Caracterização dos pontos de inquérito do Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros em Santa Catarina

Nº do ponto	Cidade	Estado
4	Lages	Santa Catarina
<p><b>Fundação:</b> 1766</p> <p><b>População:</b> 156.727 pessoas</p> <p><b>População urbana:</b> 153.937 pessoas</p> <p><b>População rural:</b> 2.790 pessoas</p> <p><b>Breve histórico:</b> Fundada por bandeirantes paulistas, inicialmente servia de pouso para os que percorriam a rota comercial entre São Paulo e o Rio Grande do Sul, dentre eles os tropeiros. Foi batizada inicialmente como Nossa Senhora dos Prazeres dos Campos das Lajes devido à abundância da pedra laje na região.</p>		
5	Curitibanos	Santa Catarina
<p><b>Fundação:</b> 1864 (torna-se distrito subordinado ao município de Lages)</p> <p><b>População:</b> 37.748 pessoas</p> <p><b>População urbana:</b> 34.769 pessoas</p> <p><b>População rural:</b> 2.979 pessoas</p> <p><b>Breve histórico:</b> Antigo pouso de tropeiros, com grande influência de Lages, que foi palco de inúmeros acontecimentos históricos, dentre eles Tropeirismo, Revolução Farroupilha, Revolução Federalista e Guerra do Contestado.</p>		
6	Mafra	Santa Catarina
<p><b>Fundação:</b> 1917 (torna-se distrito subordinado ao município de Rio Negro/PR)</p> <p><b>População:</b> 52.912 pessoas</p> <p><b>População urbana:</b> 41.318 pessoas</p> <p><b>População rural:</b> 11.594 pessoas</p> <p><b>Breve histórico:</b> A história de Mafra está estritamente relacionada à história de Rio Negro, no Paraná, tendo em vista que constituíam um núcleo cortado pelo rio que dá nome à cidade paranaense. Sua colonização se deu com a construção da Estrada da Mata que ligava Lapa-PR a Lages-SC, porém mais tarde a chegada de famílias alemãs e eslavas impulsionou o povoamento em ambas as margens do rio.</p>		

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 9 – Caracterização dos pontos de inquérito do Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros no Paraná

Nº do ponto	Cidade	Estado
7	Lapa	Paraná
<p><b>Fundação:</b> 1731</p> <p><b>População:</b> 44.932 pessoas</p> <p><b>População urbana:</b> 27.222 pessoas</p> <p><b>População rural:</b> 17.710 pessoas</p> <p><b>Breve histórico:</b> Pertencente à Estrada da Mata, trecho integrante do Caminho de Viamão, funcionava como um ponto de internada, local onde os tropeiros passavam mais tempo para a engorda do gado. Além disso, a presença do Registro de Curitiba às margens do Rio Iguaçu também fazia com que os tropeiros permanecessem por mais tempo pelas redondezas, favorecendo o povoamento do local.</p>		
8	Palmeira	Paraná
<p><b>Fundação:</b> 1819</p> <p><b>População:</b> 32.123 pessoas</p> <p><b>População urbana:</b> 19.375 pessoas</p> <p><b>População rural:</b> 12.748 pessoas</p> <p><b>Breve histórico:</b> Antigo pouso tropeiro aberto em decorrência de suas amplas pastagens favoráveis para o descanso e engorda do gado. Sua história está relacionada à da Freguesia de Tamanduá (hoje município de Campo Largo) que, devido a suas condições desfavoráveis, levou o Vigário Antônio Duarte dos Passos a estabelecer uma nova igreja, cujos fiéis foram se transferindo da freguesia para as redondezas do novo templo e originando definitivamente o povoado. Ressalta-se que sua ocupação se avolumou com a chegada dos imigrantes russos e alemães a partir de 1878.</p>		
9	Castro	Paraná
<p><b>Fundação:</b> 1704</p> <p><b>População:</b> 67.084 pessoas</p> <p><b>População urbana:</b> 49.266 pessoas</p> <p><b>População rural:</b> 17.818 pessoas</p> <p><b>Breve histórico:</b> Com o povoamento iniciado pelo regime de sesmarias, o território era passagem de tropeiros devido à abundância das pastagens e pelo fato de, ao chegarem às margens do Rio Iapó, precisarem fazer as travessias pelos pontos mais rasos do rio e, em períodos de cheias, precisarem esperar que baixasse por semanas, locais esses onde se fixaram os primeiros moradores.</p>		

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 10 – Caracterização dos pontos de inquérito do Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros em São Paulo

Nº do ponto	Cidade	Estado
10	Itararé	São Paulo
<p><b>Fundação:</b> 1725</p> <p><b>População:</b> 47.934 pessoas</p> <p><b>População urbana:</b> 44.270 pessoas</p> <p><b>População rural:</b> 3.664 pessoas</p> <p><b>Breve histórico:</b> Localidade já conhecida pelos bandeirantes, passou a ser pouso de tropeiros provenientes do Sul. A Barreira de Itararé é o ponto onde as margens do rio se encontram, o que proporcionava, devido ao seu estreitamento, que as tropas passassem de forma natural. Além disso, o Rio Itararé, nos anos de 1800, funcionava como a divisa entre o território pertencente ao que hoje corresponde a São Paulo e ao Paraná.</p>		
11	Itapetininga	São Paulo
<p><b>Fundação:</b> 1770 (criação oficial da então vila de Nossa Senhora dos Prazeres de Itapetininga)</p> <p><b>População:</b> 144.377 pessoas</p> <p><b>População urbana:</b> 131.050 pessoas</p> <p><b>População rural:</b> 13.327 pessoas</p> <p><b>Breve histórico:</b> O local funcionava como pouso tropeiro para descanso antes de seguirem viagem para o Sul, tendo em vista que a distância de Sorocaba até Itapetininga equivalia a uma jornada de tropa solta. Seu vasto pasto e terra fértil contribuíram para o povoamento da região que, inicialmente, contava com dois núcleos de tropeiros.</p>		
12	Sorocaba	São Paulo
<p><b>Fundação:</b> 1654</p> <p><b>População:</b> 586.625 pessoas</p> <p><b>População urbana:</b> 580.655 pessoas</p> <p><b>População rural:</b> 5.970 pessoas</p> <p><b>Breve histórico:</b> Região marcada tanto pelo bandeirismo quanto pelo tropeirismo. No que tange ao movimento tropeiro, a localidade sediava a grande feira de muares, funcionando como um eixo econômico onde se realizavam negócios envolvendo a produção de animais do Sul e a mineração e exploração de reservas florestais no Norte.</p>		

Fonte: Elaborado pela autora.

A fim de sintetizar as principais informações de cada ponto de inquérito, bem como de apresentar os atlas que possuem pontos coincidentes, é apresentado o Quadro 11.

Quadro 11 – Síntese das informações da rede de pontos

Nº do ponto	Localidade	Data de fundação	População	Pontos coincidentes com outros atlas
Rio Grande do Sul				
1	Cruz Alta	1821	62.821	ALERS (698)
2	Passo Fundo	1827	184.826	ALERS (648) / ALiB (236)
3	Vacaria	1850	61.342	ALERS (710) / ALiB (237)
Santa Catarina				
4	Lages	1766	156.727	ALERS (561) / ALiB (231)
5	Curitibanos	1864	37.748	ALERS (488)
6	Mafra	1917	52.912	ALERS (473)
Paraná				
7	Lapa	1731	44.932	ALPR (63) / ALERS (235) / ALiB (222)
8	Palmeira	1819	32.123	ALPR (53)
9	Castro	1704	67.084	ALPR (36) / ALERS (213)
São Paulo				
10	Itararé	1725	47.934	ALiB (181)
11	Itapetininga	1770	144.377	ALiB (177)
12	Sorocaba	1654	580.655	ALiB (178)

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do IBGE (censo de 2010).

Para fins ilustrativos, bem como de localização espacial dos pontos na rota, temos a Figura 11 que representa as principais rotas dos tropeiros desde o Rio Grande do Sul até São Paulo.

Figura 11 – Mapa da Rota dos Tropeiros com destaque para os pontos de inquérito



Fonte: Adaptado de Gazeta do Povo (2013).

Apresentada a área linguística e os pontos de inquérito estabelecidos para o Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros, o próximo tópico traz a estratificação dos informantes e o perfil formado.

#### 4.2 PERFIL DOS INFORMANTES

Com o desenvolvimento dos estudos geolinguísticos, passando de tradicional a pluridimensional, os possíveis perfis de informantes foram ampliados. Dentro desse contexto, nesta tese, estratificamos os informantes segundo as dimensões diassexual, diageracional, diazonal e diastrática, detalhadas a seguir.

No que tange à dimensão diassexual, foram contemplados ambos os sexos (masculino e feminino). Em relação à dimensão diageracional, optamos por manter o perfil etário do Projeto ALiB (faixa I - 18 a 30 anos e faixa II - 50 a 65 anos), visando à possibilidade de comparação dos resultados. Já no que diz respeito à dimensão diazonal, consideramos a área em que o informante habita (rural e urbano), dimensão essa que se faz importante nesta pesquisa, tendo em vista que, embora atualmente a maior parte da população se constitua urbana, o Tropeirismo se deu em um contexto rural.

No que tange à área habitacional do informante, ressaltamos que levamos em conta, para definir como pertencentes ao ambiente rural, os indivíduos que tenham nascido em área rural pertencente à microrregião do ponto de pesquisa, moram afastados a, no mínimo, quatro quilômetros de área urbana e se dedicam a atividades agropastoris. Já como urbanos, consideramos aqueles sujeitos que nasceram na área urbana do ponto pesquisado ou de cidade da microrregião, que sempre moraram na cidade e nela trabalham, ou ainda aqueles que, embora tenham ligação com a área rural, desenvolvam a maior parte de suas atividades no contexto urbano<sup>20</sup>.

Sobre a dimensão diastrática, optamos por fazer a estratificação associada à dimensão diazonal, aos informantes rurais e urbanos. Assim, definimos como escolaridade mínima, para os informantes rurais, o Ensino Fundamental I completo (antiga 4ª série) e, no máximo, o Ensino Médio completo. Já para os informantes urbanos, no mínimo o Ensino Médio incompleto e no máximo graduação.

Além da estratificação, definimos também alguns critérios norteadores para a escolha dos informantes. Dessa forma, com o intuito de assegurar a representatividade dos pontos de inquérito, o informante deve preferencialmente:

- Ser natural da localidade investigada;
- Ter pais também naturais da localidade;
- Não ter se afastado da localidade, ou, se tiver, por período menor que o equivalente a 10% de sua idade atual;
- Possuir alguma relação com a criação ou manejo de equinos e bovinos;
- Apresentar boas condições de fonação;

---

<sup>20</sup> Destacamos que essa característica foi incluída pelo fato de termos nos deparado, em algumas localidades, com informantes que vivem em uma área considerada rural, porém todas as suas atividades são realizadas na cidade, voltando para casa, muitas vezes, apenas para passar a noite, o que não faz dele, ao nosso ver, um indivíduo representativo do ambiente campeiro.

- Ser comunicativo, desenvolver atividades sociais e possuir envolvimento com a comunidade.

Sobre o critério *possuir alguma relação com a criação ou manejo de equinos e bovinos*, aqui encarado como um critério sócio-histórico, salientamos que ele é de fundamental importância, pois proporciona a seleção de informantes que possuem uma maior ligação com o Tropeirismo, ou com a cultura dele herdada, mesmo que indiretamente, enriquecendo os dados coletados, principalmente no tocante às questões de cunho mais etnográfico.

Para fins metodológicos e de identificação dos informantes, que perfazem o total de 96, estabelecemos uma ordem numérica para os perfis, a qual vai de 1 a 8 em cada um dos pontos, conforme ilustra o quadro a seguir:

Quadro 12 – Perfil dos informantes

Nº	SEXO	FAIXA ETÁRIA	ÁREA HABITACIONAL	ESCOLARIDADE
1	Homem	Faixa I (18 a 30 anos)	Rural	E. Fundamental I completo – E. Médio completo
2	Mulher	Faixa I (18 a 30 anos)	Rural	E. Fundamental I completo – E. Médio completo
3	Homem	Faixa II (50 a 65 anos)	Rural	E. Fundamental I completo – E. Médio completo
4	Mulher	Faixa II (50 a 65 anos)	Rural	E. Fundamental I completo – E. Médio completo
5	Homem	Faixa I (18 a 30 anos)	Urbano	E. Médio incompleto – Graduação
6	Mulher	Faixa I (18 a 30 anos)	Urbano	E. Médio incompleto – Graduação
7	Homem	Faixa II (50 a 65 anos)	Urbano	E. Médio incompleto – Graduação
8	Mulher	Faixa II (50 a 65 anos)	Urbano	E. Médio incompleto – Graduação

Fonte: Elaborado pela autora.

Por fim, acreditamos ser importante mencionar que, em relação à escolaridade, a princípio, estabelecemos, para os informantes rurais, no máximo, Ensino Médio Incompleto, todavia, diante da dificuldade em localizar, principalmente, pessoas da faixa etária I com esse

nível de escolaridade, precisamos ampliar a estratificação. A esse respeito, observamos que no Brasil, ao menos na Região Sul por onde passamos, há um amplo incentivo à conclusão do Ensino Médio, havendo em cidades como Lages-SC escolas itinerantes que vão semanalmente para as comunidades mais afastadas, o que dificultou, em um primeiro momento, a localização desse perfil.

#### 4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Tomando como princípio de que “toda investigação dialetal parte da apreciação, em campo, de dados sobre os quais se quer trabalhar” (BRANDÃO, 1991, p. 29), a recolha de dados possui papel fundamental.

Desde o início dos estudos geolinguísticos, diferentes técnicas foram empregadas, desde o levantamento de palavras e/ou expressões sem planejamento, ou seja, sem um questionário (SILVA NETO, 1957), até os inquéritos por correspondência ou *in loco*. Com o aprimoramento metodológico, há muito se reconhece a importância da técnica de inquéritos *in loco*, podendo ter como recursos a aplicação de questionário ou o registro de conversa livre (FERREIRA; CARDOSO, 1994; CARDOSO, 2010).

Para a obtenção de um material o mais homogêneo possível e acima de tudo passível de comparação, a aplicação de questionários se apresenta como o ideal, entretanto, o uso apenas desse instrumento pode inibir que o vernáculo emerja. Por isso, estudiosos como Brandão (1991) e Ferreira e Cardoso (1994) recomendam a associação deste instrumento com o registro de conversa livre.

Como já mencionado nesta tese, para a formulação de um questionário é imprescindível definir com clareza os objetivos propostos, bem como conhecer e se apropriar de estudos já realizados na área linguística investigada, para que se tenha um material sólido que revele de fato a realidade linguística dos espaços e das comunidades investigados.

Dessa forma, na elaboração dos instrumentos de coleta de dados desta pesquisa, levamos em consideração os atlas linguísticos já existentes, que recobrem toda a área de interesse ou parte dela, tendo como base, principalmente, o ALERS e o ALiB, por oferecerem uma visão de toda a região, além do ALPR e de estudos sobre os subfalares sulistas em geral, por exemplo, Koch (2000) e Altenhofen (2002) que, em conjunto, proporcionaram o levantamento de itens que se mostram significativos para evidenciar o contraste existente entre os possíveis subfalares da Região Sul.

Optamos pela realização de três questionários, acrescidos de temas para discurso semidirigido, contemplando aspectos fonético-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos com perguntas majoritariamente do tipo *naming* – questões em que se espera uma denominação por parte do informante – e *completing* – questões em que se espera que o informante complete a ideia ou a frase que está sendo proposta (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994), as quais perfazem o total de 188.

Seguindo os passos do Questionário do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001) e o aconselhado por Cardoso (2010), incluímos junto à questão o modo como ela deve ser indagada, bem como, para a maioria dos itens, uma figura, que, em casos de dúvida ou desconhecimento, foi mostrada ao informante no intuito de obter o maior número de respostas válidas.

No que tange aos itens contemplados, buscamos englobar diversas atividades do cotidiano, mas, sobretudo, questões voltadas à criação de equinos, muares e bovinos e ao Tropeirismo, não perdendo de vista os objetivos traçados e os elementos etnográficos tomados como referência.

Na sequência, são detalhados separadamente cada um dos questionários.

#### **4.3.1 Questionário Fonético-Fonológico (QFF)**

O Questionário Fonético-Fonológico, composto por 57 questões<sup>21</sup>, recobre contextos fonéticos que, de acordo com estudos já realizados, podem se mostrar relevantes na área linguística delimitada para esta pesquisa.

O Quadro 13 sintetiza a estrutura do QFF do Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros, indicando o número da questão, a variável investigada e os contextos de ocorrência.

---

<sup>21</sup> Os questionários encontram-se disponíveis no APÊNDICE A – Questionários.

Quadro 13 – Estrutura do QFF

NÚMERO DA QUESTÃO	VARIÁVEL INVESTIGADA	CONTEXTOS DE OCORRÊNCIA
1, 4, 13, 18, 25	presença/ausência do rotacismo	almoço, clara, planta, bicicleta, revólver
3, 6, 14, 20, 30, 41, 44	realização do /r/ em coda silábica	carne, gordura, fervendo, tarde, certo, garfo, calor
23, 39, 47, 51, 55, 57	realização do /r/ em <i>onset</i> silábico	varrer, rato, rede, garrafa/ garrafão, borracha, rosa
5, 9, 19, 27, 35, 53	monotongação/preservação do ditongo	queijo, peixe, queixo, tesoura, caixa, couro
8, 22, 26, 37, 48	presença/ausência da ditongação da vogal final seguida de [s, z]	arroz, paz, três, luz, cruz
17, 28, 36, 50	realização de /ãw̃/ no lugar de /õw̃/	batom, bom, marrom, garçom
10, 16, 34, 42, 45, 49, 54	realização de /l/ em coda silábica	mel, filme, bolso(a), soldado, alta, sul, calçada
2, 15, 21, 33, 38, 46	realização das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica	tomate, mentira, bonito, seguro, fogão, estrada
7, 11, 12, 31, 56	realização das vogais médias /e/ e /o/ em posição postônica final	leite, bolo, quente, elefante, cavalo
24, 29, 32, 40, 43, 52	realização das laterais palatais/ palatalização	velho, família, mulher, sandália, bíblia, abelha

Fonte: Elaborado pela autora.

Como já mencionado, os questionários tiveram como base os atlas já elaborados que recobrem a região. Assim, dentre o total de questões, 28 são provenientes do questionário do Projeto ALiB<sup>22</sup>, seis são originárias do ALERS<sup>23</sup>, seis fazem parte tanto do questionário do Projeto ALiB quanto do ALERS, uma é comum ao Projeto ALiB e ao ALPR, uma é comum aos três atlas e 15 são novas, não sendo encontradas em nenhum dos atlas tomados como referência.

Com base nessas informações, o Quadro 14 detalha em quais atlas as questões também são contempladas.

<sup>22</sup> Das 28 questões, 27 fazem parte do Questionário Fonético-Fonológico e uma do Questionário Semântico-Lexical, sendo ela a questão 54.

<sup>23</sup> Das seis questões, cinco fazem parte do Questionário Fonético-Fonológico e uma do Questionário Semântico-Lexical, sendo ela a questão 17.

Quadro 14 – Relação questões-atlas QFF

ATLAS QUE CONTEMPLA	NÚMERO DA QUESTÃO	Total de questões
ALiB	1, 2, 8, 9, 10, 13, 18, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 35, 37, 40, 42, 45, 46, 52, 54, 55, 56, 57	28
ALERS	5, 17, 19, 25, 28, 48	6
ALiB e ALERS	6, 14, 15, 22, 29, 44	6
ALiB e ALPR	39	1
ALiB, ALERS e ALPR	4	1
Novas	3, 7, 11, 12, 16, 34, 36, 38, 41, 43, 47, 49, 50, 51, 53	15
		57

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação ao QFF, salienta-se que, para as análises desta tese, foram eleitos dois fenômenos, o /R/ em *onset* silábico e a realização da vogal média /e/ em posição postônica final, os quais contemplam oito questões, ficando as análises dos demais itens para serem desenvolvidas em estudos posteriores. A escolha desses fenômenos se deu com o intuito de ver em que medida a hipótese central da pesquisa se confirma, assim como por acreditar que ambos os fenômenos sinalizam possíveis cenários de mudança linguística, quando comparados com os dados do ALPR e do ALERS, que se distanciam em cerca de 30 anos dos do Projeto ALRT.

#### 4.3.2 Questionário Morfossintático (QMS)

A fim de contemplar aspectos morfossintáticos, foram selecionadas seis questões baseadas no QMS do Projeto ALiB, as quais, de acordo com estudos prévios, podem se mostrar significativas na área linguística abrangida. Dessa forma, o Questionário Morfossintático do Atlas Linguística da Rota dos Tropeiros possui como foco pronomes, adjetivos (grau comparativo) e flexão nominal.

Ressaltamos que, embora as questões se baseiem no questionário do Projeto ALiB, o ALERS também contempla alguns aspectos como o grau dos adjetivos e os pronomes.

Para as análises apresentadas nesta tese, foi tomada como base, no que tange ao QMS, a questão que busca obter dados sobre a variável pronome pessoal de segunda pessoa do singular, ficando as demais por serem contempladas em estudos futuros. A opção pela análise dessa variável se deve ao fato de ela poder ser encarada como uma das grandes marcas

distintivas dos falares da Região Sul, existindo variantes que recobrem diferentes áreas linguísticas, o que nos instigou a averiguar como se dão esses usos na rota dos tropeiros e se eles, a partir dos dados do Projeto ALRT, ratificam a hipótese da existência de uma variedade sul-rio-grandense e de uma variedade paulista que se propagam em sentidos opostos.

### 4.3.3 Questionário Semântico-Lexical (QSL)

Tendo em vista que esta tese parte do acontecimento histórico-econômico do Tropeirismo, o Questionário Semântico-Lexical<sup>24</sup> aqui apresentado abrange itens de caráter social de conhecimento geral, mas contempla, sobretudo, questões de cunho etnográfico.

Composto por 125 questões, o QSL estrutura-se em dez esferas semânticas, a saber:

- Partes do animal.
- Partes da montaria.
- Vestimenta.
- Alimentação e cozinha.
- Tipos de cavalos, asininos, muares e tropas.
- Objetos.
- Pelagens de cavalos.
- Funções e atribuições da tropa.
- Geografia e meio ambiente.
- Cultura e convívio.

Assim como nos demais questionários, os atlas e estudos já elaborados foram levados em consideração na seleção das questões. Dessa forma, o QSL compõe-se de itens abarcados pelo Projeto ALiB, pelo ALERS, pelo ALPR, bem como por itens que lhes são particulares, o que pode ser visualizado por meio do Quadro 15.

---

<sup>24</sup> O questionário encontra-se disponível no APÊNDICE A – Questionários.

Quadro 15 – Relação questões-atlas QSL

ATLAS QUE CONTEMPLA	NÚMERO DA QUESTÃO	Total de questões
ALiB	1, 2, 3, 4, 5, 8, 10, 20, 21, 22	10
ALERS	12, 25, 41, 50, 51, 54 <sup>25</sup> , 55, 56, 58, 59, 60, 65, 66, 68, 69, 91, 99, 100, 102, 103, 107, 122, 123	23
ALPR	17, 26, 125	3
ALiB e ALERS	6, 7, 13, 44, 45, 106, 116, 117, 119	9
ALERS e ALPR	31, 33, 97	3
ALiB, ALERS e ALPR	96, 104, 105, 113, 114, 115	6
Novas	9, 11, 14, 15, 16, 18, 19, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 61, 62, 63, 64, 67, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 98, 101, 108, 109, 110, 111, 112, 118, 120, 121, 124	71
		125

Fonte: Elaborado pela autora.

No capítulo de análise desta tese, foram discutidas quatro questões do QSL, a saber: QSL 32 – pilchado, QSL 55 – bezerro, QSL 66 – carroça/carreta/charrete e QSL 93 –guasqueiro. Dentre essas questões, duas são inéditas e duas são coincidentes com outros atlas, possibilitando comparações. Ademais, vale destacar que a escolha por esses itens se deu pelo fato de serem bastante ligados ao tropeirismo e poderem evidenciar a relação existente entre a história, a cultura e a língua, além de possibilitarem um olhar voltado à investigação da existência de variantes que podem ser caracterizadas como pertencentes a uma variedade [+RS] ou [+SP]. Ressalta-se que as demais questões integrarão investigações posteriores.

#### 4.3.4 Temas para discurso semidirigido

No intuito de obter registros de fala mais espontâneos e atender à recomendação de estudiosos como Brandão (1991) e Ferreira e Cardoso (1994), temas para discurso semidirigido integram o instrumento de coleta de dados do Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros.

<sup>25</sup> Esta questão foi identificada como repetida quando alguns inquéritos já haviam sido realizados, por isso, não a excluímos do QSL para evitar problemas quanto à identificação numérica das questões.

A princípio foram propostos quatro temas a serem abordados de acordo com a produtividade de cada informante. Feito o primeiro questionamento, a partir dele observava-se a necessidade de inserir novos temas ou não.

Salientamos que os três primeiros temas propostos são ligados ao movimento tropeiro, partindo dos seguintes questionamentos:

- Você conhece algum causo, alguma história que era contada pelos tropeiros quando paravam nos pousos? Pode me contar?
- Você tem alguma história para me contar, feliz ou triste, de coisas que aconteciam durante as tropeadas?
- Aqui, nesta região, qual a influência dos tropeiros? Existe alguma festa ou evento que tem relação com o Tropeirismo?

Por fim, caso nenhum desses fosse produtivo, recorriamos a um tema ligado à vivência pessoal do informante:

- Me conte algum fato que marcou a sua vida, que você lembra com bastante alegria ou tristeza.

Reconhecemos a importância das narrativas pessoais na pesquisa Geolinguística, uma vez que essas, devido a sua característica de espontaneidade, complementam os dados obtidos por meio dos questionários e podem revelar riquezas etnográficas e linguísticas que não puderam ser captadas pelos demais recursos.

Por fim, vale mencionar que, para as análises desta tese os discursos semidirigidos não foram contemplados, porém eles podem servir de base para pesquisas futuras.

#### 4.4 PROCESSO DE FORMAÇÃO DO BANCO DE DADOS

A coleta dos dados se baseou em investigação direta, realizada *in loco* pela autora, sempre acompanhada por um auxiliar, e para o registro dos inquéritos foram utilizados um gravador portátil Sony e o gravador de um aparelho celular, modelo Iphone 7 e, posteriormente, Iphone 12, com o intuito de amenizar possíveis riscos de problemas em relação aos áudios captados.

Visando coletar o maior número de respostas, adotamos o uso da técnica de entrevista em três tempos (THUN, 2009; ALTENHOFEN, 2013; FIGUEIREDO, 2014; FIGUEIREDO *et al.*, 2021), a qual possui como metodologia perguntar, insistir e sugerir. Assim,

1º) pergunta-se (ex: Como se chama a ave preta que come animal morto, podre?) e se aguarda a resposta espontânea do informante, em seguida 2º) insiste-se se não conhece

outra forma para nomear o mesmo referente; 3º) sugere-se uma outra possibilidade de nomeação que não tenha sido mencionada até então (ex: Já ouviu corvo para isso?) (FIGUEIREDO, 2014, p. 52).

Além da aplicação desta técnica, foram utilizadas figuras em grande parte das questões, buscando diminuir os índices de itens não obtidos e não respostas, bem como sanar as dúvidas em relação ao referente nomeado.

Após a coleta dos dados, organizamos o material em pastas, com as respectivas identificações e, na sequência, iniciamos a etapa de transcrição e revisão dos inquéritos. As transcrições obedeceram, em geral, às normas estabelecidas para o Projeto ALiB, na ocasião do V WORKALiB, que aconteceu em Salvador-BA, no ano de 2005<sup>26</sup>.

Para este trabalho, foi confeccionada uma matriz (APÊNDICE B – Ilustração da matriz de transcrição) dividida por questionário linguístico, com a marcação do número das questões, além de espaços para a identificação do inquérito e de seus participantes. Portanto, a partir dessa matriz, todo o inquérito foi transcrito grafematicamente e, apenas os itens fonéticos e lexicais buscados, foneticamente. Depois de transcritos, os dados passaram por revisão<sup>27</sup>.

#### 4.5 CARTOGRAFAÇÃO

Para a cartografia, contamos com o auxílio da geógrafa Renata Brückmann Gomes Machado na elaboração da base cartográfica georreferenciada. Nesta carta-base, pedimos que constassem a marcação dos pontos de inquérito e a rota que eles compõem, a localização da área investigada no território do Brasil, os limites fronteiriços, os corpos hídricos, a escala, a autoria, a organização e a fonte dos dados geográficos, além de, ao lado, um espaço destinado à numeração da carta, à identificação do questionário e do item<sup>28</sup> a que se refere, à legenda e ao gráfico de frequência. Portanto todos esses elementos, a carta-base pode ser visualizada a seguir.

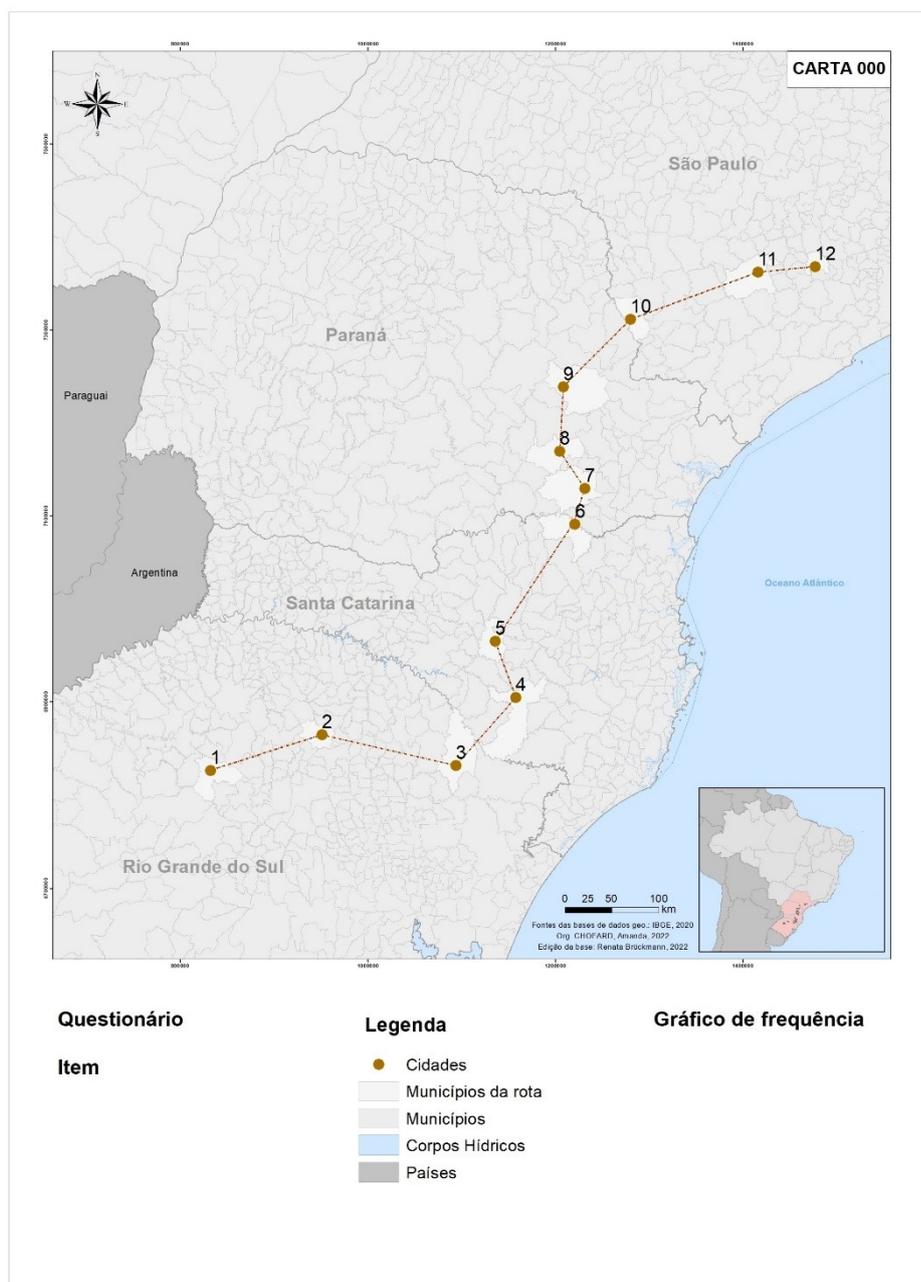
---

<sup>26</sup> As resoluções tomadas no V WORKALiB não se encontram publicadas e foram disponibilizadas para a autora via e-mail.

<sup>27</sup> Até o momento, todos os inquéritos foram transcritos e grande parte foi revisada, trabalho esse feito pela própria autora e por revisores auxiliares com experiência prévia.

<sup>28</sup> No que diz respeito à identificação do item, optamos por informar o questionário a que ele se refere, o número e o lema da questão, assim como, quando possível, uma imagem representando o referente, tendo em vista que muitos dos itens investigados podem ser desconhecidos pela maior parte dos que vierem a ter contato com o Atlas.

Figura 12 – Carta-base



Fonte: Organizada pela autora e elaborada por Renata Brückmann (2022).

Com a carta-base finalizada, procedemos ao levantamento dos dados nas transcrições e, quando necessário, nas gravações dos inquiridos, os quais foram tabulados no editor de tabelas Excel. Após a tabulação, as variantes foram cartografadas por meio do software SGVCLin - *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas* (SEABRA; ROMANO;

OLIVEIRA, 2014)<sup>29</sup>, que possibilita, além das cartas, a geração de relatórios de produtividade sob diferentes perspectivas.

Para a cartografia, consideramos todas as respostas dadas pelos informantes. Porém, há casos em que os informantes não conhecem o referente que lhes é perguntado ou não se lembram, sendo assim, nos casos em que não souberam, não lembraram, o item não foi obtido ou, ainda, quando houve algum problema técnico, consideramos como uma resposta prejudicada (RP).

A cartografia dos dados a partir do Projeto ALRT utiliza gráficos do tipo pizza em cada ponto de inquérito, os quais exibem as variantes documentadas em cada localidade, bem como suas porcentagens, facilitando, dessa forma, a interpretação dos leitores.

Além das cartas monodimensionais diatópicas, quando significativas, também apresentamos cartas de arealidade, que delimitam os pontos em que há ocorrência de determinada variante, e cartas de arealidade gradual, que mostram a intensidade em que dada variante é produzida, utilizando, para isso, uma escala gradual de cores que representam percentuais de ocorrências.

A disposição dos elementos cartográficos segue o seguinte padrão: na parte superior há o título do atlas; no centro da carta, consta o mapa, recobrando os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e parte de São Paulo; no canto direito do mapa, delimitamos um espaço para a identificação da carta que, além do número, é acompanhada por letras representativas, sendo elas: F – fonéticas, M – morfossintáticas e L – lexicais; na parte inferior da carta, começando da esquerda para a direita, temos o número da questão, bem como o item/fenômeno a que se refere, a legenda e o gráfico de frequência.

Em relação às cartas com base no QFF, consideramos para a análise da variável investigada apenas as questões previamente delimitadas para observação do fenômeno, não recobrando todas as questões do questionário que possuem o contexto de ocorrência de interesse. Dessa forma, elaboramos cartas para cada uma das questões individualmente, assim como uma carta sintética abarcando todas as questões englobadas pelo fenômeno analisado, que leva em sua identificação, além da letra F, a consoante S de sintética (por exemplo, Carta F4-S).

---

<sup>29</sup> Mais informações sobre o software podem ser encontradas no endereço eletrônico: <http://sgvclin.altervista.org/>. Acesso em: 30 abr. 2018.

Ademais, salientamos que, para as legendas das cartas e transcrições dos inquéritos, utilizamos o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), cujas notações fonéticas se encontram descritas na Figura 13.

Figura 13 – Notações fonéticas adotadas

**VOGAIS E SEMIVOGAIS**

<b>Símbolo</b>	<b>Vogais</b>	<b>Símbolo</b>	<b>Semivogais</b>
[a]	Central baixa	[j]	Palatal sonora
[ɐ]	Central média-baixa átona	[w]	Velar sonora
[e]	Anterior média-alta		
[ɛ]	Anterior média-baixa		
[i]	Anterior alta		
[ɪ]	Anterior alta átona final		
[o]	Posterior média-alta		
[ɔ]	Posterior média-baixa		
[u]	Posterior alta		
[ʊ]	Posterior alta átona final		

**CONSOANTES**

<b>Símbolo</b>	<b>Consoantes</b>	<b>Símbolo</b>	<b>Consoantes</b>
[p]	Oclusiva bilabial surda	[r]	Vibrante alveolar sonora
[b]	Oclusiva bilabial sonora	[x]	Fricativa velar surda
[t]	Oclusiva alveolar surda	[h]	Fricativa glotal surda
[d]	Oclusiva alveolar sonora	[ɽ]	Retroflexa alveolar sonora
[k]	Oclusiva velar surda	[l]	Lateral alveolar sonora
[g]	Oclusiva velar sonora	[ʎ]	Lateral palatal sonora
[tʃ]	Africada labiopalatal surda	[ʒ]	Fricativa alveopalatal sonora
[dʒ]	Africada alveopalatal sonora	[s]	Fricativa alveolar surda
[m]	Nasal bilabial sonora	[z]	Fricativa alveolar sonora
[n]	Nasal alveolar sonora	[ʃ]	Fricativa alveopalatal surda
[ɲ]	Nasal palatal sonora	[f]	Fricativa labiodental surda
[ɾ]	Tepe alveolar sonoro	[v]	Fricativa labiodental sonora

**DIACRÍTICOS**

~	Nasalidade	˙	Tonicidade
---	------------	---	------------

Fonte: Elaborado pela autora.

As cartas morfossintáticas seguem o padrão estabelecido para a disposição dos elementos cartográficos e apresentam os dados coletados por meio do Questionário Morfossintático. Do mesmo modo, as cartas lexicais, que englobam os dados obtidos por meio do Questionário Semântico-Lexical, também seguem a disposição padrão dos elementos cartográficos, entretanto, no canto inferior esquerdo, logo abaixo do número da questão e do item a que se refere, incluímos uma figura ilustrativa para que todos os leitores possam reconhecer o referente.

Neste texto, elegemos para cartografar e analisar, com base na produtividade das questões e na possibilidade de comparação com outros trabalhos, duas variáveis fonético-fonológicas, a saber: realização da vogal média anterior /e/ em posição postônica final, que engloba as questões do QFF de número 7- leite, 12- quente e 31- elefante, e /R/ em *onset* silábico, que abrange as questões QFF 23- varrer, 39- rato, 47-rede, 51- garrafa/garração, 55- borracha e 57-rosa; um item do QMS voltado ao uso dos pronomes, questão 1- tu/ você; e quatro itens do QSL, um do campo semântico "vestimenta" (32- pilchado), um do "tipos de cavalos, asininos, muares e tropas" (55- bezerro), um do "objetos" (66- carroça/ carreta/ charrete) e outro do "funções e atribuições da tropa" (93- guasqueiro), sendo o QSL 55 e o QSL 66 contemplados no ALERS e o QSL 32 e o QSL 93 considerados itens inéditos.

## 5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos a descrição e a análise dos dados obtidos nas 12 localidades investigadas, sob a perspectiva geolinguística e sócio-histórica. Para fins metodológicos, cada item foi abordado separadamente, considerando os objetivos delimitados para esta pesquisa. Primeiramente, há a descrição dos resultados fonéticos obtidos para as variantes das vogais médias pretônicas e sobre os róticos em início de sílaba e vocábulo, seguidos da descrição e análise geolinguística dos pronomes tu e você em posição de sujeito gramatical e da análise de quatro questões do QSL, a saber: QSL 32- pilchado, QSL 55- bezerro, QSL 66- carroça/carreta/charrete e QSL 93- guasqueiro, descrevendo também os usos a partir de três obras lexicográficas como referência, a saber: Cunha (2010)<sup>30</sup>, Aulete (2022)<sup>31</sup> e Nunes e Nunes (2003)<sup>32</sup>.

### 5.1 VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA

As análises desta seção baseiam-se no conjunto de cartas elaboradas para o entendimento dos usos linguísticos no território enfocado no que tange às variáveis *realização da vogal média anterior /e/ em posição postônica final e /R/ em onset silábico*.

#### 5.1.1 Realização da vogal média anterior em posição postônica final

Na Região Sul do Brasil, distintos trabalhos geolinguísticos e variacionistas versam sobre a realização das vogais médias e mostram que se trata de um fenômeno variável, havendo áreas em que há tendência ao alçamento e áreas de manutenção dessas vogais em posição postônica final.

Analisando a variedade sul-rio-grandense, Vieira (1994) constatou maiores índices de alçamento do que de manutenção da vogal média anterior, com exceção das regiões com influência italiana e alemã. Consoante a isso, Altenhofen (2002), ao delinear as possíveis fotografias linguísticas do Sul, com base nos dados do ALERS, elencou a ausência de alçamento do /e/ átono final como uma das variáveis mais significativas para as áreas de bilinguismo.

Já, no que se refere aos dados do Paraná, Aguilera (1994), com base em resultados do ALPR, afirma que é possível visualizar duas grandes isófonas, uma caracterizada pela

---

<sup>30</sup> Dicionário etimológico.

<sup>31</sup> Dicionário Caldas Aulete em seu formato digital.

<sup>32</sup> Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul.

manutenção da vogal média /e/, na porção sul paranaense, e outra marcada pelo alçamento, na parte norte do estado.

Também com foco apenas no Paraná, Altino (2022) desenvolve um estudo comparativo entre os dados do ALPR e do Projeto ALiB, por meio do qual evidencia, atualmente, uma predileção ao alçamento pelos falantes paranaenses, apresentando mapas que “[...] comprovam a tendência de neutralização que, por ora, esbarra em recantos de resistência da realização, principalmente, da vogal média anterior, aflorando a identidade, respaldada pela configuração étnica da ocupação do Paraná” (ALTINO, 2022, p. 164), o que demonstra, de certo modo, um possível cenário de tendência à mudança linguística frente às diferenças averiguadas nos dados dos dois atlas mencionados.

Considerando as três capitais sulistas, Vieira (2002) observa preferência pelo alçamento, sendo esta realização a mais produtiva em todas as localidades. Entretanto, ao compará-las, há uma prevalência da forma alçada em Porto Alegre e em Florianópolis, que perfaz cerca de 90% em cada uma delas, enquanto em Curitiba o percentual fica na casa dos 53%, o que, de certo modo, corrobora a afirmação de Aguilera (1994).

De forma mais ampla, recobrando todo o interior sulista contemplado pelo Projeto ALiB, Simões (2019), no que tange à vogal média anterior, assegura que se trata de uma regra variável, confirmando a coocorrência das duas formas, todavia, com predominância de alçamento. Sob essa perspectiva, a autora afirma ainda que o alçamento é condicionado tanto por fatores linguísticos quanto extralinguísticos, dentre os quais se destaca a diatopia. Sendo assim, a seguir, analisamos como o fenômeno se comporta na rota dos tropeiros, levando em consideração tanto a diatopia quanto os aspectos sociais.

Para a variável *realização da vogal média anterior /e/ em posição postônica final*, foram selecionadas para esta oportunidade três questões do QFF: QFF: 7-leite, 12-quente e 31-elefante, resultando em 288 ocorrências. Dentre as realizações, foram registradas as variantes /e/, /i/, alternância entre elas (/e/ e /i/) e, ainda, algumas respostas prejudicadas<sup>33</sup>. Os números percentuais e absolutos podem ser visualizados na Tabela 1<sup>34</sup>.

<sup>33</sup> As RP dizem respeito ao inquérito 9 de Castro-PR, em que o item não foi obtido para a questão 31-elefante e aos inquéritos 5 e 7 de Sorocaba-SP, nos quais a questão 7-leite não foi formulada.

<sup>34</sup> Os dados quantitativos das análises foram obtidos a partir dos resultados de relatórios do SGVCLin.

Tabela 1 – Índice geral de ocorrências para a vogal média anterior /e/ em posição postônica final

<b>Variantes</b>	<b>Nº de ocorrências</b>	<b>%</b>
/i/	233	80,9%
/e/	51	17,71%
/e/ e /i/	1	0,35%
RP	3	1,04%
	<b>288</b>	

Fonte: Elaborado pela autora.

Diante do índice geral de ocorrências, podemos confirmar tendência ao alçamento, uma vez que perfaz 80,9% das realizações frente a 17,71% correspondente à manutenção e a insignificante alternância entre as duas formas. Portanto, assim como já defendido por Simões (2019), nossos dados também mostram o predomínio de alçamento ao olhar para o território investigado como um todo. Porém, sabendo das especificidades da Região Sul em relação ao fenômeno, apresentamos a Tabela 2, que traz os índices por pontos de inquérito.

Tabela 2 – Índice de ocorrências por ponto de inquérito para a vogal média anterior /e/

	<b>/i/</b>	<b>/e/</b>	<b>/e/ e /i/</b>	<b>RP</b>
<b>1 – Cruz Alta (RS)</b>	95,83%	4,16%	-	-
<b>2 – Passo Fundo (RS)</b>	66,66%	33,33%	-	-
<b>3 – Vacaria (RS)</b>	100%	-	-	-
<b>4 – Lages (SC)</b>	100%	-	-	-
<b>5 – Curitiba (SC)</b>	75%	25%	-	-
<b>6 – Mafra (SC)</b>	45,83%	54,16%	-	-
<b>7 – Lapa (PR)</b>	70,83%	29,16%	-	-
<b>8 – Palmeira (PR)</b>	79,16%	16,66%	4,16%	-
<b>9 – Castro (PR)</b>	50%	45,83%	-	4,16%
<b>10 – Itararé (SP)</b>	100%	-	-	-
<b>11 – Itapetininga (SP)</b>	95,83%	4,16%	-	-
<b>12 – Sorocaba (SP)</b>	91,66%	-	-	8,33%

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao olhar separadamente para cada uma das localidades, verificamos que Mafra-SC e Castro-PR, respectivamente com 54,16% e 45,83% de manutenção da vogal média anterior, são

os pontos que mais se distanciam do cenário propenso ao alçamento apresentado pelas demais localidades, principalmente de Cruz Alta-RS, Vacaria-RS, Lages-SC, Itararé-SP, Itapetininga-SP e Sorocaba-SP, que foram categóricas ou alcançaram percentuais acima de 90% quanto ao uso da forma alçada. Por outro lado, há as localidades que, apesar de tenderem ao alçamento, também realizam a manutenção de modo significativo, como é o caso de Passo Fundo-RS (33,33%), de Curitibanos-SC (25%), de Lapa-PR (29,16%) e de Palmeira-PR (16,66%). Além disso, também é possível observar que Palmeira, no Paraná, foi o único ponto em que houve o registro da alternância entre a manutenção e a forma alçada, porém com baixo percentual (4,16%).

Para averiguar como se dão as produções em cada uma das questões, apresentamos a Tabela 3, a Tabela 4 e a Tabela 5.

Tabela 3 – Índice de ocorrências por item investigado (7-leite)

<b>Item 7-leite</b>				
	<b>/i/</b>	<b>/e/</b>	<b>/e/ e /i/</b>	<b>RP</b>
<b>1 – Cruz Alta (RS)</b>	100%	0%	0%	0%
<b>2 – Passo Fundo (RS)</b>	62,5%	37,5%	0%	0%
<b>3 – Vacaria (RS)</b>	100%	0%	0%	0%
<b>4 – Lages (SC)</b>	100%	0%	0%	0%
<b>5 – Curitibanos (SC)</b>	75%	25%	0%	0%
<b>6 – Mafra (SC)</b>	50%	50%	0%	0%
<b>7 – Lapa (PR)</b>	75%	25%	0%	0%
<b>8 – Palmeira (PR)</b>	75%	12,5%	12,5%	0%
<b>9 – Castro (PR)</b>	37,5%	62,5%	0%	0%
<b>10 – Itararé (SP)</b>	100%	0%	0%	0%
<b>11 – Itapetininga (SP)</b>	100%	0%	0%	0%
<b>12 – Sorocaba (SP)</b>	75%	0%	0%	25%

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 4 – Índice de ocorrências por item investigado (12-queira)

<b>Item 12-queira</b>		
	<b>/i/</b>	<b>/e/</b>
<b>1 – Cruz Alta (RS)</b>	100%	0%
<b>2 – Passo Fundo (RS)</b>	62,5%	37,5%
<b>3 – Vacaria (RS)</b>	100%	0%
<b>4 – Lages (SC)</b>	100%	0%
<b>5 – Curitiba (SC)</b>	62,5%	37,5%
<b>6 – Mafra (SC)</b>	37,5%	62,5%
<b>7 – Lapa (PR)</b>	75%	25%
<b>8 – Palmeira (PR)</b>	87,5%	12,5%
<b>9 – Castro (PR)</b>	37,5%	62,5%
<b>10 – Itararé (SP)</b>	100%	0%
<b>11 – Itapetininga (SP)</b>	87,5%	12,5%
<b>12 – Sorocaba (SP)</b>	100%	0%

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 5 – Índice de ocorrências por item investigado (31-elefante)

<b>Item 31-elefante</b>			
	<b>/i/</b>	<b>/e/</b>	<b>RP</b>
<b>1 – Cruz Alta (RS)</b>	87,5%	12,5%	0%
<b>2 – Passo Fundo (RS)</b>	75%	25%	0%
<b>3 – Vacaria (RS)</b>	100%	0%	0%
<b>4 – Lages (SC)</b>	100%	0%	0%
<b>5 – Curitiba (SC)</b>	87,5%	12,5%	0%
<b>6 – Mafra (SC)</b>	50%	50%	0%
<b>7 – Lapa (PR)</b>	62,5%	37,5%	0%
<b>8 – Palmeira (PR)</b>	75%	25%	0%
<b>9 – Castro (PR)</b>	75%	12,5%	12,5%
<b>10 – Itararé (SP)</b>	100%	0%	0%
<b>11 – Itapetininga (SP)</b>	100%	0%	0%
<b>12 – Sorocaba (SP)</b>	100%	0%	0%

Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando cada uma das questões, averiguamos certa particularidade do ponto 9, Castro-PR, e do ponto 6, Mafra-SC, em relação ao quesito manutenção, uma vez que essas localidades apresentam maior índice da forma não alçada nas lexias que compõem o “xibolete leite quente” (MERCER, 1992)<sup>35</sup>. Contudo, de modo geral, não há diferenças relevantes quanto a um maior emprego de alçamento ou manutenção em uma ou outra lexia, não nos permitindo inferir, por exemplo, uma relação com os fatores linguísticos número de sílabas e animacidade, em que o item 31-elefante, polissílaba e + animado, condicionaria ao alçamento.

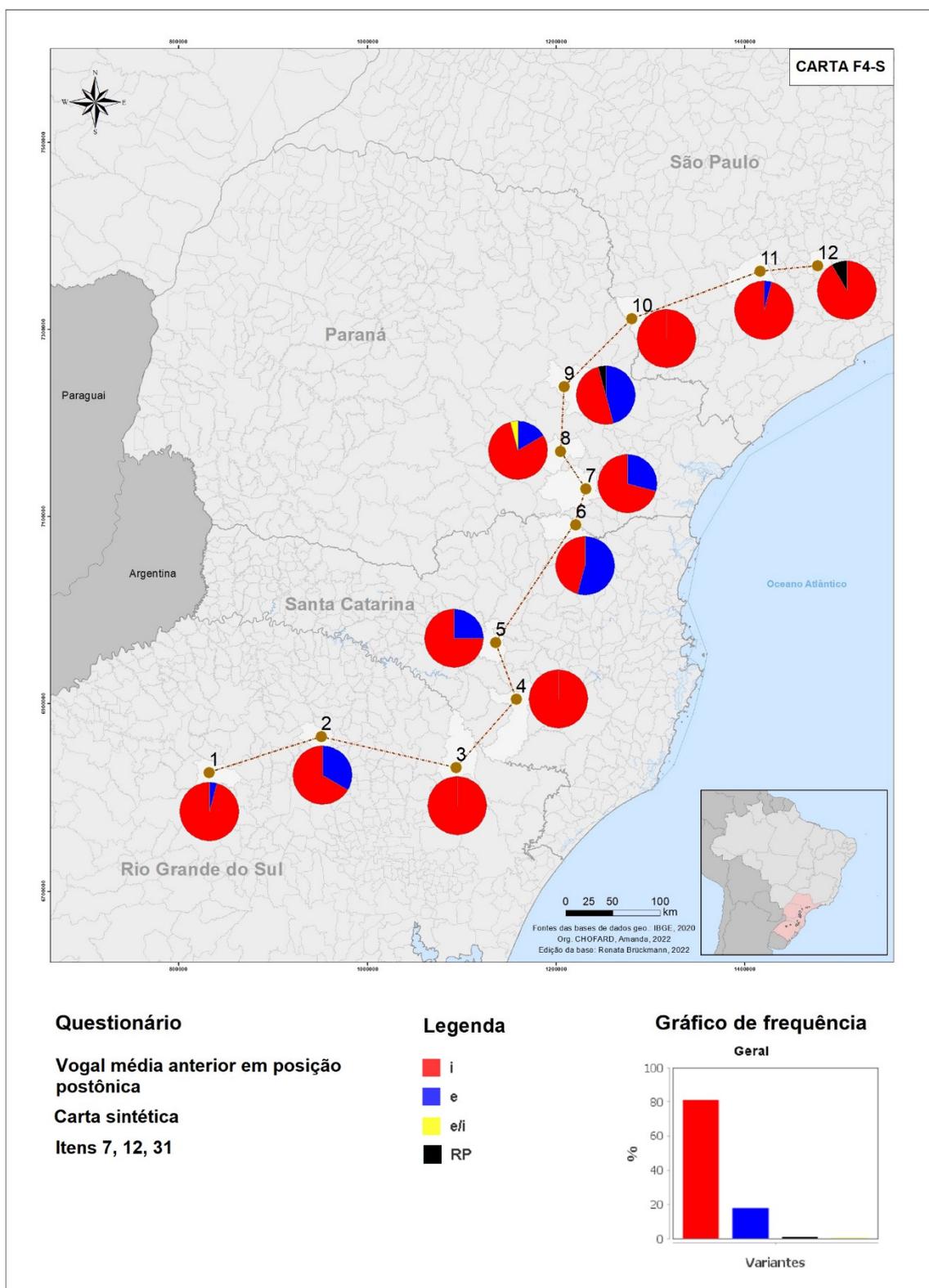
Sendo assim, passamos a observar a dimensão diatópica, a partir das cartas linguísticas com agrupamentos das três questões selecionadas para esta pesquisa, conforme a Carta F4-S, ilustrada pela Figura 14.

---

<sup>35</sup> Ao tratar sobre o “xibolete leite quente”, Mercer (1992) e Menon (2015) se referem ao falar curitibano. Todavia, aqui nos apropriamos da expressão e expandimos seu uso ao emprego do traço de manutenção que se assemelha ao do falar da capital paranaense.

Figura 14 – Carta monodimensional: *realização da vogal média anterior /e/ em posição postônica final* – vocábulos *leite*, *quente*, *elefante*

ATLAS LINGUÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT

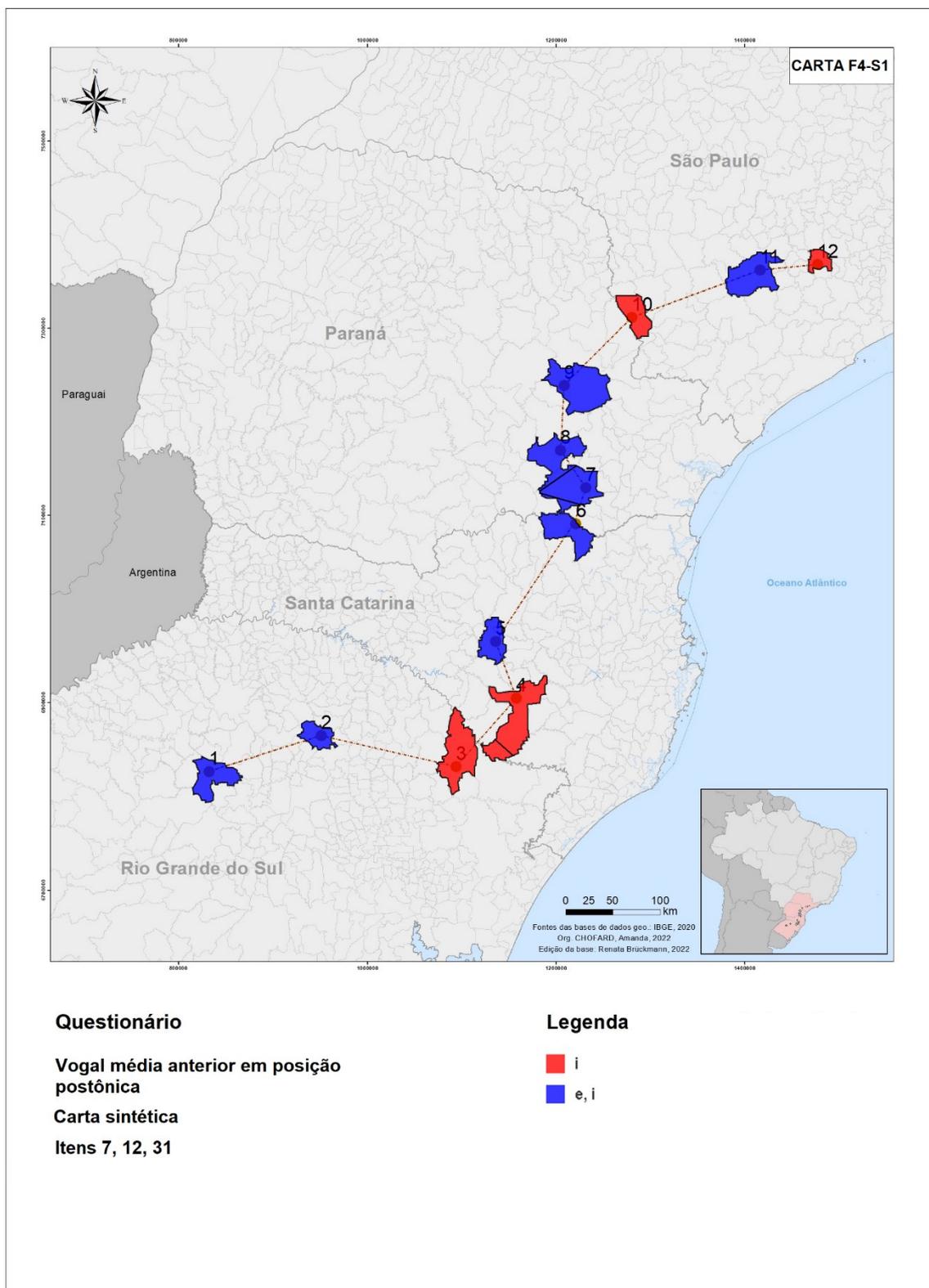


Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

Nesta carta, podemos visualizar a preferência pelo uso da forma alçada, que se distribui amplamente ao longo da rede de pontos, bem como a distribuição da variante [e] nas diferentes localidades investigadas, porém com diferentes índices de produtividade, não sendo registrada apenas em três localidades, como demonstra a Figura 15.

Figura 15 – Arealidade das variantes /i/ e /e/ – vocábulo leite, quente, elefante

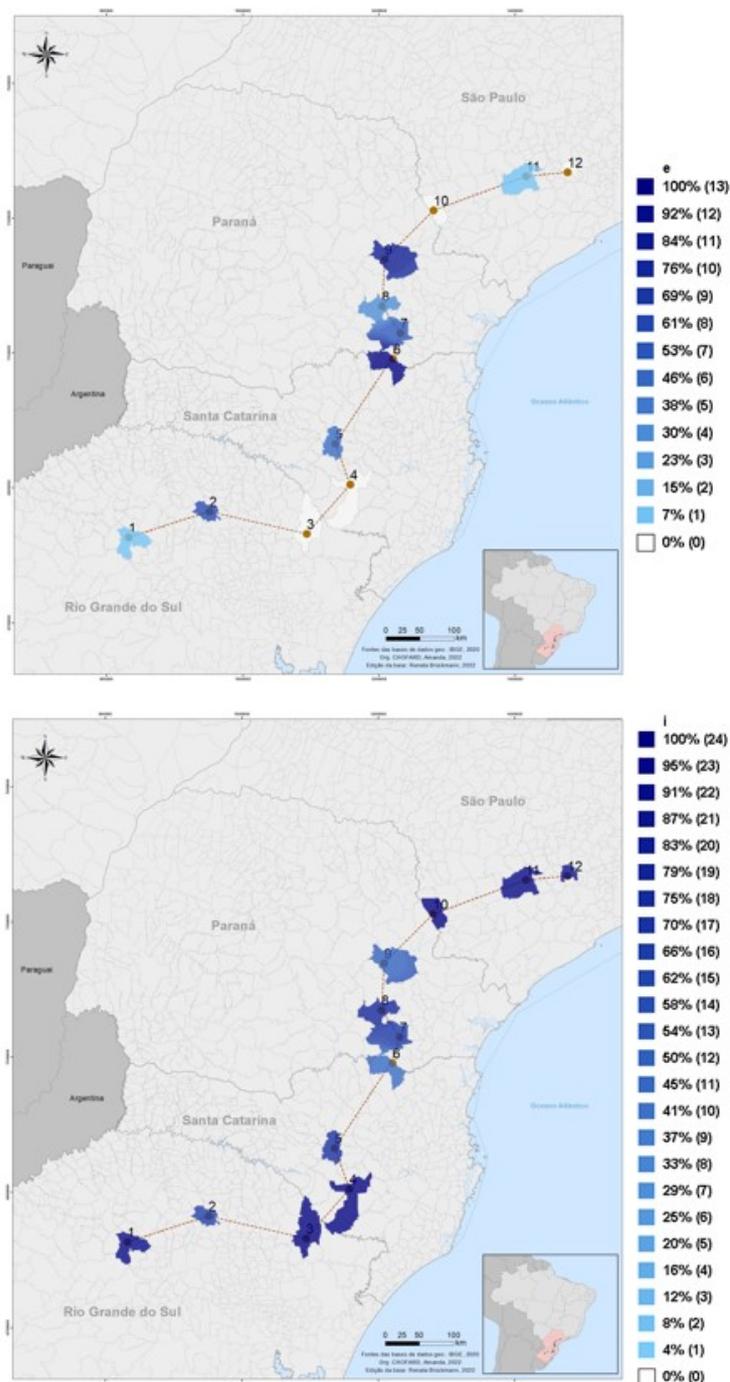
ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

Observadas essas cartas, também se faz relevante analisar a intensidade com que as variantes são utilizadas em cada ponto (Figura 16)<sup>36</sup>.

Figura 16 – Arealidade gradual das variantes /i/ e /e/ – vocábulo leite, quente, elefante



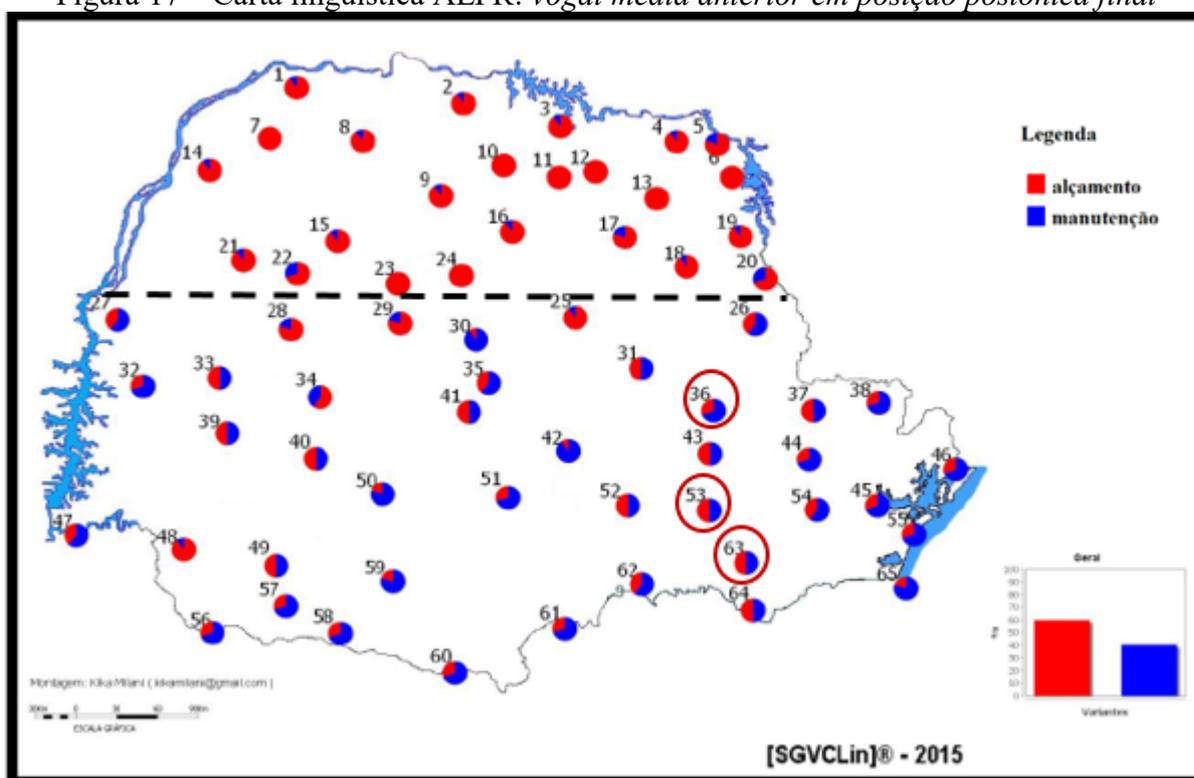
Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

<sup>36</sup> As cartas de arealidade gradual, como as ilustradas na Figura 16, mostram a produtividade a partir da intensidade das cores. Assim, quanto mais escuro for o azul mais respostas de determinada variante foram registradas na localidade.

Essas cartas reiteram de fato a distribuição de ambas as formas pela rota dos tropeiros, entretanto, nos permitem observar o quão mais intenso é o uso de alçamento, bem como evidenciam que a manutenção da vogal média posterior, com base nesses dados, pode ser considerada uma característica mais típica do falar paranaense, mais especificamente da porção sul, o que corrobora o já postulado por Aguilera (1994), com os dados do ALPR, Mercer (1992), com os dados do ALERS, dados esses da década de 1980, e Simões (2019), com os dados do Projeto ALiB, caracterizados como mais recentes.

Buscando comparar os dados do Projeto ALRT com os do ALPR, do Projeto ALiB e do ALERS, apresentamos as cartas linguísticas dos referidos atlas.

Figura 17 – Carta linguística ALPR: *vogal média anterior em posição postônica final*

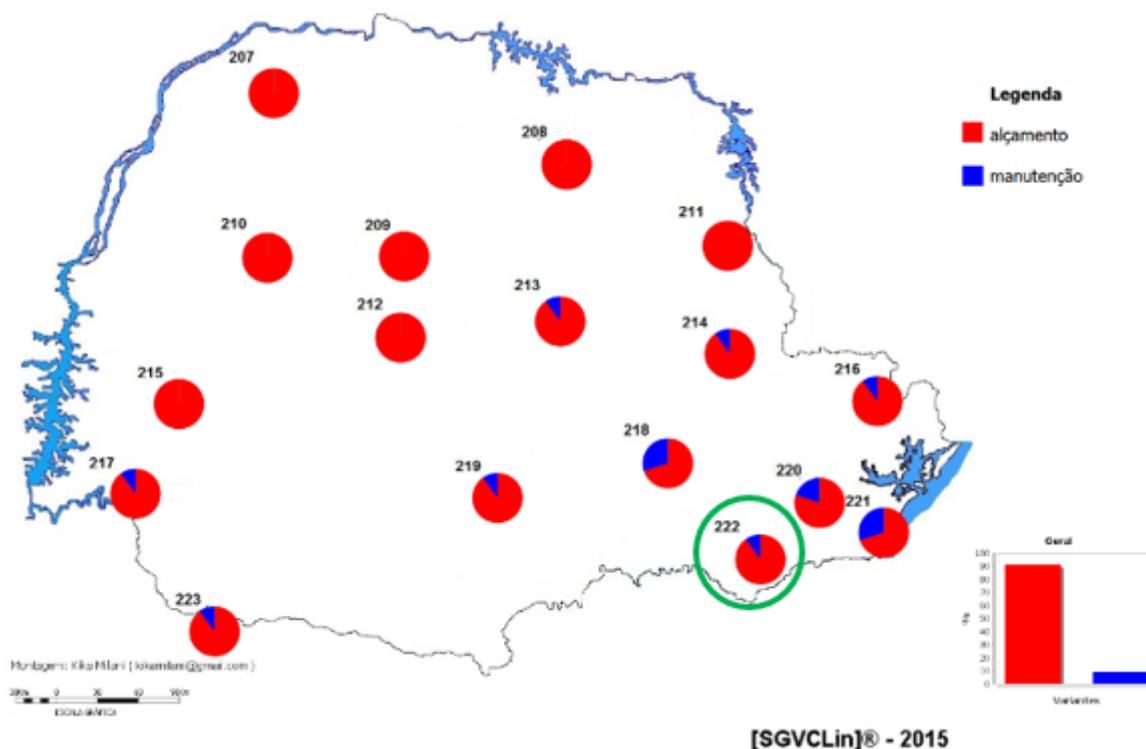


Fonte: Adaptado de Altino (2022).

A carta do ALPR demonstra claramente uma divisão do Paraná em duas áreas, como já explanado anteriormente e, ao observar as documentações nos pontos do Atlas do Paraná coincidentes com os pontos do Projeto ALRT, circulado em vermelho, observamos que em todos eles há a presença tanto de alçamento quanto de manutenção, mas prevalecendo a manutenção. Nos dados da presente pesquisa constata-se, em contrapartida, o enfraquecimento

da forma não alçada, principalmente nos dois pontos mais ao sul do Paraná (Palmeira e Lapa), o que corrobora os dados do Projeto ALiB, apresentados em carta *ad hoc* por Altino (2022), que evidenciam em toda a porção sul paranaense um aumento pela preferência da vogal alta, inclusive na localidade da Lapa, destacada em verde.

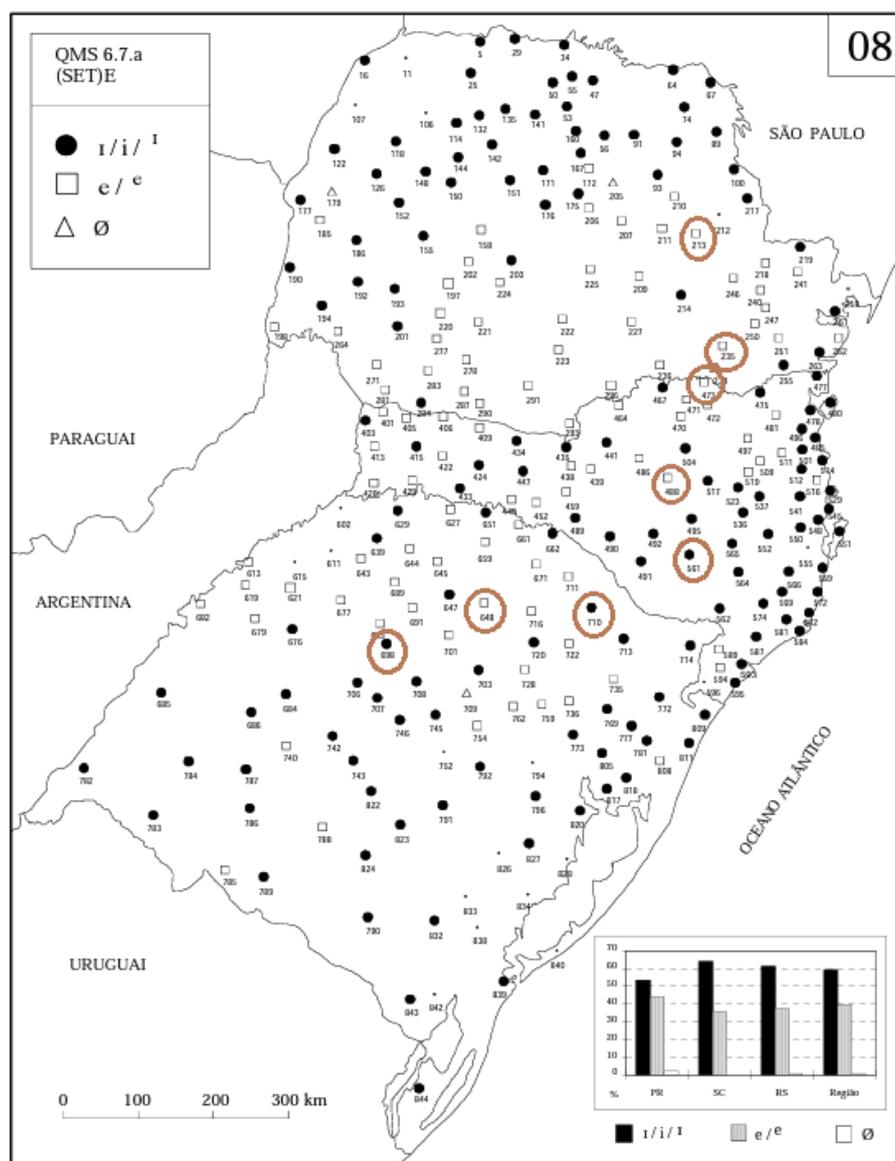
Figura 18 – Carta linguística a partir dos dados do Projeto ALiB: *vogal média anterior em posição postônica final*



Fonte: Adaptado de Altino (2022).

Na sequência, temos a carta linguística do ALERS que traz um panorama de toda a Região Sul e de grande parte da rede de pontos do Projeto ALRT.

Figura 19 – Carta linguística ALERS QMS 6.7.a - (SET)E  
 ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



Fonte: Adaptado de Koch; Altenhofen; Klassmann (2011a, p. 142).

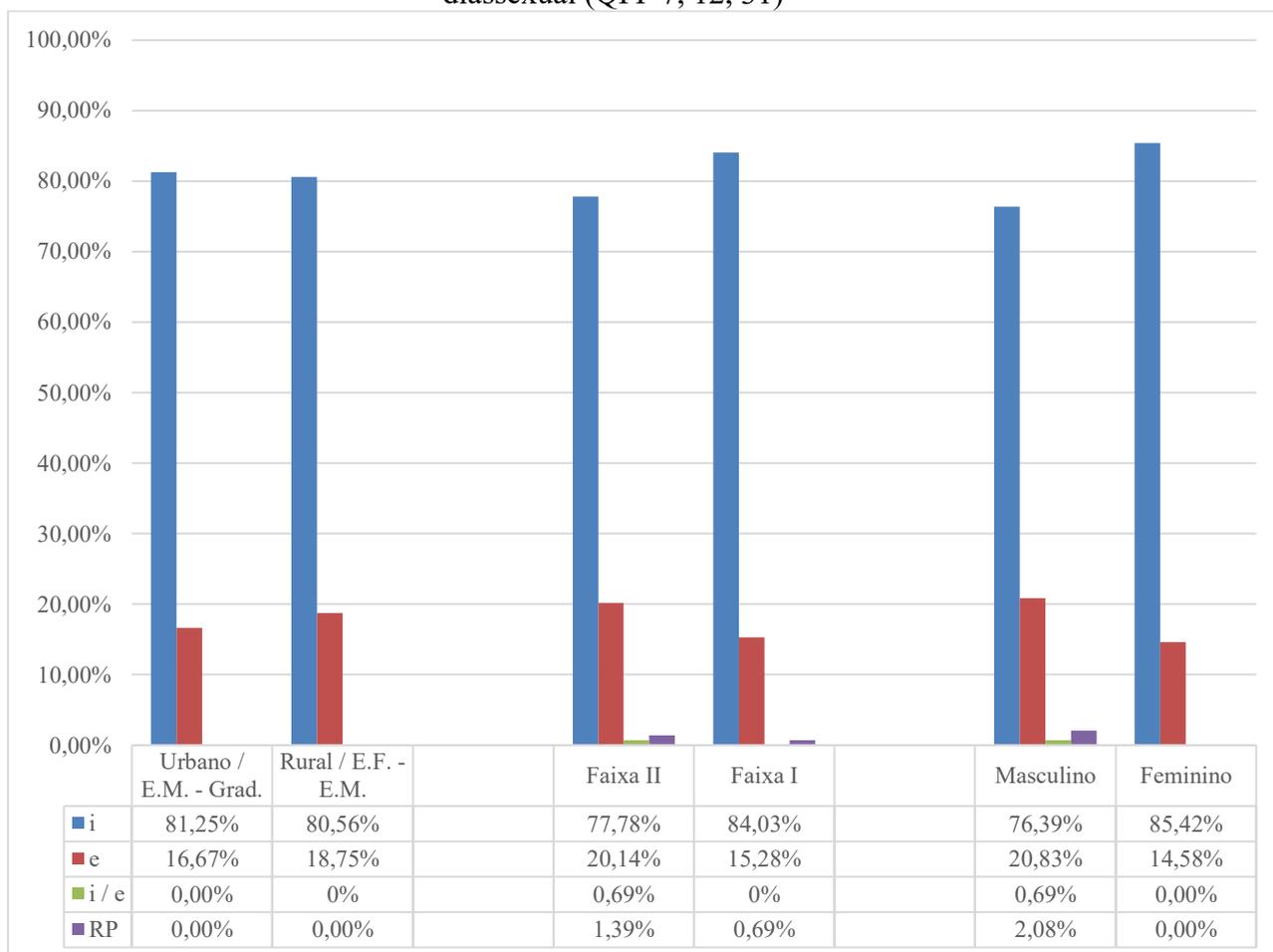
Ao analisar a distribuição dos dados do ALERS, portanto, averiguamos que, acompanhando a rota dos tropeiros tida em questão<sup>37</sup>, predomina a manutenção da vogal /e/ em posição postônica. Aqui, entretanto, a carta do Projeto ALRT apresentada evidencia que a forma não alçada está perdendo força e sendo substituída pela variante de alçamento para /i/, em virtude da provável influência da preferência pela realização das vogais altas em contexto átono

<sup>37</sup> Cabe ressaltar que a rede de pontos do ALERS não engloba a cidade de Palmeira (ponto 7), no Paraná, e nem os pontos do estado de São Paulo, por isso, a carta adaptada destaca apenas oito dos 12 pontos de inquérito do ALRT.

final no português falado no Brasil, o que também se confirma com os dados do Projeto ALiB mostrados anteriormente.

Partindo para um olhar pluridimensional, trazemos o Gráfico 1 englobando os números percentuais referentes ao sexo, à faixa etária e à área habitacional correlacionada à escolaridade.

Gráfico 1 – Índice percentual de ocorrências segundo as dimensões diazonal, diageracional e diassexual (QFF 7, 12, 31)



Fonte: Elaborado pela autora.

Perante o gráfico apresentado, no que diz respeito à dimensão diazonal, constatamos que, contrariamente ao que Altino (2022) sugere, ao trabalhar com dados do ALPR, mais rurais, e do Projeto ALiB, urbanos, a área habitacional parece não ser um fator determinante para a realização de vogal anterior média ou alta em posição postônica final, nos levando a concordar com a autora apenas que esses usos podem estar atrelados ao fator temporal, tendo em vista as semelhanças trazidas pelos dados do Projeto ALiB e do Projeto ALRT, caracterizados como

mais recentes quando comparados ao ALPR e ao ALERS, cujas coletas foram realizadas no final da década de 1980.

Por outro lado, as dimensões diageracional e diassexual mostram-se um pouco mais significativas. Nesse sentido, constatamos uma diferença nos usos dos dois grupos etários, caracterizada por um maior uso de manutenção pelos informantes da faixa II e por um maior índice de alçamento entre os jovens. Já em relação ao sexo, observamos que os homens são os que mais utilizam a variante /e/ ao passo que as mulheres tendem a preferir um pouco mais a forma alçada /i/. Sendo assim, podemos afirmar que estamos diante de um contexto bastante propício à mudança linguística, tendo em vista que são os mais jovens e as mulheres que estão utilizando a forma que, de certa forma, pode ser vista como de maior prestígio, a qual é majoritária nos falares brasileiros.

Com esta análise, concluímos, portanto, que a variável *realização da vogal média anterior /e/ em posição postônica final* não evidencia a existência de dois grandes falares sulistas. Ademais, vale mencionar que também foi possível verificar um enfraquecimento da realização da vogal anterior média, o que, na região, pode ter influência das forças exercidas pelas duas variedades que se propagam em sentidos opostos e possuem, no que tange ao fenômeno enfocado, mesma variante predominante, que é o alçamento.

### 5.1.2 /R/ em *onset* silábico<sup>38</sup>

As consoantes róticas realizam-se no português do Brasil por meio de diferentes alofones do fonema /R/, oferecendo material para distintas investigações com foco na variação. Dentre essas pesquisas, interessa-nos, neste momento, olhar para as sociolinguísticas, dialetológicas e geolinguísticas.

De modo geral, verifica-se que na fala dos brasileiros o contexto linguístico pode ditar a realização de um ou de outro rótico. Dessa forma, em contextos de *onset* silábico (rato, borracha) verifica-se a possibilidade de utilização de fricativa posterior velar [x] ou glotal [h], de vibrante múltipla [r] e de tepe [ɾ]; em contextos intervocálicos (parede, estrada), há um predomínio de tepe [ɾ], mas também há casos de velar, vibrante múltipla, entre outras (garrafa, terra, correr); já em posição de coda silábica (calor, garçom), há o emprego de fricativa posterior velar [x] ou glotal [h], de tepe [ɾ], de retroflexo [ɽ] e de apagamento [Ø], por exemplo.

---

<sup>38</sup> Neste trabalho, não se faz a distinção entre a fricativa velar e a glotal. Denominando-as como posteriores, uma vez que do ponto de vista geolinguístico interessa-nos a comparação entre os róticos posteriores, indistintamente, com os anteriores, vibrante múltipla e simples (tepe).

Na Região Sul do Brasil, existem diferentes trabalhos acerca dos róticos nos variados contextos linguísticos, dentre os quais aqui nos interessam os que se debruçam sobre o /R/ em *onset* silábico, tendo em vista que se configura enquanto um fenômeno variável que indica áreas onde há tendência ao uso de vibrante múltipla e de tepe, diferindo de outras em que essas variantes não são documentadas, nas quais a realização de fricativas posteriores são categóricas.

Fazendo um “Reestudo da vibrante”, Monaretto (1997) desenvolve sua pesquisa sob o aporte variacionista e fonológico, com base nos dados do VARSUL. Ao longo de suas discussões, a autora compara os resultados com os do ALERS, para averiguar a interferência do aspecto geográfico, e conclui que a diatopia e a dimensão diazonal mostram-se relevantes nos usos dos róticos, incluindo sua realização em *onset* silábico, uma vez que há resultados conflitantes entre o que relevam o ALERS e o VARSUL. Nos dados deste, evidencia-se maior uso de vibrante posterior, enquanto nos dados daquele mostra-se o predomínio de vibrantes anteriores, o que, conforme a autora, pode ser explicado pelo fato de a amostra do VARSUL se restringir à fala de capitais, a grandes centros urbanos, ao passo que o ALERS focaliza o português falado em áreas rurais. Vale ainda mencionar que, ao fim da tese, Monaretto (1997) confirmou sua hipótese de que a variação da vibrante é condicionada por fatores sociais, linguísticos (sobretudo a posição na sílaba) e diatópicos.

Brescancini e Monaretto (2008), por sua vez, tomando como base estudos já realizados a partir dos dados do VARSUL, analisaram os resultados dessas pesquisas e buscaram tecer comparações e generalizações sobre os róticos no Sul do Brasil, chegando à conclusão de que a vibrante é condicionada, principalmente, pela diatopia e pela posição silábica. Nesse contexto, as autoras afirmam que é possível caracterizar a fala da Região Sul, no que tange ao rótico em *onset* silábico, pelas “variantes com articulação na zona anterior da boca, na forma de vibrantes, fricativas e tepes” (BRESCANCINI, MONARETTO, 2008, p. 64), já que as fricativas velares, articuladas na parte posterior, não são muito frequentes, com exceção da fala de Porto Alegre-RS, Florianópolis-SC e Londrina-PR.

Indo ao encontro dessa afirmação acerca da cidade de Londrina, no Paraná, Romano (2012), a partir dos dados do Atlas Geossociolinguístico de Londrina, constata que são duas as variantes utilizadas em início de sílaba ou vocábulo, a fricativa velar e o tepe, sendo a primeira utilizada em 98% das realizações, o que demonstra um desuso das variantes vibrantes simples

ou múltiplas, caracterizando uma mudança linguística em vias de se completar na cidade<sup>39</sup>, devido a sua baixa produtividade e o fato de ser realizada apenas na fala dos informantes da segunda faixa etária.

Também em uma cidade do interior do Paraná, em Barra Grande, Chiapetti (2021) analisou o /R/ em *onset* silábico e, mesmo sendo uma comunidade de maioria de descendentes italianos, obteve resultados semelhantes aos de Romano (2012), com a “[...] prevalência do uso do r-fraco (tepe), na comunidade em pessoas mais velhas e com menor escolaridade, e a gradativa substituição r-fraco (tepe) pelo r-forte nos falantes mais jovens com níveis maiores de escolaridade” (CHIAPETTI, 2021, p. 4).

Esboçados alguns dos resultados já obtidos sobre a variável /R/ em *onset silábico*, na sequência, analisamos o comportamento desse fenômeno na rota dos tropeiros, tanto sob o enfoque da diatopia quanto de aspectos sociais, a partir dos quais poderemos até mesmo averiguar se a afirmação feita por Romano (2012) para Londrina, acerca de uma possível mudança linguística, pode ser expandida para a área mais ampla abrangida pelo Projeto ALRT, a qual engloba, além do Paraná, os demais estados sulistas e São Paulo.

Após a coleta e o levantamento dos dados, para a variável aqui analisada, obtivemos o total de 576 ocorrências, coletadas nas seguintes questões: QFF: 23-varrer, 39-rato, 47-rede, 51-garrafa/garração, 55-borracha e 57-rosa. Para apresentação dos dados numéricos, em números absolutos (ocorrências) e relativos (porcentagens), foram elaborados relatórios de frequência geral das seis questões selecionadas. Dentre as realizações, foram registradas as variantes fricativas posteriores, velar [x] e glotal [h], anteriores, vibrante múltipla [r] e tepe [r], e, ainda, algumas respostas prejudicadas<sup>40</sup>. Os números percentuais e absolutos podem ser visualizados na Tabela 6.

---

<sup>39</sup> Vale salientar que Romano (2012) sustenta essa afirmação, pois em sua dissertação faz um estudo em tempo real, confrontando seus dados com os de Aguilera (1987), e em tempo aparente, comparando diferentes faixas etárias.

<sup>40</sup> As RP dizem respeito a itens não obtidos (01-3, 02-2, 02-3, 02-7, 08-3, 11-3 e 12-3), a questões não formuladas (01-8, 04-3, 07-1 e 08-6) e a questões queimadas pela inquiridora (04-5 e 12-3).

Tabela 6 – Índice geral de ocorrências para o /R/ em *onset* silábico

Variantes	Nº de ocorrências	%
posteriores - [x], [h]	489	84,9%
anterior - [r]	46	7,99%
anterior - [r]	27	4,69%
RP	14	2,43%
	<b>576</b>	

Fonte: Elaborado pela autora.

Perante o índice geral de ocorrências, verificamos o predomínio de fricativas posteriores, uma vez que perfazem 84,9% dos dados frente a 7,99% de vibrante múltipla e a 4,69% de tepe. Desse modo, assim como já defendido por Monaretto (1997), os dados do Projeto ALRT também mostram o predomínio de fricativas posteriores no território investigado como um todo. Entretanto, cabe averiguar o comportamento de cada um dos pontos de inquérito em relação ao fenômeno debatido. Para tanto, trazemos a Tabela 7 com os índices por localidade.

Tabela 7 – Índice de ocorrências por ponto de inquérito para o /R/ em *onset* silábico

	posteriores - [x], [h]	anterior - [r]	anterior - [r]	<b>RP</b>
<b>1 – Cruz Alta (RS)</b>	anterior - [r]	6,25%	-	4,16%
<b>2 – Passo Fundo (RS)</b>	anterior - [r]	16,66%	4,16%	8,33%
<b>3 – Vacaria (RS)</b>	75%	14,58%	10,41%	-
<b>4 – Lages (SC)</b>	85,41%	10,41%	-	4,16%
<b>5 – Curitiba (SC)</b>	62,5%	27,08%	10,41%	-
<b>6 – Mafra (SC)</b>	75%	8,33%	16,66%	-
<b>7 – Lapa (PR)</b>	91,66%	4,16%	2,08%	2,08%
<b>8 – Palmeira (PR)</b>	85,41%	6,25%	4,16%	4,16%
<b>9 – Castro (PR)</b>	89,58%	2,08%	8,33%	-
<b>10 – Itararé (SP)</b>	100%	-	-	-
<b>11 – Itapetininga (SP)</b>	97,91%	-	-	2,08%
<b>12 – Sorocaba (SP)</b>	95,83%	-	-	4,16%

Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando os percentuais de cada ponto de inquérito, verificamos que Curitiba-SC, Passo Fundo-RS, Vacaria-RS e Lages-SC (27,08%, 16,66%, 14,58% e 10,41%, respectivamente) são as localidades que mais utilizam a vibrante múltipla. Já Mafra-SC, Curitiba-SC e Vacaria-RS (16,66%, 10,41% e 10,41, respectivamente) são as que possuem maiores índices quanto à realização de tepe. Desse modo, esses pontos sul-rio-grandenses e catarinenses são os que mais se distanciam do cenário geral que tende ao uso de fricativa posterior, principalmente de Lapa-PR e dos pontos paulistas, que alcançaram percentuais acima de 90% ou, ainda, apresentam uso categórico de fricativa posterior, como em Itararé-SP.

Estabelecido um panorama geral, na sequência, buscamos verificar se há possíveis condicionadores linguísticos para uma ou outra variante. Assim, primeiramente, apresentamos os dados referentes às duas classes gramaticais contempladas pelas lexias esperadas como resposta, verbo e substantivo<sup>41</sup>, e, depois, voltamos o olhar para a posição silábica assumida pelo rótico, em início de vocábulo e em *onset* interno<sup>42</sup>.

Tabela 8 – Índice geral de ocorrências para o /R/ em *onset* silábico: classe gramatical

VERBO		
Variantes	Nº de ocorrências	%
posteriores - [x], [h]	80	83,33%
anterior - [r]	10	10,42%
anterior - [r̥]	3	3,12%
RP	3	3,12%
	<b>96</b>	
SUBSTANTIVOS		
Variantes	Nº de ocorrências	%
posteriores - [x], [h]	409	85,21%
anterior - [r]	36	7,5%
anterior - [r̥]	24	5%
RP	11	2,29%
	<b>480</b>	

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>41</sup> Salientamos que, embora haja discrepância entre os números de verbos e substantivos, consideramos válido trazer os dados, pois poderiam trazer indícios de condicionamento.

<sup>42</sup> São consideradas três questões para cada um desses contextos.

A Tabela 8 mostra que a classe gramatical não parece exercer influência na realização de uma ou outra variante, todavia, a lexia verbal (varrer) favorece ligeiramente o uso da vibrante múltipla, enquanto os substantivos (rato, rede, garrafa/garrafão, borracha e rosa) propiciam maior uso de tepe, embora em ambas as variáveis linguísticas a variante majoritária seja a fricativa posterior.

Na Tabela 9, apresentamos os dados sob o critério posição silábica.

Tabela 9 – Índice geral de ocorrências para o /R/ em *onset* silábico: posição silábica

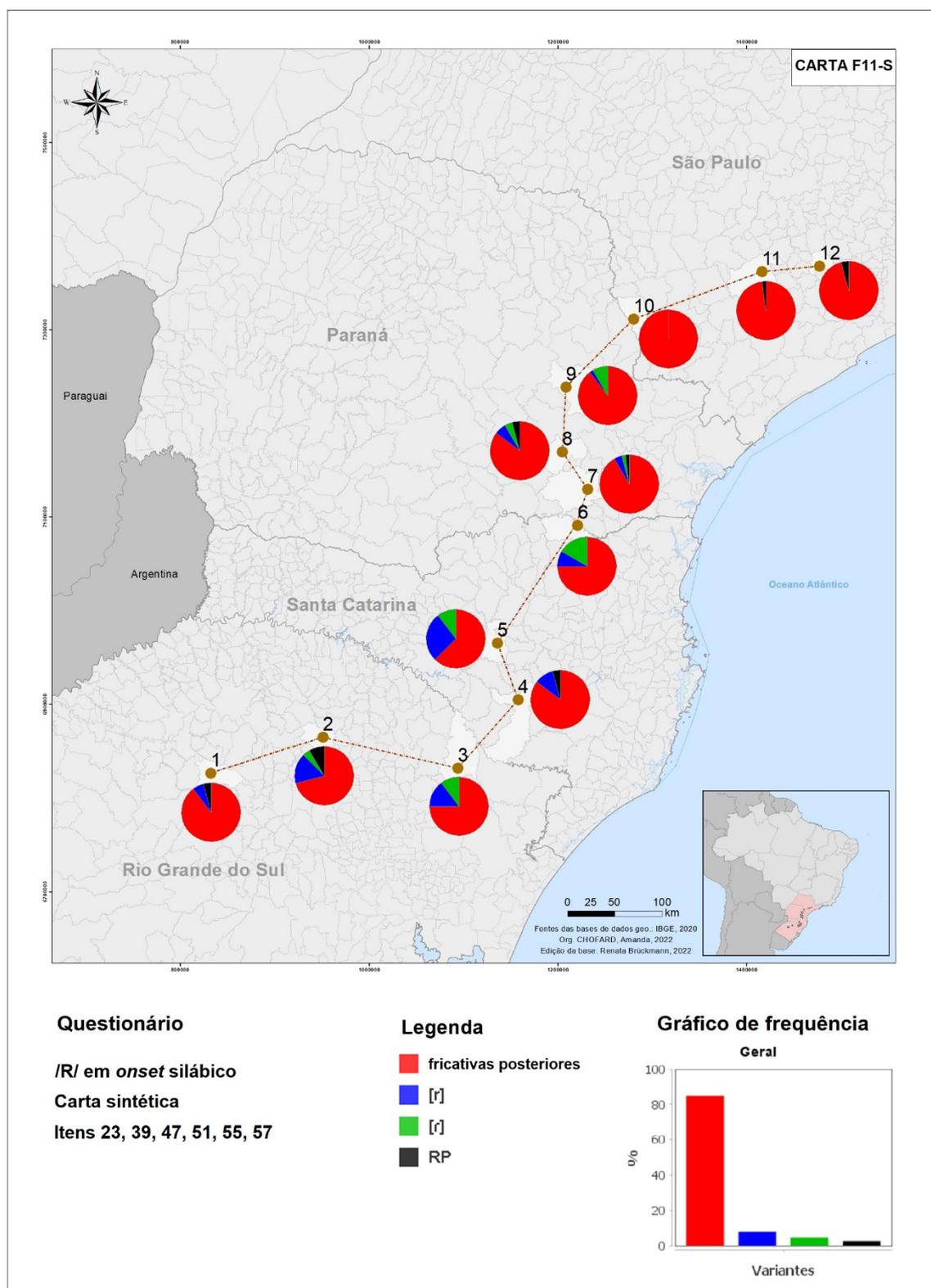
<b>ONSET EM INÍCIO DE VOCÁBULO</b>		
<b>Variantes</b>	<b>Nº de ocorrências</b>	<b>%</b>
posteriores - [x], [h]	250	86,81%
anterior - [r]	22	7,64%
anterior - [r]	15	5,21%
RP	1	0,35%
	<b>288</b>	
<b>ONSET INTERNO</b>		
<b>Variantes</b>	<b>Nº de ocorrências</b>	<b>%</b>
posteriores - [x], [h]	239	82,99%
anterior - [r]	24	8,33%
anterior - [r]	12	4,17%
RP	13	4,51%
	<b>288</b>	

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim como a classe gramatical, a posição do rótico na sílaba também não exerce influência significativa quanto ao uso das variantes documentadas, uma vez que os percentuais se mostram semelhantes. Dessa maneira, cabe averiguar como se dão os usos frente aos aspectos extralinguísticos. Para tanto, iniciamos a análise diatópica com a apresentação da Carta F11-S, ilustrada pela Figura 20.

Figura 20 – Carta monodimensional: /R/ em onset silábico com agrupamento das questões

## ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT

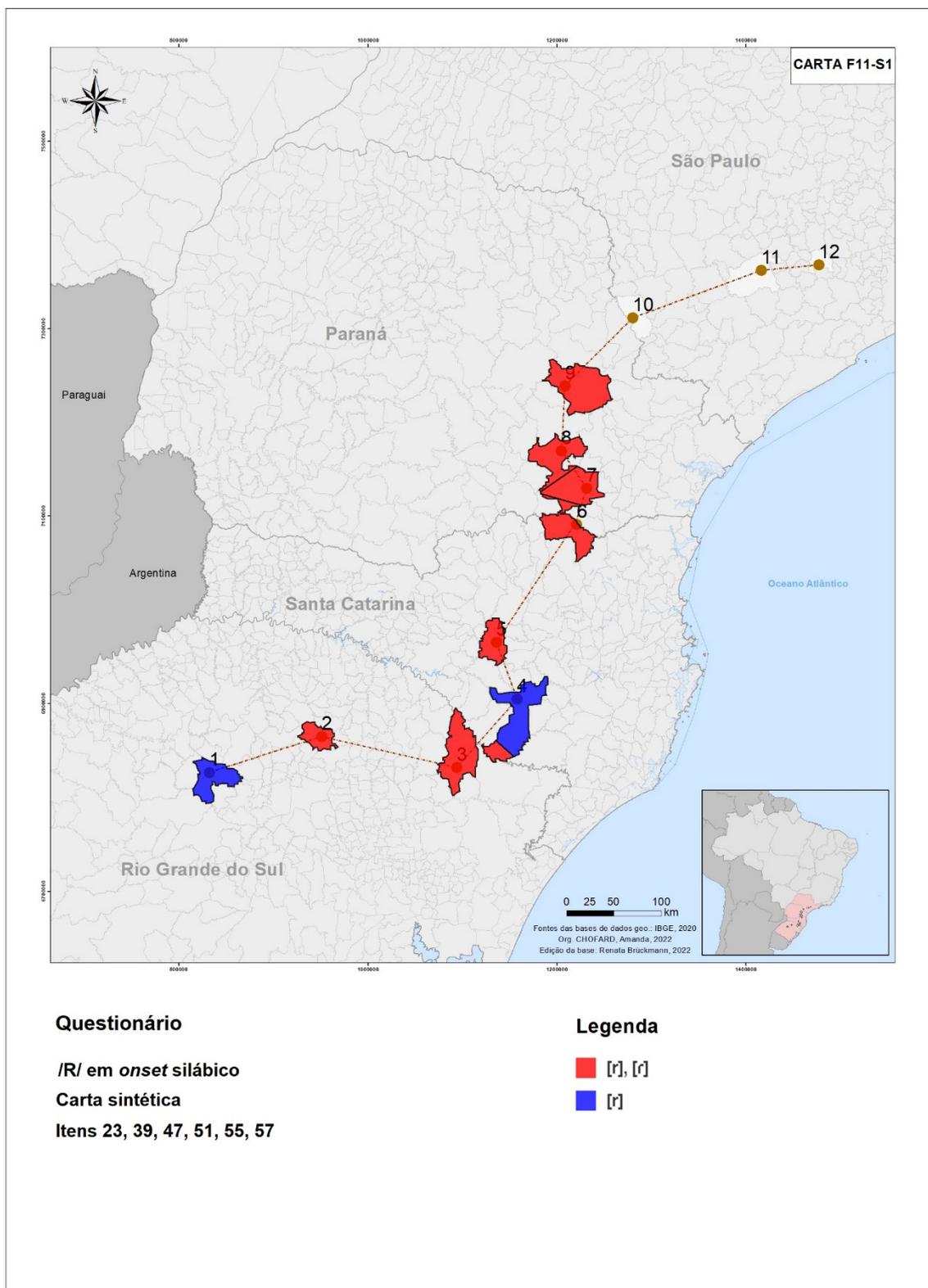


Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

A partir dessa carta, podemos visualizar a preferência pelo uso da fricativa posterior, propagada ao longo de toda a área investigada, bem como a distribuição das variantes anteriores [r] e [r], cuja arealização se restringe aos estados da Região Sul, principalmente ao Rio Grande do Sul e à Santa Catarina, como demonstra a Figura 15.

Figura 21 – Arealidade das variantes [r] e [r̥] com agrupamento das questões

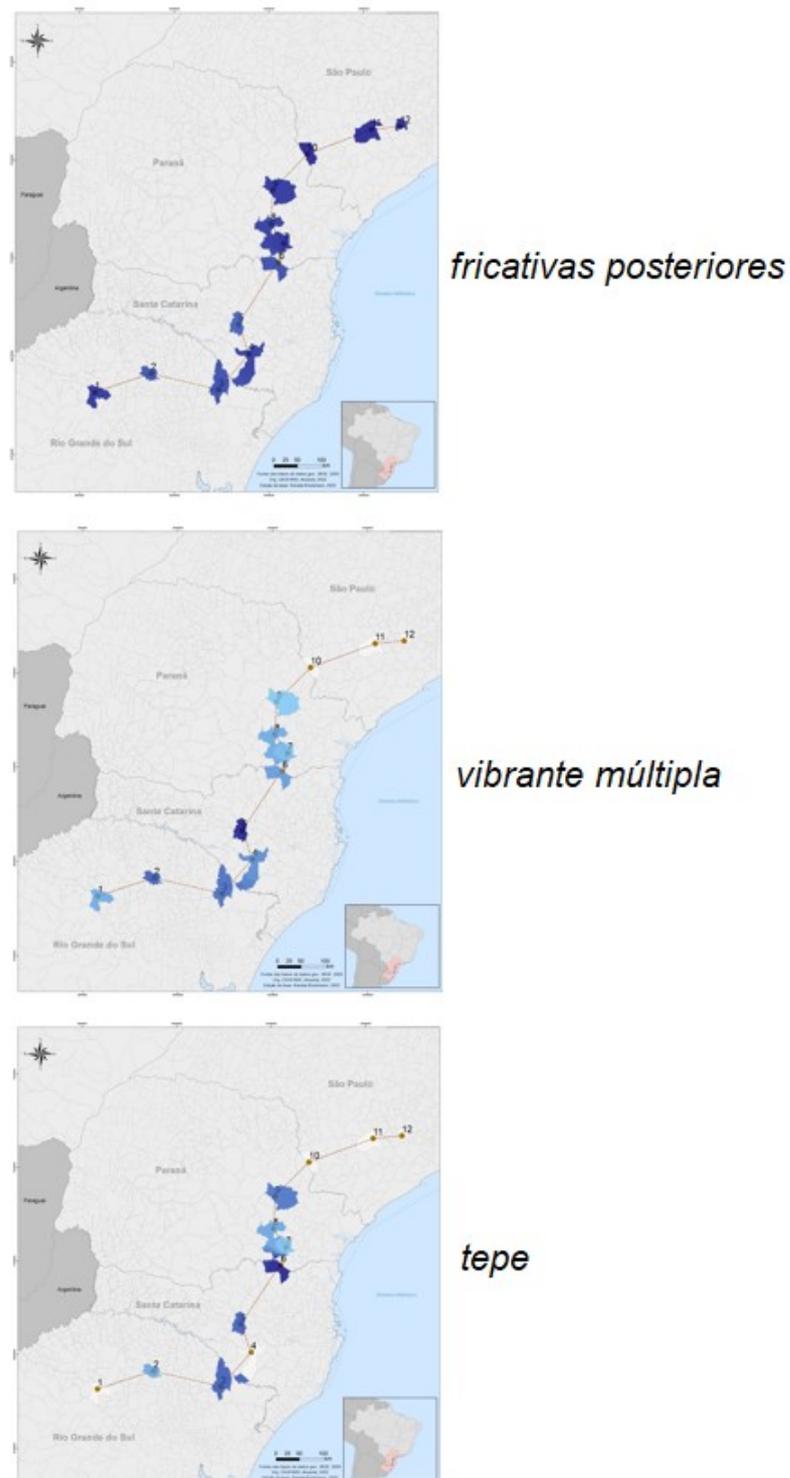
ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

Observadas essas cartas, também se faz relevante analisar a intensidade com que as variantes são utilizadas em cada ponto (Figura 22).

Figura 22 – Arealidade gradual das variantes: /R/ em onset silábico com agrupamento das questões

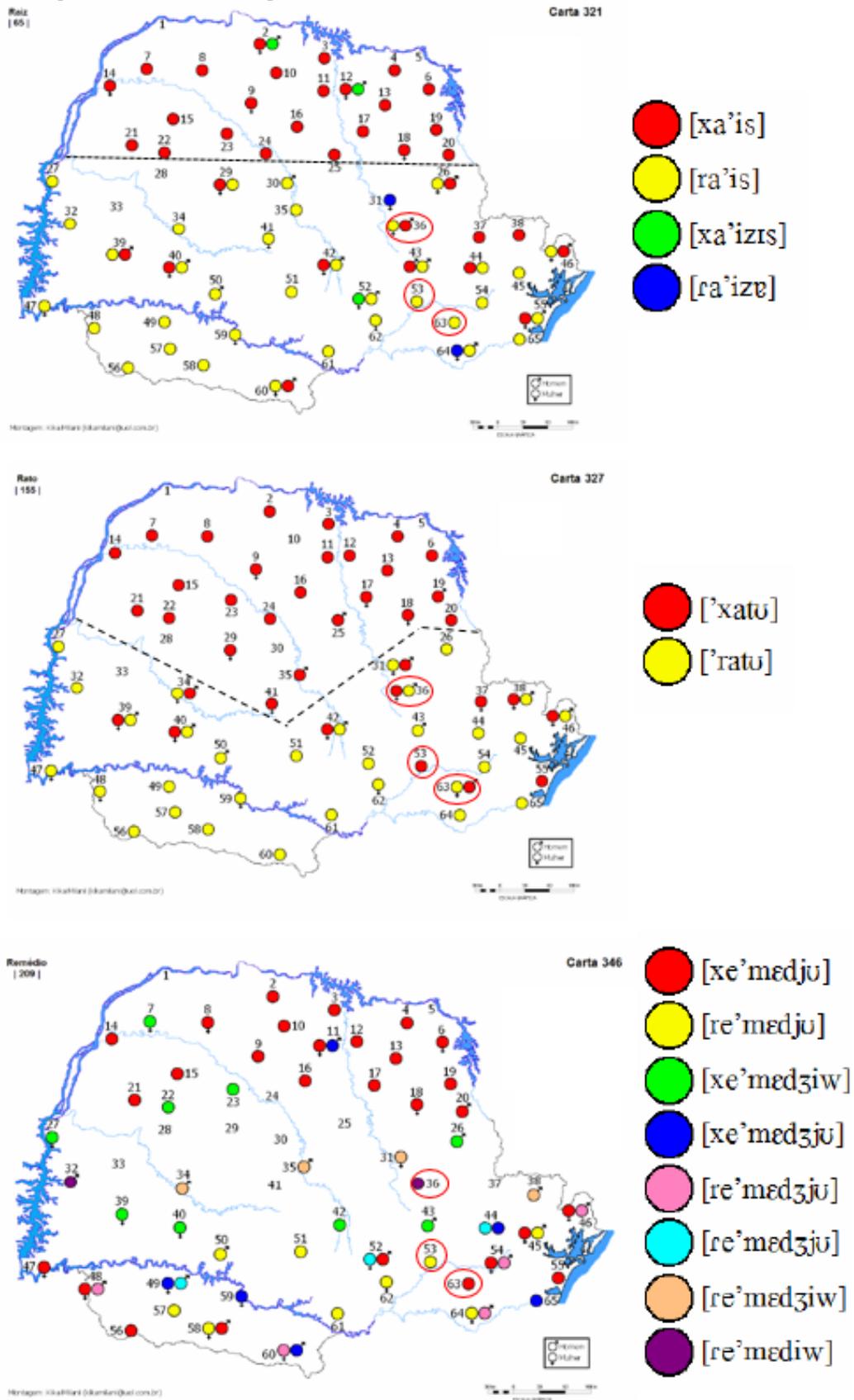


Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

Essas cartas possibilitam uma melhor compreensão da propagação das variantes ao longo da rota dos tropeiros, ratificando a afirmação de Brescancini e Monaretto (2008) de que o uso de vibrante múltipla e de tepe em *onset* silábico, juntamente com a fricativa posterior, pode ser considerada uma característica da fala da Região Sul. Sendo assim, por meio dos dados do Projeto ALRT, observamos a possibilidade de considerar as variantes anteriores [r] e [r̥] como pertencentes a variedade [+RS], as quais se propagam no sentido norte, mas não adentram o território paulista, cujo falar possui uso categórico de fricativa posterior.

Buscando comparar os dados do Projeto ALRT com cartas do ALPR, do ALERS e dados inéditos do Projeto ALiB, apresentamos cartas linguísticas com os dados dos referidos atlas.

Figura 23 – Cartas linguísticas ALPR: vocábulos com /R/ em onset silábico

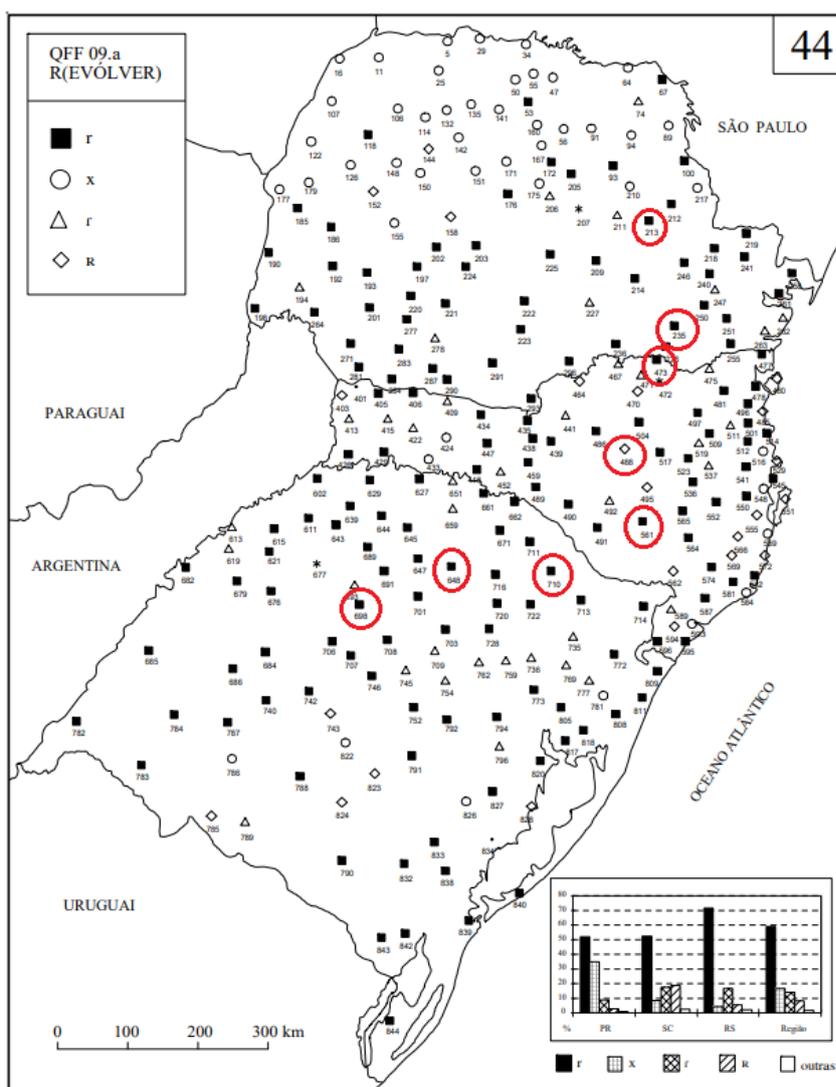


Fonte: Adaptado de Altino (2022).

As cartas do ALPR, principalmente a primeira e a segunda, mostram certa divisão do estado do Paraná quanto ao uso do /R/ em *onset* silábico e, ao observar as documentações nos pontos do Atlas do Paraná coincidentes com os pontos do Projeto ALRT, circulado em vermelho, constatamos a presença das três variantes documentadas em nossos dados, assim como a profícua utilização da vibrante múltipla e do tepe na porção sul paranaense, que nos nossos registros já parece ter perdido forças.

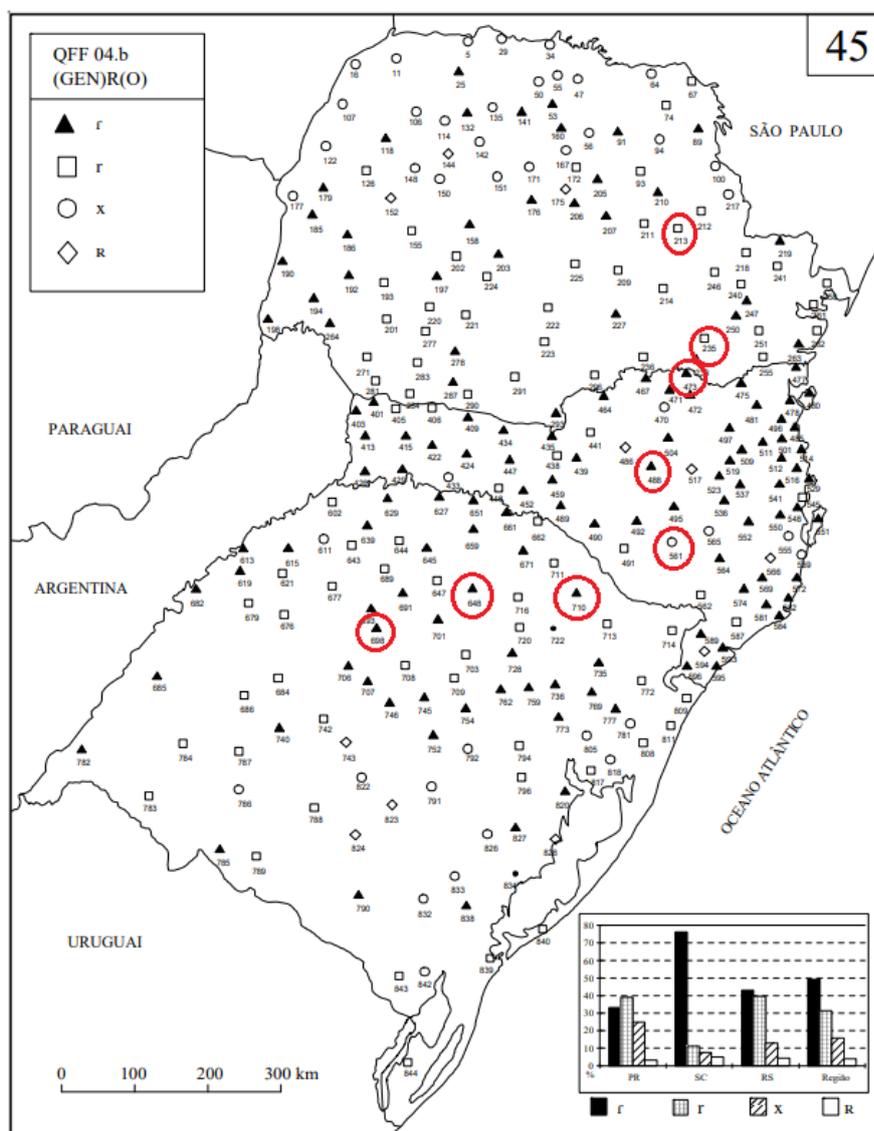
Na sequência, as cartas linguísticas do ALERS apresentadas na Figura 24 e na Figura 25 trazem um panorama de toda a Região Sul, contemplando grande parte da rede de pontos do Projeto ALRT.

Figura 24 – Carta linguística ALERS QFF 09.a - R(EVÓLVER)  
ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



Fonte: Adaptado de Koch; Altenhofen; Klassmann (2011a, p. 235).

Figura 25 – Carta linguística ALERS QFF 04.b - (GEN)R(O)  
 ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



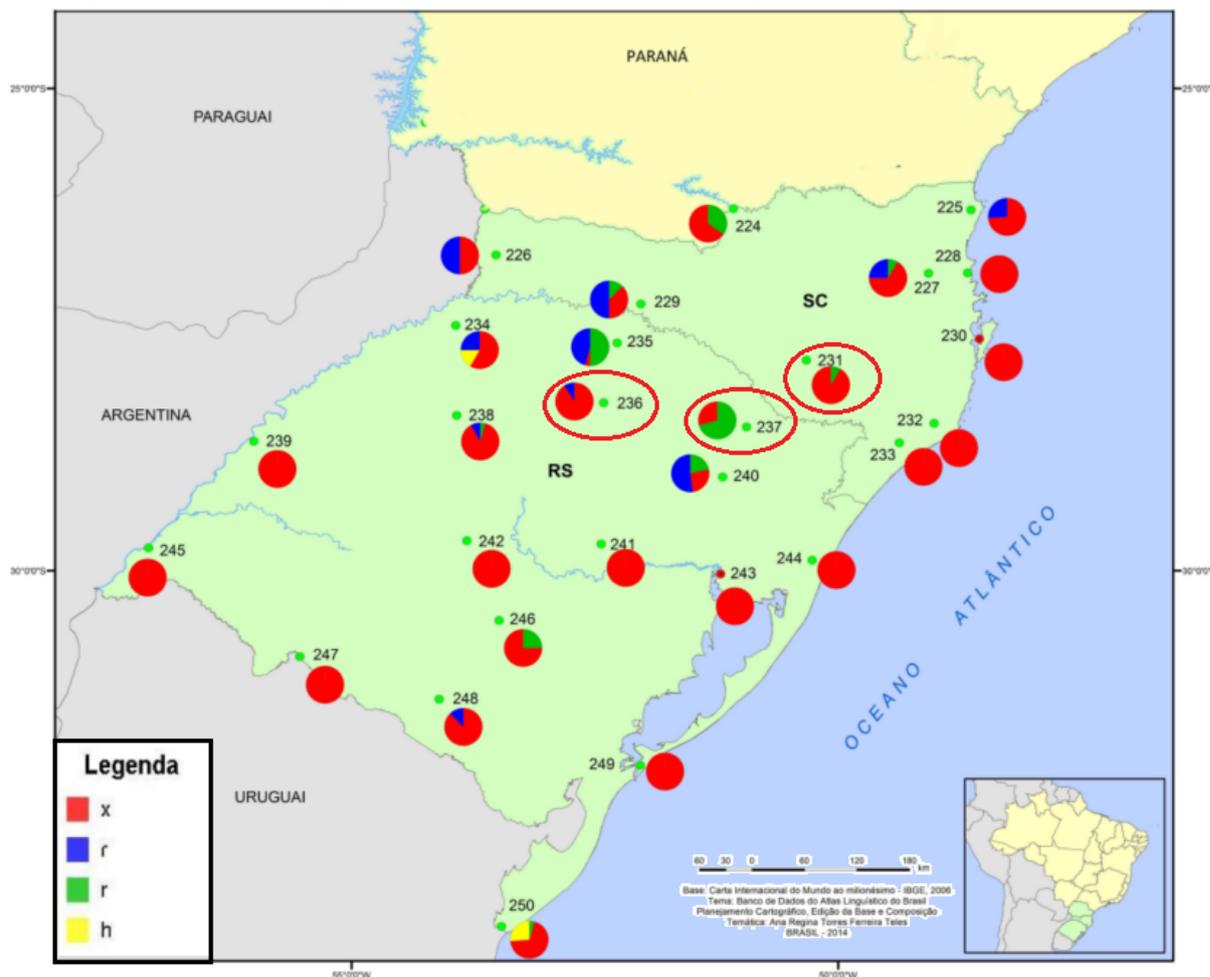
Fonte: Adaptado de Koch; Altenhofen; Klassmann (2011a, p. 237).

Ao analisar os dados do ALERS, certificamos que, acompanhando a rota dos tropeiros tida em questão, predomina a vibrante múltipla, em início de vocábulo, e de tepe, em *onset* interno. Todavia, os dados do Projeto ALRT aqui apresentados possibilitam a leitura de que, ao contrário dos dados do ALERS em que a fricativa velar é bastante presente especificamente no norte do Paraná, a variante posterior, que apresentou altos índices de produtividade em todos os pontos de inquérito, está substituindo as variantes [r] e [r]. Ademais, em relação a essa divergência entre o que os dados mostram, podemos aqui reafirmar a inferência de Monaretto (1997) de que isso pode ser consequência do fato de o ALERS focalizar núcleos rurais,

enquanto o ALRT, apesar de também controlar a dimensão diazonal, está diante de um contexto urbano e de um contexto rural, porém distinto daquele investigado na década de 1980.

Voltando nosso olhar para os dados do Projeto ALiB, apresentamos uma carta linguística *ah hoc*, elaborada por Comiotto e Margotti (2019)<sup>43</sup> para os estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

Figura 26 – Carta linguística a partir dos dados do Projeto ALiB: /R/ em onset silábico



Fonte: Adaptado de Comiotto; Margotti (2019).

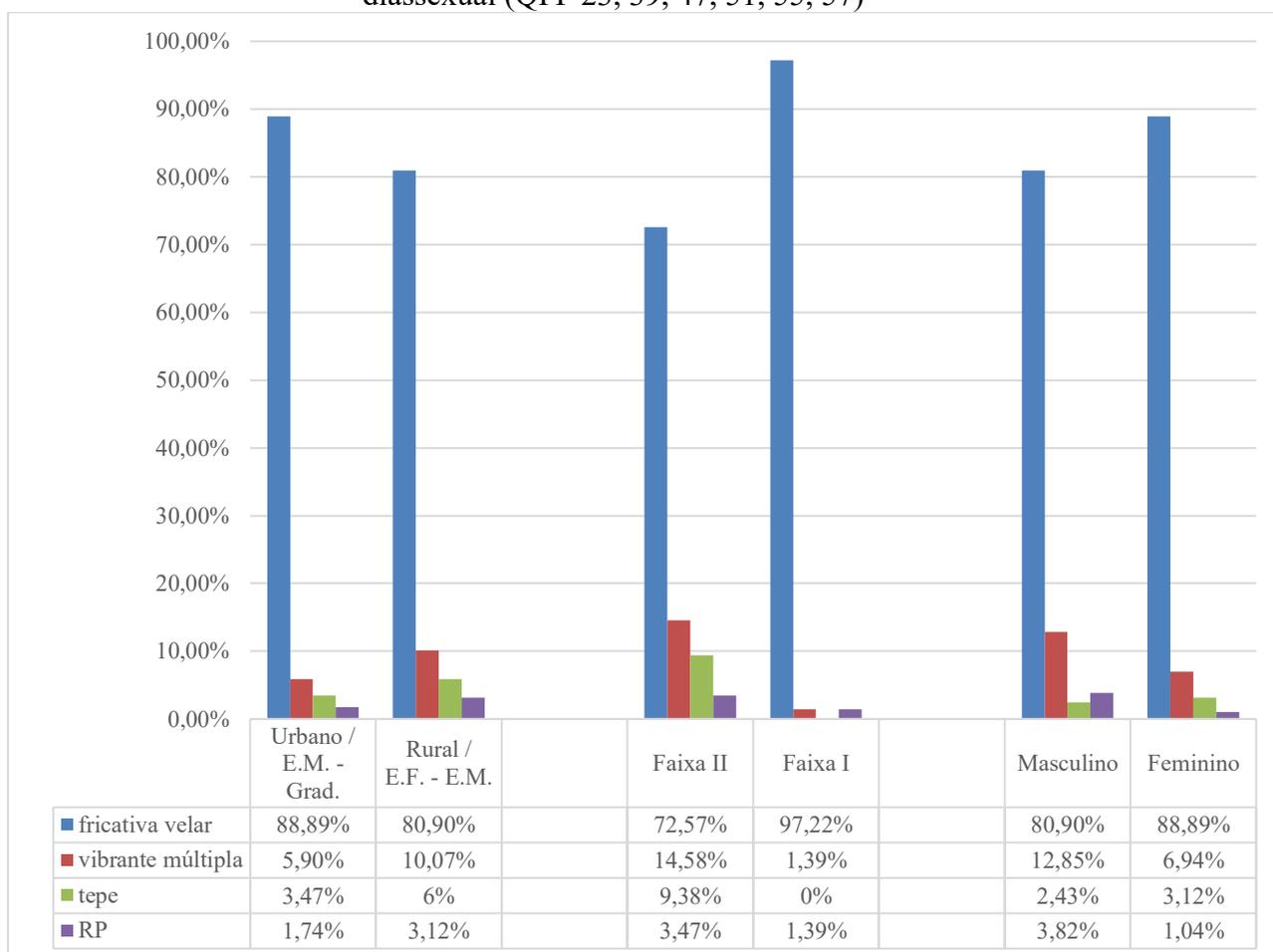
Ao visualizar essa carta, nos deparamos com dados que se assemelham aos do Projeto ALRT, com fricativa posterior predominando nos dois estados, com exceção da área de maior contato com o dialeto italiano, foco da pesquisa dos autores. Especificamente em relação aos

<sup>43</sup> Salientamos que não trouxemos maiores discussões a partir deste estudo, pois ele possui como cerne a observação do português em contato com dialetos italianos, focalizando, principalmente, localidades distintas das do ALRT.

pontos que coincidem com os nossos (Passo Fundo-RS, Vacaria-RS e Lages-SC), a diferença se dá apenas na maior frequência de vibrante múltipla do que de fricativa posterior em Vacaria-RS, uma vez que no Projeto ALRT todos os pontos demonstraram maior uso da variante posterior.

Tecidas as considerações de cunho diatópico, passamos a analisar os aspectos sociais a partir do Gráfico 2 que engloba os números percentuais referentes às dimensões diazonal, diageracional e diassexual.

Gráfico 2 – Índice percentual de ocorrências segundo as dimensões diazonal, diageracional e diassexual (QFF 23, 39, 47, 51, 55, 57)



Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando o gráfico, no que tange à dimensão diazonal, afirmamos que os percentuais não se mostraram muito discrepantes, porém ainda assim podemos observar que os informantes urbanos utilizam mais a variante posterior, enquanto os rurais, embora também utilizem de modo significativo essa variante, dão maior número de respostas com vibrantes anteriores.

Nesse sentido, vemos aqui uma possível relação entre a área habitacional e o uso de [r] e [r], inferência essa que ganha corpo ao olharmos para os dados do ALPR e do ALERS, atlas esses majoritariamente de caráter rural, e verificarmos a alta incidência dessas variantes, se comparadas com a outra também utilizada, ao passo que dados do Projeto ALiB e do VARSUL, com foco no ambiente urbanizado, apontam, contrariamente, para a predominância da fricativa posterior, assim como os dados desta tese que focalizam os dois contextos habitacionais.

A respeito da dimensão diasssexual, as mulheres utilizam mais a variante posterior do que os homens, o que pode estar atrelado ao fato de essa variante ter maior prestígio do que a vibrante múltipla e o tepe em *onset* silábico, revelando indícios de estigmatização. Já de modo inverso, são os informantes do sexo masculino que fazem maior uso de [r], com o dobro de percentual das realizações documentadas na fala das mulheres, o que pode ser indício de prestígio encoberto.

Por fim, temos a dimensão diageracional como a que se mostra mais significativa para a realização do /R/ em *onset*, tendo em vista que evidencia, assim como já preconizado por Romano (2012) em uma localidade do norte paranaense, um possível cenário de mudança linguística, em que as variantes [r] e [r] estão gradativamente sendo substituídas pelas fricativas posteriores, já que a presença de vibrante múltipla e de tepe se dá majoritariamente na fala dos informantes da faixa II, enquanto os mais jovens fazem uso quase categórico de posteriores, com percentual de 97,22%. Sendo assim, constatamos por meio dos dados do Projeto ALRT uma tendência à mudança em tempo aparente, dada a observação dos usos de diferentes faixas etárias, assim como uma visão que se aproxima de uma observação em tempo real, tendo em vista as considerações tecidas de modo comparativo com os dados do ALPR e do ALERS, os quais se distanciam dos aqui apresentados em cerca de 30 anos, demonstrando de fato um enfraquecimento dos róticos que se articulam na zona anterior da boca.

Concluimos que a variável /R/ em *onset* silábico evidencia a existência de variantes características de uma variedade [+RS], que tendem a ser substituídas pela variante fricativa posterior, predominante na fala de maior parte dos brasileiros, inclusive os que utilizam a variedade paulista. Com base nas considerações tecidas sobre os aspectos sociais, essa afirmação de uma possível mudança linguística se confirma a partir da variação diageracional averiguada, em que os jovens utilizam em apenas 1,39% dos dados a vibrante múltipla, não havendo nenhum registro de tepe na fala da faixa I. Além disso, no que concerne às demais dimensões controladas, constatamos que a área habitacional também parece influenciar nos usos, assim como o sexo.

## 5.2 VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA

Nesta seção, são analisados os dados condizentes ao nível morfosintático, levando em consideração o conjunto de cartas elaboradas para este fim. Sendo assim, averiguamos os resultados em relação à variável *pronome pessoal de segunda pessoa do singular*.

### 5.2.1 Pronome pessoal de segunda pessoa do singular

Na Região Sul, com base em estudos pautados sob diferentes aspectos teórico-metodológicos, que a variável *pronome pessoal de segunda pessoa do singular* se mostra significativa para a delimitação dos falares existentes, como demonstram Altenhofen (2002) e Leão, Altenhofen e Klassmann (2003), a partir de dados do ALERS, e Romano e Margotti (2016), analisando dados do Projeto ALiB.

Altenhofen (2002), embora apresente possíveis áreas linguísticas sulistas sob o aspecto fonético-fonológico, afirma que fenômenos morfosintáticos, como o aqui analisado, também contribuem para uma visão mais ampla dos falares na região, principalmente para a confirmação da existência de duas grandes áreas e para o entendimento do chamado Leque Catarinense, o que inferiu estar ligado ao movimento tropeiro, uma vez que a variante *você*, mais comum entre paulistas e paranaenses, se projeta para o sul, adentrando Santa Catarina, estado que se mostra como uma zona de transição, com a presença tanto de *tu* quanto de *você*, pendendo também para o uso de sujeito oculto, o que seria uma forma mais neutra.

Leão, Altenhofen e Klassmann (2003), por sua vez, apesar de centrarem o estudo na relação dos pronomes *tu* e *você* com o bilinguismo, que não é o foco da presente pesquisa, demonstram como se distribuem as variantes em questão também na fala dos grupos monolíngues – gaúchos, catarinenses e paranaenses –, averiguando em que medida há marcas distintivas entre os falares de cada um deles. Dessa maneira, os autores concluem que há um significativo emprego de *você* em áreas bilíngues do Rio Grande do Sul, o que pode ser explicado pelo fato de o português ter sido uma língua aprendida em ambiente escolar, levando essas populações a aprenderem a forma encarada como padrão, assim como há um alto índice de sujeito oculto em Santa Catarina, refletindo sua posição de zona transitória entre duas variedades, uma marcada pelo *tu*, variedade sul-rio-grandense, e uma pelo *você*, variedade paulista.

Já Romano e Margotti (2016) voltam o olhar para os dados do Projeto ALiB e reiteram que, a partir da variável em questão, é possível visualizar a existência de duas grandes áreas,

uma de influência paulista e outra de influência sul-rio-grandense, além do território perpassado por essas duas variedades.

Portanto, diante dos estudos geolinguísticos apresentados, os quais atribuem o comportamento da variável aqui discutida na Região Sul ao Tropeirismo, bem como do fato de que, em termos morfossintáticos, um dos aspectos que mais possibilita a percepção popular da variação diatópica é a realização dos pronomes, em especial do pronome pessoal de segunda pessoa do singular, buscamos documentar as respostas dadas pelos informantes para a questão 1 do QMS, a saber: “quando um amigo diz que vai viajar e se quer saber para onde vai, como é que se pergunta?”, cujos dados são descritos a seguir.

Com o levantamento das respostas, obtivemos o registro de três variantes: *você*, *cê* e *tu*, além do *apagamento*. Para fins cartográficos, procedemos ao agrupamento das formas *você* e *cê*, considerando-as sob um único rótulo, bem como adotamos o rótulo *tu/você* para as respostas daqueles informantes que utilizaram ambas as formas, totalizando quatro rótulos para a cartografia, acrescidos das respostas prejudicadas, como ilustra o Quadro 16.

Quadro 16 – Agrupamentos das variantes documentadas para a questão 1 – tu/você

RÓTULOS	VARIANTES AGRUPADAS
você	você/ cê
tu	tu
tu/você	tu/ você (quando utilizadas pelo mesmo informante)
Ø	apagamento
RP	item não obtido/ questão não formulada

Fonte: Elaborado pela autora.

Para a questão 1 do QMS “Quando um amigo diz que vai viajar e se quer saber para onde vai, como é que se pergunta?”, levantamos o total de 96 respostas, cujos números percentuais e absolutos podem ser visualizados na Tabela 10.

Tabela 10 – Índice geral de ocorrências - QMS 1

<b>Variantes</b>	<b>Nº de ocorrências</b>	<b>%</b>
você	58	60,42%
tu	17	17,71%
Ø	16	16,67%
tu/você	2	2,08%
RP	3	3,12%
	<b>96</b>	

Fonte: Elaborado pela autora.

Perante os dados apresentados, observamos que, no contexto geral, a forma mais utilizada é *você*, representando 60,42% dos registros, equivalentes a 58 ocorrências, das quais 19 são referentes à forma agrupada aferética *cê*. A variante *tu* se mostrou menos produtiva, perfazendo 17,71%, correspondentes a 17 respostas. O *apagamento*, com números semelhantes ocorreu em 16,67% das respostas, totalizando 16 documentações. Já a alternância das formas foi documentada na fala de dois informantes, um utilizando *tu/você* e outro *tu/cê* o que corresponde ao percentual de 2,08%. Além disso, houve a documentação de três RP, as quais dizem respeito ao inquérito 7 de Lapa-PR, cuja questão não foi formulada, e aos inquéritos 2 de Itararé-SP e 5 de Itapetininga-SP, em que o item não foi obtido<sup>44</sup>.

Tendo em vista que o cenário geral, de maior realização de *você*, não se aplica a todas as localidades investigadas, apresentamos a Tabela 11, que traz os dados por ponto de inquérito.

<sup>44</sup> Foram considerados itens não obtidos os casos em que o informante não respondeu a questão conforme o esperado, formulando uma nova questão com outro contexto. Para exemplificar, trazemos a resposta dada pelo informante 5 de Itapetininga-SP: “INF.- Pra onde vai sê a viagem, o passeio?”

Tabela 11 – Índice de ocorrências por ponto de inquérito - QMS 1

	você		tu		Ø		tu/você		RP	
<b>1 – Cruz Alta (RS)</b>	4	50%	2	25%	2	25%	-	-	-	-
<b>2 – Passo Fundo (RS)</b>	4	50%	3	37,5%	1	12,5%	-	-	-	-
<b>3 – Vacaria (RS)</b>	3	37,5%	4	50%	1	12,5%	-	-	-	-
<b>4 – Lages (SC)</b>	2	25%	3	37,5%	2	25%	1	12,5%	-	-
<b>5 – Curitibaanos (SC)</b>	5	62,5%	1	12,5%	2	25%	-	-	-	-
<b>6 – Mafra (SC)</b>	7	87,5%	1	12,5%	-	-	-	-	-	-
<b>7 – Lapa (PR)</b>	4	50%	-	-	3	37,5%	-	-	1	12,5%
<b>8 – Palmeira (PR)</b>	7	87,5%	-	-	1	12,5%	-	-	-	-
<b>9 – Castro (PR)</b>	5	62,5%	1	12,5%	2	25%	-	-	-	-
<b>10 – Itararé (SP)</b>	5	62,5%	-	-	2	25%	-	-	1	12,5%
<b>11 – Itapetininga (SP)</b>	5	62,5%	2	25%	-	-	-	-	1	12,5%
<b>12 – Sorocaba (SP)</b>	7	87,5%	-	-	-	-	1	12,5%	-	-

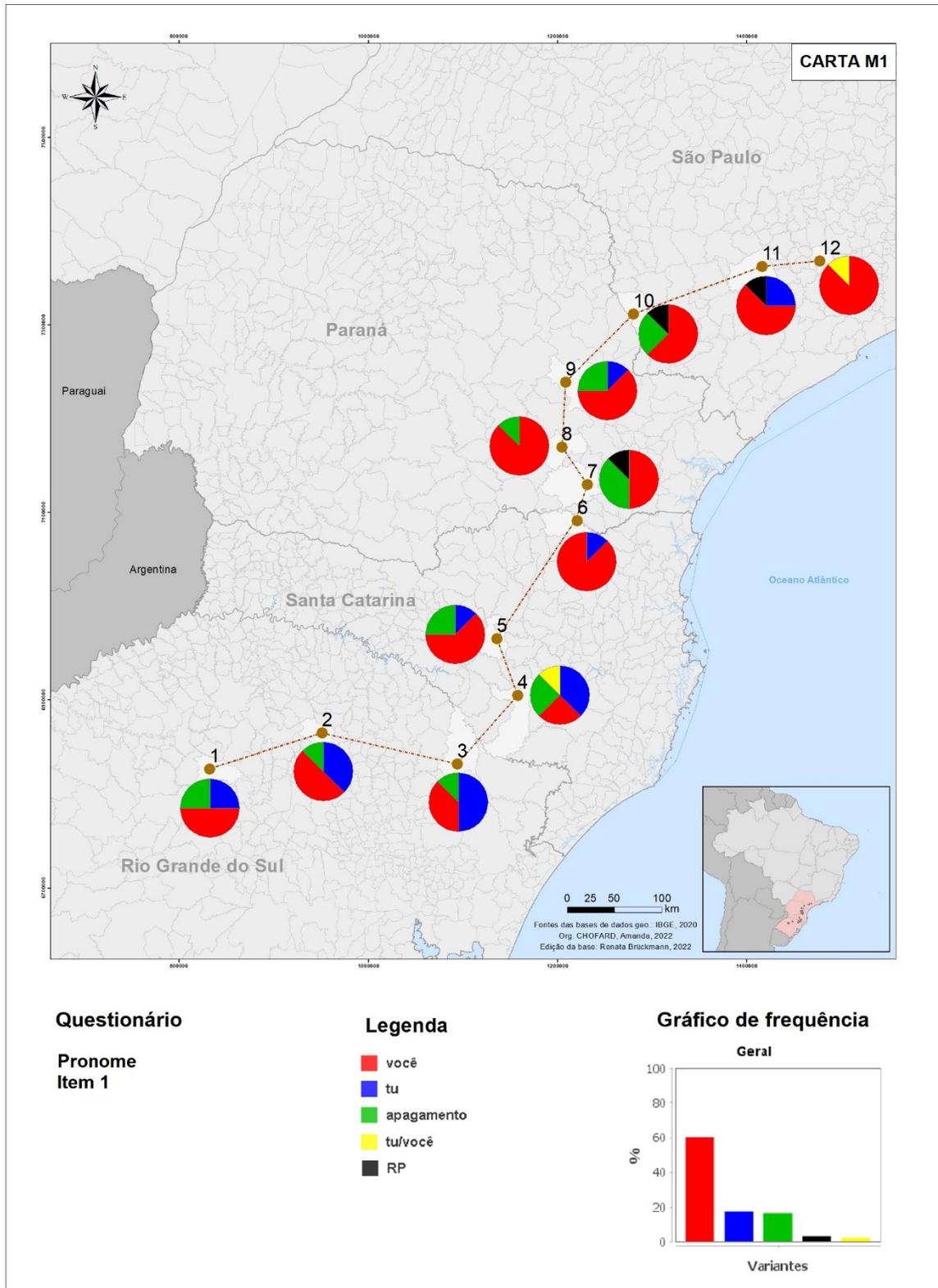
Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados evidenciam a ocorrência de *você* em todas as localidades, porém com diferentes produtividades, bem como a não utilização de *tu* em três localidades, a saber: Lapa-PR, em que prevalece a forma *você* e o *apagamento*; Palmeira-PR, onde majoritariamente se tem o uso de *você*; e Itararé-SP, na qual a preferência é *você* seguida da forma apagada. No que tange à alternância entre as variantes, houve uma documentação em Lages-SC, onde prevalece o *tu*, e em Sorocaba-SP, onde prevalece o *você*. Ressaltamos, ainda, que as realizações de *apagamento* oscilaram entre uma e três ocorrências, não sendo registrado apenas em Mafra-SC, em Itapetininga-SP e em Sorocaba-SP.

Para a análise diatópica, elaboramos a Carta M1 ilustrada na Figura 27.

Figura 27 – Carta monodimensional QMS 1

ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

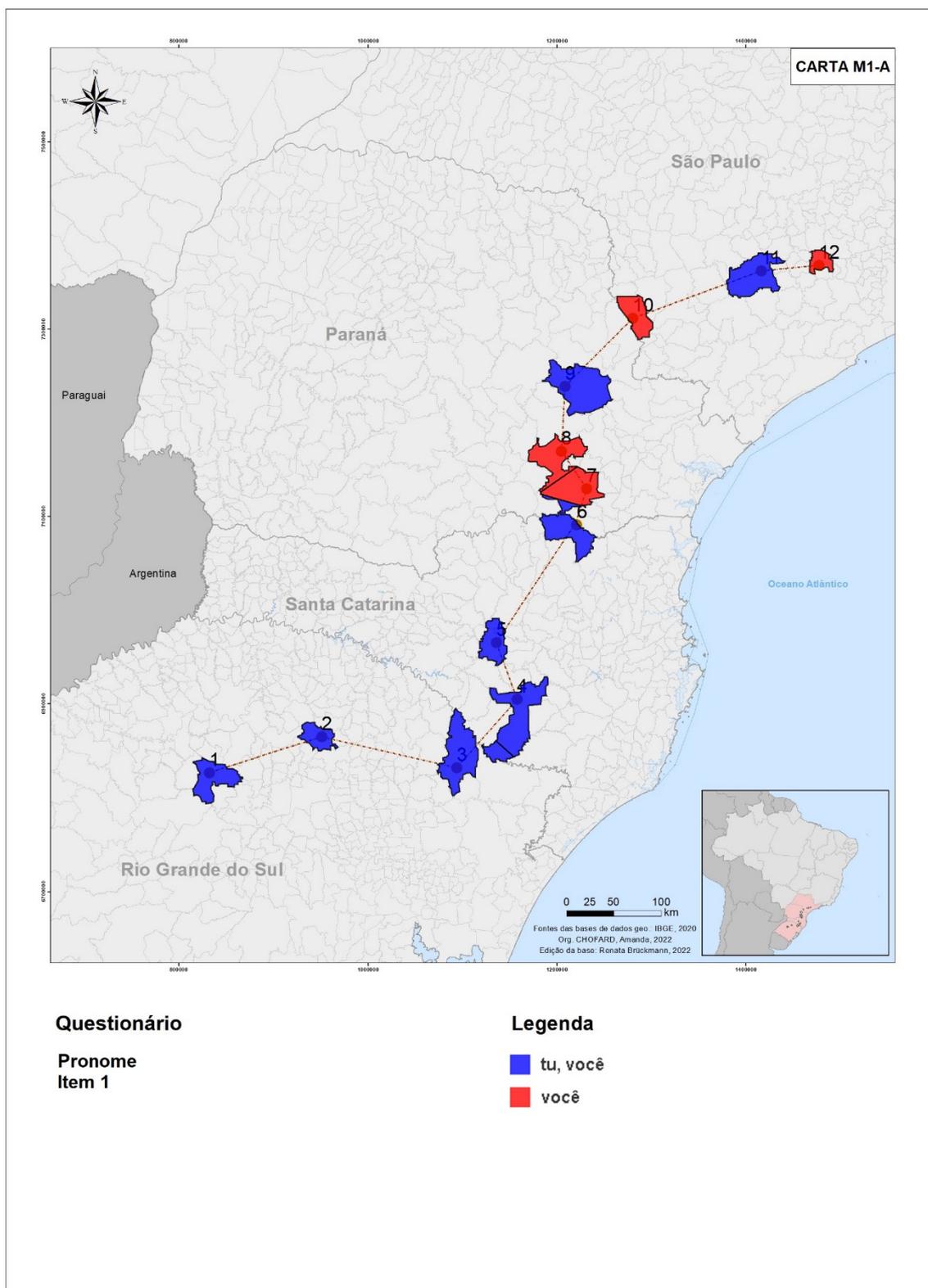
Por meio dessa carta, podemos observar que o *você*, o *tu* e o *apagamento* concretizam-se ao longo da rede de pontos. Todavia, a variante *você* é a que mais se destaca, uma vez que foi dada como resposta em todos os pontos.

Em relação à alternância entre *tu* e *você*, podemos visualizar que ocorreu em uma localidade de Santa Catarina (ponto 4 – Lages) e em uma de São Paulo (ponto 12 – Sorocaba). Sendo assim, no que diz respeito à cidade paulista, cabe mencionar que a forma *você* é majoritária, quase que categórica, a não ser pela alternância feita pelo informante 7, o que pode ser explicado pelo fato de ele, como relatado no decorrer do inquérito, possuir familiares residentes no Rio Grande do Sul e, assim, querer demonstrar familiaridade e conhecimento sobre esse uso, uma vez que, ao procedermos à audição do discurso semidirigido, no qual espera-se um discurso menos monitorado e, conseqüentemente, mais espontâneo, localizamos apenas a utilização de *você*.

A fim de termos uma visão areal da distribuição das variantes *tu* e *você* por todo o território investigado, foi gerada a Carta M1-A, exposta na Figura 28.

Figura 28 – Arealidade das variantes *tu* e *ocê*

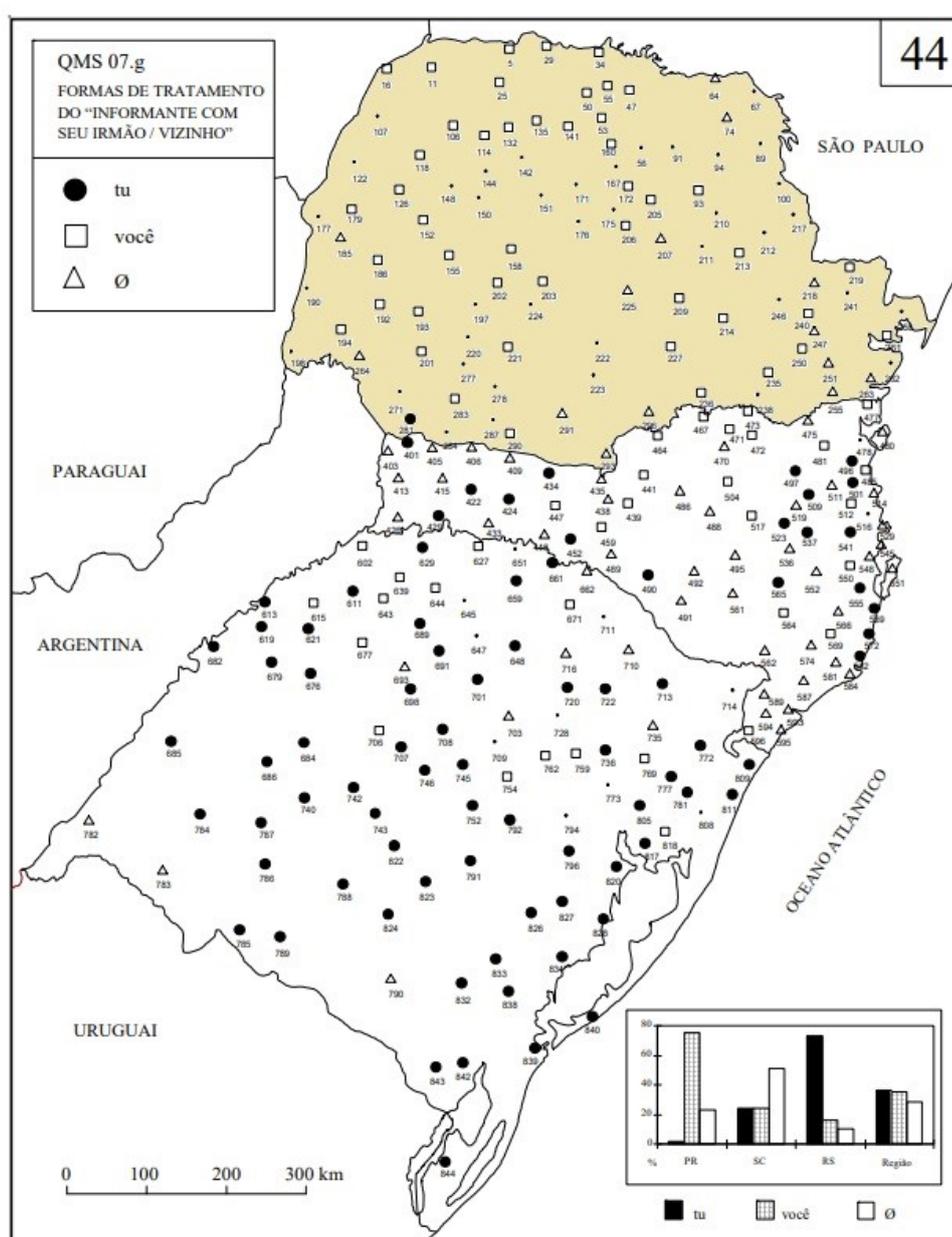
## ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

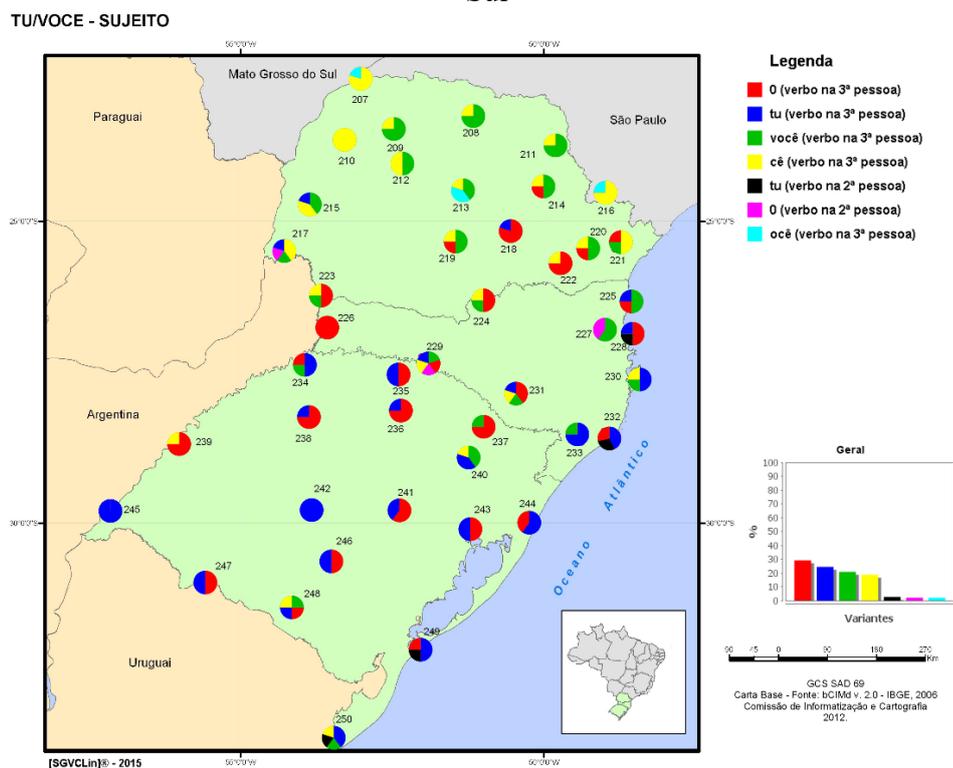
Dessa forma, observamos que, embora o *você* seja predominante em termos quantitativos, o *tu* também se dissemina pela área estudada, adentrando terras paranaenses e paulistas onde há o predomínio de *você*, consoante aos dados apresentados pelas cartas a partir dos dados do ALERS e do Projeto ALiB, no interior da Região Sul (ROMANO; MARGOTTI, 2016) e nas capitais (CARDOSO; MOTA, 2017), expostas na Figura 29, na Figura 30 e na Figura 31, respectivamente.

Figura 29 – Carta Linguística ALERS QMS 07.g - predomínio da variante *você* no Paraná  
ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



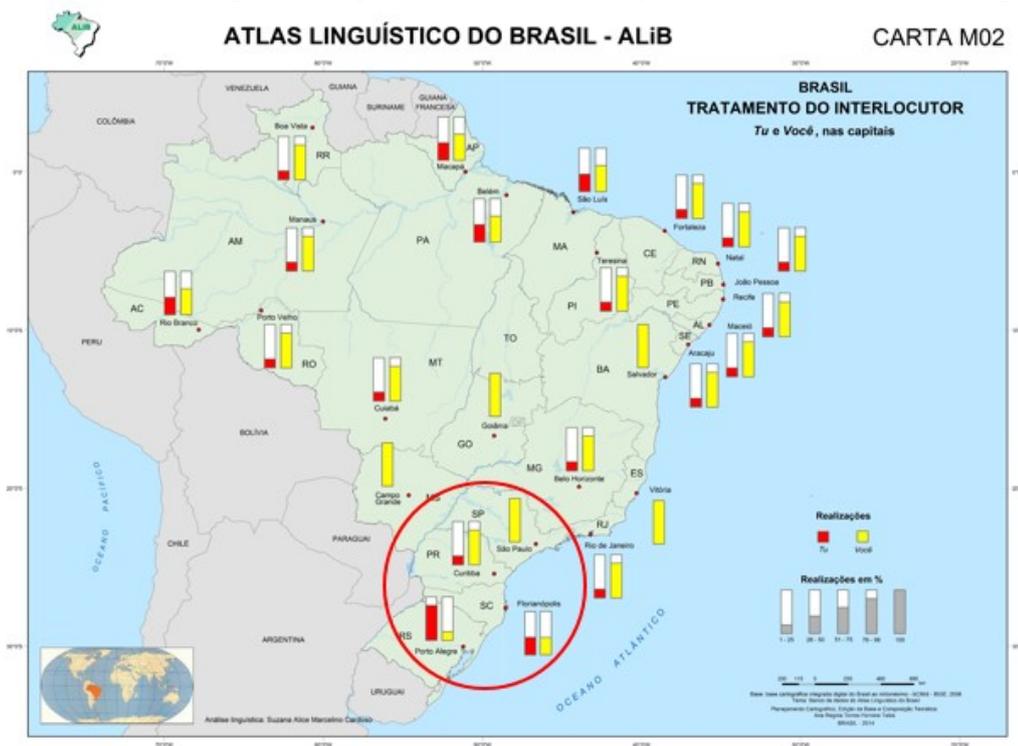
Fonte: Adaptado de Koch, Altenhofen e Klassmann (2011a, p. 402).

Figura 30 – Carta linguística a partir dos dados do Projeto ALiB - *tu* e *você* interior da Região Sul



Fonte: Romano; Margotti (2016).

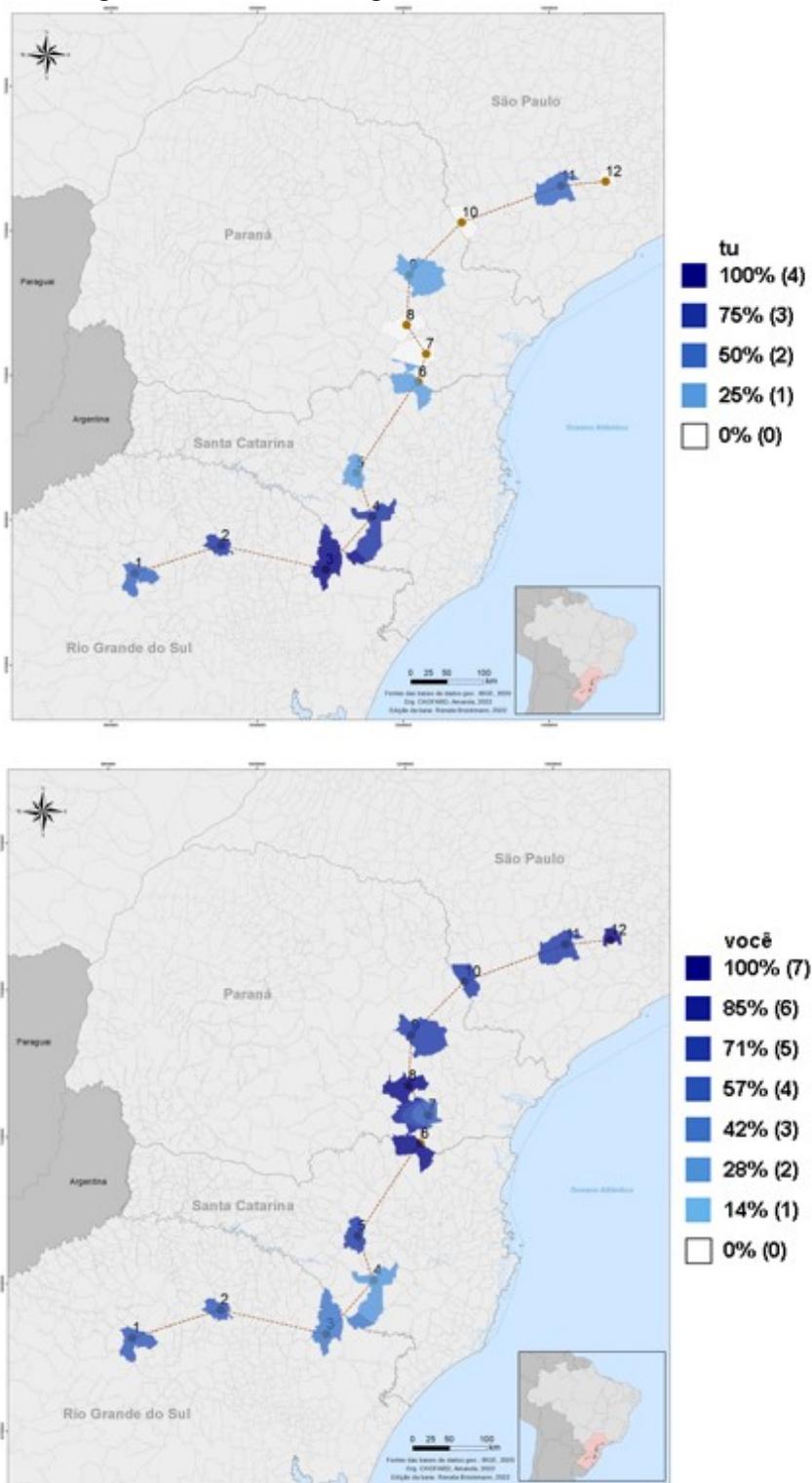
Figura 31 – Carta linguística a partir de dados do Projeto ALiB - *tu* e *você* nas capitais



Fonte: Adaptado de Cardoso *et al.* 2014.

Sendo assim, torna-se relevante também analisar a intensidade com que essas formas são utilizadas, para tanto, é apresentada a Figura 32.

Figura 32 – Arealidade gradual das variantes *tu* e *você*



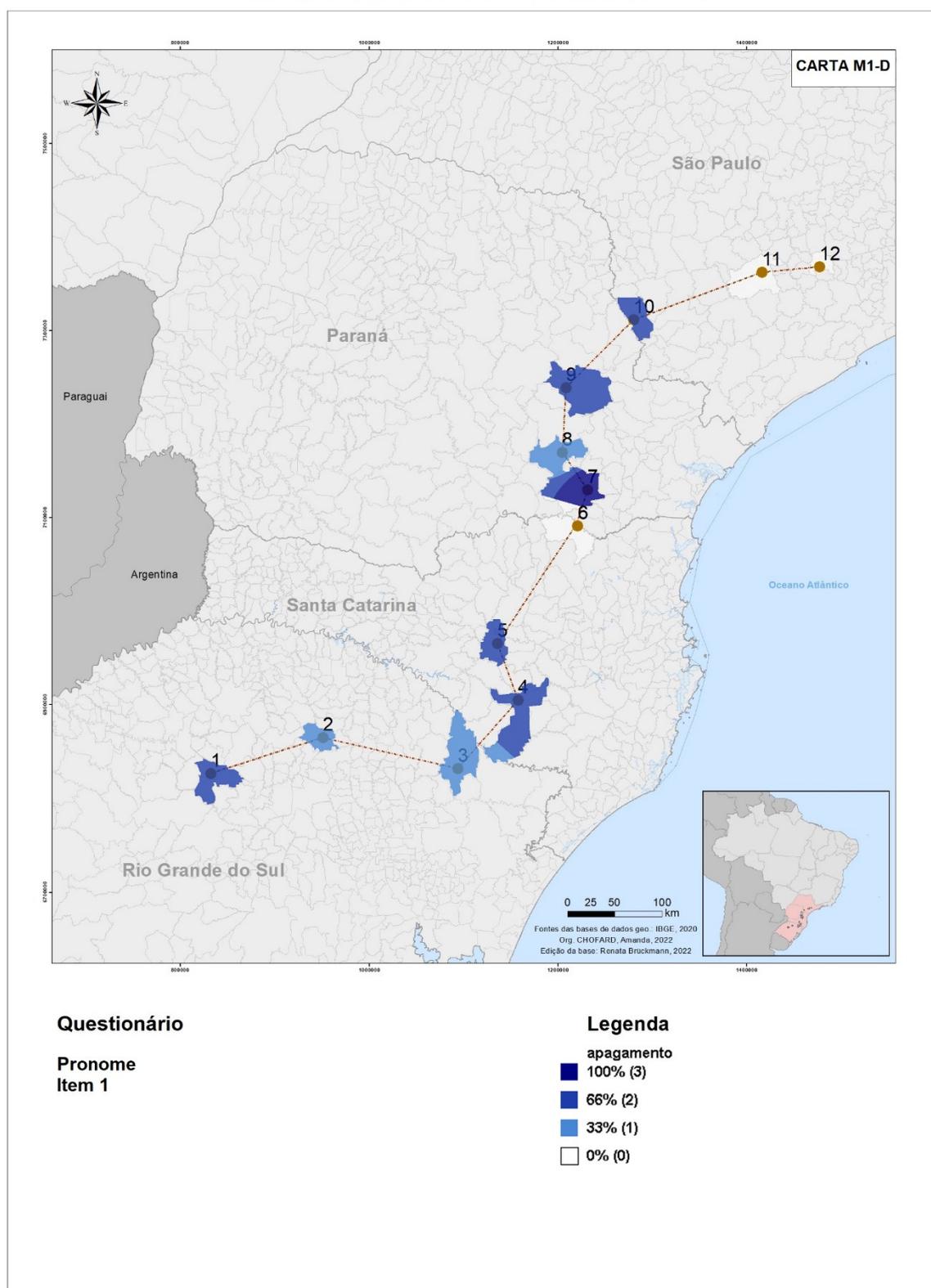
Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

No que tange à propagação dessas variantes ao longo da rota dos tropeiros, a gradação das cores nos dá a possibilidade de ratificar a existência dos dois falares postulados por estudos anteriores, um caracterizado pela variante *tu* [+RS], que se concentra com mais intensidade no Rio Grande do Sul e em Lages-SC, ponto de Santa Catarina situado mais ao sul, perdendo força ao avançar no sentido norte, e outro caracterizado pela variante *você* [+SP] que, apesar de bastante significativo em todos os pontos, apresenta-se mais veemente em São Paulo, no Paraná e em parte do estado catarinense, localidades essas em que ao menos metade dos informantes a utilizaram em sua resposta.

Nesse contexto, verifica-se, portanto, que de fato Santa Catarina configura-se enquanto uma área de transição, que ora se aproxima da variedade sul-rio-grandense, ora apresenta traços da variedade paulista. Porém, a partir dos dados aqui analisados, diferentemente do observado por Altenhofen (2002) e por Leão, Altenhofen e Klassmann (2003) com base no ALERS, verificamos que na rede de pontos investigada o uso de sujeito oculto não se mostra como uma forma de neutralizar a tensão exercida pelas variedades que avançam em sentidos opostos, tampouco como uma marca de indecisão acerca de qual variante utilizar, uma vez que se constata *apagamento* nos quatro estados, com maior frequência no Paraná, como ilustra a Figura 33.

Figura 33 – Arealidade gradual da variante Ø

## ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



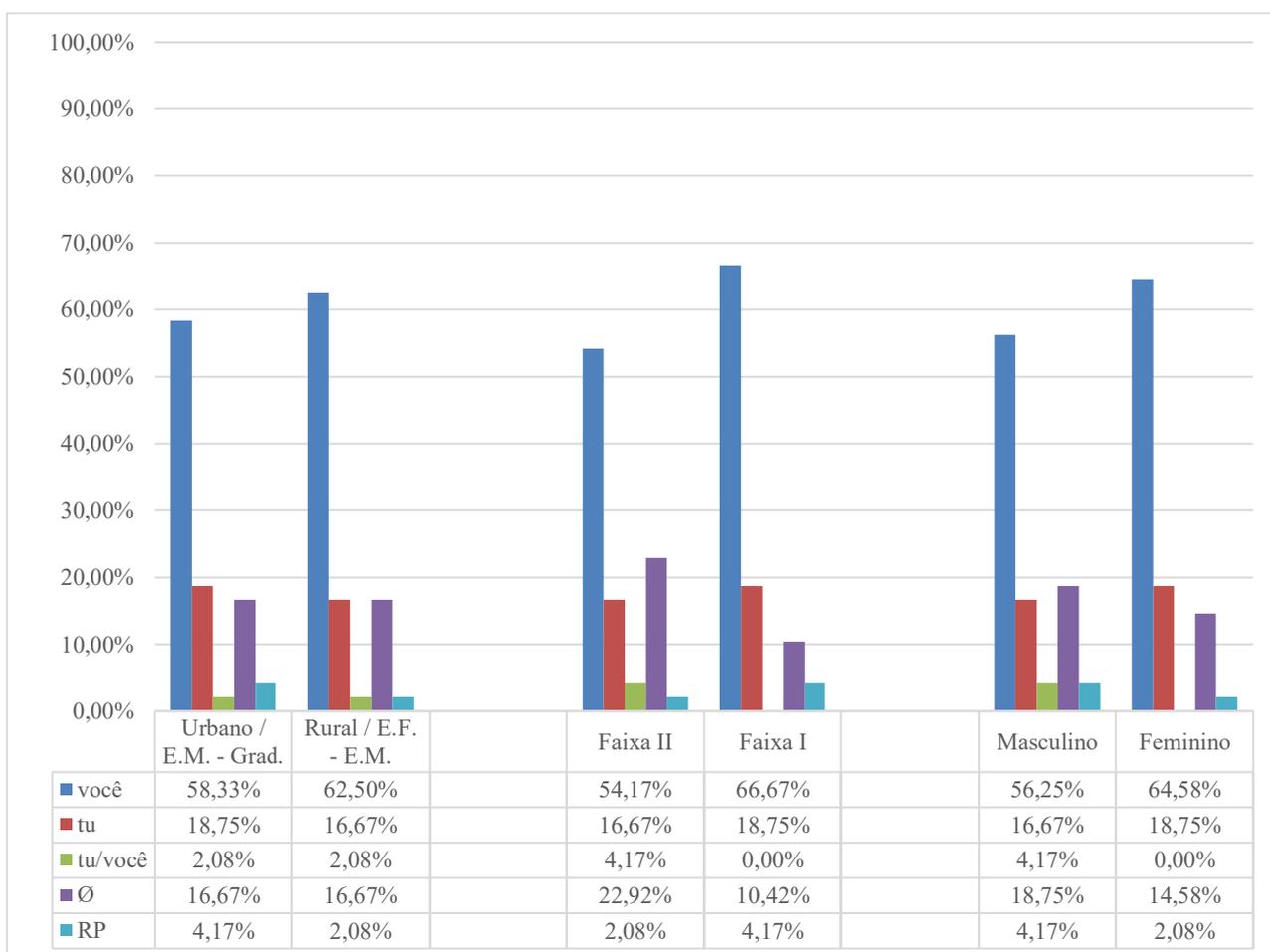
Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

Isso posto, acerca da variável aqui analisada, reforçamos uma das hipóteses propostas por Altenhofen (2002), com base nos dados do ALERS, a qual sugere a existência de um movimento de difusão de falares em formato de cunha em direção ao sul passando por Lages-SC, aqui já revelando seu alcance a territórios gaúchos, bem como o demonstrado por Romano e Margotti (2016) com os dados do Projeto ALiB, que também comprova a distribuição diatópica postulada pelo ALERS.

Passando para a análise dos aspectos sociais delimitados nesta pesquisa, apresentamos o

Gráfico 3, que traz os números percentuais referentes ao sexo, à faixa etária, à área habitacional e à escolaridade, a partir dos relatórios obtidos por meio do SGVCLin.

Gráfico 3 – Índice percentual de ocorrências segundo as dimensões diazonal, diageracional e diassexual (QMS 1)



Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação à dimensão diassexual, o principal aspecto observado é o fato de apenas na fala de informantes homens ocorrer a alternância *tu/você*, o que não foi registrado na fala das mulheres, as quais utilizam mais a forma majoritária do que os homens. Além disso, também constatamos que o *apagamento* é mais utilizado por eles, ao passo que a forma *tu* é ligeiramente mais empregada por elas.

A faixa etária, por sua vez, possui indicativos interessantes, tendo em vista que os informantes da faixa etária I são os que mais utilizam *você*, o que nos leva a inferir que essa variante está cada vez mais presente no território brasileiro, inclusive no Rio Grande do Sul, tido como um dos poucos pontos em que o *tu* ainda não foi substituído pelo *você*, podendo, futuramente, configurar uma mudança linguística.

Por outro lado, ao pensarmos em indícios de uma possível mudança, a qual, de acordo com a literatura, começaria nos grandes centros e se irradiaria para os interiores, averiguamos que esse não é o movimento que os resultados aqui apresentados demonstram, uma vez que os informantes rurais são os que mais utilizam o *você*, enquanto os urbanos tendem a preservar mais o uso do *tu*.

Isso posto, com esta análise podemos concluir que a variável *pronomes pessoais de segunda pessoa do singular* também reitera a hipótese Altenhofen (2002) sobre a existência de duas grandes áreas, uma delas caracterizada pelo falar paulista que se irradia para o sul junto com os tropeiros, fazendo com que a presença da variante *você* seja significativa até mesmo no Rio Grande do Sul, território de grande manutenção da forma *tu*. Ademais, por meio da investigação dos aspectos sociais, atestamos que todas as variáveis adotadas influenciam, de algum modo, na escolha do pronome a ser utilizado, possibilitando até mesmo inferências acerca de possíveis indícios de mudança linguística, como abordado anteriormente.

### 5.3 VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL

As análises desta seção têm como foco observar os usos linguísticos no território enfocado no que tange aos aspectos semântico-lexicais. Para tanto, examinamos os itens referentes às questões QSL 32 - pilchado, QSL 55 – bezerro, QSL 66 - carroça/ carreta/ charrete e QSL 93 - guasqueiro.

#### 5.3.1 QSL 32 – pilchado

A questão 33 do QSL integra o conjunto de perguntas do campo semântico *Vestimenta* e busca as variantes para “[...] quando um homem está vestindo um traje gaúcho ou tropeiro

completo se diz que ele está...?”. Salientamos que essa é uma questão inédita, não englobada pelo ALPR, pelo ALERS nem pelo Projeto ALiB, dessa forma, não se pode fazer a comparação dos dados com os respectivos atlas.

No contexto geral, foram coletadas 133 respostas para o referente em questão, que se distribuem em 19 variantes, a partir das quais, para fins cartográficos, procedemos aos agrupamentos a seguir:

- (i) Formas caracterizadas como variantes morfofonêmicas: pilchado > pinchado, traiado > trajado.
- (ii) Formas com menos de cinco ocorrências: outras > na beca, campeiro etc.;
- (iii) Unidades fraseológicas englobando o termo gaúcho: (tá) gaúcho > tá estilo à gaúcho, traje gaúcho.

Assim, obtivemos cinco rótulos a serem cartografados, a saber:

Quadro 17 – Agrupamentos das variantes documentadas para a questão 32 - pilchado

RÓTULOS	VARIANTES AGRUPADAS
pilchado	pilchado/ pinchado
traiado <sup>45</sup>	traiado/ trajado
(tá) gaúcho	tá estilo à gaúcho/ traje gaúcho/ tá de gaúcho/ tá no gaúcho
outras	na beca, tá na beca, a caráter, campeiro, chipado, bagual, bem vestido, equipado, mendado, prendado, aparado
RP	questão não formulada

Fonte: Elaborado pela autora.

Para dar início à análise, primeiramente examinamos se as obras lexicográficas utilizadas como referência nesta pesquisa documentam as variantes produzidas pelos informantes que constituem nosso corpus.

A palavra *pilchado* encontra-se registrada apenas em Nunes e Nunes (2003, p. 374) enquanto “adj. Trajado com vestimenta típica de gaúcho”. Porém, ao buscar pelo substantivo “pilcha” Aulete (2022) traz a seguinte acepção “(Bras., Rio Grande do Sul) joia; adorno;

<sup>45</sup> Vale ressaltar que optamos por utilizar a forma não padrão no rótulo por ter sido a mais recorrente e reafirmada por diferentes informantes, os quais reforçaram que não usavam “trajado”, mas sim “traiado”.

dinheiro; qualquer objeto de valor inclusive arreios. [...] F. cast. amer. *Pilcha* (peça de vestuário, especialmente o poncho e o chiripá; figurativamente: mulher querida)”.

*Trajado*, conforme Aulete (2022), significa o mesmo que estar vestido, não sendo localizada nas demais obras.

Já as demais variantes não foram registradas ou foram localizadas, porém com acepções não voltadas ao referente aqui investigado

Passando para a análise da produtividade, foram coletadas 133 respostas, as quais podemos visualizar na Tabela 12.

Tabela 12 – Produtividade geral das variantes documentadas para a questão 32 - pilchado

<b>Variantes</b>	<b>Nº de ocorrências</b>	<b>%</b>
pilchado	74	55,64%
traiado	37	27,82%
(tá) gaúcho	9	6,77%
outras	9	6,77%
RP	4	3,01%
	<b>133</b>	

Fonte: Elaborado pela autora.

Com base nos dados apresentados, constatamos que *pilchado* é a variante mais produtiva, com 74 registros e 55,64%, seguida de *traiado*, dada como resposta por 37 informantes, perfazendo 27,82% dos dados. Com menor incidência, tem-se *(tá) gaúcho* e *outras*, as quais totalizam nove documentações cada e percentual de 6,77%. Por fim, houve quatro respostas prejudicadas<sup>46</sup>, que correspondem a 3,01% dos dados, registradas em Palmeira e em Castro, ambas no Paraná.

Tendo em vista a não homogeneidade entre a forma mais produtiva em todos os estados contemplados pela rede de pontos, apresentamos a Tabela 13 que traz os números percentuais e absolutos para cada um deles.

<sup>46</sup> As quatro RP correspondem aos inquéritos 08-6, 09-1, 09-4 e 09-6, nos quais a questão não foi formulada.

Tabela 13 – Produtividade geral por estado das variantes documentadas para a questão 32 - pilchado

	pilchado		traiado		(tá) gaúcho		outras		RP	
	<b>Rio Grande do Sul</b>	31	75,61%	6	14,63%	2	4,88%	2	4,88%	-
<b>Santa Catarina</b>	16	64%	4	16%	3	12%	2	8%	-	-
<b>Paraná</b>	18	50%	8	22,22%	3	8,33%	3	8,33%	4	11,11%
<b>São Paulo</b>	9	29,03%	19	61,29%	1	3,23%	2	6,45%	-	-

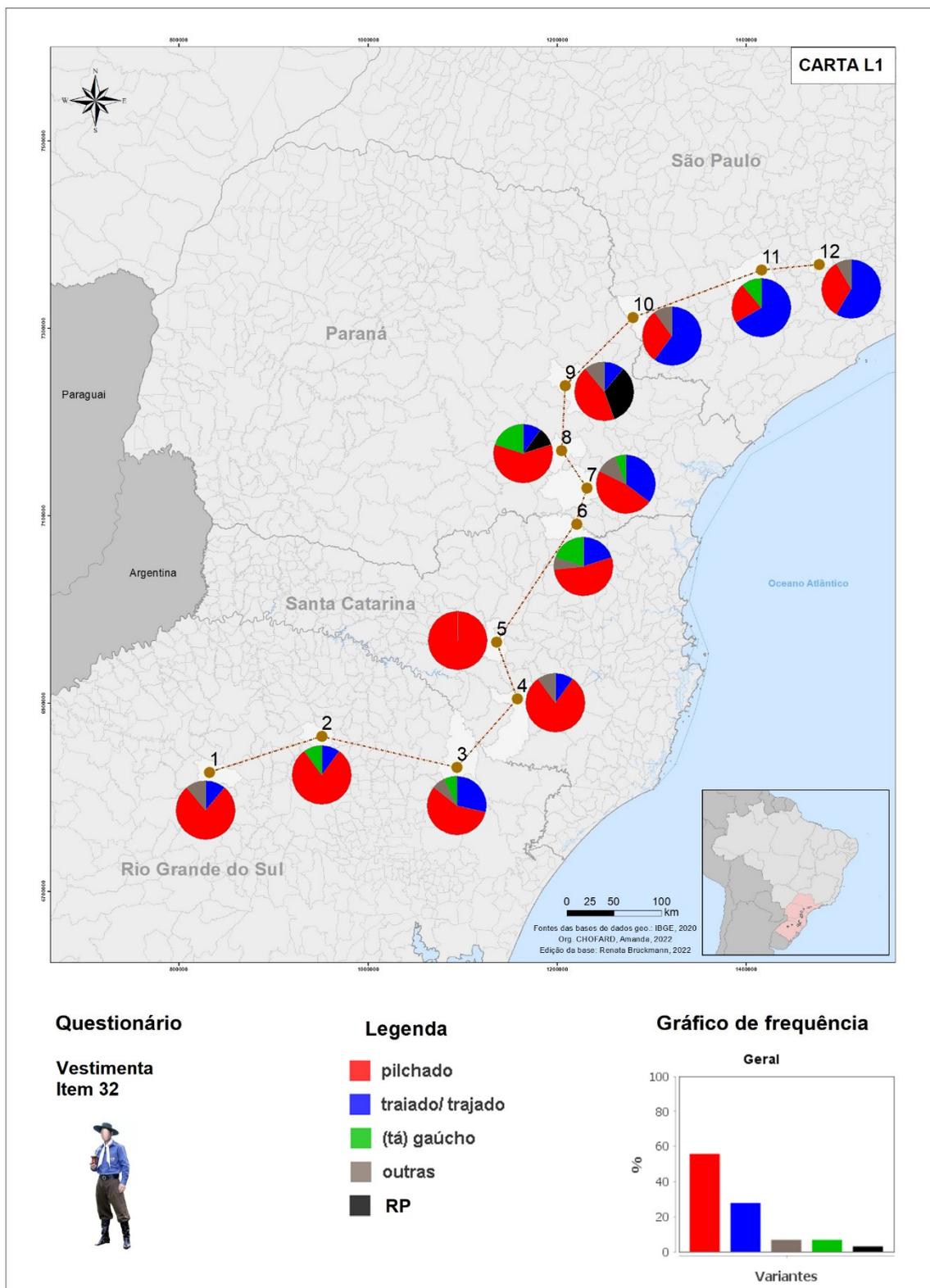
Fonte: Elaborado pela autora.

Averiguando a produtividade por estado, observamos que nos três estados sulistas há preferência, com diferentes produtividades, pela variante *pilchado*, ao passo que em São Paulo a designação mais produtiva é *traiado*. Ademais, há uma gradação dos usos, assim, quanto mais ao sul maior a frequência de *pilchado*, que vai perdendo produtividade a cada estado mais ao norte, fato que ocorre de modo inversamente proporcional com a variante *traiado*.

No intuito de averiguar como as variantes se distribuem diatopicamente, elaboramos a Carta L1, apresentada na Figura 34.

Figura 34 – Carta monodimensional para as variantes do QSL 32

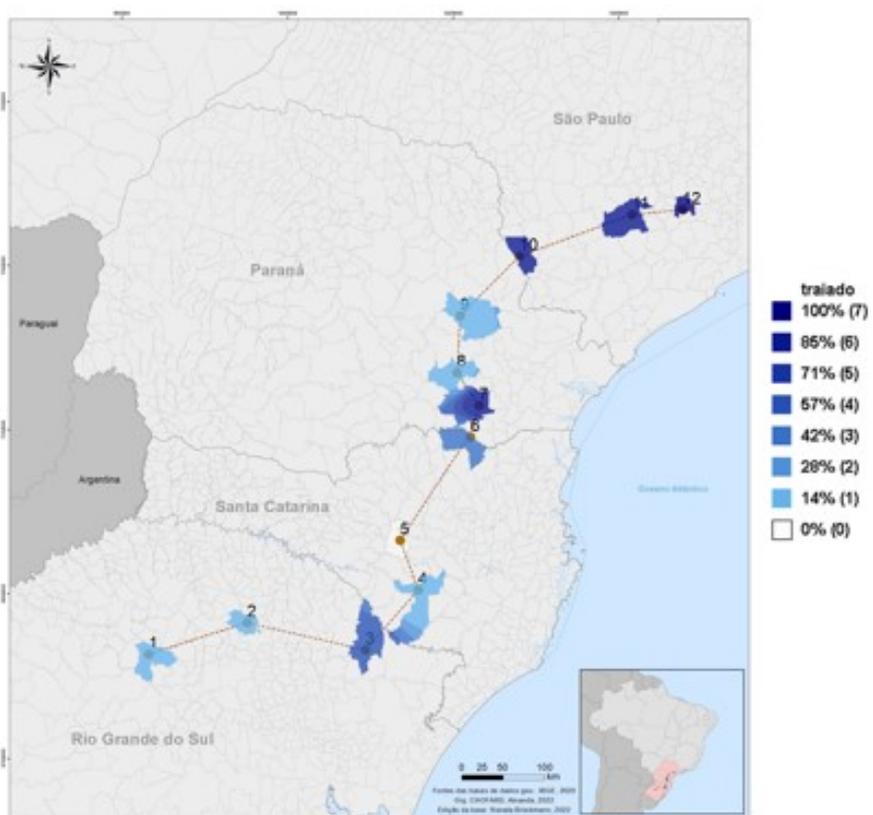
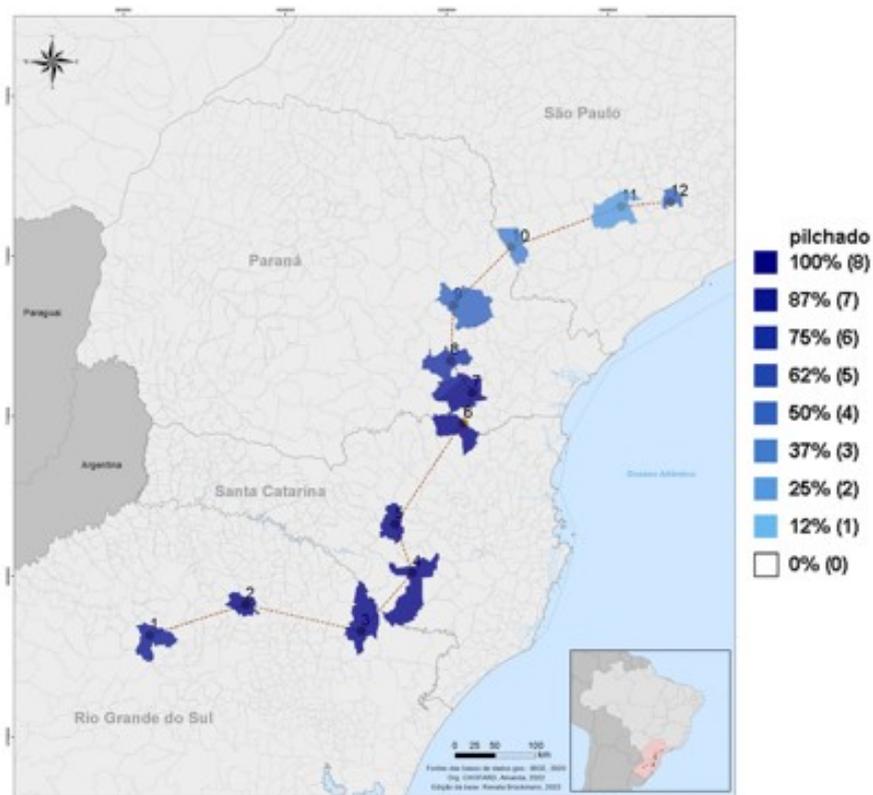
ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

Essa carta evidencia que a variante *pilchado* está disseminada por toda a rota dos tropeiros, sendo registrada em todos os pontos de inquérito e mais frequentemente no Sul. Em relação à denominação *traiado*, também observamos sua presença nos quatro estados investigados, apesar de mais frequente nas localidades paulistas, não sendo dada como resposta apenas no ponto 5 (Curitibanos-SC), que faz uso categórico da forma mais produtiva no cômputo geral. No que tange às variantes agrupadas em *outras*, *campeiro* e *bagual* foram documentadas em Cruz Alta-RS (ponto 1), *chipado* em Castro-PR (ponto 9), *na beca* em Lages-SC (ponto 4), *tá na beca*, *aparado* e *equipado* na Lapa-PR (ponto 7) e *mendado* em Itararé-SP (ponto 10).

Diante da distribuição descrita, não há possibilidade de determinar áreas lexicais para o item aqui focado, porém se faz relevante analisarmos a intensidade com que as designações mais produtivas aparecem ao longo da rota, uma vez que parecem apontar para a existência de uma variante [+RS] e outra [+SP], conforme já observado na Tabela 13, a qual traz os resultados gerais por estado. Para tanto, é exposta a Figura 35 que traz as cartas de arealidade gradual.

Figura 35 – Arealidade gradual de *pilchado* e *traiado*

Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

Por meio dessas cartas e das intensidades assumidas por cada uma das variantes na área estudada, bem como pelas colocações feitas nas obras lexicográficas tomadas aqui como base, inferimos que *pilchado* se caracteriza como uma variante proveniente da variedade sul-rio-grandense [+RS], ao passo que *traiado* advém da variedade paulista [+SP], as quais se propagaram por toda a região devido ao vaivém tropeiro.

Nesse sentido, observamos que a forma [+RS] possui maior força de propagação e avança de modo significativo do Rio Grande do Sul até, principalmente, o sul paranaense, onde começa a perder um pouco de intensidade, e se mantendo até São Paulo. Por outro lado, a variante [+SP] também se difunde, mas com menor intensidade, tendo em vista que se mostra bastante significativa no território paulista, porém ao adentrar o Paraná já perde parte de seu vigor, alcançando o estado gaúcho com baixa frequência.

Ademais, vale mencionar que o enquadramento dessas variantes como provenientes de variedades de fala distintas também se confirma com base nos comentários tecidos pelos informantes, como, por exemplo, nos excertos de fala dos informantes 1 e 5 de Itararé-SP e 7 de Itapetininga-SP.

INF.- No Sul eles fala tá pilchado.

INQ.- E aqui?

INF.- Aqui tá trajado.

INF.- Com camisa, calça country, bota americana, fivela. Aqui fala traiado.

INQ.- Entendi.

INF.- Mas no gaúcho fala pilchado.

INQ.- Aham. Que daí aqui quando vocês já estão mais com tirador, com guaiaca já é pilchado.

INF.- Isso, com faca nas costa.

INQ.- Aham (10-5 – Itararé/SP).

INF.- Tá bem traiado, trajado.

INQ.- Aham. Também usa aqui falar “pilchado” ou não?

INF.- Pilchado, não. Se tá em São Paulo, não, é traiado memo.

INQ.- Aham.

INF.- “Ó o caboco ali tá traiado.”, nói fala.

INQ.- Aham (11-7 – Itapetininga/SP).

Também pelos relatos de informantes, podemos observar quais são os itens que compõem uma vestimenta completa, para se dizer que “está bem pilchado” ou que “está bem traiado”.

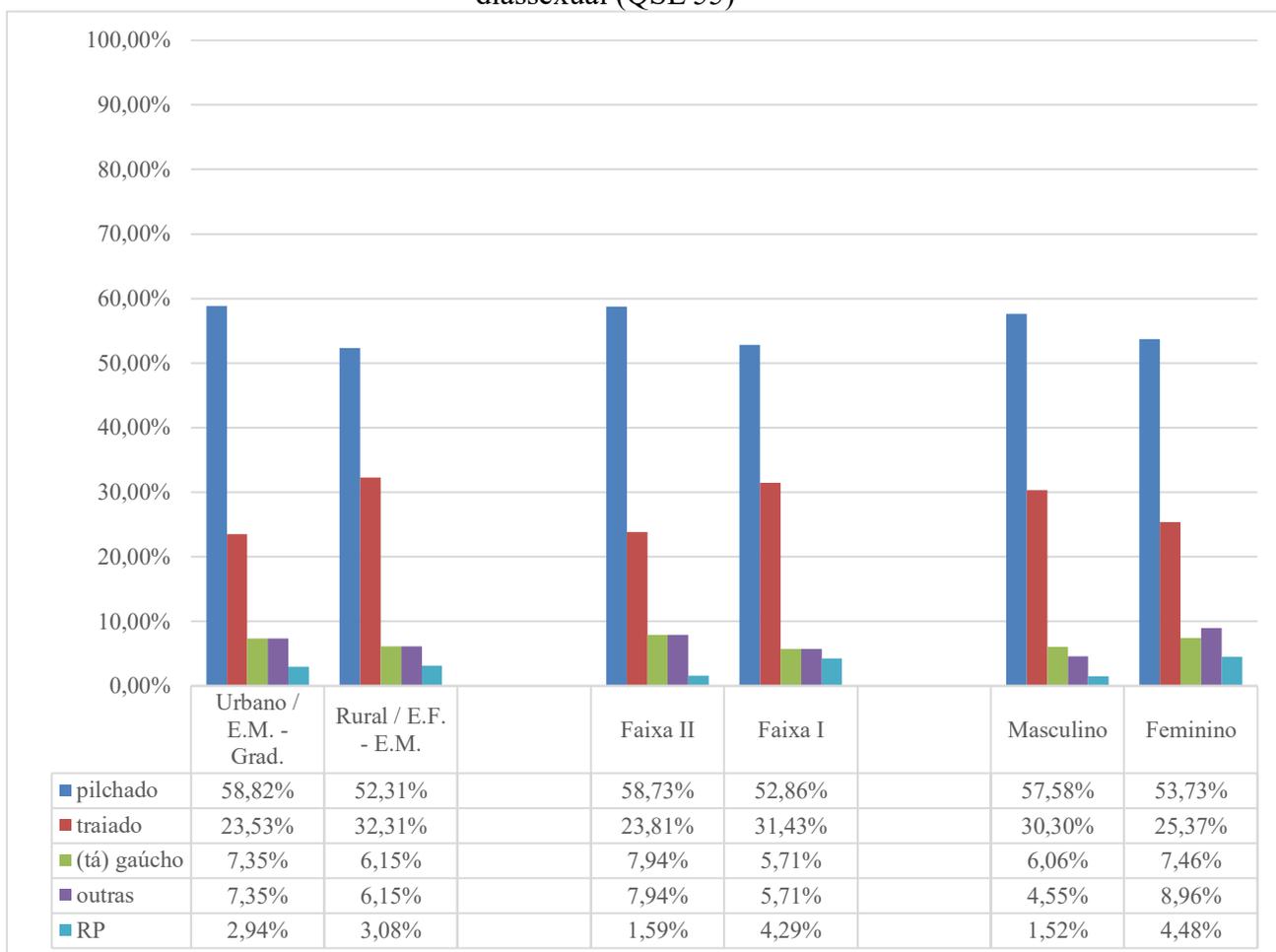
INF.- Pilchado.

INQ.- Tem outros nomes?  
INF.- Não.  
INQ.- Você tem toda a pilcha?  
INF.- Tenho. Tenho bota, tenho guaiaca, tenho camisa, tudo.  
INQ.- Aham.  
INF.- Lenço.  
INQ.- Aí fica...  
INF.- Uhum.  
INQ.- Bonito, né? O lenço, assim (08-5 – Palmeira/PR).

INF.- Trajado, pilchado!  
INQ.- Tem o... mesma coisa?  
INF.- Mema coisa.  
INQ.- E aqui o mais comum é “traiado”?  
INF.- Pilchado.  
INQ.- Pilchado?  
INF.- É, quando tá nas bombacha e coisa é pilchado.  
INQ.- Aham.  
INF.- Agora às veze o cara vai numa...  
INQ.- Aham.  
INF.- Que nem a gente vai numa tropiada e coisa e a gente põe uma calça de cor, põe o lenço, guaiaca, faca, tudo, é o jeito que a gente anda normal, mas aí a gente se enfeita, né?  
INQ.- Aham.  
INF.- Daí a gente diz que a pessoa tá traiada (10-3 – Itararé/SP).

Feitas essas considerações, passamos à análise dos aspectos sociais considerados nesta pesquisa, cujos dados estão apresentados no Gráfico 4, a partir dos relatórios de frequência obtidos por meio do SGVCLin.

Gráfico 4 – Índice percentual de ocorrências segundo as dimensões diazonal, diageracional e diassexual (QSL 55)



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dos dados apresentados, verificamos que não há grandes diferenças percentuais que indicam de fato uma relação direta entre as dimensões e as preferências por uma ou outra variante, todavia, ainda assim, é possível fazermos algumas observações. Dessa forma, averiguamos que a dimensão diazonal revela que os informantes urbanos tendem a utilizar mais a forma *pilchado*, ao passo que os rurais são os que mais empregam a denominação *traiado*. No que tange à faixa etária, constatamos que os informantes da faixa II fazem maior uso de *pilchado* do que os da faixa I, enquanto os jovens foram os que deram maior número de respostas utilizando *traiado*, o que pode estar, de algum modo, relacionado ao fato dessa variante estar atrelada por alguns ao movimento country, ao cowboy americano que, hoje, parece exercer, ao menos nas localidades paulistas, influência no ambiente e na cultura em torno do cavalo, como demonstra o comentário do informante 5 de Itararé-SP.

INF.- Tá pilchado.  
 INQ.- Têm outros nomes?  
 INF.- ...  
 INQ.- Aqui vocês falam também que está traiado?  
 INF.- Olha, nunca ouvi. Traiado a gente fala quando tá vistido uma cultura mais americana, né?  
 INQ.- Uhum.  
 INF.- Com camisa, calça country, bota americana, fivela. Aqui fala traiado.  
 INQ.- Entendi (10-5 – Itararé/SP).

Já a dimensão diassexual, mostra que os homens utilizam mais as duas formas predominantes do que as mulheres, assim como que são elas as que fazem maior uso das formas agrupadas em *outras*.

Portanto, diante das análises feitas, concluímos que há duas variantes mais produtivas para designar um homem que está vestindo um traje gaúcho ou tropeiro completo, sendo elas *pilchado* e *traiado*, ambas difundidas pela área em análise. Além disso, por meio deste item foi possível identificar a existência do contato intervietal entre paulistas e gaúchos que se dá pela propagação mais intensa de *pilchado* [+RS], em sentido norte, e de *traiado* [+SP], em sentido sul, porém com menos força, demonstrando, assim, um predomínio da variedade sul-riograndense na Região Sul no que tange à questão 32 do QSL do Projeto ALRT.

### 5.3.2 QSL 55 – bezerro

A questão 55 do QSL pertence ao campo semântico *Tipos de cavalos, asininos, muares e tropas* e busca as variantes para “[...] o filhote da vaca?”.

Com o levantamento das respostas, obtivemos dez variantes documentadas e todas foram consideradas para análise, contudo, agrupamos algumas formas, as quais estão descritas a seguir:

- (i) Formas no diminutivo: bezerro > bezerrinho e terneiro > terneirinho;
- (ii) Formas no feminino: terneirinho > terneirinha;
- (iii) Formas caracterizadas como variantes morfofonêmicas: novilha > novia, lovilha.

Assim, obtivemos cinco rótulos a serem cartografados, a saber:

Quadro 18 – Agrupamentos das variantes documentadas para a questão 55 - bezerro

RÓTULOS	VARIANTES AGRUPADAS
bezerro	bezerro/ bezerrinho
terneiro	terneiro/ terneirinho(a)
novilha	novilha/ novia/ lovilha
garrote	garrote
boizinho	boizinho

Fonte: Elaborado pela autora.

Perante as respostas obtidas para o filhote da vaca, averiguamos se elas estão inseridas em obras lexicográficas, buscando compreender melhor as acepções dadas, bem como seus usos<sup>47</sup>.

*Bezerro*, de acordo com Aulete (2022), significa “a cria masculina da vaca, até um ano de idade”. Cunha (2010), por sua vez, não apresenta entrada própria para a lexia.

*Terneiro* foi considerada por Aulete (2022) como um regionalismo do Rio Grande do Sul, sendo o mesmo que bezerro e novilho, além de indicar ser uma palavra proveniente do espanhol, “*ternero*”. Nunes e Nunes (2003), no Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul, definem o termo com acepção semelhante à apresentada por Aulete (2022) para bezerro, como “a cria da vaca até a idade de um ano. Bezerro, novilho”.

A palavra *novilha*, como proposto por Aulete (2022), também remonta à cria da vaca; do espanhol “*novilla*”, significa “vaca nova, até aproximadamente um ano de idade; bezerra”. Nunes e Nunes (2003) apresentam entrada para a palavra em sua forma masculina, novilho, “vacum novo”, e ressaltam que para receberem essa denominação os animais devem ser castrados.

A variante *boizinho* encontra-se documentada apenas em Aulete (2022) como “pequeno boi”.

*Garrote*, por sua vez, está registrada em Aulete (2022) como “bezerro entre dois e quatro anos de idade”, além de também ser encontrada em Cunha (2010, p. 1655) como sinônimo de novilho, passando “do francês *garrot*, ao castelhano, ao italiano etc. e remonta ao latim e ao grego”.

<sup>47</sup> Ressalta-se que as formas diminutivas (bezerrinho e terneirinho(a)), bem como as variantes morfofonêmicas agrupadas (novia e lovilha) não se encontram dicionarizadas, porém entendemos que possuem as mesmas acepções que bezerro, terneiro e novilha, respectivamente.

Passando para a análise de produtividade, junto aos dados fornecidos pelos 96 informantes, obtivemos o montante de 165 respostas, as quais podem ser observadas, em números percentuais e absolutos, por meio da Tabela 14. Destacamos que o número de respostas é maior que o número de informantes, pois alguns informantes deram mais de uma resposta e todas foram consideradas na análise.

Tabela 14 – Produtividade geral das variantes documentadas para a questão 55 - bezerro

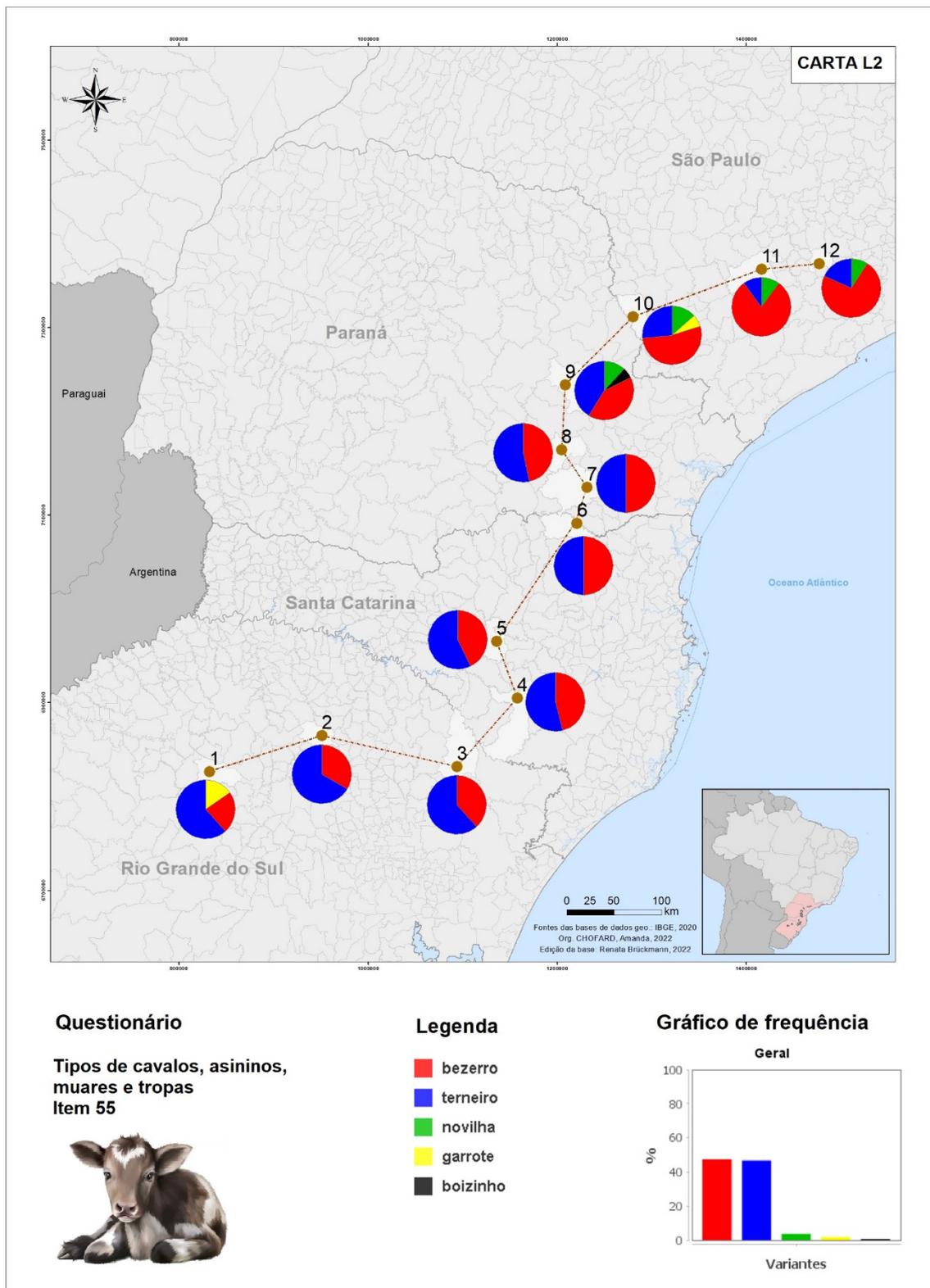
<b>Variantes</b>	<b>Nº de ocorrências</b>	<b>%</b>
bezerro	78	47,27%
terneiro	77	46,67%
novilha	6	3,64%
garrote	3	1,82%
boizinho	1	0,61%
	<b>165</b>	

Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando a tabela de produtividade geral, constatamos que as variantes *bezerro* e *terneiro*, e seus agrupamentos, são as mais produtivas, apresentando índices semelhantes, uma vez que *bezerro* perfaz o montante de 78 respostas, correspondentes a 47,27%, enquanto *terneiro* totaliza 77 respostas e 46,67%. Dentre as demais formas documentadas, observa-se a pouca produtividade perante as variantes mais utilizadas, sendo assim, tem-se *novilha*, e seus agrupamentos, com seis respostas e 3,64%, *garrote* com três registros e 1,82% e, com ocorrência única obtida no inquérito 4 de Castro-PR, *boizinho* com percentual de 0,61%.

Para averiguar a distribuição diatópica das variantes, elaboramos a Carta L2, a partir da qual observamos que *terneiro* e *bezerro* foram realizadas em todas as localidades, porém com diferentes produtividades.

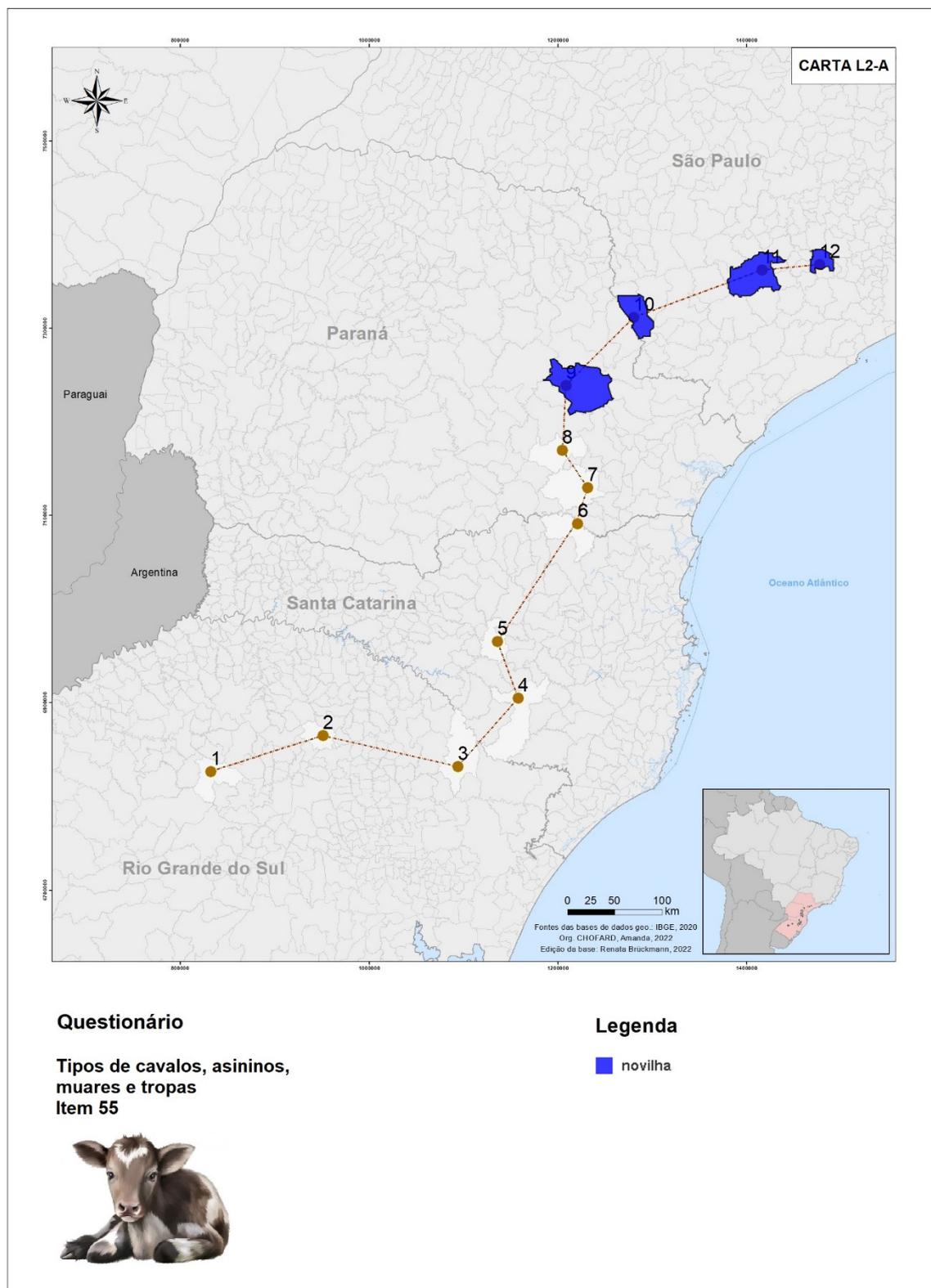
Figura 36 – Carta monodimensional das variantes para o QSL 55  
**ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT**



Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

No que tange às demais formas documentadas, *novilha* foi registrada por meio da fala de dois informantes de Castro-PR (ponto 09), dois de Itararé-SP (ponto 10), um de Itapetininga-SP (ponto 11) e um de Sorocaba-SP (ponto 12), sendo possível delimitar uma área linguística a partir dessa variante, como pode ser observado por meio da Carta L2-A e da Figura 37.

Figura 37 – Arealidade da variante *novilha*  
 ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



Já a variante *garrote*, foi obtida nos pontos 01 (Cruz Alta-RS) e 10 (Itararé-SP) como segundas respostas, sendo mencionada como uma forma de denominar o filhote já um pouco maior.

INF.- Bezerro.

INQ.- Têm outros nomes?

INF.- Garrote.

INQ.- Tanto faz ou?

INF.- Não, eu acho que bezerro seria enquanto tá mamando, garrote é parte quando tá um pouquinho maior (10-7 – Itararé/SP).

Como a forma menos produtiva, verifica-se que *boizinho* foi dada como resposta apenas no ponto 09 (Castro-PR). Ademais, salienta-se que, para melhor visualização da realização das variantes menos produtivas, foi elaborada a Carta L2-B.

Feita essa descrição, cabe destacar que em relação às designações mais produtivas chama a atenção o fato de, embora as duas variantes tenham os mesmos índices no cômputo geral, ao olhar para as primeiras respostas, *bezerro* ser documentada quase o dobro de vezes (58 primeiras respostas - 60,42%) do que *terneiro* (36 primeiras respostas – 37,5%), o que pode estar atrelado ao fato de *bezerro* ser a forma mais utilizada na mídia, nos ambientes escolares e nas grandes feiras agropecuárias, como relataram os informantes 5 e 8 de Passo Fundo-RS.

INF.- Bezerro.

INQ.- Tem outro nome para isso?

INF.- Olha, eu me criei por bezerro, conheço por bezerro.

INQ.- E o terneiro?

INF.- É difícil das vezes, mais pra quem é da colônia sim, quem lida não diz o bezerro quase, ele usa o... né, o terneiro: "vai buscá o terneiro, vai tocá o terneiro", mais a gente aqui mais agora, hoje, tu vê mais o bezerro.

INQ.- Aham, mas os dois nomes é para mesma coisa?

INF.- Os dois nome, a mesma coisa, hoje que nem tem a Expinter lá, se tu chegá lá eles não vão dizê o terneiro.

INQ.- Aham.

INF.- Eles vão dizê o bezerro da vaca, ou o bezerro disso, né (02-8 – Passo Fundo/RS).

INF.- Terneiro. Esse é bezerro, né?

INQ.- Não... Chama dos dois?

INF.- Na faculdade eles cobrava. Hã?

INQ.- Chama...?

INF.- É terneiro, pra nós é terneiro, é muita... Muita influência do... do... Sabe, aqui no Rio Grande do Sul é terneiro.

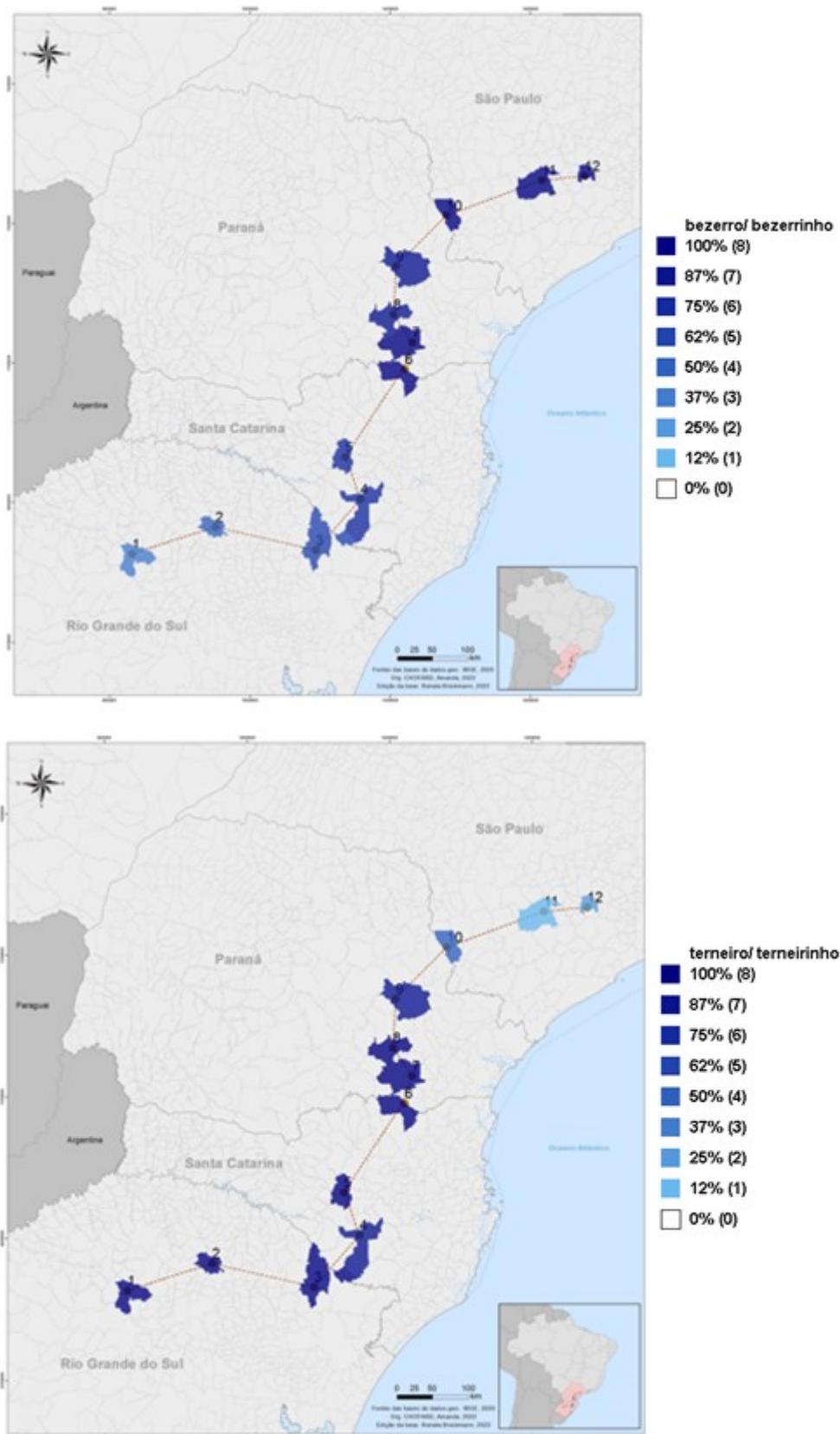
INQ.- Uhum.

INF.- Aí Santa Catarina é terneiro tamém, aí cê vai pô Paraná, ali tinha uns colega meu ali de Laranjeiras, Nova Laranjeiras ali, Pato Branco, Quedas do Iguaçu, hã ((inint.)), essa região ali já era tudo bizerro, bizerro, ô bizerro, falava bizerro.

AUX.- Mas na faculdade eles cobravam bezerro ou não?

INF.- Não, terneiro, bizerro... (02-5 – Passo Fundo/RS).

Frente a esse contexto de duas variantes predominantes, busca-se averiguar como elas se disseminam à luz da existência de dois possíveis fluxos de falares que se irradiam em sentidos opostos. Sendo assim, foram elaboradas as Cartas L2-C e L2-D que apresentam a arealidade gradual de *bezerro* e *terneiro*, ilustradas aqui por meio da Figura 38.

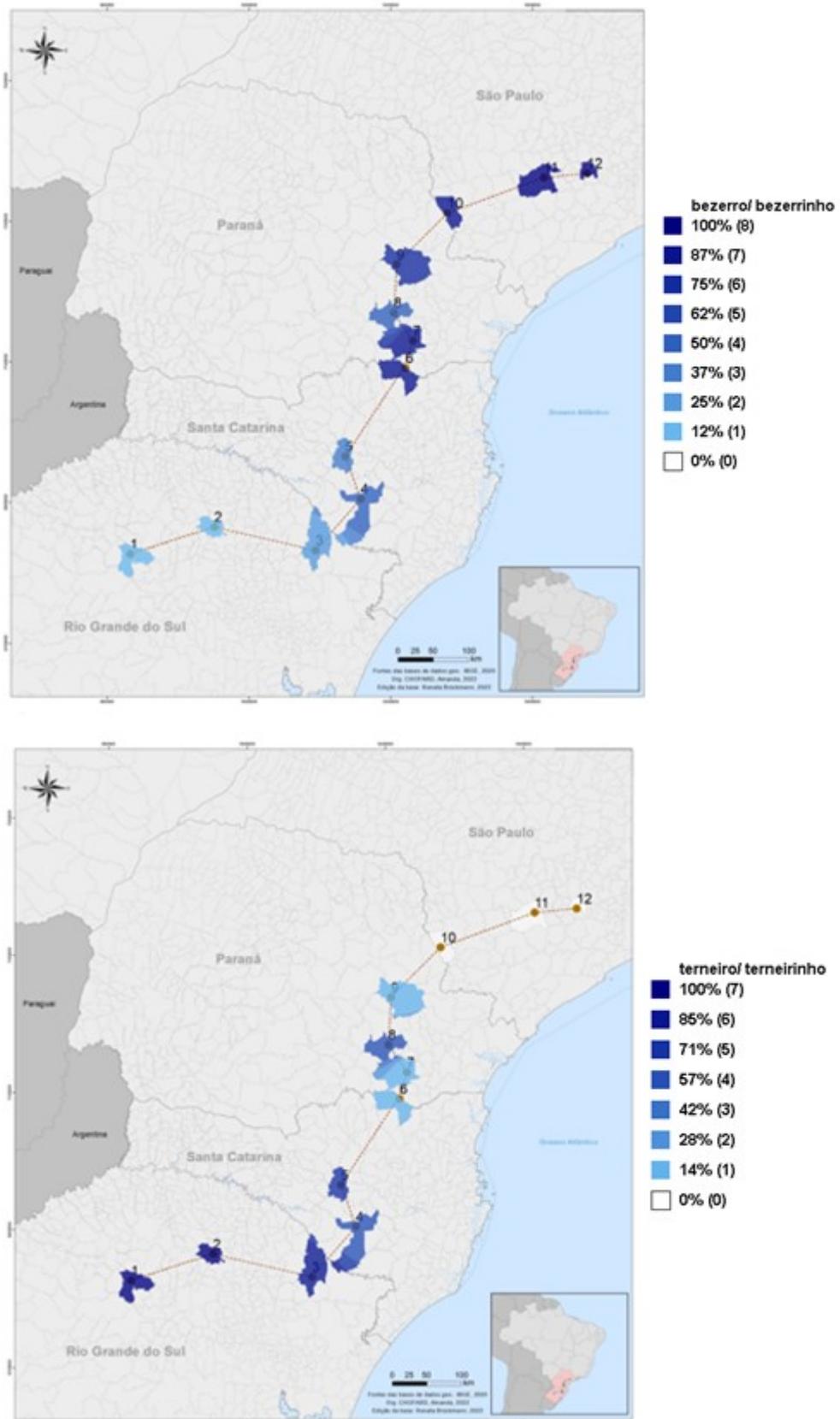
Figura 38 – Arealidade gradual de *bezerro* e *terneiro* (cômputo geral)

Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

Nesse sentido, ao analisar as cartas apresentadas, constata-se forte incidência de ambas as variantes em grande parte da rede de pontos, contudo, é possível observar um gradual enfraquecimento de *bezerro* no Rio Grande do Sul do mesmo modo que de *terneiro* em São Paulo, o que nos possibilita classificar *bezerro* como uma variante [+SP] e *terneiro* como uma variante [+RS] que, ao se propagarem, gradualmente, perdem vitalidade, principalmente ao olharmos apenas para as primeiras respostas, como demonstram as cartas seguir.

A esse respeito, ressaltamos ainda que *terneiro* é considerado um regionalismo do Rio Grande do Sul, tanto para Aulete (2022) quanto para Nunes e Nunes (2003), o que vai ao encontro da inferência proposta anteriormente de ser uma variante [+RS].

Figura 39 – Arealidade gradual de *bezerro* e *terneiro* (primeiras respostas)

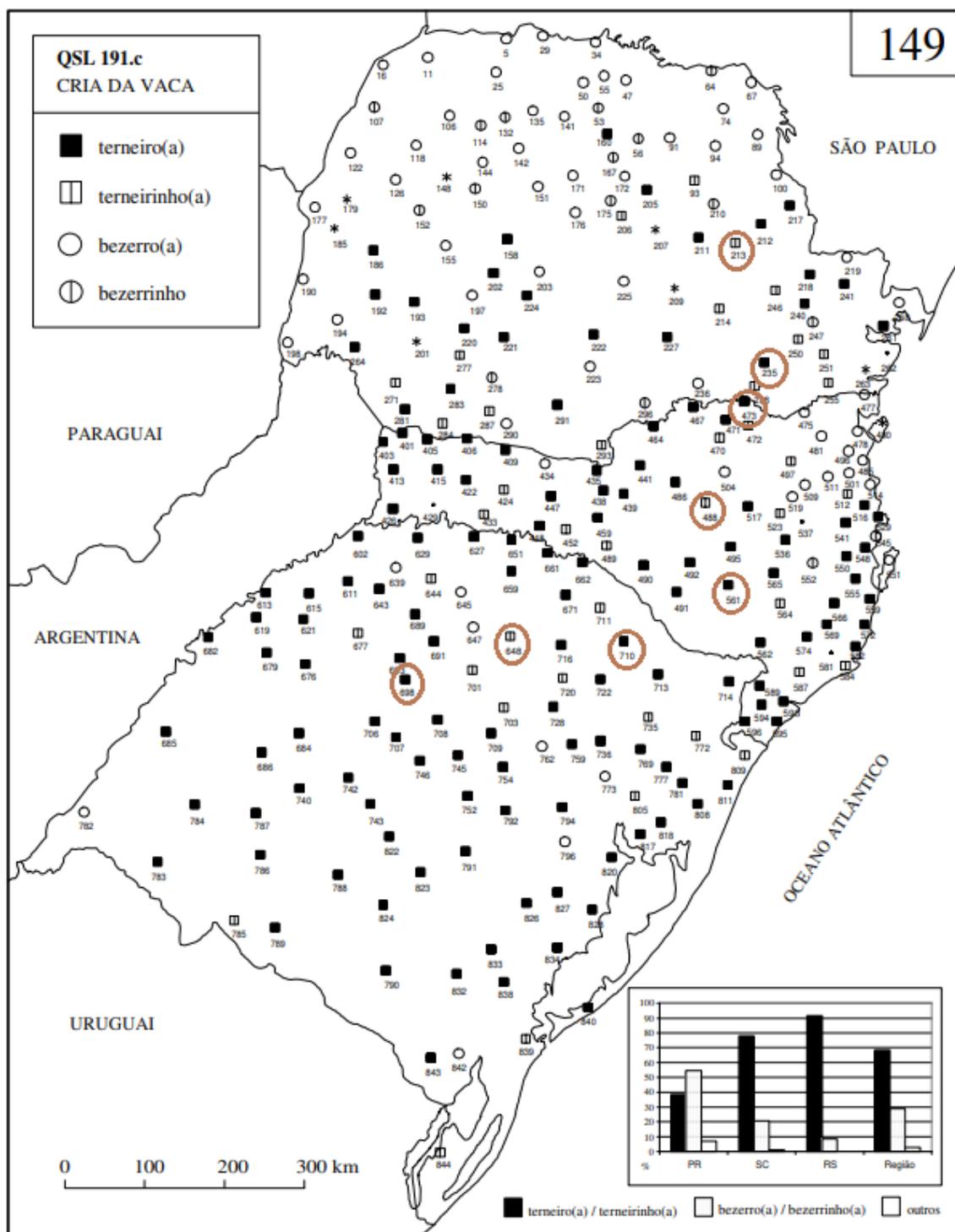


Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

A fim de comparar a distribuição diatópica dos dados trazidos pelo ALRT com os dados do ALERS, apresentamos a carta do referido atlas correspondente ao item aqui investigado.

Figura 40 – Carta linguística ALERS QSL 191.c (cria da vaca)

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



Fonte: Adaptado de Koch, Altenhofen e Klassmann (2011b, p. 381).

Por meio desta carta, verificamos que nos pontos de inquérito comuns aos desta pesquisa a única variante registrada é *terneiro* e seu diminutivo, o que difere dos dados do ALRT, uma vez que *bezerro* também foi dada como resposta em todas as localidades investigadas. Para este contexto, inferimos que duas são as possíveis explicações: (i) o fato de os dados do ALERS terem sido coletados na década de 1990 e *bezerro* ter se expandido como variante mais utilizada pela mídia, exposições, feiras agropecuárias e nos bancos escolares e, por isso, atualmente, estar difundida por todo o território de análise, como relataram os informantes de Passo Fundo-RS nos comentários transcritos anteriormente; e (ii) a metodologia do ALERS ter englobado apenas um informante por ponto de inquérito, o que limita a possibilidade de registrar outras variantes<sup>48</sup>.

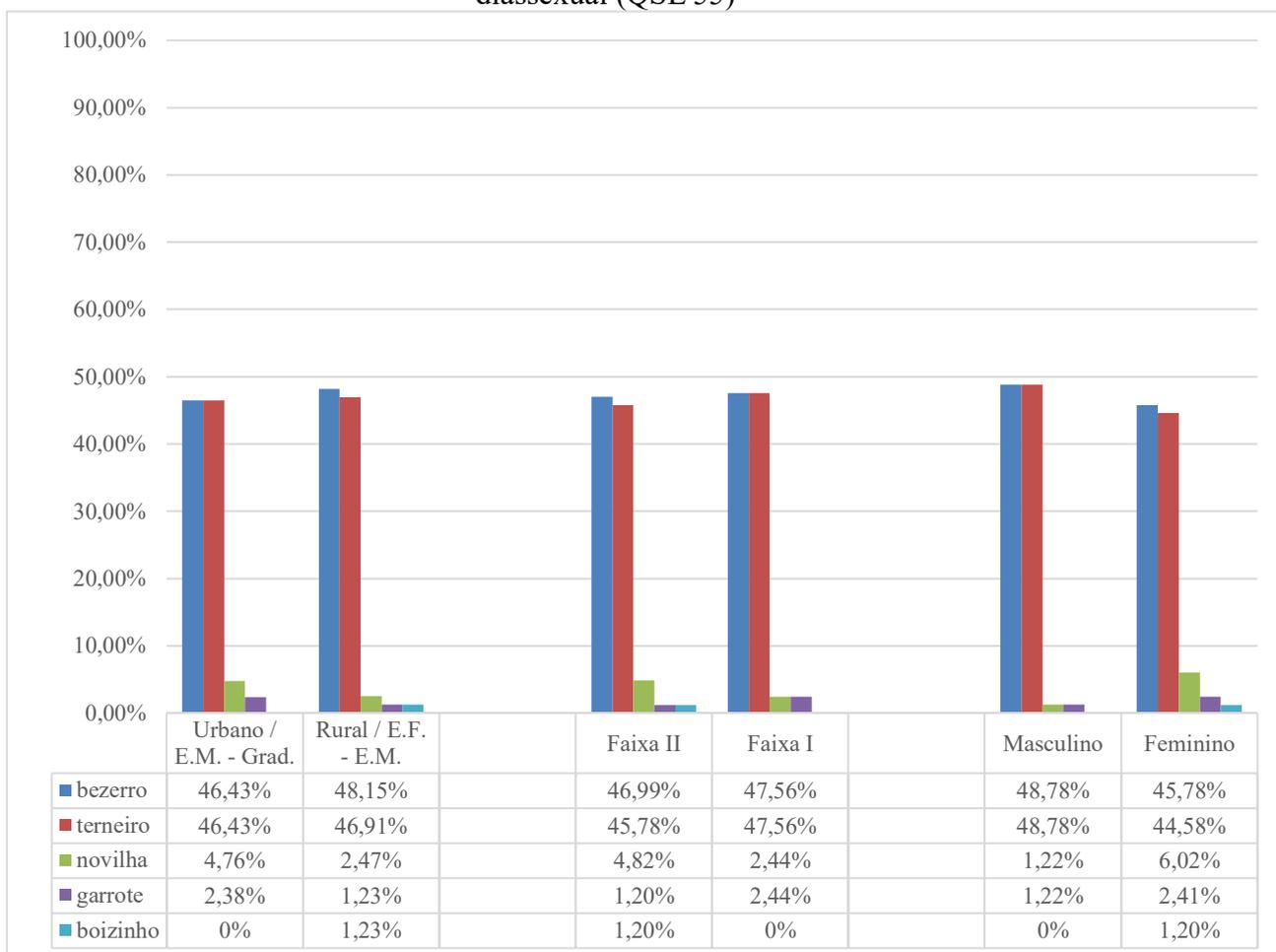
Além disso, com base nessa carta do ALERS pode-se reafirmar a ideia da existência de uma variante [+SP] e de uma [+RS], uma vez que *terneiro* se mostra majoritária no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e na porção sul do Paraná, principalmente, enquanto *bezerro* perfaz todo o norte paranaense, área de grande influência paulista, e adentra paulatinamente áreas catarinenses e sul-rio-grandenses.

Feita a descrição diatópica das designações registradas para a questão 55 do QSL, averiguamos se as demais dimensões controladas nesta pesquisa contribuem na escolha lexical dos informantes. Para tanto, apresentamos o Gráfico 5 que traz, em números percentuais, os resultados obtidos, considerando o total das respostas coletadas junto aos informantes.

---

<sup>48</sup> Ressaltamos que, aqui, não tecemos uma crítica em relação ao ALERS, apenas ponderamos uma possível limitação que pode advir das metodologias que adotam informantes únicos por localidade.

Gráfico 5 – Índice percentual de ocorrências segundo as dimensões diazonal, diageracional e diassexual (QSL 55)



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme os resultados expostos, observamos que as dimensões diazonal e diageracional não se mostram significativas no que tange à variação lexical a partir do QSL 55. Já a dimensão diassexual, mostra-se relevante em relação à documentação de *novilha*, uma vez que essa designação foi registrada em 6,02% das respostas das mulheres e em apenas 1,22% das respostas dos homens.

Ademais, cabe ressaltar que, embora a dimensão diageracional não tenha se mostrado significativa ao condicionamento da variante *terneiro*, duas informantes, de localidades de prevalência de *bezerro* como primeira resposta, teceram comentários extralinguísticos evidenciando que conhecem a variante por meio da fala de seus pais, como podemos visualizar a seguir.

INF.- O bizerro.

INQ.- Tem outros nomes?

INF.- Eu conheço por bizerro.  
 INQ.- Você já ouviu falar terneiro?  
 INF.- Já, aham.  
 INQ.- E é a mesma coisa?  
 INF.- É a mesma coisa.  
 INQ.- E quem que você já ouviu falar terneiro?  
 INF.- O pai fala às vezes, eu conheço mais por bizerro (09-6 – Castro/PR).

INF.- Bizerrinho.  
 INQ.- Tem outros nomes?  
 INF.- Eu, eu sei por bizerro.  
 INQ.- Você já ouviu terneiro?  
 INF.- Ternero, já ouvi! A minha mãe falava ternero.  
 INQ.- É?  
 INF.- Quando a gente fala "ah, bizerrinho nasceu", ela fala "ah, o ternerinho nasceu?".  
 Verdade! (12-2 – Sorocaba/SP).

Perante o exposto, concluímos que há diferentes denominações para “o filhote da vaca”, dentre as quais as mais comuns são *bezerro* e *terneiro*, variantes essas que podem ser caracterizadas como [+SP] e [+RS], respectivamente, e que, principalmente se observadas sob a perspectiva das primeiras respostas, evidenciam a existência de uma variedade paulista, representada por *bezerro*, e uma variedade sul-rio-grandense, representada por *terneiro*, as quais se proliferam de modo oposto, uma em direção ao norte da região e outra que sai de São Paulo em direção ao sul e, por sua vez, consegue maior propagação na área investigada.

Além disso, em relação aos aspectos sociais, constatamos que apenas a dimensão diassexual exerce alguma influência quanto ao uso de *novilha*, uma vez que é mais produtiva na fala das mulheres do que dos homens.

### 5.3.3 QSL 66 – carroça/ carreta/ charrete

Pertencente ao campo semântico *Objetos*, a questão 66 do QSL busca registrar as variantes para “[...] veículo puxado por animais para transportar cargas ou pessoas?”. No contexto geral das respostas obtidas, foram documentadas 308 respostas, a partir das quais procedemos aos agrupamentos a seguir:

- (i) Formas no diminutivo: carroça > carrocinha;
- (ii) Formas com menos de cinco ocorrências: outras > dirigência, zorra, surque etc.

Quadro 19 – Agrupamentos das variantes documentadas para a questão 66 - carroça

RÓTULOS	VARIANTES AGRUPADAS
carroça	carroça/ carrocinha
carreta	carreta
carro de boi	carro de boi
charrete	charrete
gaiota	gaiota
aranha	aranha
carretão	carretão
carroção	carroção
carrinho	carrinho
carruagem	carruagem
trole	trole
outras	dirigência/ zorra/ surque/ carriola/ carro grande/ charretão/ trailer/ carreta de boi/ trulho/ carro/ carro de praça/ carro de mola/ jardineira/ chupa-cabra/ tico-tico

Fonte: Elaborado pela autora.

Diante do Quadro 19, constatamos que foram registradas 27 variantes para a questão, dentre as quais agrupamos no rótulo *outras* todas aquelas que tiveram menos de cinco ocorrências. Dessa forma, totalizamos 12 rótulos que precisaram ser distribuídos em duas cartas diatópicas, uma com as cinco variantes mais produtivas e outra com as demais designações documentadas.

Para dar início à análise, primeiramente, examinamos se as obras lexicográficas utilizadas como referência nesta pesquisa documentam as variantes produzidas pelos informantes que constituem nosso corpus.

A palavra *carroça*, tanto para Cunha (2010) quanto para Aulete (2022), advém do italiano e diz respeito a um carro puxado por animais para transportar cargas.

*Charrete* também se encontra dicionarizada nessas duas obras. Aulete (2022) a define como “veículo rústico, puxado por cavalo, com duas rodas grandes e assento para duas ou três pessoas” e Cunha (2010, p. 808), de modo semelhante, como “veículo, em geral de duas rodas, tirado por um ou dois equinos. Ademais, em ambas se tem a etimologia da lexia como advinda do francês, “*charrette*”.

*Aranha*, em Cunha (2010), não pode ser localizada com acepção do referente aqui investigado. Por outro lado, Aulete (2022) registra a acepção “pequena carruagem de duas

rodas, puxada por um cavalo”, mas não a regionaliza, apesar de Nunes e Nunes (2003, p. 38) a considerarem conveniente para integrar o Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul, com o significado relativo ao “carrinho alto, de duas rodas, de tração animal, para conduzir pessoas”.

*Carreta*, no que lhe concerne, foi documentada por Aulete (2022) como “carro pequeno de duas rodas; carroça”. Com significado um pouco distinto considerando as principais características, Nunes e Nunes (2003, p. 98) a definem como “veículo tosco e pesado, de duas rodas, grande, com tolda ou não, puxado por diversas juntas de bois”, não sendo, dessa forma, para esses autores, sinônimo de carroça, como trazido pelo outro lexicógrafo.

O vocábulo *carro de boi*, localizado apenas em Aulete (2022), é definido como “carroça de madeira guiada por carreiro e puxada por uma ou mais parelhas de bois, us. ger. Para transporte de carga nas fazendas ou áreas rurais atrasadas”.

A palavra *carroção*, para Cunha (2010), é considerada do século XX, sendo apresentada na mesma entrada que carroça. Já Aulete (2022) traz entrada própria, definindo como “grande carroça coberta para transporte de pessoas”.

*Carruagem* possui entrada em Aulete (2022), sendo definida como “carro de quatro rodas, com suspensão de molas, puxado por cavalos, para transporte de pessoas. O mesmo que diligência”. Essa obra traz ainda que, possivelmente, a lexia provém do espanhol “*carruaje*” ou do catalão “*carruatge*”.

No que diz respeito a *trole*, Aulete (2022) atribui, dentre outros significados, o de “carruagem rústica, carro baixo usado nas fazendas e cidadezinhas, antes do advento do automóvel”. Nunes e Nunes (2003, p. 506) também a documentam, como um regionalismo do Rio Grande do Sul, com significado semelhante ao atribuído por Aulete (2022), a saber: “carruagem rústica usada no interior antes do advento do automóvel”.

Em Cunha (2010, p. 1188), *diligência* é considerada uma palavra do século XVIII, a qual se refere a “carruagem para transportar passageiros”. Em Aulete (2022) aparece com acepção mais detalhada, definindo-a como “veículo puxado a cavalos, usado antigamente para transportar pessoas, bagagens e correspondências, percorrendo longas distâncias”.

*Carrinho* apresenta entrada em Nunes e Nunes (2003) e em Aulete (2022), porém com acepções não condizentes ao referente.

O vocábulo *carretão* encontra-se documentado em Aulete (2022) como “carro de duas rodas, extremamente resistente, us. para transporte de toras de madeira” e também em Nunes e Nunes (2003, p. 98) como um regionalismo utilizado para “carreta curta, pequena, puxada por

uma única junta de bois, usada no serviço doméstico das estâncias. ‖ Veículo reforçado, sem leito, de duas rodas, puxado por muitas juntas de bois, destinado ao transporte de toros”.

*Zorra* foi localizada apenas em Aulete (2022) com diferentes acepções, dentre as quais “3. Veículo baixo e resistente, us. para carregar coisas pesadas. 4. Peça de tronco ou madeira puxada por animal e us. nas matas e na lavoura para arrastar cana-de-açúcar, madeiras, pedras grandes etc.”.

A palavra *carriola*, para Cunha (2010), é considerada do século XIX, proveniente do italiano *carriòla*, significando “carro ordinário, pequeno, de duas rodas”. Aulete (2022) também a registra como “1. Carro pequeno 2. Carro de duas rodas, pequeno e tosco”.

O vocábulo *jardineira* consta tanto em Aulete (2022) quando em Nunes e Nunes (2003) enquanto um regionalismo do Rio Grande do Sul utilizado para designar um carro de quatro rodas, puxado a cavalo, muito usado nas estâncias.

Já as variantes *charretão*, *gaiota*, *surque*, *carreta de boi*, *carro grande*, *carro de praça*, *carro de mola*, *trulho*, *chupa-cabra* e *tico-tico* não se encontram documentadas nos dicionários consultados. Por outro lado, as denominações *carro* e *trailer* encontram-se dicionarizadas, porém sem acepção ligada ao veículo puxado por animais.

Passando para a análise da produtividade, foram inventariadas 308 respostas dadas pelos informantes para o veículo em questão, as quais podemos visualizar por meio da Tabela 15.

Tabela 15 – Produtividade geral das variantes documentadas para a questão 66 - carroça

<b>Variantes</b>	<b>Nº de ocorrências</b>	<b>%</b>
carroça	95	30,84%
charrete	87	28,25%
aranha	26	8,44%
carreta	22	7,14%
gaiota	13	4,22%
trole	12	3,9%
carro de boi	11	3,57%
carroção	9	2,92%
carretão	7	2,27%
carrinho	6	1,95%
carruagem	6	1,95%
outras	14	4,55%
	<b>308</b>	

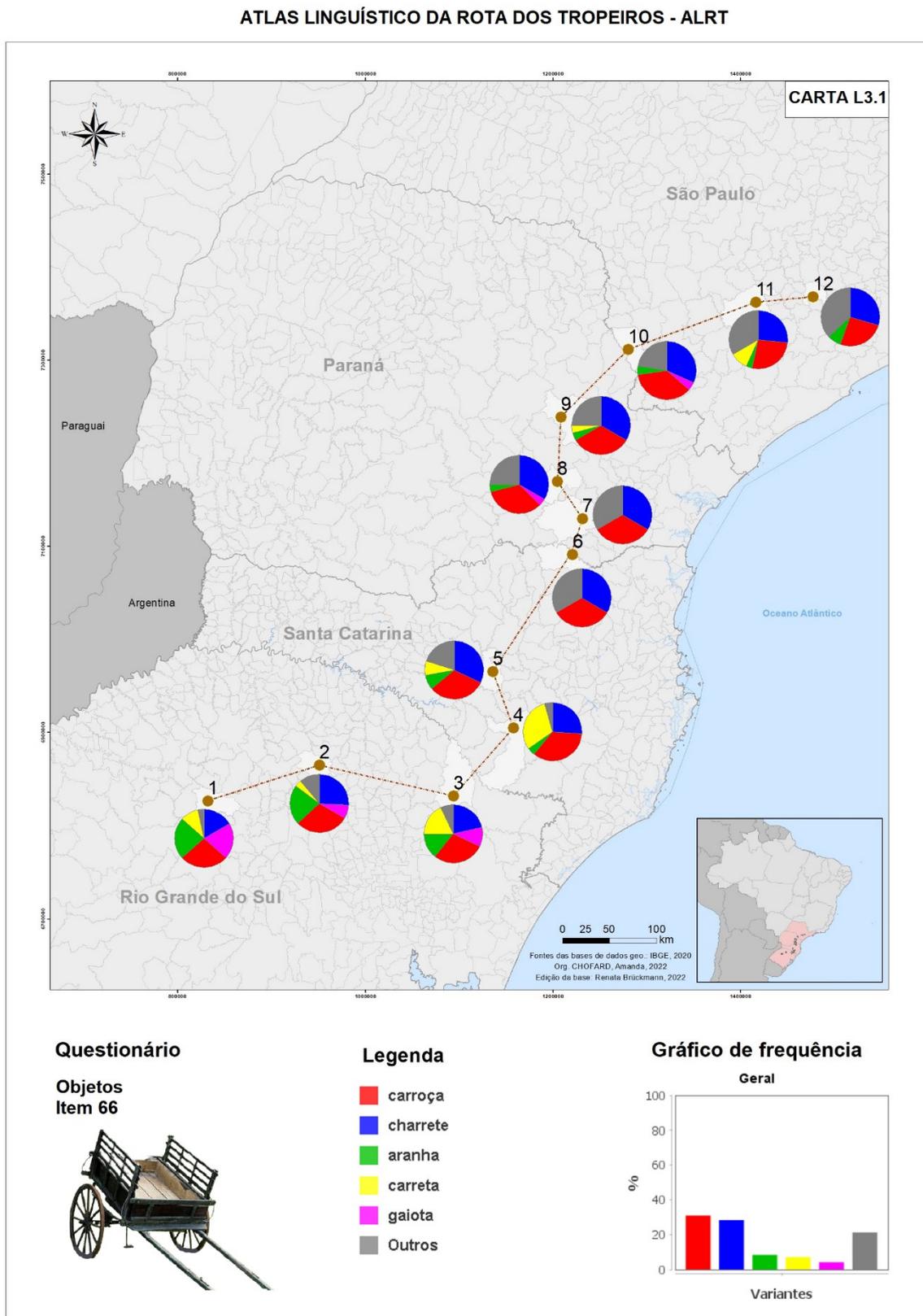
Fonte: Elaborado pela autora.

Observando a tabela de produtividade geral, constatamos que *carroça*, e seu agrupamento, é a variante mais produtiva, com 95 ocorrências, correspondentes a 30,84% das respostas. Com bastante relevância e números próximos, a segunda forma mais utilizada foi *charrete*, com 87 registros e 28,25%. Já com menores índices, *aranha* totalizou 26 respostas, 8,44%, e *carreta* teve 22 realizações, perfazendo 7,14%. Na sequência, em ordem decrescente, *outras* totalizou 14 documentações e 4,55%, *gaiota* teve 13 registros e 4,22%, *trole* obteve 12 ocorrências e 3,9%, *carro de boi* foi utilizada 11 vezes, com percentual de 3,57%, *carroção* teve nove realizações e 2,92%, *carretão* foi documentada sete vezes, perfazendo 2,27% e, por fim, *carrinho* e *carruagem* foram dadas como resposta por seis informantes cada, o que equivale a 1,95% dos dados.

Com esse panorama, verificamos que duas são as variantes mais comuns a todos os informantes, sendo elas as mais produtivas e, ainda, que o item em questão é de conhecimento geral, tendo em vista que todos os informantes souberam responder, conhecendo, muitas vezes, mais de uma denominação.

Voltando o olhar para a diatopia, geramos a Carta L3.1, com as cinco formas mais produtivas, e a Carta 13.2, com as demais variantes registradas, as quais são ilustradas na Figura 41 e na Figura 45.

Figura 41 – Carta monodimensional para as variantes do QSL 66 (variantes mais produtivas)



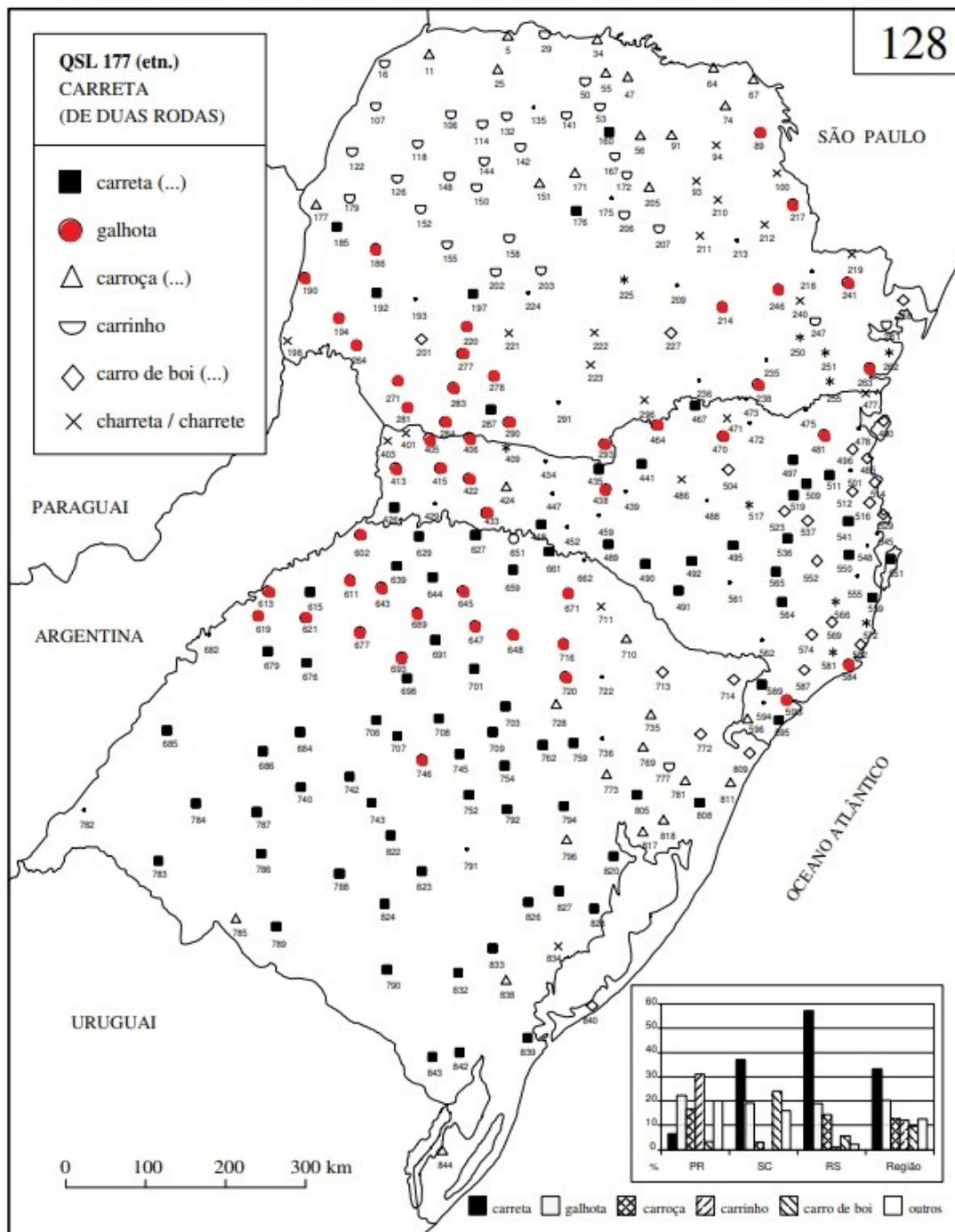
Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

Com base nessa carta, observa-se que *carroça* e *charrete* são documentadas em todas as localidades investigadas, estando, portanto, disseminadas por todo o território em análise. *Aranha* e *carreta*, por sua vez, também se encontram presentes nos quatro estados, porém com maior incidência no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Já *gaiota*, aparece com baixa realização em Itararé-SP (ponto 10) e em Palmeira-PR (ponto 8) e de modo mais relevante nos pontos do Rio Grande do Sul.

Analisando as variantes *aranha*, *carreta* e *gaiota* especificamente, inferimos que elas podem ser consideradas variantes [+RS], uma vez que as duas primeiras se fazem presentes no Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul (NUNES; NUNES, 2003) e a última aparece timidamente em São Paulo e no Paraná, porém de forma significativa nos pontos sul-rio-grandenses, como também demonstram os dados do ALERS constantes na carta apresentada na Figura 42, por meio da qual se averigua certa arealidade da variante em questão na porção norte do Rio Grande do Sul, bem como em áreas de deslocamento gaúcho, como no oeste catarinense e paranaense, além de áreas fronteiriças com São Paulo com possível influência do vaivém tropeiro.

Figura 42 – Carta linguística ALERS QSL 177 (etn.) carreta (de duas rodas)

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

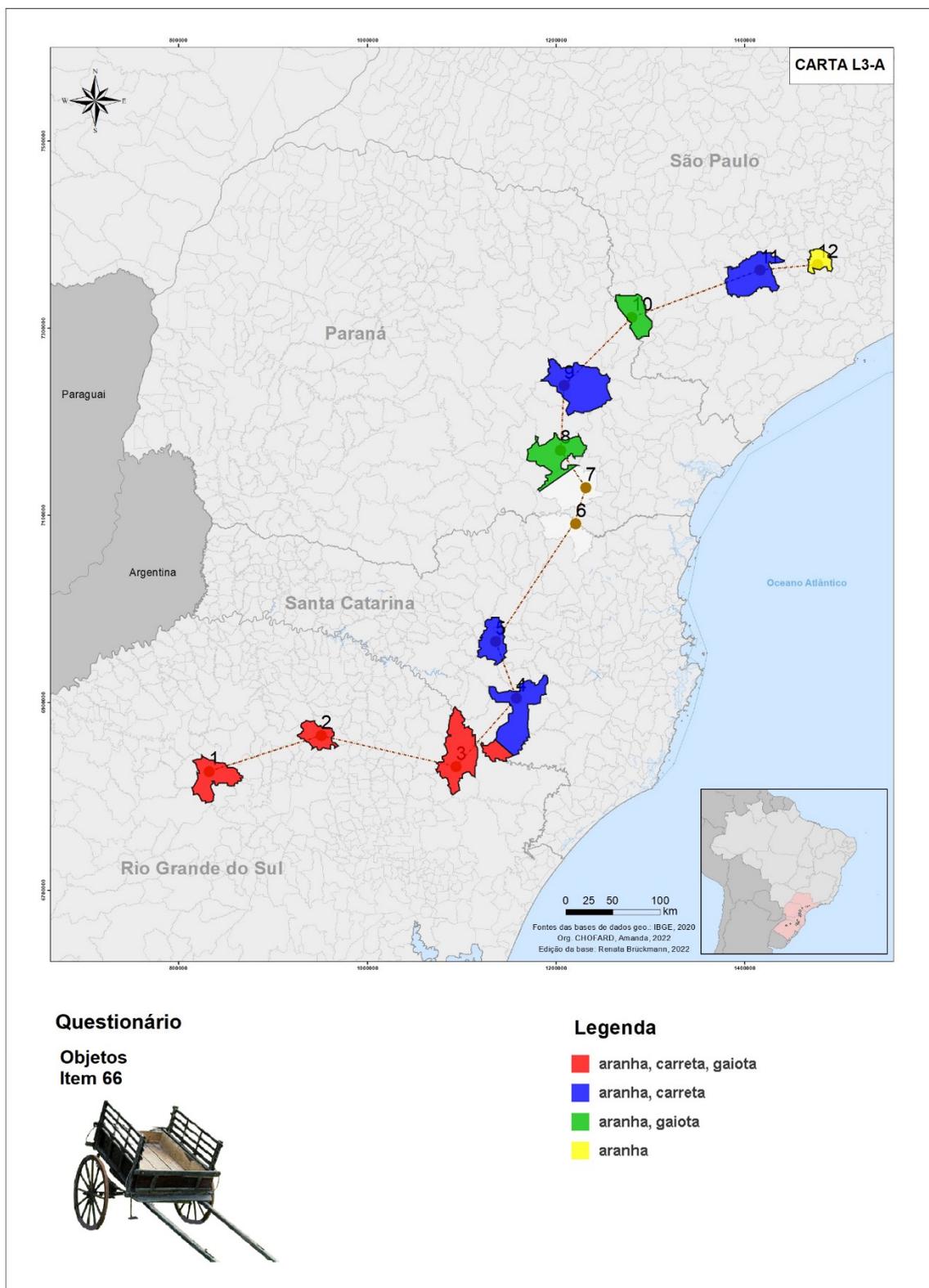


Fonte: Adaptado de Koch, Altenhofen e Klassmann (2011b, p. 339).

Buscando compreender a distribuição dessas três variantes [+RS] na rota dos tropeiros, elaboramos a Carta L3-A exibida na Figura 43.

Figura 43 – Arealidade das variantes *aranha*, *carreta* e *gaiota*

## ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



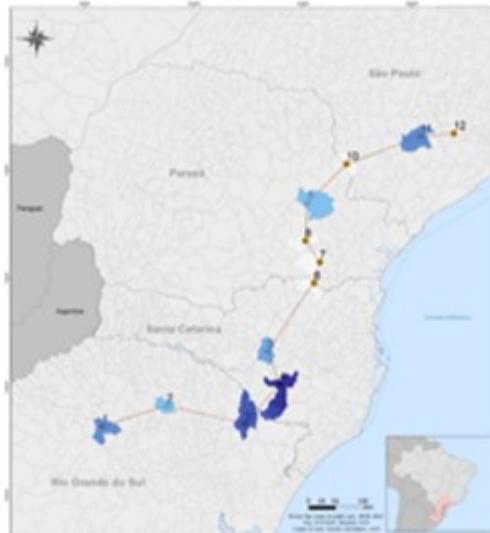
Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

Na Figura 43, podemos observar que as três variantes estão localizadas nos quatro estados, porém é apenas no Rio Grande do Sul onde todas coexistem. Além disso, dentre essas designações, *aranha* é a que se mostra mais produtiva ao longo da rota e apenas em Mafra-SC (ponto 6) e em Lapa-PR (ponto 7) nenhuma delas é registrada. Isso posto, a fim de esclarecer a intensidade com que essas formas aparecem em cada ponto de inquérito, foram elaboradas as Cartas L3-C, L3-D e L3-E, aglutinadas para fins de ilustração na Figura 44.

Figura 44 – Arealidade gradual das variantes *aranha*, *carreta* e *gaiota*



aranha



carreta



gaiota

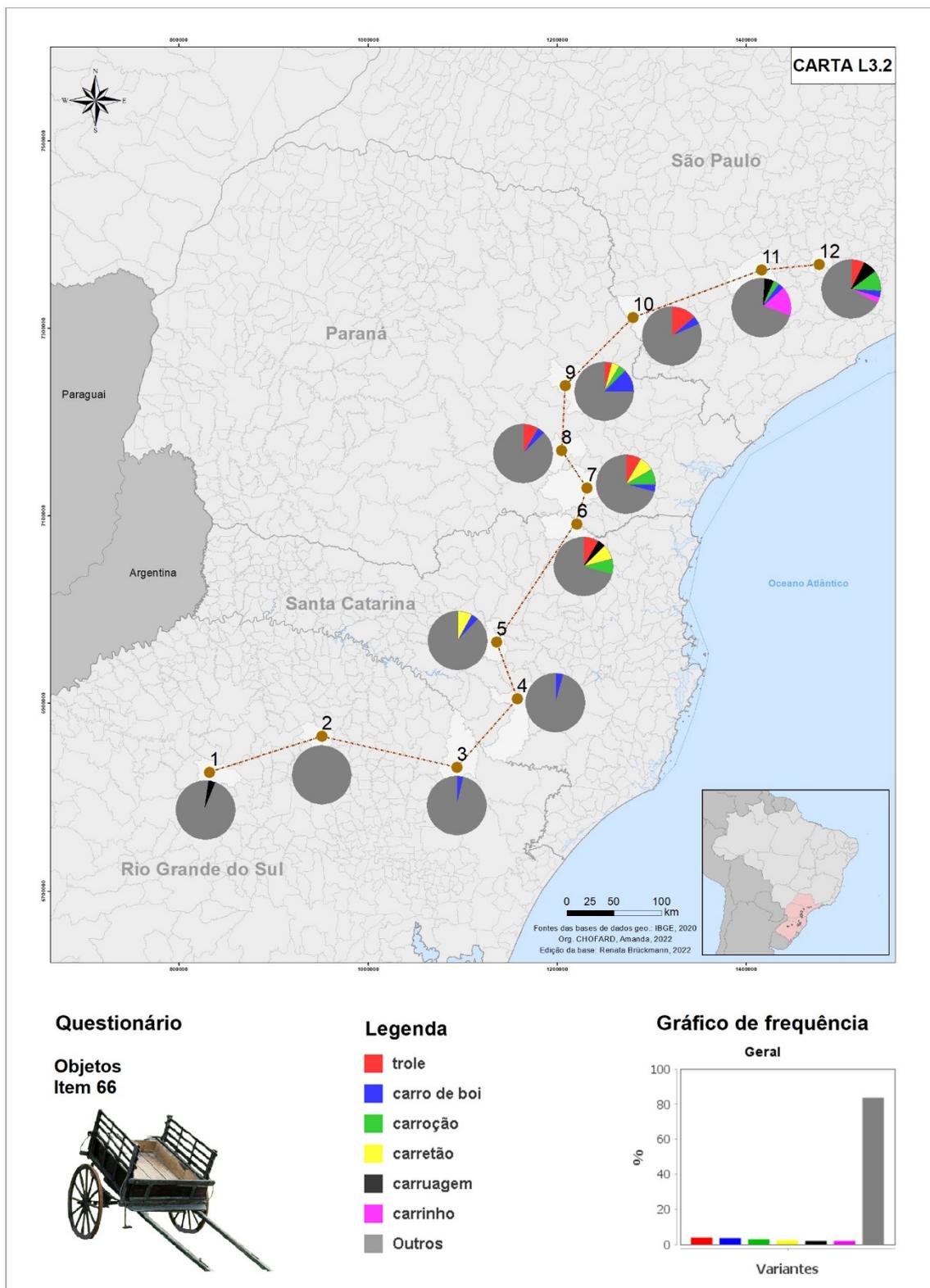
Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

Em relação à intensidade com que cada variante se apresenta, averiguamos que *aranha* se mostra bastante produtiva no território gaúcho e, apesar de estar por toda a rota, perde intensidade conforme avança em direção norte. *Carreta* possui maior incidência nas localidades sul-rio-grandenses e catarinenses, fazendo-se presente em apenas um ponto do Paraná (9-Castro) e um de São Paulo (11-Itapetininga). *Gaiota*, por sua vez, é a variante que menos se propaga dentre as três, sendo frequente no falar gaúcho e dada como resposta apenas por um informante de Palmeira-PR e um de Itararé-SP, reafirmando, desse modo, a caracterização dessas denominações como variantes gaúchas que se propagam do sul para o norte.

Passando a olhar para as variantes menos produtivas no cômputo geral, apresentamos a Figura 45.

Figura 45 – Carta monodimensional para as variantes do QSL 66 (variantes menos produtivas)

ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT

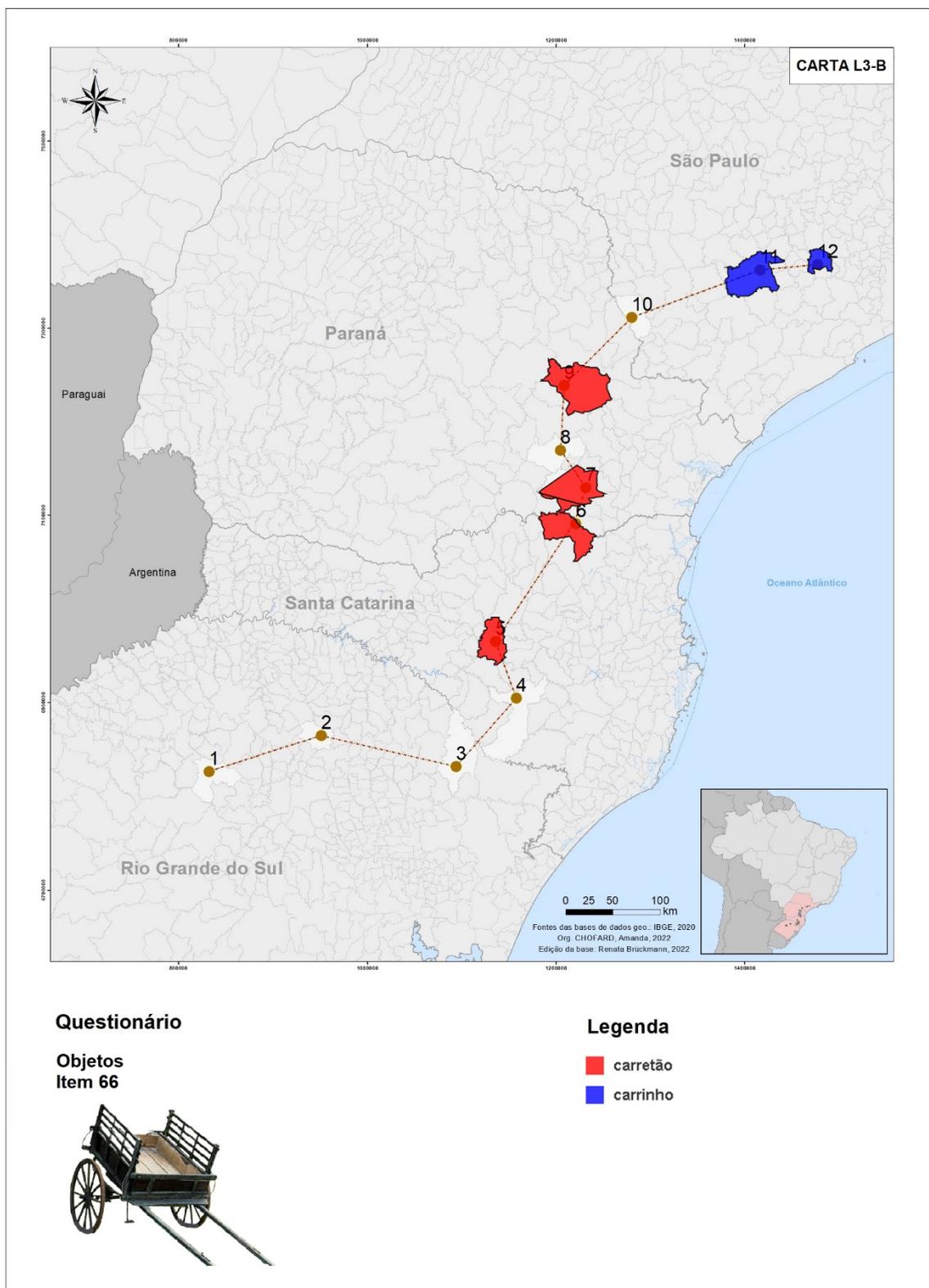


Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

Os dados trazidos por essa carta revelam que as seis formas com menor número de ocorrências são pouco significativas no Rio Grande do Sul, ficando mais concentradas em São Paulo, no Paraná e em parte de Santa Catarina. *Trole*, como a mais recorrente dentre elas, foi utilizada como resposta pelos paulistas, pelos paranaenses e pelos catarinenses residentes em região de fronteira com o Paraná, em Mafra-SC (ponto 6), não sendo documentada nos pontos gaúchos, assim como também ocorre com *carroção*. No que concerne às designações *carro de boi* e *carruagem*, por outro lado, constata-se a presença nos quatro estados, ainda que com diferentes produtividades. Já em relação a *carretão* e *carrinho*, observa-se que essas denominações se restringem a áreas específicas, na parte mais central da Rota, a primeira localizando-se no Paraná e em Santa Catarina, nos pontos 5, 6, 7, 9 e 10, e a segunda nos pontos 11 e 12, em São Paulo, como demonstra a Figura 46.

Figura 46 – Arealidade das variantes *carretão* e *carrinho*

## ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



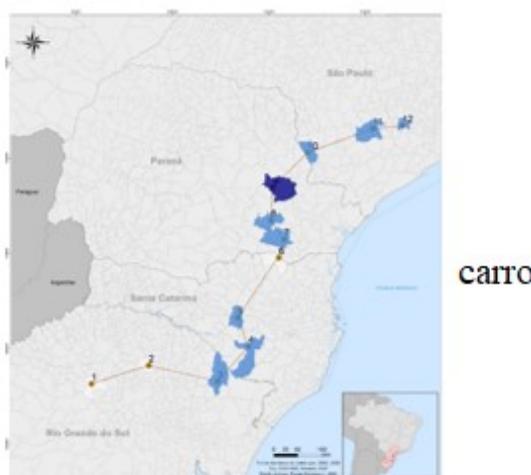
Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

Sendo assim, perante a distribuição dessas seis formas, inferimos que há variantes que podem ser classificadas como [+SP], a saber: *trole*, *carro de boi* e *carroção*, o que fica ainda mais evidente ao observarmos a intensidade com que elas se propagam na rede de pontos.

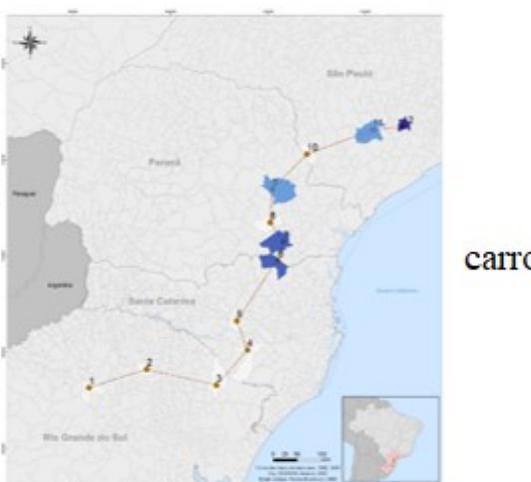
Figura 47 – Arealidade gradual das variantes *trole*, *carro de boi* e *carroção*



**trole**



**carro de boi**



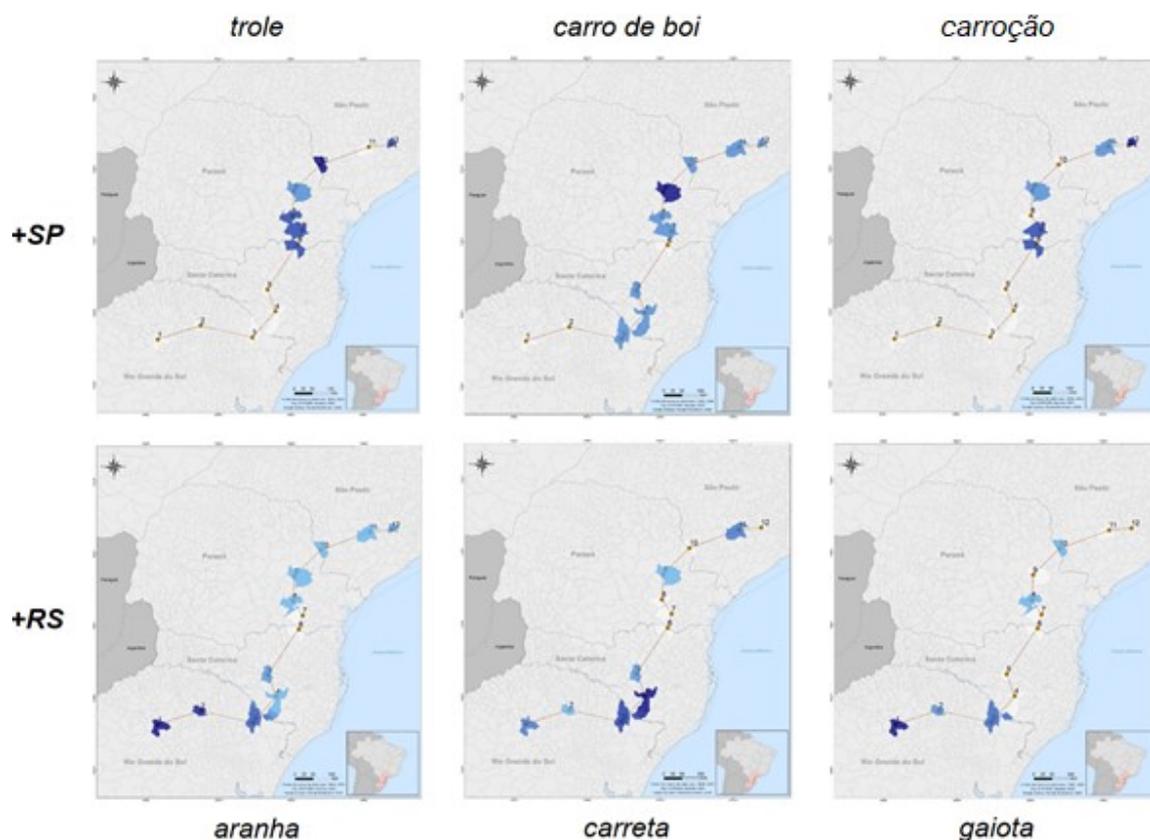
**carroção**

Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

Frente à intensidade com que cada variante se apresenta, constatamos que *carro de boi* é a que mais se difunde, não sendo dada como resposta por nenhum informante apenas em Cruz Alta-RS (ponto 1) e em Vacaria-RS (ponto 2). *Trole*, por sua vez, é a que ocorre com maior intensidade, mas não avança além de Mafra-SC (ponto 6), localidade situada na divisa com o Paraná, cenário esse que se repete para *carroção*. Sendo assim, reiteramos a possibilidade de caracterizar essas designações como variantes paulistas que se propagam do norte para o sul da área em análise.

Tecidas essas considerações, portanto, ressaltamos que os dados apresentados evidenciam uma heterogeneidade linguística ao longo do Caminho da Vacaria dos Pinhais, apontando para a existência de variantes pertencentes a uma variedade [+RS] e a uma variedade [+SP], o que reflete a existência de um contato intervareial das variedades paulista e sul-rio-grandense, cuja explicação pode se dar pelo avanço de variantes paulistas para o sul e de variantes gaúchas para o norte da região no percurso dos tropeiros como demonstra a Figura 48.

Figura 48 – Propagação de variantes [+RS] e [+SP] em direções opostas



Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

Ademais, cabe destacar que, ao contrário do procedimento adotado pelo ALERS, no Projeto ALRT não elaboramos questões distintas buscando especificações etnográficas sobre o veículo. Entretanto, apesar de todas essas variantes registradas terem sido dadas como resposta para “veículos utilizados para transportar cargas ou pessoas”, os próprios informantes, muitas vezes, até mesmo sem serem indagados, esboçaram claras diferenciações entre cada um deles, geralmente ligadas à quantidade de rodas, ao tamanho e ao que transporta, como podemos observar nos comentários transcritos a seguir.

INF.- Carroça.

INQ.- Tem outros nomes?

INF.- Daí tem... tem a charrete que daí é diferenciada, né, é mais piquena, tem a charrete, tinha a aranha, que diziam que eram bem levezinha, né, que ficava, cabia só as pessoas ali, mais o de transportá carga e tudo é carroça.

INQ.- Então a diferença dá se transporta carga ou se transporta pessoa?

INF.- É, tem a charrete, ela era com... de peneu mais baixinha, né, e tinha tolda assim pra protegê da puera e da chuva e a aranha era aberta, só pra, só as pessoas, inclusive minha vó tinha essa aranha aí, bem levinha, umas rodas grande com um cavalo só, a charrete tamém é um cavalo só e daí a carroça, tanto de boi, que nem eu carroceei muito de boi puxano mandioca cô meu pai, milho, tudo da propriedade, são quatro rodas com cabeçaio com tração de cavalo ou de boi, daí a carroça é diferenciada por tamanho, né.

INQ.- Entendi.

INF.- A de cavalo e de boi.

INQ.- E a carroça daí ela tem...

INF.- Quatro rodas (02-4 – Passo Fundo/RS).

INF.- Carroça.

INQ.- Tem outros nomes?

INF.- Pra pessoas aí tem a charrete, tem a gaiota, tem a aranha, que tinha antigamente.

INQ.- Aranha também era para pessoa?

INF.- Sim, era pra pessoa.

INQ.- E tem diferença na quantidade de rodas que tem a carroça?

INF.- A carroça é quatro roda e já a aranha, a gaiota, a cha, a charrete é uma roda pequena, uma roda tipo roda de carro, a aranha é uma roda grande, comé que eles chamam? É uma roda tipo roda de carroça, mais bem grande e ela tem mola.

INQ.- Aham, para ficar mais confortável.

INF.- As jardinera que chamam.

INQ.- Aham.

INF.- É, aquela é aranha... mais é duas roda tamém (02-3 – Passo Fundo/RS).

INF.- Tinha a carroça, né, tinha o trole...

INQ.- Aham, e faz diferença se leva pessoa, se leva carga?

INF.- Intão, a ca, a carroça é uma coisa que anda passo a passo só.

INQ.- Aham.

INF.- O trole já dá pá andá mais, que é aquela carruage que a gente vê em filme, que consegue corrê...

INQ.- Ah, tá.

INF.- E tinha tipo a charrete tamém que já virô cum pe, roda de peneu com câmara.

INQ.- Entendi.

INF.- Intão foi mudano bastante... A carroça era só pá, pô transporte, passo a passo, num tinha como fazê ela corrê porque ela num tinha mola, intão ela andava passo a passo.

INQ.- Aí a charrete e o troler já vai?

INF.- Já ia, anda mai rápido.

INQ.- Você já ouviu, por acaso, aranha?

INF.- A aranha é a mesma... que hoje é charrete, só que era com roda de ferro.

INQ.- Entendi, e tem diferença em quantas rodas que tem a carroça, que tem o troler, que tem a charrete?

INF.- Tem carroção que é quatro roda, a charrete é duas roda, né.

INQ.- Aham.

INF.- Aranha é duas roda tamém...

INQ.- Aham, aí essas eram..

INF.- Essa era a região, região nossa aqui era só carroção que fala, carro de boi e a carroça pá burro, que era... com roda de... de madeira (12-3 – Sorocaba/SP).

Tendo em vista a diferença metodológica do ALERS e do Projeto ALRT no que diz respeito à investigação do item aqui discutido, não comparamos as cartas linguísticas de modo geral. Porém, ao verificarmos a coocorrência das variantes, observamos que a maioria delas são registradas em ambas as pesquisas, com exceção de algumas denominações aqui agrupadas em *outras*, a saber: *zorra*, *surque*, *carro grande*, *trailer*, *trulho*, *carro*, *carro de praça*, *carro de mola*, *chupa-cabra* e *tico-tico*. Isso posto, salientamos a possibilidade de realizarmos futuros estudos sob o ponto de vista etnográfico, dando maior ênfase a comparações entre os dados.

Passando para a análise dos aspectos sociais controlados, no intuito de apresentar números percentuais e absolutos, elaboramos tabelas considerando o montante das respostas coletadas para a questão 66 do QSL. Sendo assim, primeiramente, a Tabela 16 traz os dados em relação à estratificação segundo o sexo.

Tabela 16 – Produtividade das variantes sob a perspectiva diassexual

Variantes	Feminino		Masculino	
	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%
carroça	48	39,02%	47	25,41%
charrete	42	34,15%	45	24,32%
carreta	9	7,32%	13	7,03%
aranha	9	7,32%	17	9,19%
carroção	4	3,25%	5	2,7%
gaiota	4	3,25%	9	4,86%
trole	2	1,63%	10	5,41%
carrinho	2	1,63%	4	2,16%
carro de boi	2	1,63%	9	4,86%
outras	1	0,81%	13	7,03%
carretão	-	-	7	3,78%
carruagem	-	-	6	3,24%
	<b>123</b>		<b>185</b>	

Fonte: Elaborado pela autora.

Visualizando os dados expostos, observamos que os informantes do sexo masculino deram mais respostas do que as mulheres, principalmente em relação às variantes menos produtivas, incluindo as agrupadas em *outras*, e, também, constata-se que as variantes *carretão* e *carruagem* só apareceram na fala deles. Dessa maneira, inferimos que este cenário pode ser explicado pelo fato de o homem ser, na maior parte das vezes, o condutor destes veículos e, conseqüentemente, ter maior proximidade com o funcionamento e com as diferentes nomenclaturas que lhes podem ser atribuídas.

A seguir, a Tabela 17 apresenta os dados sob a ótica da dimensão diageracional.

Tabela 17 – Produtividade das variantes sob a perspectiva da dimensão diageracional

Variantes	Faixa etária I		Faixa etária II	
	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%
carroça	47	36,43%	48	26,82%
charrete	41	31,78%	46	25,7%
carreta	9	6,98%	13	7,26%
outras	7	5,43%	7	3,91%
aranha	7	5,43%	19	10,61%
gaiota	4	3,1%	9	5,03%
carro de boi	4	3,1%	7	3,91%
trole	3	2,33%	9	5,03%
carrinho	2	1,55%	4	2,23%
carroção	2	1,55%	7	3,91%
carruagem	2	1,55%	4	2,23%
carretão	1	0,78%	6	3,35%
	<b>129</b>		<b>179</b>	

Fonte: Elaborado pela autora.

No que diz respeito à idade, constatamos que os informantes da faixa II foram os que deram o maior número de respostas e que, consoante à produtividade geral, nas duas faixas etárias as denominações mais utilizadas foram *carroça* e *charrete*.

Dentre as demais formas, evidenciamos que a maioria possui índices próximos, apesar de algumas variantes serem mais utilizadas pelos informantes da faixa II, como é o caso de *aranha*, *gaiota*, *trole* e *carroção*, sendo *aranha* a mais significativa para representar a variação diageracional, uma vez que totaliza 19 respostas entre os informantes da segunda faixa etária e apenas sete na fala dos mais jovens, o que nos leva à indagação: estaria a variante *aranha* deixando de ser usada?<sup>49</sup>

Por fim, apresentamos os dados referentes às dimensões diazonal e diastrática.

<sup>49</sup> Salientamos que a partir dos dados do Projeto ALRT não é possível respondermos ao questionamento, tampouco comparando com os dados do ALERS sem antes procedermos a uma análise com foco etnográfico, porém o lançamos para instigar outros pesquisadores, assim como estudos posteriores.

Tabela 18 – Produtividade das variantes sob a perspectiva das dimensões diazonal e diastrática

Variantes	Rural (Ens. Fund. – Ens. Médio)		Urbano (Ens. Médio – Graduação)	
	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%
carroça	48	31,37%	47	30,32%
charrete	44	28,76%	43	27,74%
aranha	14	9,15%	12	7,74%
carreta	10	6,54%	12	7,74%
outras	7	4,58%	7	4,52%
gaiota	6	3,92%	7	4,52%
carroção	6	3,92%	3	1,94%
carro de boi	5	3,27%	6	3,87%
carrinho	4	2,61%	2	1,29%
carruagem	4	2,61%	2	1,29%
trole	3	1,96%	9	5,81%
carretão	2	1,31%	5	3,23%
	<b>153</b>		<b>155</b>	

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir da Tabela 18, verificamos que a área habitacional e a escolaridade estão pouco relacionadas às escolhas lexicais dos informantes, salvo o caso de *trole* que se mostrou como uma variante mais produtiva entre os urbanos e mais escolarizados, o que pode estar atrelado às características específicas desse referente e ao fato de poder ser utilizada mais como transporte de pessoas em um ambiente mais urbanizado do que no trabalho do campo, como relata o excerto de fala a seguir.

INF.- O trole ele é uma charrete de quatro roda.

INQ.- Aham.

INF.- Só que é o peneu de borracha, com câmara, tudo, e geralmente é uma coisa mais bonita, mais sofisticada.

INQ.- Aham.

INF.- Né? Se usa em disfile e tudo. E a aranha é a charretinha menor, ela num é tão pequena como um surque, que é de corrida de trote (10-3 – Itararé/SP).

Ademais, salientamos que essa inferência de *trole* ser mais utilizada em ambientes urbanizados e, por isso, ser mais frequente na fala dos informantes dessa área pode ser reforçada

ao olharmos para os dados trazidos pelo ALERS, um atlas rural que, diante de seu grande volume de dados, registrou apenas duas respostas para *trole*, uma no ponto 261–Paranaguá/PR e outra no ponto 565–Bom Retiro/SC.

Posto isso, com a explanação feita, concluímos que o item em questão é de amplo conhecimento e que as variantes mais produtivas, *carroça* e *charrete*, estão difundidas por todo o território compreendido pela rota dos tropeiros. Além disso, diatopicamente, observamos a existência de variantes [+RS] – *aranha*, *carreta* e *gaiota* – e de variantes mais [+SP] – *trole*, *carro de boi* e *carroção* – as quais confirmam a hipótese central desta tese de que os falares da Região Sul não são homogêneos, havendo diferentes áreas linguísticas, dentre elas uma que se caracteriza pelo contato intervietal das variedades paulista e sul-rio-grandense, cuja explicação pode se dar pelo vaivém de gaúchos e paulistas no período do Tropeirismo.

#### 5.3.4 QSL 93 – guasqueiro

Pertencente ao campo semântico *Funções e atribuições da tropa*, a questão 93 do QSL busca as variantes para “[...] a profissão daqueles que fazem os utensílios de couro para a lida com a tropa?”. Ressaltamos que essa é uma questão inédita, não englobada pelo ALPR, pelo ALERS e nem pelo Projeto ALiB, o que nos impossibilita de comparar os dados com os dos atlas citados.

Para esse item, após o levantamento das respostas, foram obtidas 13 variantes e todas foram consideradas para análise, contudo, agrupamos algumas formas, as quais estão descritas a seguir:

- (i) Hápx legomena: outras > curtidor, traieiro, correador etc.;
- (ii) Formas no plural: trançador > trançadores.

Assim, obtivemos sete rótulos a serem cartografados, acrescidos das respostas prejudicadas, a saber:

Quadro 20 – Agrupamentos das variantes documentadas para a questão 93 - guasqueiro

RÓTULOS	VARIANTES AGRUPADAS
guasqueiro	guasqueiro
coureiro	coureiro
trançador	trançador/ trançadores
seleiro	seleiro
artesão	artesão
outras	curtidor, emendador de laço, traieiro, fazedor de traia, coronete, coroneio, correador, correaria
RP	não lembrou/ não soube

Fonte: Elaborado pela autora.

Perante as respostas obtidas para aqueles que fazem os utensílios de couro, verificamos se elas possuem entradas nas obras lexicográficas aqui tomadas como base, buscando compreender melhor as acepções atribuídas, bem como seus usos.

*Guasqueiro*, de acordo com Aulete (2022), é uma lexia utilizada no Rio Grande do Sul e significa “fabricante de guascas”. Nunes e Nunes (2003, p. 240), no Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul, definem o termo com acepção semelhante à apresentada por Aulete (2022), sendo “a pessoa que trabalha com guascas”. Dessa maneira, procuramos também definições para guasca, palavra essa que, conforme Cunha (2010, p. 174), significa “tira ou correia de couro cru”, sendo derivada do quíchua *uáskha*.

*Coureiro* não foi localizada em Nunes e Nunes (2003) e nem em Cunha (2010), possuindo entrada apenas em Aulete (2022) e com acepção um pouco divergente ao item aqui investigado, mas que pode, de certo modo, ser estendida a ele, a saber: “1. Negociante de couros; [...] 2. Bras. Indivíduo que negocia ilegalmente com couro de animais silvestres 3. Profissional que retira o couro de animais (bovinos, suínos) para uso industrial”.

A palavra *trançador* é definida por Nunes e Nunes (2003, p. 502) como “pessoa que tem a profissão de fazer tranças de couro para o arreamento, ou de fazer quaisquer objetos trançados para os usos campeiros” e, de modo semelhante, por Aulete (2022) como “indivíduo que por ofício faz tranças (de crina, couro etc.)”.

*Seleiro* está registrada apenas em Aulete (2022) como “1. Fabricante ou vendedor de selas [...] 3. Que vende ou fabrica selas”.

A variante *artesão* também se encontra documentada apenas em Aulete (2022) com a seguinte acepção: “1. Pessoa que trabalha em ofício produtivo manual 2. Pessoa que exerce esse ofício em estabelecimento próprio”.

*Curtidor*, por sua vez, está registrada em Aulete (2022) como aquele “que faz curtimento de couro, de peles, de alimentos, etc.”.

Já as demais variantes, sobretudo as agrupadas em *outras*, não foram localizadas em nenhum dos dicionários adotados aqui como referência.

Isso posto, passamos para a análise da produtividade dessas variantes nos dados do Projeto ALRT. Para tanto, apresentamos a Tabela 19 que traz os números absolutos e percentuais.

Tabela 19 – Produtividade geral das variantes documentadas para a questão 93 - guasqueiro

<b>Variantes</b>	<b>Nº de ocorrências</b>	<b>%</b>
guasqueiro	57	41,01%
coureiro	31	22,3%
trançador	18	12,95%
seleiro	11	7,91%
artesão	4	2,88%
outras	7	5,04%
RP	11	7,91%
	<b>139</b>	

Fonte: Elaborado pela autora.

Por meio da Tabela 19, observamos que os dados fornecidos pelos 96 informantes somam 139 respostas, total esse que se deve ao fato de um mesmo informante poder ter dado mais de uma resposta. Nesse contexto, *guasqueiro* foi a variante mais produtiva na área investigada, com 57 ocorrências e 41,01%. *Coureiro* aparece como a segunda denominação mais utilizada, com 31 realizações e percentual de 22,3%. Na sequência, já com índices mais baixos, foram documentadas *trançador*, com 18 registros e 12,95%, *seleiro* e *outras*, com 11 respostas cada e 7,91%, e *artesão*, utilizada por quatro informantes com percentual de 2,88%, além das 11 respostas prejudicadas que perfazem 7,91% dos dados.

Tecido esse panorama geral das respostas, vale mencionar que a obtenção de *guasqueiro* como a forma mais produtiva reflete de fato a influência dos tropeiros na

composição dos falares, principalmente, da Região Sul do Brasil, uma vez que essa denominação de origem quíchua, assim como tantas outras, como charque, aspa, guaiaca, chiripá e pampa, por exemplo, é defendida por Brum (1999) como um termo dos tropeiros de Santa Fé, na Argentina, que passaram para o português. Nesse sentido, torna-se relevante trazer a colocação do referido autor sobre as origens de um possível linguajar tropeiro.

No intercâmbio cultural dos tropeiros, vai ocorrer uma coisa interessante. Os tropeiros argentinos vão construir seu idioma espanhol sobre uma base guarani e quíchua, na qual já havia alguns termos araucanos e astecas adquiridos no corredor cultural andino. Os tropeiros brasileiros vão edificar seu idioma português sobre uma base tupi, incorporando diversos termos espanhóis, quíchuas e astecas, em razão do novo corredor cultural que se forma entre Santa Fé e Sorocaba. (BRUM, 1999, p. 126).

Já em relação às outras variantes, notamos que *coureiro*, embora não tenha sido localizada nas obras lexicográficas com acepção voltada especificamente para aquele que faz os utensílios de couro para a lida com o animal, pode ser bastante utilizada a partir de uma expansão do significado, uma vez que o coureiro, além de ser o profissional que tira o couro de animais, também pode ser aquele que produz objetos a partir desse material.

*Seleiro*, por sua vez, inferimos que é utilizada, pois, também é uma profissão que lida com o couro, porém, conforme os informantes, com o couro curtido e não cru.

INF.- É aquilo que eu falei, tem trançador, guasqueiro.  
 INQ.- Aham.  
 INF.- É... pessoal que faz arreio, também, que aqui pra nós chamamo de, é o mesmo seleiro.  
 INQ.- Aham, são todos esses nomes pra... chamam do mesmo jeito.  
 INF.- Pra... exatamente! É, tem algumas... tipo, seleiro trabalha mais especificamente com arreios, né, com sola, por isso que é seleiro, né, com selas. Já o guasqueiro é outro, é... mais com couro cru, tranças, essas coisas.  
 INQ.- Ah, tá (05-3 – Curitiba-SC).

INF.- Guasquero, selero...  
 INQ.- Aham. É a mesma coisa?  
 INF.- Diferente, né?  
 INQ.- Qual que é a diferença?  
 INF.- A diferença que o, o guasquero ele só lida cum... coro cru.  
 INQ.- Aham.  
 INF.- Trançado, e o selero, digamos, ele lida mais cá sola, né?  
 INQ.- Tá.  
 INF.- E tem, e tem um... sempre tem um profissional que trabalha cum os dois junto.  
 INQ.- Aham.  
 INF.- Entendeu? Um exemplo, no meu caso, os dois.  
 INQ.- Você...  
 INF.- Eu lido cá sola e cum coro cru.  
 INQ.- Uhum.  
 INF.- Entendeu? ((risos)) (07-5 – Lapa-PR)

INF.- É guasquero.  
 INQ.- Tem outros nomes?  
 INF.- Tem o guasquero que lida com coro cru.  
 INQ.- Aham.  
 INF.- E tem o selero que faz arreio, faz badana.  
 INQ.- Tá.  
 INF.- É o selero.  
 INQ.- Aham.  
 INF.- Lida com sola. Coro curtido (09-5 – Castro-PR).

Por fim, acreditamos que *artesão*, com menor produtividade, tenha sido dada como resposta mais genérica, uma vez que em três de suas quatro ocorrências foi utilizada como segunda resposta, como mostram os excertos de fala dos informantes 5 de Curitiba-SC, 5 de Itararé-SP e 2 de Itapetininga-SP.

INF.- Guasquero.  
 INQ.- Tem outros nomes?  
 INF.- Artesão, guasquero (05-5 – Curitiba/SC).

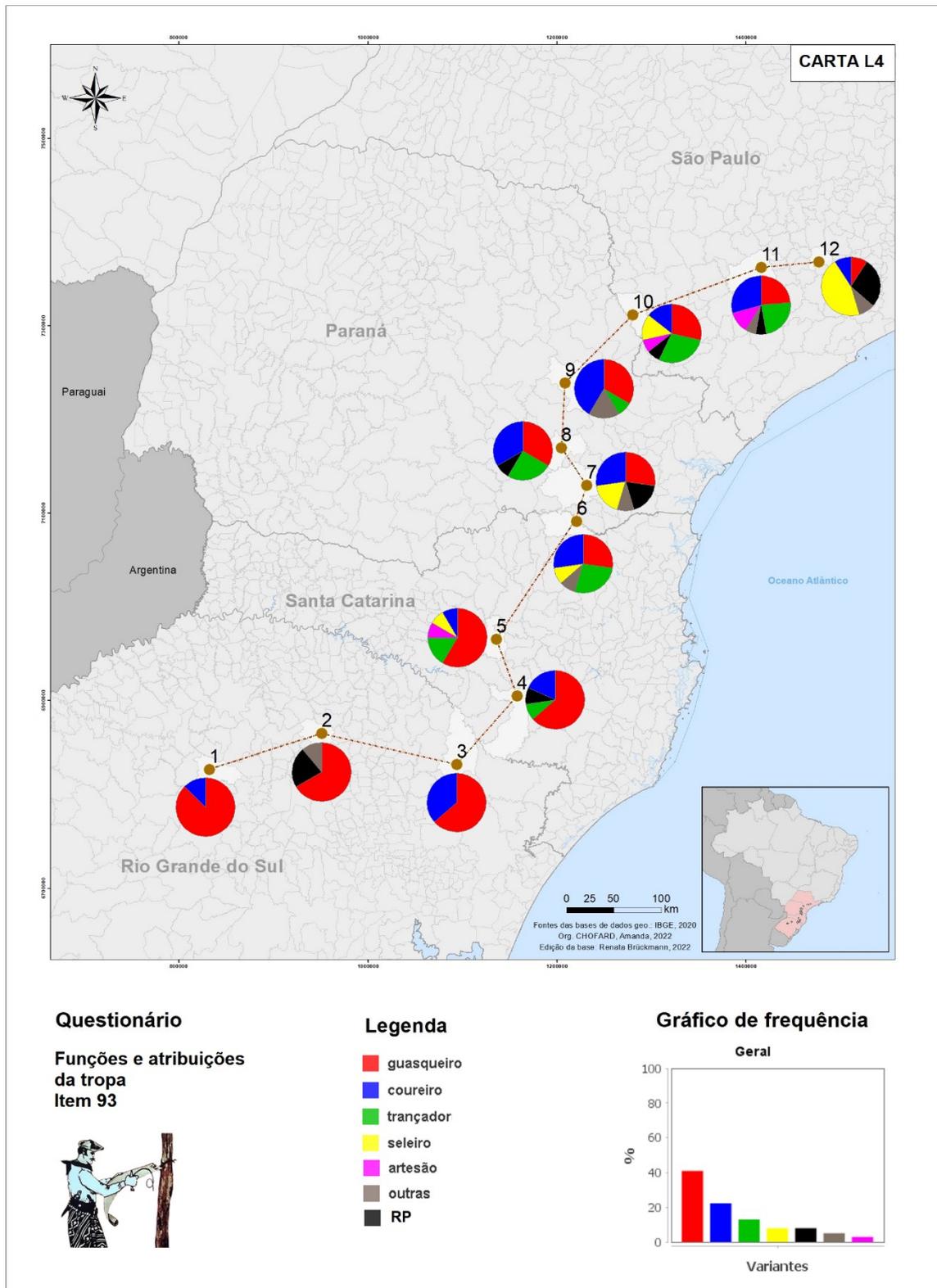
INF.- Guasquero, artesão (10-5 – Itararé/SP).

INF.- Corero.  
 INQ.- Tem outros nomes?  
 INF.- Artesão (11-2 – Itapetininga/SP).

Para averiguar a distribuição diatópica das variantes, elaboramos a Carta L4, ilustrada na Figura 49.

Figura 49 – Carta monodimensional para o QSL 93

ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



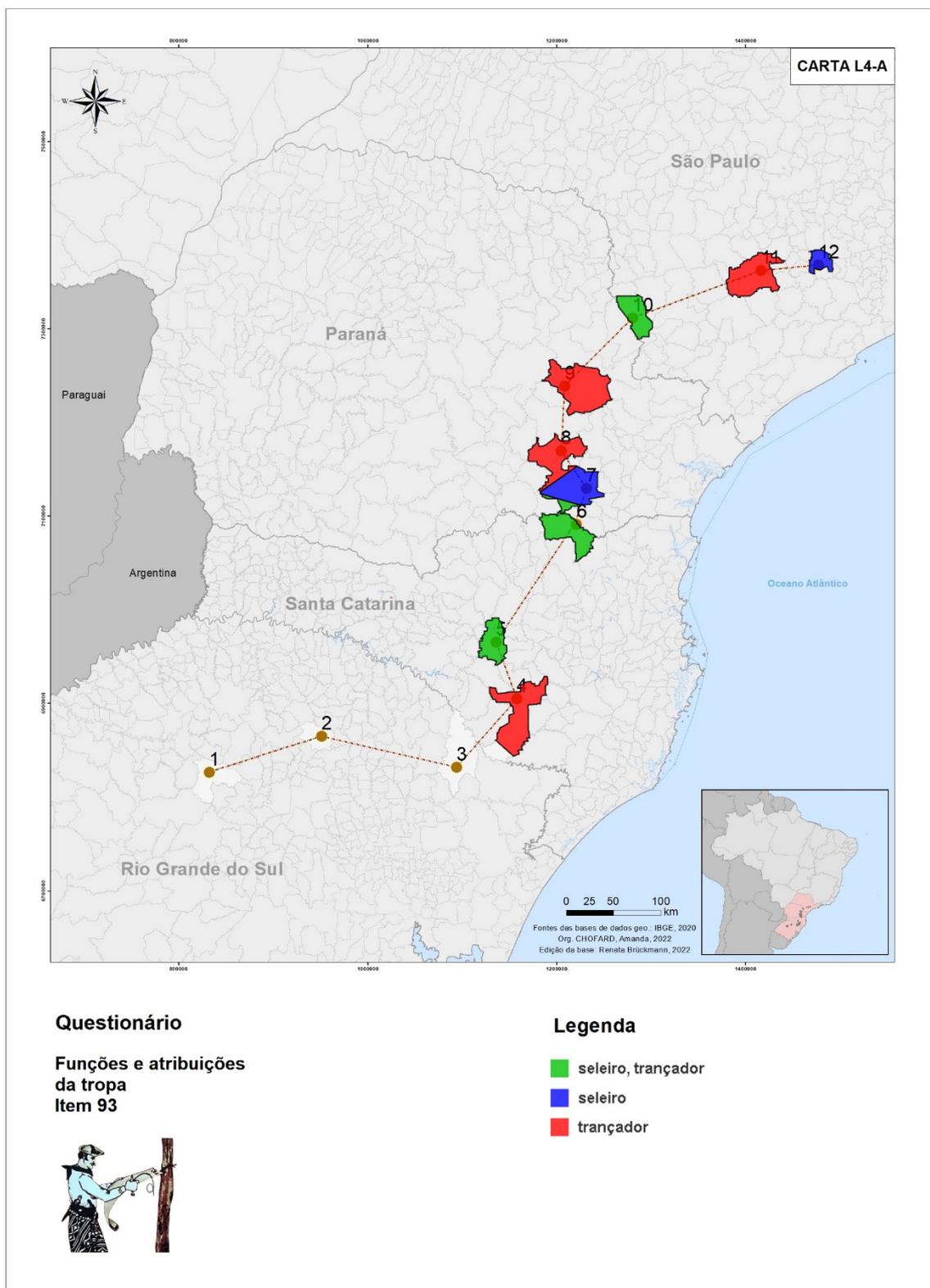
Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

Analisando a carta apresentada, constatamos que *guasqueiro* é a única variante registrada em todos os pontos de inquérito, ainda que com diferentes produtividades, a exemplo dos dois extremos, uma vez que em Cruz Alta-RS (ponto 1) a designação foi dada como resposta por sete dos oito informantes, ao passo que em Sorocaba-SP (ponto 12) foi utilizada por apenas um. *Coureiro* também se mostra como uma forma bastante difundida, não se fazendo presente apenas em Passo Fundo-RS (ponto 2), localidade em que *guasqueiro* e *outras* prevaleceram. A denominação *trançador* demonstra ser uma forma mais popular na variedade paulista [+SP], não adentrando o território gaúcho, inferência que também se aplica a *seleiro*, presente apenas em pontos paulistas, paranaenses e catarinenses. Já dentre as formas menos produtivas, artesão foi registrada em Curitiba-SC (ponto 5), em Itararé-SP (ponto 10) e em Itapetininga-SP (ponto 11), enquanto as formas agrupadas em *outras* se distribuem ao longo da rota, com maior frequência mais ao norte da área em análise.

Diante da inferência feita anteriormente acerca das variantes *trançador* e *seleiro*, apresentamos a Figura 50, que mostra a arealidade dessas duas designações.

Figura 50 – Arealidade das variantes *trançador* e *seleiro*

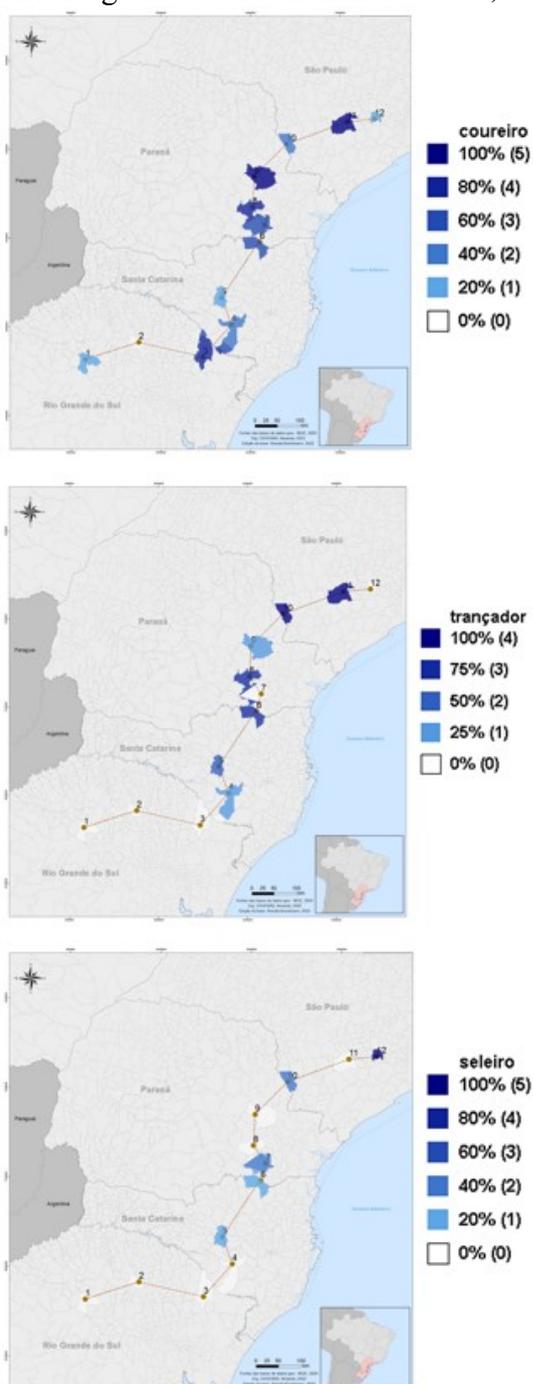
## ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

Como podemos visualizar na carta da Figura 50, as variantes em questão formam uma área lexical que fica restrita às localidades de São Paulo, do Paraná e de Santa Catarina, demonstrando um avanço do norte para o sul da região, possibilitando o enquadramento delas como variantes [+SP].

Frente a esse contexto, busca-se averiguar como essas designações, bem como as demais, se propagam pela rede de pontos à luz da existência de duas possíveis variedades que se irradiam em sentidos opostos. Sendo assim, foram elaboradas cartas de arealidade gradual ilustradas aqui por meio da Figura 51.

Figura 51 – Arealidade gradual das variantes *coureiro*, *trançador* e *seleiro*

Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

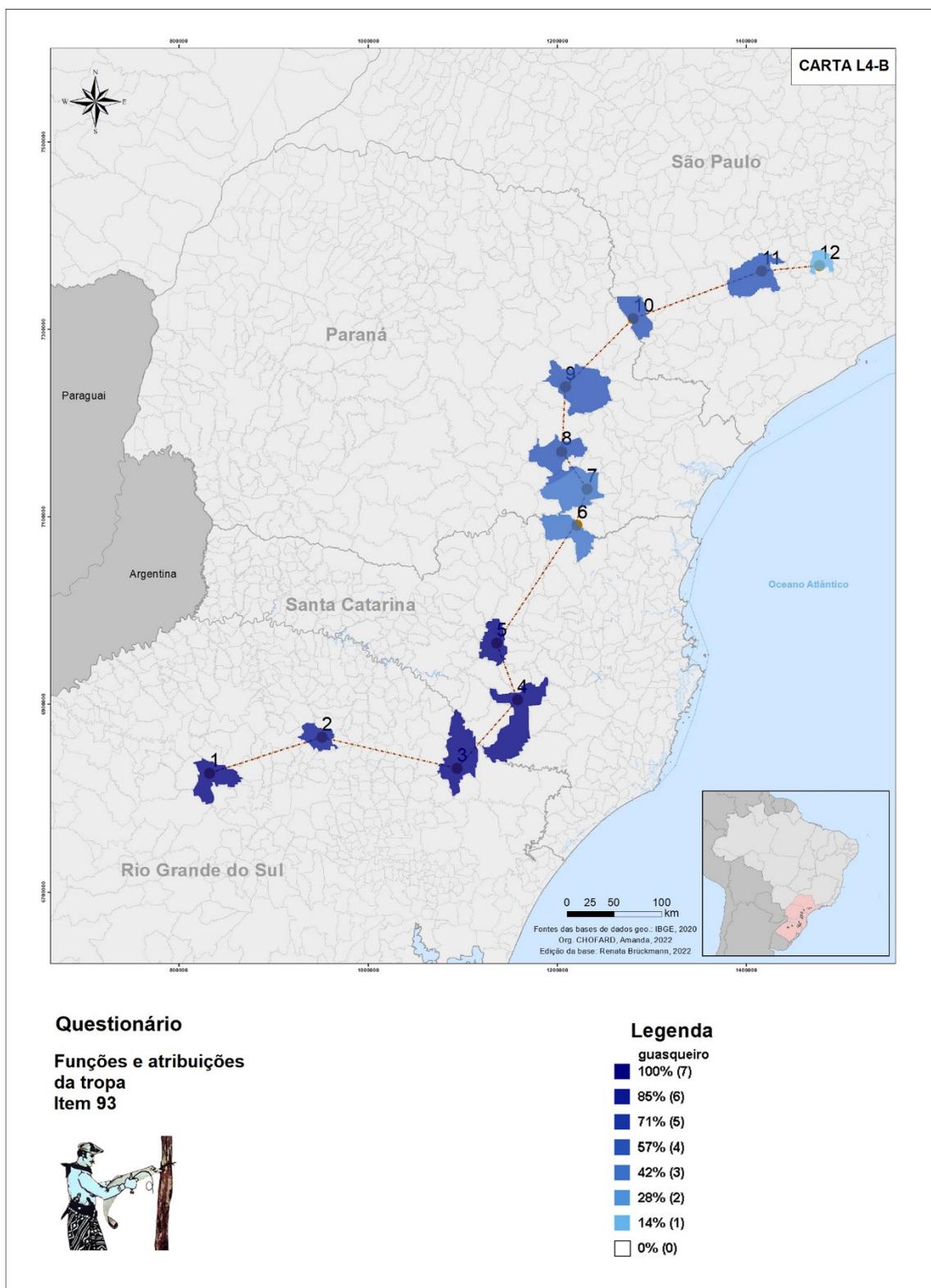
Observando a intensidade de *coureiro*, *trançador* e *seleiro*, constata-se forte incidência de *coureiro* em grande parte da rede de pontos, contudo, podemos verificar certo enfraquecimento dessa designação ao adentrar Santa Catarina e, principalmente, no Rio Grande do Sul, não sendo sequer documentada em Passo Fundo (ponto 2); perda de força essa que também aparece nos usos de *trançador* e de modo mais incisivo, apesar da menor frequência,

em *seleiro*, bastante produtiva em Sorocaba-SP e pouco propagada para as demais localidades, embora ainda assim tenha sido documentada até a parte central da rota.

Já em sentido oposto, podemos averiguar a propagação de *guasqueiro* por meio da Figura 52.

Figura 52 – Arealidade gradual da variante *guasqueiro*

## ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



Fonte: Elaborado pela autora por meio do software SGVCLin.

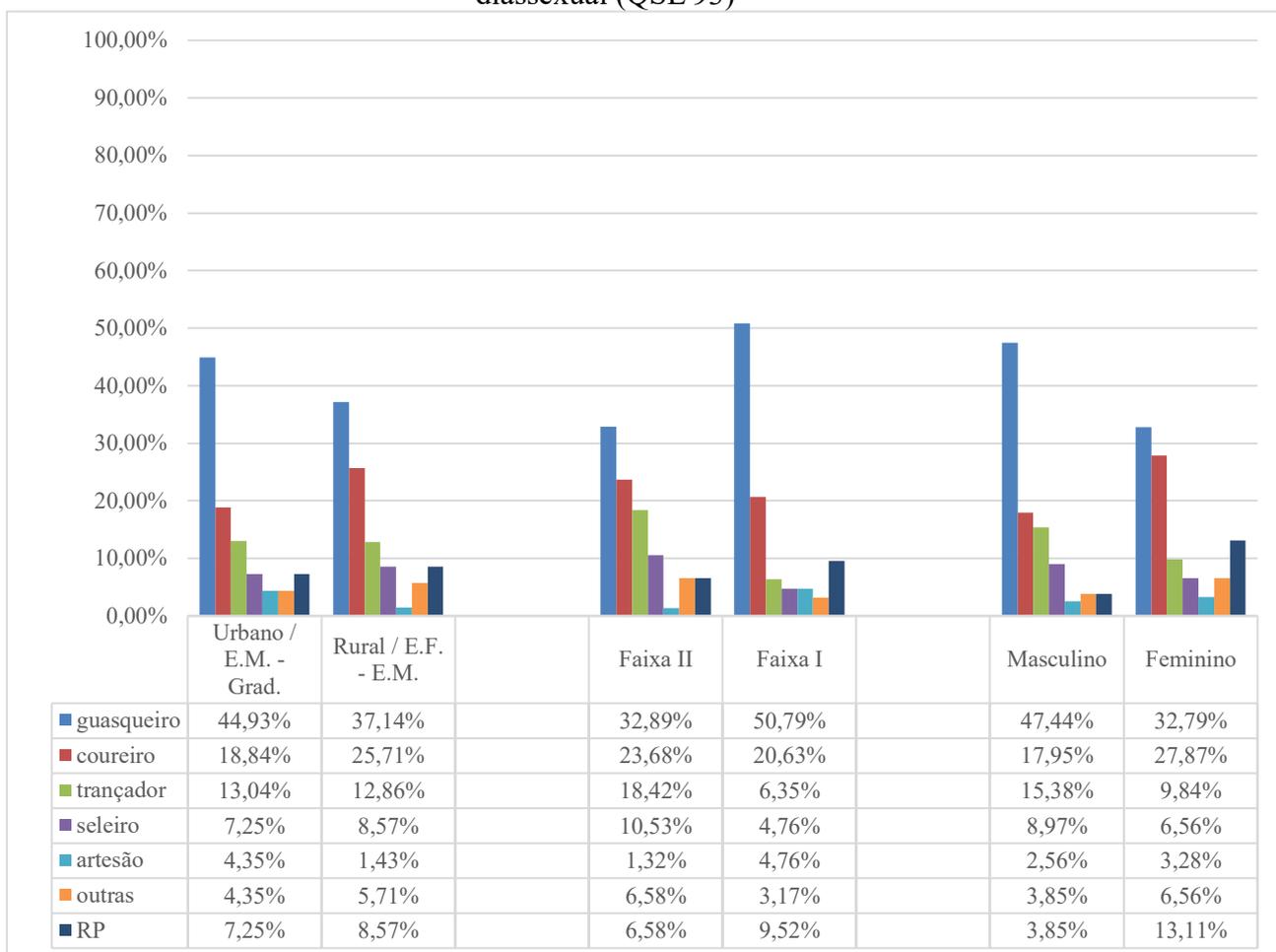
Como um termo incorporado ao português por meio do intercâmbio cultural entre tropeiros argentinos e brasileiros, no qual se deu o contato linguístico entre o português e o espanhol, *guasqueiro* mostra forte incidência no território gaúcho e em parte de Santa Catarina, o que nos possibilita caracterizá-la enquanto uma variante [+RS], que ao avançar em direção ao norte, perde um pouco de intensidade e alcança Sorocaba-SP de modo bastante enfraquecido.

A esse respeito, ressaltamos ainda que *guasqueiro* é considerado um regionalismo do Rio Grande do Sul, tanto para Aulete (2022) quanto para Nunes e Nunes (2003), o que vai ao encontro da inferência proposta anteriormente de ser uma variante [+RS] proveniente no Brasil pelo acontecimento histórico-econômico do Tropeirismo e que se mantém viva até os dias de hoje.

Embora não possamos comparar os dados do Projeto ALRT analisados nesta seção com os dados de outros atlas, a diatopia nos evidencia a existência de um contato intervietal na Região Sul que se dá, sobretudo, em Santa Catarina, estado até onde as variantes [+SP] parecem conseguir se propagar de modo mais eficiente, assim como é onde a variante [+RS] começa a perder fôlego. Ademais, destacamos que esse contato intervietal observado hoje em dia mostra-se originário de um contato entre línguas no passado, reforçando a importância da história para a explicação das realidades linguísticas atuais.

Tecidas as descrições a partir da dimensão diatópica das designações registradas para a questão 93 do QSL, apuramos se as demais dimensões controladas nesta pesquisa contribuem na escolha lexical dos informantes. Desse modo, apresentamos o Gráfico 6 que traz, em números percentuais, os resultados obtidos, considerando o total das respostas coletadas junto aos informantes.

Gráfico 6 – Índice percentual de ocorrências segundo as dimensões diazonal, diageracional e diassexual (QSL 93)



Fonte: Elaborado pela autora.

Consoante aos dados apresentados, averiguamos que, em relação à dimensão diazonal, o maior indicativo se dá sobre as duas formas mais produtivas. Nesse sentido, observa-se que, apesar de *guasqueiro* e *coureiro* manterem o ranking das produtividades gerais, primeira e segunda posição, em ambas as áreas habitacionais, os urbanos tendem a fazer maior uso de *guasqueiro* e, de modo oposto, no ambiente rural a forma *coureiro* é mais recorrente do que nas cidades. Também cabe mencionar que *artesão* é uma designação mais frequente entre os informantes urbanos.

No que tange à dimensão diageracional, o que se destaca é a grande diferença percentual entre os usos de *guasqueiro*, muito mais produtiva entre os jovens, podendo ser explicado pelo fato de serem os informantes da faixa II os que mais utilizam as demais variantes, exceto *artesão*, com maiores índices na fala da faixa I, cuja explicação pode estar

correlacionada ao fato de esses informantes também serem os com maior percentual de respostas prejudicadas (não soube/ não lembrou) e acabarem a utilizando de modo genérico.

Já no que diz respeito à dimensão diassexual, observamos que os homens utilizam mais as variantes *guasqueiro*, *trançador* e *seleiro* do que as mulheres, ao passo que elas fazem maior uso das denominações *coureiro*, *artesão* e das formas agrupadas em *outras* do que os informantes do sexo masculino. Além disso, também chama atenção o fato de as mulheres terem um percentual consideravelmente mais elevado do que os homens de respostas prejudicadas, demonstrando uma maior familiaridade deles para com as atividades equinas e campeiras, tendo em vista que, em geral, ainda que se trate de um trabalho manual, são os homens que mais a exercem.

Explanados os dados e feitas as devidas análises, chegamos à conclusão de que há diferentes formas de nomear “a profissão daqueles que fazem os utensílios de couro para a lida com a tropa”, sendo *guasqueiro* e *coureiro* as mais comuns. Além disso, a diatopia também possibilitou a identificação de variantes [+SP] e de uma variante [+RS], que pode ser caracterizada como um termo tropeiro possivelmente trazido ao sul do Brasil por meio do contato entre tropeiros falantes de espanhol e tropeiros falantes de português. Nesse contexto, verificamos a proliferação das variantes em sentidos opostos, sendo a designação representante da variedade sul-rio-grandense, *guasqueiro*, a que consegue maior propagação na área investigada.

Por fim, em relação aos aspectos sociais, constatamos que, de algum modo, todas as dimensões controladas exercem alguma influência em relação a uma ou outra escolha linguística.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas discussões e nas análises, podemos reafirmar a estreita relação existente entre a história, a cultura e a língua.

Na Região Sul, muito se investiga sobre a não homogeneidade dos falares, o que pode estar relacionado ao contato linguístico nas fronteiras com países hispânicos, à influência dos imigrantes que ocuparam fortemente áreas sulistas, assim como aos fenômenos histórico-econômicos que perpassaram a história do Brasil, que é o caso do Tropeirismo, acontecimento aqui enfocado. Dessa forma, reiteramos o diferencial desta pesquisa, que se pauta, principalmente, no fato de ter como ponto de partida não uma área geográfica específica, mas sim um fato histórico a partir do qual foi definida a rede de pontos, abrindo caminhos para novos olhares e delineamentos possíveis nesse quesito metodológico.

Diante desse cenário, esta tese teve como objetivo principal constituir um banco de dados fonético-fonológicos, morfossintáticos e semântico-lexicais do português falado no espaço geográfico da rota dos tropeiros no percurso que vai de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, a Sorocaba, em São Paulo, passando por Santa Catarina e pelo Paraná, com a finalidade de ter subsídios para a elaboração do Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros e para análises que venham contribuir para uma melhor compreensão de parte da atual realidade linguística da área em questão. Sendo assim, cumprimos o proposto com a finalização da coleta de dados nos 12 pontos de inquérito elegidos, além da organização do corpus e a transcrição grafemática e fonética do material e da análise de um conjunto de dados a partir dos diferentes níveis linguísticos.

No que tange à hipótese central do trabalho, de que na Região Sul há ao menos dois grandes falares, um caracterizado pela variedade sul-rio-grandense [+RS] e um pela variedade paulista [+SP], que se disseminam em sentidos opostos, averiguamos, por meio das 47 cartas linguísticas elaboradas e dos dados analisados, que ela se confirma nos diferentes níveis linguísticos. Dessa maneira, a ratificamos no nível fonético-fonológico com o registro de vibrante múltipla e de tepe em *onset* silábico, enquanto variantes [+RS] que se propagam no sentido norte, mas não adentram o território paulista, cujo falar possui uso categórico de fricativas posteriores; no morfossintático, com a documentação do *tu*, em posição de sujeito gramatical, como característico do falar sul-rio-grandense e do *você* como variante [+SP] que avança para o sul, fazendo-se presente até mesmo em terras gaúchas, onde há a característica de manutenção da forma *tu*; e no semântico lexical, indicando, a partir de todos os itens

analisados, áreas com maior propensão ao uso de variantes [+RS] e outras em que prevalecem formas [+SP], ora uma, ora outra se propagando com maior ou menor intensidade, como no QSL 55 em que a variante *bezerro*, representativa da variedade paulista, se difunde mais na área investigada do que *terneiro*, designação típica da fala [+RS], ao passo que no QSL 93 a variante [+RS] *guasqueiro* se propaga por toda a rota, sendo registrada em São Paulo, enquanto as variantes tidas como paulistas, *coureiro*, *trançador* e *seleiro*, possuem menor força de disseminação.

Retomando as perguntas de pesquisa e as demais hipóteses, chegamos às seguintes constatações:

- a) As diferenças linguísticas existentes no território em análise estão relacionadas a aspectos geográficos, históricos e sociais?

Tendo como base os dados aqui analisados, respondemos positivamente a essa pergunta de pesquisa e ratificamos hipótese de que a diatopia e a sua conseqüente constituição histórica são os aspectos que mais ressaltam as diferenças linguísticas na área enfocada, uma vez que sua influência pode ser constatada nas análises feitas em todos os níveis linguísticos. Além disso, salientamos também a importância histórica que aqui está diretamente relacionada ao aspecto diatópico, uma vez que a propagação das diferentes variantes, bem como a inserção de termos como *guasqueiro* no português se mostraram provenientes do acontecimento histórico-econômico do Tropeirismo. Já no que tange às dimensões sociais controladas, verificamos que, em muitos casos, elas se relacionam às escolhas linguísticas, porém não tanto quanto os outros aspectos, inclusive a área habitacional (rural e urbano) que hipotetizamos ser a que mais se relacionaria às escolhas, não se mostrou expressiva a ponto de determinar um ou outro uso.

- b) Dentre os aspectos sociais controlados, sexo e faixa etária, qual deles exerce maior influência nas escolhas linguísticas dos falantes?

Considerando os resultados obtidos nas análises apresentadas, observamos que ambos os aspectos exercem influência nas escolhas a partir dos três níveis linguísticos averiguados, porém a faixa etária, a partir de sua característica de sinalizar indícios de mudanças linguísticas, apresentou resultados mais expressivos, principalmente no que tange às variáveis *realização da vogal média anterior em posição postônica final*, */R/ em onset silábico* e *pronome pessoal de segunda pessoa do singular*.

Em relação à hipótese de que, no contexto desta pesquisa, os homens têm maior influência sobre a variação e a mudança linguística, principalmente em nível lexical,

averiguamos que essa ideia hipotetizada pode ser confirmada em partes, uma vez que, quanto ao léxico, de fato os informantes do sexo masculino utilizam com maior frequência as formas majoritárias e demonstram conhecer um maior número de variantes do que as mulheres, por exemplo, no caso do QSL 66- carroça, assim como somam menor percentual de respostas prejudicadas, como no caso do QSL 93- guasqueiro, o que inferimos estar relacionado ao fato de os homens terem uma maior familiaridade para com as atividades equinas e campeiras. Contudo, por outro lado, ao tomarmos como base as análises fonéticas e morfossintática, observamos que as mulheres tendem a utilizar mais as variantes inovadoras e que podem ser encaradas como de maior prestígio, por exemplo, a vogal alta em postônica final, a fricativa posterior em contexto de *onset* silábico e o pronome você, demonstrando que as informantes do sexo feminino podem exercer tanta influência sobre a variação e a mudança linguística quanto os homens.

- c) Levando em consideração a existência do contato intervareial de um falar paulista, que se projeta para o Sul, e de um falar sul-rio-grandense, que se projeta em sentido norte, e que em cada uma dessas variedades linguísticas há variantes fonético-fonológicas, morfossintáticas e lexicais que as diferenciam da outra variedade, qual desses falares, [+SP] ou [+RS], predomina na rota dos tropeiros no território de Santa Catarina, entendido como uma zona de transição?

Acerca desse questionamento e da hipótese levantada, ressaltamos que o estado catarinense é de fato uma área em que transitam variantes tanto da variedade sul-rio-grandense quanto da paulista, não sendo possível afirmar que uma ou outra se sobressai, já que, por exemplo, quanto ao uso do /R/ em *onset* silábico, há o predomínio da variante fricativa posterior, mas também foram registradas as formas [+RS] vibrante múltipla e tepe; em relação ao uso do pronome pessoal de segunda pessoa, em Lages, mais ao sul do estado, foi documentado maior uso de *tu*, enquanto nas localidades mais ao norte, Curitibanos e Mafra, há maiores índices de *você*; e, no nível lexical, para o filhote da vaca, em Santa Catarina documentou-se tanto a designação *terneiro* [+RS] quanto *bezerro* [+SP].

Ademais, verificamos que em poucos casos Santa Catarina demonstrou ter características distintivas relevantes – por exemplo, o uso da variante *carreta* como resposta para o QSL 66, bastante intensa principalmente em Lages-SC –, o que não nos permite afirmar que o falar catarinense apresenta variantes próprias, mas sim que se constitui, assim como parte do Paraná, com base em variantes [+RS] e [+SP] difundidas na Região Sul pelo vaivém tropeiro.

Portanto, com a finalização desta pesquisa, destacamos que ela proporcionou o registro da língua falada em uma sincronia no trajeto que vai de Cruz Alta-RS a Sorocaba-SP, por meio do qual se tem um panorama geossociolinguístico de uma das rotas dos tropeiros, o *Caminho da Vacaria dos Pinhais*, que aqui foi discutido com base na análise de sete variáveis linguísticas, as quais futuramente serão ampliadas, uma vez que se almeja, em um futuro próximo, a elaboração e a publicação do *Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros* e de mais um ou dois volumes de outras análises que também elucidem esse cenário de contato intervarietal existente na Região Sul.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- ALGATÃO, Filipe Cordeiro de Souza. O tropeiro como propagador cultural e mola mestra da cultura cafeeira no século XIX. **Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, n. 14, abr. 2010. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao41/materia06/texto06.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2021.
- ALMEIDA, Aluísio de. **Vida e Morte do Tropeiro**. Editora Martins, São Paulo, 1971.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). **Variação e mudança no português falado na Região Sul**. Pelotas: EDUCAT – Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2002. p. 115-145.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. **Revista de Letras Norte@mentos**, Sinop, n. 12, v. 6, jul/dez. 2013, p. 31-52. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/view/1216>. Acesso em: 13 maio 2019.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, Vanderci de A. (Org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005. p. 177-208.
- ALTINO, Fabiane Cristina. Variação linguística no Paraná: vogais médias no ALPR e ALIB/PR. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 23, n. 1, 2022, p. 144-167. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/78588/51606>. Acesso em: 28 out. 2023.
- AULETE, Caldas. **Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**: Dicionário Caldas Aulete, vs on-line. Lexicon. 2022. Disponível em: <https://aulete.com.br/index.php>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- BASSI, Alessandra; MARGOTTI, Felício Wessling. Um estudo geolinguístico nas capitais brasileiras das variantes lexicais para a brincadeira infantil amarelinha. In: ALTINO, Fabiane Cristina (Org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera**. Londrina, Midiograf, 2012. p. 49-78.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. As ciências do léxico. OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. v. 1. p. 13- 22.

- BONADIO, Geraldo. O Tropeirismo e a Formação do Brasil. In: BONADIO, Geraldo (Org.). **O Tropeirismo e a Formação do Brasil**. Sorocaba: Academia Sorocabana de Letras; Fundação Ubaldino do Amaral; Skol/ Momesso/ Caracu, 1984.
- BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários: uma introdução à Lexicografia**. São Paulo: UNESP, 2003.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo, Ática, 1991.
- BRESCANCINI, Cláudia; MONARETTO, Valéria. Neto de Oliveira. Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 11, n. 2, 2008, p. 51-66. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3041>. Acesso em: 31 out. 2023.
- BRUM, Nilo Bairros de. **Caminhos do Sul**. Porto Alegre, Metrópole, 1999.
- CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. 4. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Dialectologia no Brasil: Perspectivas. **Revista Delta**, v.15, 1999. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501999000300010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 9 jun. 2020.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto Editora, 2006. p. 15-26.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino *et al.* **Atlas linguístico do Brasil**. v. 2, Londrina: EDUEL, 2014.
- CASARES, Julio. **Introducción a la lexicografía moderna**. 3 ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.
- CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter. **La Dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994.
- CHIAPETTI, Rubia T. **A realização do fonema /r/ na fala da comunidade de Barra Grande**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português/Inglês) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco. Disponível em: [https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/27767/1/PB\\_COLET\\_2021\\_1\\_15.pdf](https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/27767/1/PB_COLET_2021_1_15.pdf). Acesso em: 31 out. 2023.
- COMIOTTO, Ariela Fátima; MARGOTTI, Felício Wessling. Uso dos róticos do português em contato com os dialetos italianos. **Acta Scientiarum**, v. 41, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3074/307462019020/307462019020.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2023.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Lingüístico do Brasil**: questionário. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COSERIU, Eugenio. **O homem e sua linguagem**: estudos de teoria e metodologia linguística. Rio de Janeiro: Presença, São Paulo: EDUSP, 1982.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2010.

DIÉGUES Jr., Manuel. **Regiões culturais do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

DIÉGUES Jr., Manuel. **Etnias e culturas no Brasil**. Rio de Janeiro: INEP/MEC, 1960.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A Dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Carlota. Atlas Prévio dos Falares Baianos: alguns aspectos metodológicos. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A Geolinguística no Brasil**: caminhos e perspectivas. Londrina: Ed. UEL, 1998.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. **Topodinâmica do português gaúcho em áreas de contato intervarietal do Mato Grosso**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/114436/000953700.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 fev. 2020.

FIGUEIREDO JR., Selmo Ribeiro *et al.* Metodologia Geolinguística: agentes em geral e técnicas de inquérito semântico-lexical em específico. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 63, 2021, p. 1-16. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8661526>. Acesso em: 22 out. 2021.

FITZ, Lucimara da Silva. **O tropeirismo no Paraná “A cultura tropeira em Castro”**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí.

FRIOLI, Adolfo. O Quotidiano do Tropeirismo pelo Brasil. In: BONADIO, Geraldo (Org.). **O Tropeirismo e a Formação do Brasil**. Sorocaba: Academia Sorocabana de Letras; Fundação Ubaldino do Amaral; Skol/ Momesso/ Caracu, 1984.

FURLAN, Oswaldo A. O português dos catarinenses de ascendência luso-brasileira comparado com o português europeu. In: **Estudos Lingüísticos e Literários**, n. 5, dez. 1986, p. 227-253.

GAZETA DO POVO. **Bem-vindos burros e mulas**. 2011. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/bem-vindos-burros-e-mulas-3wptmofsiayhq5c6f4vm1powe/>. Acesso em: 23 mar. 2021.

GAZETA DO POVO. **Legado construído no lombo do cavalo**. 2013. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/legado-construido-no-lombo-do-cavalo-47tpgoeb139yfap24ktkwpcu/>. Acesso em: 6 dez. 2020.

GÖRSKI, Edair. Fenômenos variáveis na região sul do Brasil: aspectos de comportamento sociolinguístico diferenciado nas três capitais. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 806-817, maio/ago. 2012. Disponível em: [http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012\\_v2\\_t32.red6.pdf](http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012_v2_t32.red6.pdf). Acesso em: 21 abr. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 25 jan. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Dicionário cartográfico**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/metodos-e-outros-documentos-de-referencia/vocabulario-e-glossarios/16496-dicionario-cartografico.html?=&t=sobre>. Acesso em: 25 jan. 2022.

JOB, Vera R. Algumas considerações sobre o Ciclo do Ouro e o Tropeirismo. In: BONADIO, Geraldo (Org.). **O Tropeirismo e a Formação do Brasil**. Sorocaba: Academia Sorocabana de Letras; Fundação Ubaldino do Amaral; Skol/ Momesso/ Caracu, 1984.

KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GARTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (Ed.). **Estudos de geolinguística do português americano**. Frankfurt.: TFM, 2000. p. 55-69.

KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário S. (Orgs.). **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011a. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/232185/000816277.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 jan. 2022.

KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário S. (Orgs.). **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas semântico-lexicais**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011b. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/232162/000816275.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 jan. 2022.

LEÃO, Paula B.; ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário S. Variação de tu e você no português falado no sul do Brasil. In: Pró-Reitoria de Pesquisa/UFRGS. (Org.). **Jovens pesquisadores: diversidade do fazer científico**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2003, p. 1-8.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

MARGOTTI, Felício Wessling; VIEIRA, Hilda Gomes. Características de uma área lexical heterogênea na região Sul do Brasil. In: VANDERSEN, Paulino (Org.) **Variação, mudança e contato linguístico no português da região sul**. Pelotas: EDUCAT, 2006. p. 245-260.

MARGOTTI, Felício Wessling. Geolinguística Pluridimensional: desafios metodológicos. In: VIII Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul (CELSUL), 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: EDUCAT, 2008, p. 1-9.

MATTOS, Mário. Fases de prosperidade e de declínio do Tropeirismo. In: BONADIO, Geraldo (Org.). **O Tropeirismo e a Formação do Brasil**. Sorocaba: Academia Sorocabana de Letras; Fundação Ubaldino do Amaral; Skol/ Momesso/ Caracu, 1984.

MENON, Odete Pereira da Silva. Leite quente: o xibolete curitibano. In: FAGUNDES, Edson Domingos; LOREGIAN-PENKAL, Loremi; MENON, Odete Pereira da Silva. (Orgs.) **O falar paranaense**. Curitiba: Ed. UTFPR, 2015.

MERCER, José L. da V. **Áreas fonéticas do Paraná**. (Tese para Professor Titular) Curitiba: Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas; Universidade Federal do Paraná, 1992.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. **Um reestudo da vibrante**: análise variacionista e fonológica. 1997. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.leffa.pro.br/tela2/trabalhos/dissertacoes/Separadas/Valeria.pdf>. Acesso em: 31 out. 2023.

MONTES GIRALDO, José Joaquín. **Dialectología General e Hispano Americana**. 2 ed. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1987.

MUNICÍPIO DE CURITIBANOS. **História**. Disponível em: <https://www.curitibanos.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/15352>. Acesso em: 25 jan. 2021.

MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA. **Histórico**. Disponível em: <https://cruzalta.atende.net/#!/tipo/pagina/valor/1>. Acesso em: 25 jan. 2021.

MUNICÍPIO DE MAFRA. **História**. Disponível em: <https://www.mafra.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/28127>. Acesso em: 13 maio 2021.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953 [1922].

NUNES, Zeno C.; NUNES, Rui C. **Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul**. 10 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro – Editor, 2003.

OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

POP, Sever. **La dialectologie**: Aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques. Louvain: Chez l'Auteur; Gembloux, Duculot, 1950.

PREFEITURA DE CASTRO. **História**. Disponível em: <https://castro.atende.net/#!/tipo/pagina/valor/5>. Acesso em: 25 jan. 2021.

PREFEITURA DE ITAPETININGA. **História**. Disponível em: <https://www.itapetininga.sp.gov.br/cidade/historia/>. Acesso em: 25 jan. 2021.

PREFEITURA DE ITARARÉ. **História**. Disponível em: <http://www.itarare.sp.gov.br/historia/>. Acesso em: 25 jan. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DA LAPA. **História**. Disponível em: <https://lapa.atende.net/#!/tipo/pagina/valor/10>. Acesso em: 25 jan. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PALMEIRA. **Perfil do Município**: Histórico. Disponível em: <http://www.palmeira.pr.gov.br/perfil-do-municipio>. Acesso em: 13 maio 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VACARIA. **História**. Disponível em: <https://www.vacaria.rs.gov.br/vacaria/historia>. Acesso em: 25 jan. 2021.

RADTKE, E.; THUN, H. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, E.; THUN, H. **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik**. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROMANO, Valter Pereira. **Atlas geossociolinguístico de Londrina**: um estudo em tempo real e tempo aparente. 2012. 2v. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

ROMANO, Valter Pereira. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 2, jul./dez. 2013, p. 203-242.

ROMANO, Valter Pereira; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Padrões de variação lexical na região Sul a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, n. 1, jan./abr. 2014, p. 575-587. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/460/342>. Acesso em: 3 mar. 2021.

ROMANO, Valter Pereira; SEABRA, Rodrigo Duarte. Menino, guri ou piá? Um estudo diatópico nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul a partir dos dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Alfa**: Revista de Linguística, São José do Rio Preto, UNESP, v. 58, n. 2, 2014, p. 463-497. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5758/5019>. Acesso em: 16 jun. 2020.

ROMANO, Valter Pereira. Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística. **Papéis**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – UFMS, v. 18, n.

35, Campo Grande, 2014, p. 135-153. Disponível em:  
<https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/view/3017>. Acesso em: 20 out. 2021.

ROMANO, Valter Pereira ; SEABRA, Rodrigo Duarte; OLIVEIRA, Nathan. 2014.  
**[SGVCLin]** - Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas. Versão 1.1.  
 Mídia em CD-ROM e manual explicativo impresso.

ROMANO, Valter Pereira. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil**. 2015. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

ROMANO, Valter Pereira; MARGOTTI, Felício Wessling. “Você vai viajar” ou “tu vais viajar?” a arealidade do pronome-sujeito na Região Sul do Brasil. In: AGUILERA, Vanderci de A.; DOIRON, Maranúbia P. B. (Orgs.). **Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus: uma homenagem a Michel Contini**. Cascavel: EDUNIOESTE; Londrina: EDUEL, 2016.

ROMANO, Valter Pereira. Desdobramentos, desafios e perspectivas da Geolinguística Pluridimensional no Brasil. In: MOTA, Jacyra Andrade *et al.* (Orgs.). **Contribuições de estudos geolinguísticos para o português brasileiro: uma homenagem a Suzana Cardoso**. Salvador: EDUFBA, 2020.

SEABRA, Rodrigo Duarte; OLIVEIRA, Nathan; ROMANO, Valter Pereira. Combinando abordagens na visualização de dados em uma ferramenta de cartografia linguística. **Revista de Sistemas e Computação**, Salvador, v. 5, n. 2, jul./dez. 2015, p. 117-126. Disponível em:  
<https://revistas.unifacs.br/index.php/rsc/article/view/3663/2799>. Acesso em: 26 jan. 2022.

SILVA, Greize Alves da. **Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO)**. 2018. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SILVA, Greize Alves da; ROMANO, Valter Pereira. O Atlas Linguístico do Brasil e os atlas de pequeno domínio: complementações e propósitos. In: SILVA, Greize Alves da; ROMANO, Valter Pereira (Orgs.). **Tendências da Geolinguística brasileira e a nova geração de Atlas Linguísticos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 17-46.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialectológicos**. Florianópolis: Publicação do Centro de Estudos Filológicos, n. 4, 1955.

SIMÕES, Dayse de Souza Lourenço. **A vogal média anterior /e/ postônica final nos falares sul brasileiros: um estudo com os dados do Atlas Linguístico do Brasil**. 2019. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SIMONSEN, Roberto C. **História econômica do Brasil: 1500-1820**. 4. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. Disponível em:  
<https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/1111>. Acesso em: 30 mar. 2021.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. **Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a**

elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes. 2018. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2018.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Trad. Celso Cunha. 6. ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1994.

THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: RAENDONCK, D. V. *et al.* (Orgs.). **Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes**. Bruxelles, 1998, p. 367-409.

THUN, Harald (Dir.). **Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay**. Kiel: Westensee-Verl. 2000.

THUN, Harald. A Dialectologia pluridimensional no Rio da Prata. In: STAHLZIWS, Ana Maria. **Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2005, p. 63-92.

THUN, Harald. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). **Para a história do português brasileiro**, v. II: vozes, veredas, voragens. Londrina. EDUEL, 2009.

THUN, Harald. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Erich Jürgen (eds.). **Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation**. v. 1: Theories and methods. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p. 706-723.

VIEIRA, Rogich. A Feira de Mueres de Sorocaba. In: BONADIO, Geraldo (Org.). **O Tropeirismo e a Formação do Brasil**. Sorocaba: Academia Sorocabana de Letras; Fundação Ubaldino do Amaral; Skol/ Momesso/ Caracu, 1984.

VIEIRA, Maria José B. **Neutralização das vogais médias postônicas** (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1994.

VIEIRA, Maria José B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, Leda & BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.) **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ZÁGARI, Mário R. L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Ed. UEL, 1998, p. 31-54.

## APÊNDICE A – Questionários

### QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO

1. ALMOÇO: [...] uma refeição que se faz no meio do dia, em geral, às 12 horas?
2. TOMATE: [...] aquilo vermelho que se vende na feira e se usa para fazer salada ou molho de macarrão?



3. CARNE: [...] aquilo que se assa em churrasco?



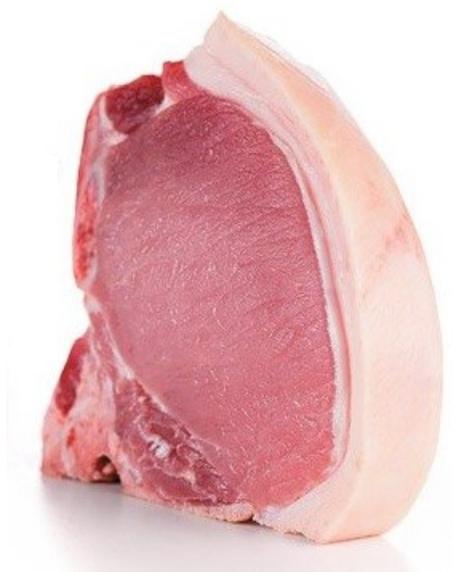
4. **CLARA**: O ovo frito tem duas partes, uma branca e outra amarela. Como se chama a parte branca?



5. **QUEIJO**: Nos desenhos animados, o que o rato gosta de comer?



6. **GORRURA**: A carne de porco não é magra porque ela tem muita...?



7. **LEITE**: No sítio, de manhã, o que se tira da vaca para beber?



8. **ARROZ**: [...] aquele grão branquinho que se come junto com feijão no almoço e no jantar?



9. **PEIXE**: O que se pesca nos rios ou no mar?



10. MEL: O que a abelha fabrica?



11. BOLO: [...] o que se faz nos aniversários para cantar parabéns?



12. QUENTE: Se o café não está frio é porque ele está...?

13. PLANTA: Como diz o ditado: “Só colhe quem...”?



14. **FERVENDO**: Quando a água na panela está bem quente, cheia de bolhinhas, se diz que ela está...?



15. **MENTIRA**: Se não é verdade é...?

16. **FILME**: O que as pessoas vão assistir no cinema?

17. **BATOM**: [...] aquilo que as mulheres passam na boca?



18. BICICLETA: [...] aquilo que tem duas rodas grandes que a pessoa senta e sai pedalando?



19. QUEIXO: [...] esta parte do rosto? [apontar]



20. TARDE: Qual o contrário de cedo? O dia tem a manhã e tem a...?

21. BONITO: O contrário de feio?

22. PAZ: Quando uma pessoa não quer ser incomodada ela diz: “Me deixe em...”?

23. VARRER: Para limpar o chão, o que é preciso fazer? [fazer mímica]



24. VELHO: Se um sapato não é novo ele é...?



25. REVÓLVER: [...] a arma de fogo de cano curto?



26. TRÊS: Qual o número que vem depois do dois?

**3**

27. **TESOURA**: O que se usa para cortar papel, tecido...?



28. **BOM**: O contrário de ruim é...?

29. **FAMÍLIA**: Pai, mãe e filhos formam uma...?



30. **CERTO**: Qual o contrário de errado?

31. **ELEFANTE**: [...] um animal grande, pesado e que tem uma tromba?



32. **MULHER**: Adão foi o primeiro homem e Eva foi a primeira...?

33. **SEGURO**: Para se prevenir, quando uma pessoa compra um carro ela faz um...?

34. **BOLSO(A)**: O dinheiro a gente guarda no...?



35. **CAIXA**: Quando se compra um sapato ele vem dentro de quê?



36. **MARROM**: Qual a cor desta bota? [mostrar figura]



37. **LUZ**: Quando está escuro e a pessoa não consegue ver nada ela diz: “Acende a...”?

38. **FOGÃO**: [...] aquilo que fica na cozinha, geralmente tem quatro ou seis bocas por onde sai as chamas, e é utilizado para fazer comida?



39. **RATO**: [...] o bichinho que o gato caça?



40. **SANDÁLIA**: [...] aquele calçado aberto, usado no verão, que tem uma tira que prende no calcanhar? [mostrar figura]



41. **GARFO**: Nós podemos comer a comida de colher ou de...? [mostrar figura]



42. **SOLDADO**: [...] a pessoa que usa farda, que vive em quartel?



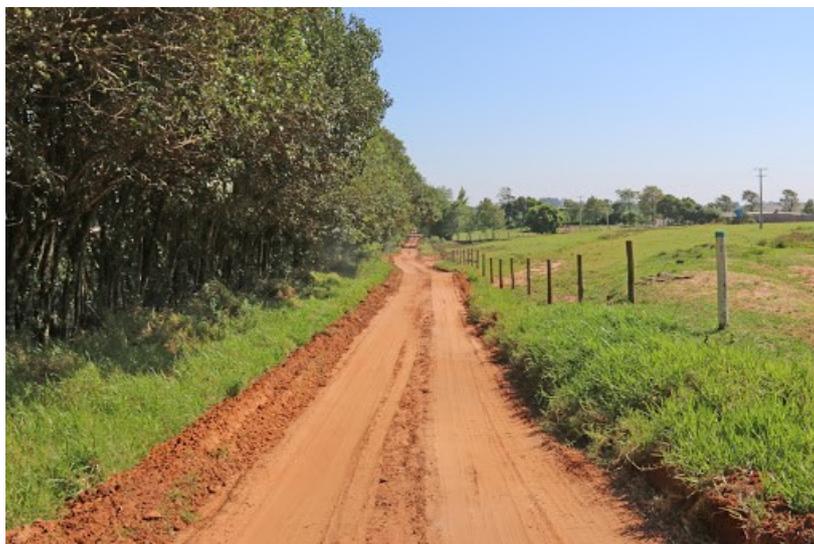
43. **BIBLIA**: [...] o livro religioso que tem o antigo e novo testamento?

44. **CALOR**: No verão faz muito...?

45. **ALTA**: Uma pessoa que não é baixa é...?



46. **ESTRADA**: Por onde os carros passam para ir de uma cidade para outra? O pedágio, que as pessoas pagam geralmente quando estão viajando, fica no meio da...?



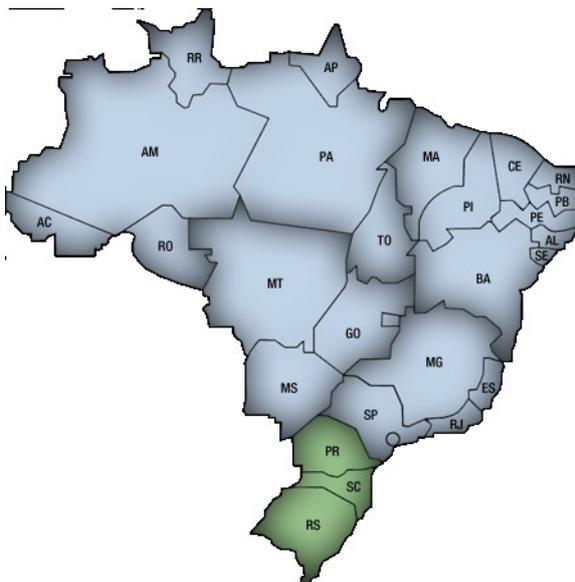
47. **REDE**: [...] aquele tecido que é preso em dois ganchos na parede e as pessoas podem se balançar, dormir...? [mostrar figura]



48. **CRUZ**: Jesus foi pregado na...?



49. SUL: Os paranaenses, os catarinenses e os gaúchos moram em qual região do Brasil?



50. GARÇOM: [...] a pessoa que trabalha em restaurantes ou bares servindo a mesa?



51. GARRAFA/ GARRAFÃO: Onde se guarda o vinho ou a cachaça?



52. **ABELHA**: [...] um inseto que carrega o pólen das flores, vive em colmeias, fabrica um líquido grosso, amarelado, que é usado como alimento e remédio?



53. **COURO**: [...] aquilo que era tirado dos animais para fazer sapato, bolsa, casaco?

54. **CALÇADA**: Os carros andam nas ruas e as pessoas na...?

55. **BORRACHA**: [...] o que se usa para apagar o lápis quando escreveu errado?



56. **CAVALO**: Aquele animal bastante comum nas cavalgadas e que também servem para levar as pessoas de um lugar para outro?



57. **R**OSA: [...] aquela flor bonita, cheirosa, que é presa em um talo com espinhos?



## QUESTIONÁRIO MORFOSSINTÁTICO

- Pronome

1. TU/ VOCÊ: Quando um amigo diz que vai viajar e se quer saber para onde vai, como é que se pergunta?

2. NÓS/ A GENTE: O que vocês fazem aqui no fim de semana?

3. CONOSCO/ COM NÓS/ COM A GENTE: Eu e você estamos tomando café e queremos convidar mais uma pessoa, então falamos: “Fulano, venha tomar café...”?

- Adjetivo - grau comparativo

4. GRANDE/PEQUENO: Essas duas casas são quase iguais, o que muda é o tamanho. Assim, eu posso dizer que essa casa é... do que aquela e que aquela é... do que essa. [mostrar figura]



- Flexão nominal

5. DEGRAUS: Nesta escada eu tenho vários...? [mostrar figura]



6. CHAPÉU: Nesta imagem eu tenho vários...? [mostrar figura]



## QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO LEXICAL

### ●Partes do animal

1. CRINA DO PESCOÇO: [...] o cabelo em cima do pescoço do animal?



2. CRINA DA CAUDA: [...] o cabelo comprido na traseira do cavalo?

3. LOMBO: [...] a parte do cavalo onde vai a sela?

4. ANCA/ GARUPA: [...] a parte larga na parte de cima do animal?

5. ÚBERE: Em que parte da vaca fica o leite?

6. CHIFRE: [...] o que o boi tem na cabeça?



7. BOI SEM CHIFRE: [...] o boi sem chifre?

8. MANCO/ RENGO: [...] o animal que tem uma perna mais curta e puxa de uma perna?

9. PISADURA: [...] aquilo que é causado no lombo do animal pelo roçar dos arreios?

10. PATAS DIANTEIRAS: O cavalo para andar precisa de quatro patas, essas aqui [apontar] como você chama?



11. PATAS TRASEIRAS: O cavalo para andar precisa de quatro patas, essas aqui [apontar retomando a figura da questão anterior] como você chama?

12. BARRIGA/ VIRILHA: [...] a parte de baixo do corpo do cavalo, onde a sela é amarrada?

13. RABO: [...] a parte do animal que fica pendurada na parte de trás, que tem pelos na ponta?

- Partes da montaria

14. XERGÃO: [...] manta de lã ou algodão que se põe sobre a sela?



15. CABRESTO/ BUÇAL: [...] feito de couro ou de corda que é colocado na cabeça do animal e serve para amarrá-lo ou puxá-lo?



16. FREIO/ BRIDÃO: [...] instrumentos presos nas rédeas que, inseridos na boca dos animais, servem para guiar?



17. SELA/ ARREIO: [...] aquilo que se coloca no lombo do animal para montar?



18. SUADOR: [...] almofada de paina ou palha, colocada embaixo da cangalha para não ferir o lombo do animal?

19. TRALHA: [...] o conjunto de todas as peças de montaria?

20. CANGALHA: [...] armação de madeira que se coloca em cima do animal para levar cargas?

21. BRUACA/ BOLSA: [...] objetos de couro, com tampa, para levar farinha em cima do animal?



22. JACÁ/ BALAIO/ CANASTRA: [...] objetos de vime, de taquara, de cipó trançado sem tampa para levar batata, mandioca, etc. em cima do animal?



23. TALABARDÃO: [...] instrumento que vai junto com a cangalha e serve para proteger as cargas da chuva?

24. GUARDA-MONTE: [...] um couro de boi dobrado que serve para proteger do frio e da chuva?

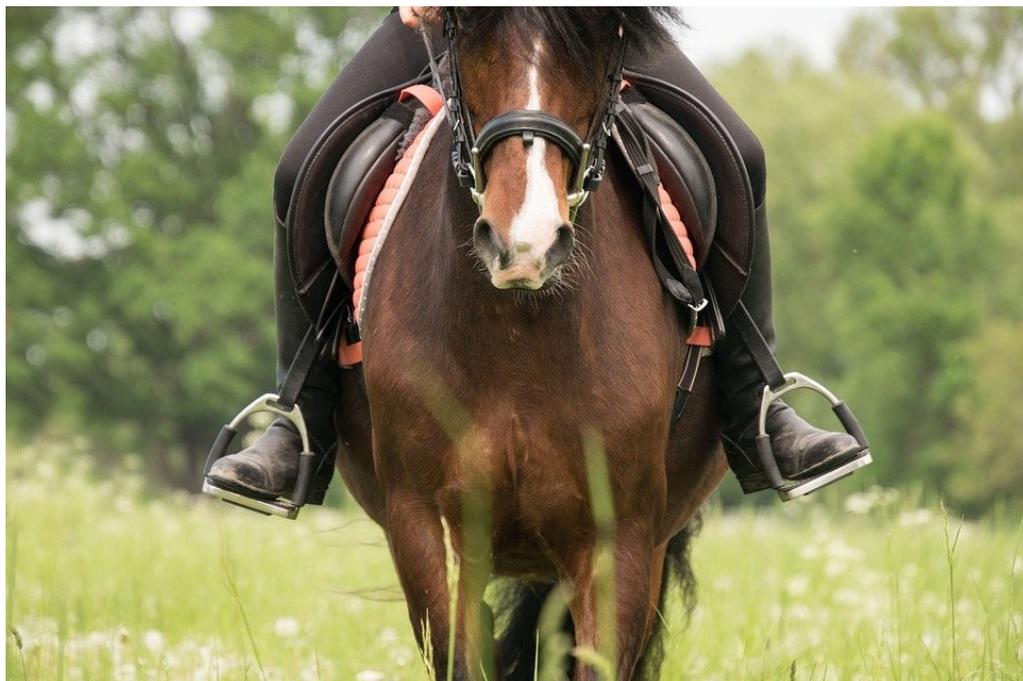
25. REBENQUE/ GUAXITA: [...] um pequeno chicote de couro em formato de bengala que é usado para tocar os animais?



26. PELEGO: [...] a pele do carneiro com a lã que é colocada sobre os arreios para tornar o assento do cavaleiro mais confortável?



27. ESTRIBO: [...] nos arreios, a peça usada para apoiar os pés, os sapatos, as botas?



● Vestimenta

28. GUAIIACA: [...] cinto largo de camurça ou de couro com bolsos para guardar dinheiro e outros objetos?



29. CHIRIPÁ: [...] tecido ou couro sem costura que é passado entre as pernas e preso na cintura com uma cinta de couro?



30. TIRADOR: [...] tira ou calça de couro usada em volta da cintura para proteger a virilha e não dar assadura?



31. ALPARGATA/ ALPERCATA/ ALPARCA: [...] espécie de calçado em que a sola é ajustada ao pé por meio de tiras de couro, de borracha ou algum tecido.



32. PILCHADO: [...] quando um homem está vestindo um traje gaúcho ou tropeiro completo se diz que ele está...?

33. MEIA/ CARPIM: [...] o que se coloca nos pés antes de calçar o tênis, a bota ou o sapato?



34. CABANHA/ CAPA DE CHUVA: [...] uma capa feita de feltro que o cavaleiro/ boiadeiro usa para se proteger da chuva?

●Alimentação e cozinha

35. CHARQUE: [...] carne bovina cortada em mantas, salgada e seca ao sol?

36. CAMARGO: [...] café com o leite tirado na hora?

37. CAMBONA/ CICULATEIRA/ CHOCOLATEIRA/ ESCULATEIRA: [...] objeto em que se aquece água, leite, se prepara café ou outras bebidas quentes?

38. TREMPE: [...] suporte de metal ou de pedras em que se colocava a panela para ficar em contato com o fogo e poder cozinhar?

39. COROTE/ CANTIL: [...] barril pequeno utilizado para carregar água ou aguardente?



40. GUAMPA: [...] objeto feito do chifre do boi e utilizado para beber líquidos?



41. TRENS DE COZINHA: [...] o conjunto de todos os utensílios utilizados para preparar os alimentos?

42. FEIJÃO TROPEIRO: [...] a comida feita de feijão, farofa, charque, cebola, torresmo, linguiça, couve...?

43. ARROZ CARRETEIRO: [...] a comida feita de arroz, charque, linguiça, cebola, tomate... ou com a sobra do churrasco?

44. TANGERINA/ MEXERICA/ BERGAMOTA: [...] as frutas menores que a laranja que se descasca com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão?



45. CARNE MOÍDA/ GUISADO: [...] a carne depois de triturada na máquina?



●Tipos de cavalos, asininos, muares e tropas

46. ÉGUA-MADRINHA: [...] animal que serve de guia para as mulas?

47. MULA DA CABEÇADA: [...] a mula que faz o mesmo papel que a égua-madrinha?

48. TROPA XUCRA: [...] tropa em que todos os tropeiros viajavam montados e que tinha como o objetivo o comércio de seus animais?
49. TROPA ARREADA: [...] tropa em que somente o dono da tropa ou o capataz vai montado e o objetivo era o comércio das cargas?
50. BAGUAL/ XUCRO/ BRABO: [...] o cavalo ainda não domado?
51. POTRANCO/ POTRANCA: [...] o filhote de cavalo? [...] o cavalo novo?
52. BAGUAL/ COLHUDO: [...] o cavalo não castrado, reprodutor?
53. TOURO: [...] o boi não castrado, reprodutor?
54. XUCRO/ BRABO: [...] o cavalo ainda não domado?<sup>50</sup>
55. BEZERRO: [...] o filhote da vaca?



56. PINGO: [...] como se chama um cavalo bom de montaria?
57. MARCHADOR: [...] o que se entende por cavalo marchador?
58. ÉGUA: [...] a fêmea do cavalo?

---

<sup>50</sup> Esta questão foi identificada como repetida no momento em que alguns inquéritos já haviam sido realizados, por isso, não a excluimos do QSL para evitar problemas quanto à identificação numérica das questões.

59. MANINHA: [...] vaca ou égua que não engravida, não pega cria?

60. CAPADO: [...] boi ou cavalo que já não pode fazer filhos porque foram retirados os testículos?

61. CABANO: [...] animal que tem os chifres voltados para baixo?

●Objetos

62. PUXAVANTE: [...] instrumento de ferro usado para aparar o casco do animal antes de colocar a ferradura?



63. HOLOFOTE: [...] objeto feito de bambu/taquara cheio de querosene e com um pano de algodão, utilizado para iluminar?

64. CINCERRO: [...] objeto colocado no pescoço do animal que conduz a tropa?



65. RELHO/ REIO: [...] instrumento de couro, com cabo de madeira utilizado para atijar os animais que estão sendo montados? [indagar se tem outro nome se for de tamanho menor (rebenque/ guaxita/ chicote) e se é o mesmo nome par quando tem a tira de couro mais longa e é usado para chamar atenção do animal]



66. CARROÇA/ CARRETA/ CHARRETE: [...] veículo puxado por animais para transportar cargas ou pessoas? [ver se tem diferença pela quantidade de rodas e pelo que transporta / pedir a explicação para carroça e carreta e perguntar se conhece charrete e aranha e pedir explicação]



67. BRETE: [...] compartimento ou jaula para reter bovinos, cavalos ou outros tipos de gado com segurança enquanto estes são examinados, marcados ou recebem tratamento veterinário?



68. PALANQUE / MOURÃO: [...] paus ou peças de pedra ou concreto fincados no chão, para fazer cerca de arame ou de madeira?

69. PALANQUE: [...] pau em que se amarra o animal que se quer domar? Ou evitar que se solte?



- Pelagem do cavalo (levar as imagens dos animais e pedir que digam qual é o nome, cor, pelagem)

70. ALAZÃO APATACADO: [...] quando tem manchas mais claras e arredondadas? [mostrar figura]



71. ALAZÃO DOURADO: [...] o típico com reflexos do ouro? [mostrar figura]



72. BAILO RUANO: [...] um baio com a cauda e crina claras? [mostrar figura]



73. BAILO CABOS NEGROS: [...] quando tem as extremidades dos membros, da cauda e a crina escuras? [mostrar figura]



74. BRANCO: [...] quando se tem toda a pelagem da cor branca? [mostrar figura]



75. COLORADO: [...] a pelagem de capa e pêlos vermelhos, podendo ter alguns pêlos pretos e manchas brancas nos membros e na cabeça? [mostrar figura]



76. MOURO: [...] a pelagem de capa preta com difusão de pelos brancos e tem a cabeça, patas, crinas e cola negras? [mostrar figura]



77. OVEIRO: [...] quando apresenta manchas brancas assimétricas, espalhadas por todo o corpo? [mostrar figura]



78. PICAÇO: [...] quando a base é preta, mas apresenta partes significativas de branco através de mancha branca na cabeça, e pelo menos, uma das patas também branca? [mostrar figura]



79. PRETO: [...] quando toda a pelagem possui a cor preta? [mostrar figura]



80. ROSILHO: [...] a pelagem de capa avermelhada, com mistura de pêlos brancos esparsos que não chegam a formar manchas específicas? [mostrar figura]



81. TOBIANO: [...] a pelagem que apresenta manchas completamente brancas, de diferentes formatos? [mostrar figura]



82. TORDILHO: [...] a pelagem que se divide entre pêlos brancos e pretos, que tendem a clarear com o desenvolvimento do animal? [mostrar figura]



83. ZAINO: [...] a pelagem marrom avermelhada escura com alguns pêlos pretos, lembrando muito a cor do pinhão?



●Funções e atribuições da tropa

84. MADRINHEIRO: [...] peão que às vezes desempenhava a função de cozinheiro e que tinha a função de conduzir o animal que guiava a tropa?

85. PONTEIRO/ BATEDOR: [...] peão que ia na frente verificando o caminho e que organizava a passagem das tropas pelos povoados?

86. CONTADOR: [...] peão que controlava o número de animais na tropa para garantir que nenhum se desgarrasse?

87. COZINHEIRO: [...] peão que tinha a função de preparar os alimentos para os integrantes da tropa?

88. ARRIBADOR/ MEIEIRO: [...] peão que tinha a função de voltar, achar os animais extraviados e alcançar a tropa?

89. ARRIEIRO: [...] peão que tinha como função o cuidado dos arreios e das cargas?

90. TOCADOR/ TANGEDOR: [...] peão responsável por ir na parte de trás da tropa para evitar que o gado se espalhe e extravie?

91. DOMAR: O que é que se tem que fazer com um cavalo que não se deixa ser montado?

92. FORMA: [...] quando os animais ficam alinhados um ao lado do outro?



93. GUASQUEIRO: [...] a profissão daqueles que fazem os utensílios de couro para a lida com a tropa?

94. COMITIVA: [...] grupo de peões responsáveis por conduzir uma tropa ou uma boiada?

●Geografia e meio ambiente

95. PAMPA/ FAXINAL/ CAMPINA: [...] campo extenso coberto por vegetação rasteira?

96. RIACHO/ CÓRREGO/ ARROIO: [...] um rio pequeno, um curso de água de um ou dois metros? [indagar se são a mesma coisa ou se diferem no tamanho]

97. SANGA: [...] o lugar onde a água nasce?

98. LAJEADO: [...] o curso de água sobre pedras?

99. COXILHA/ CERRO: [...] uma pequena elevação de terra que não é difícil de subir e de descer?

100. PERAU: [...] aquele lugar que é encontrado nas estradas, geralmente contornando montanhas, que quando se olha para baixo encontra-se um vale de grande profundidade?

101. CANHADA: [...] uma parte plana entre duas montanhas em que pode correr água ou não?

102. VAU: [...] o lugar onde se pode atravessar um rio a pé ou a cavalo?

103. LOMBA/ MONTE: [...] uma elevação de terra bem alta?

104. PICADA: O que é que se abre com facão ou foice para passar por um mato fechado?

105. TRILHO/ CAMINHO/ VEREDA/ TRILHA: [...] aquele lugar no pasto onde não se cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?

●Cultura e convívio

106. MENINO/ GURI/ PIÁ: [...] uma criança de cinco a dez anos do sexo masculino?

107. CHINA/ PROSTITUTA: [...] a mulher que se vende para qualquer homem?

108. CHINAREDO: [...] lugar onde há várias mulheres que se vendem para qualquer homem?

109. ENTREVERO: [...] quando duas pessoas se desentendem e começam a brigar?

110. POUSO: [...] o lugar onde se passa a noite com os animais depois de um dia de viagem?

111. APEAR: Quando uma pessoa está montada em um animal e quer ir para o chão, o que ela faz?

112. CACHORRO/ CUSCO: [...] aquele animal que late? [indagar sobre o papel do cachorro nas fazendas e nas tropas]

113. ESTILINGUE/ SETRA/ FUNDA/ BODOQUE: [...] o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha que antigamente também era usado para caçar passarinho?



114. BOLA DE GUDE/ BOLITA: [...] coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?



115. AMARELINHA/ SAPATA: [...] a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?



116. CORNO/ CHIFRUDO/ GUAMPUDO: [...] o homem que foi traído pela sua mulher?

117. XARÁ/ TOCAIO: [...] a pessoa com mesmo nome?

118. CANCHA RETA/ RAIA: [...] lugar preparado para disputa de corrida de cavalo?

119. BODEGA: [...] o lugar aonde os homens vão para beber uma cachacinha?

120. MANGUERA/ CERCADO: [...] lugar fechado com grades de arame ou madeira, mas sem telhado, para prender os animais e poder contá-los, vaciná-los ou aplicar remédio para carrapatos ou outras pragas, ou para exibi-los para negócio?

121. PASTO/ POTREIRO: [...] lugar onde os animais comem grama ou capim?

122. TOSQUIAR: [...] o que se faz com a ovelha quando a lã está muito crescida?

123. PORTEIRA/ PORTÃO: [...] lugar na cerca de uma propriedade que serve para abrir e passar com o gado ou com o carro?

124. BERNE: [...] pequena larva da mosca que enfraquece os animais, diminui a produção de leite e carne e estraga o couro?

125. CARRAPATO: [...] pequenos bichinhos que grudam no couro dos animais para o sugar o sangue?

## APÊNDICE B – Ilustração da matriz de transcrição

ALRT 000/0

<b>Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros (ALRT)</b>	
Transcrição grafemática e fonética	
<b>IQT:</b> 000/0 (Cidade - UF)	<b>DATA:</b> 00/00/0000
<b>INF.-</b> (nome completo do indivíduo)	
<b>INQ./AUX.:</b>	
<b>TRT.:</b>	<b>DATA:</b> 00/00/0000
<b>REV.1:</b>	<b>DATA:</b> 00/00/0000
<b>REV.2:</b>	<b>DATA:</b> 00/00/0000

### TEMA PARA DISCURSO SEMIDIRIGIDO

1.

5 INQ.-  
INF.-

### QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO - QFF

10

**(001)**

INQ.-

INF.- aqui é grafemática [fo<sup>3</sup>netika].

15

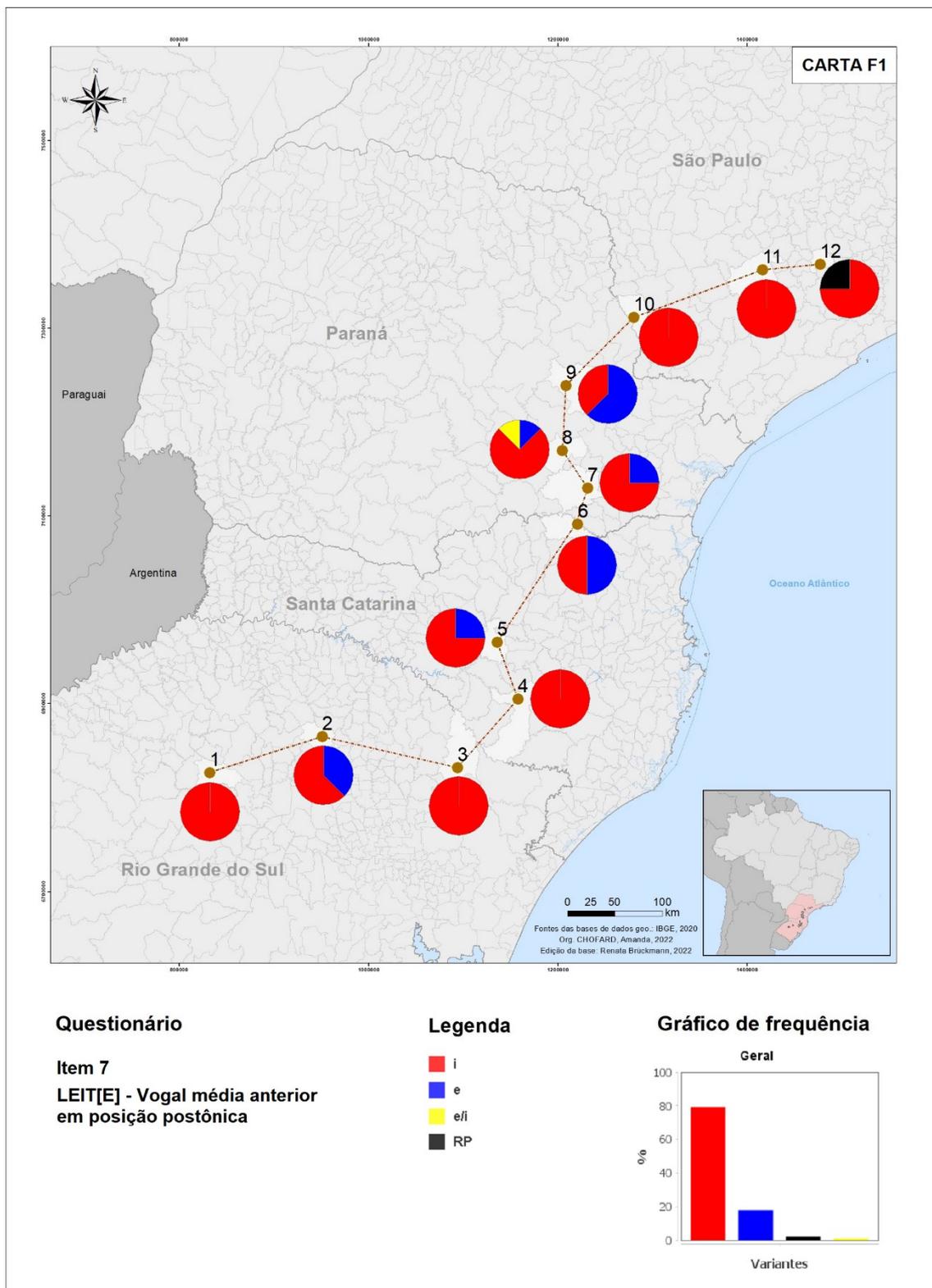
**(002)**

INQ.-

INF.-

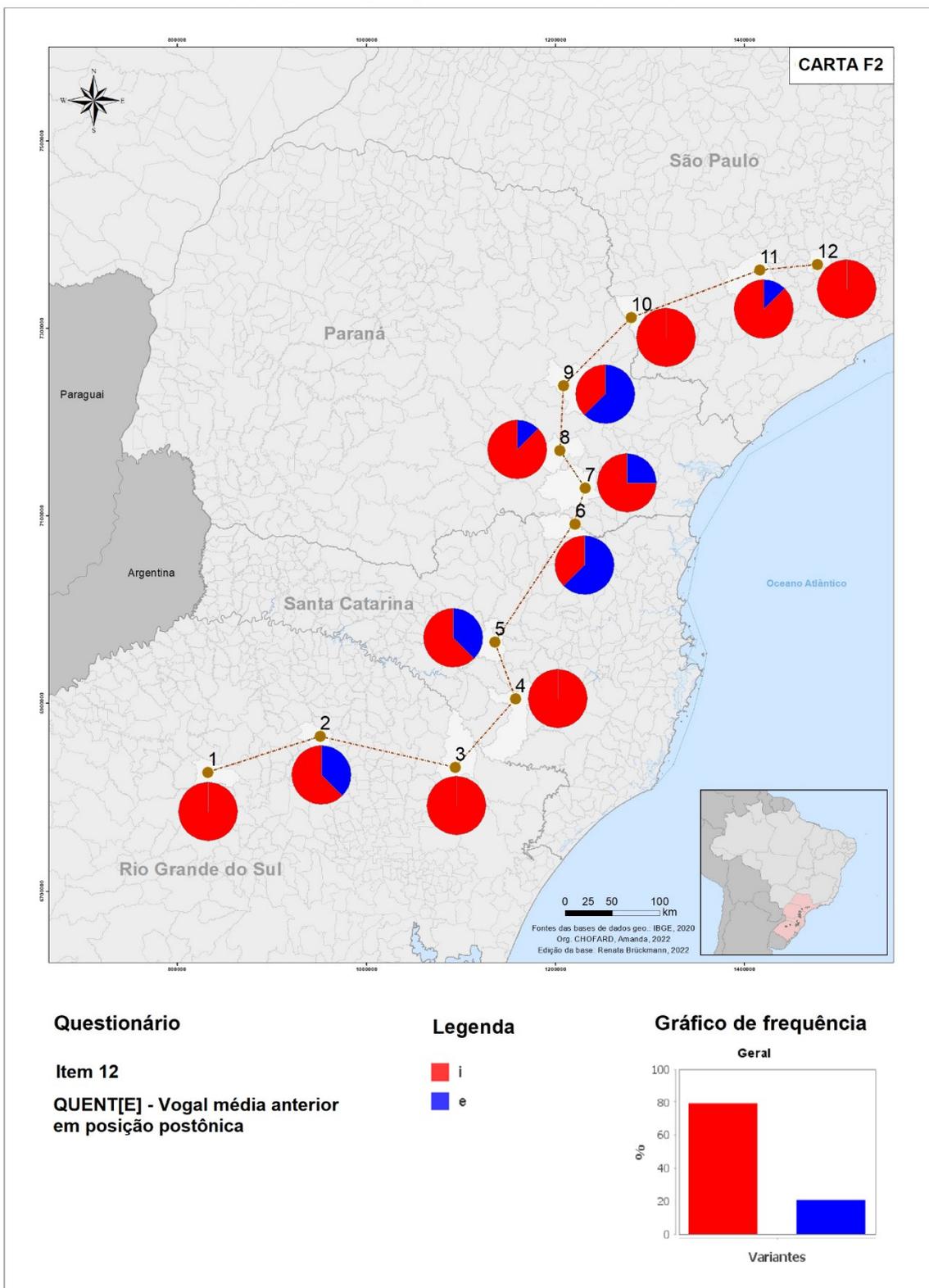
## APÊNDICE C – Carta QFF 7

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



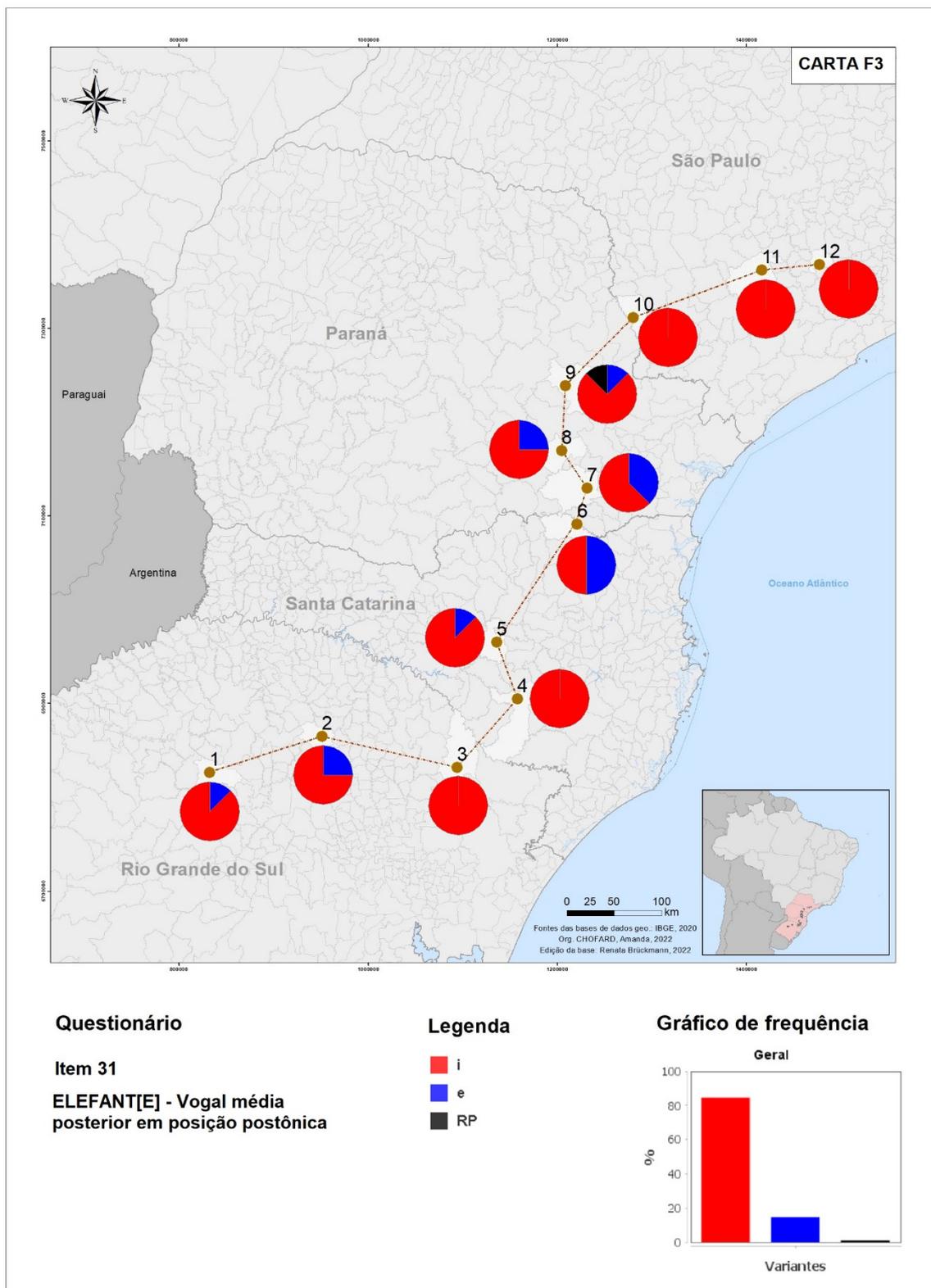
## APÊNDICE D – Carta QFF 12

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



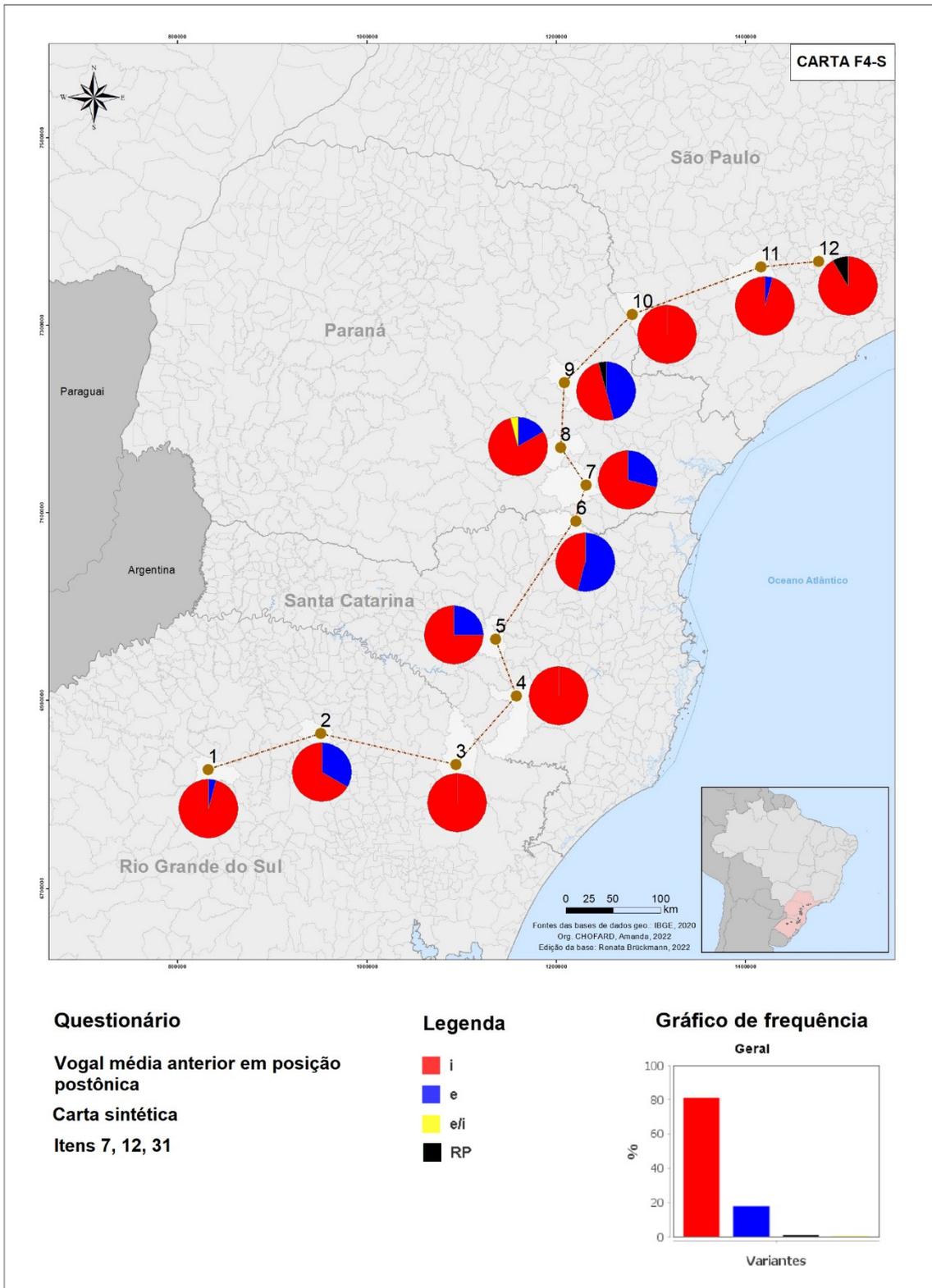
## APÊNDICE E – Carta QFF 31

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



**APÊNDICE F – Carta mista com agrupamento de questões: vogal média anterior em posição postônica final**

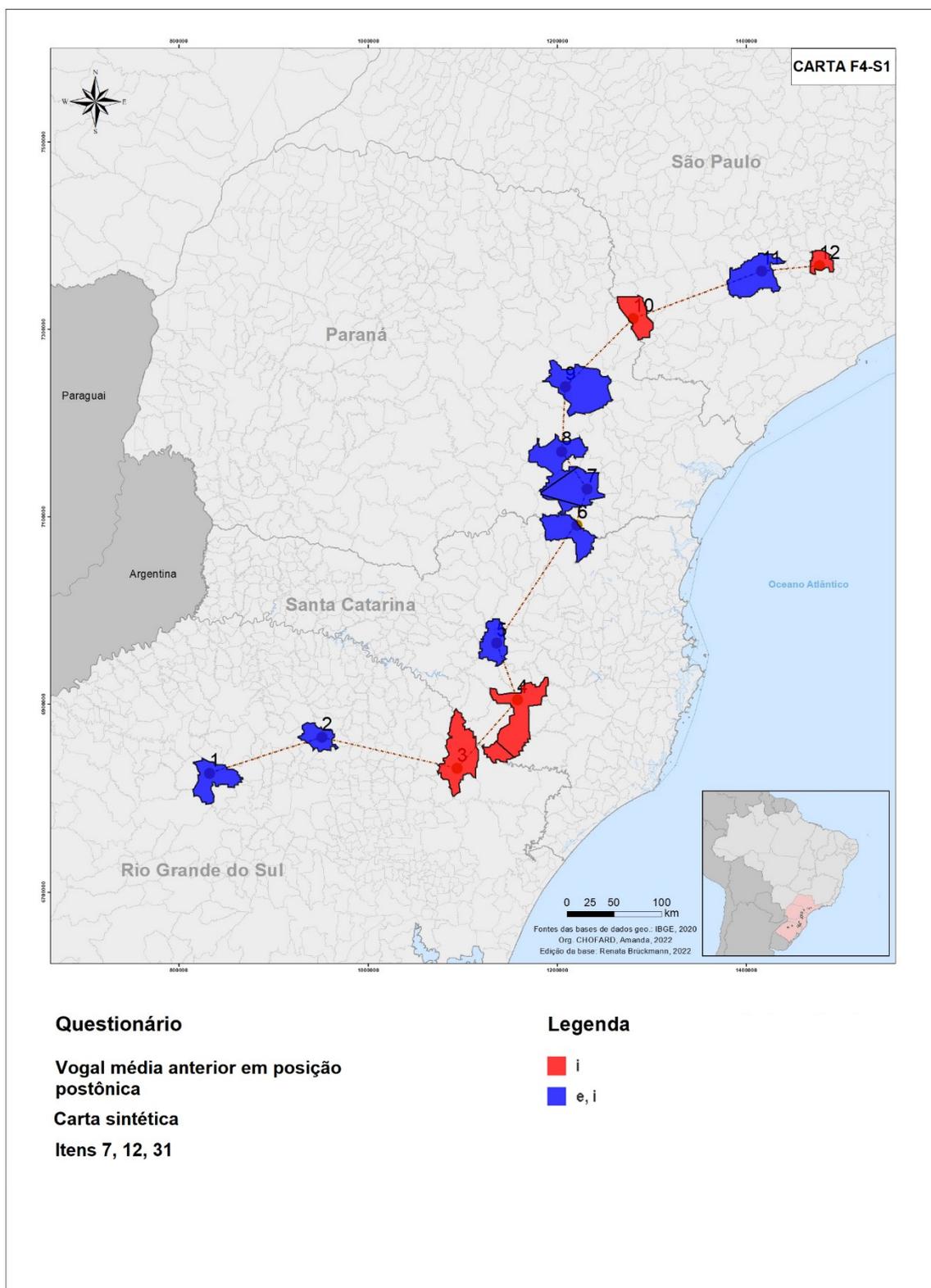
**ATLAS LINGUÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT**





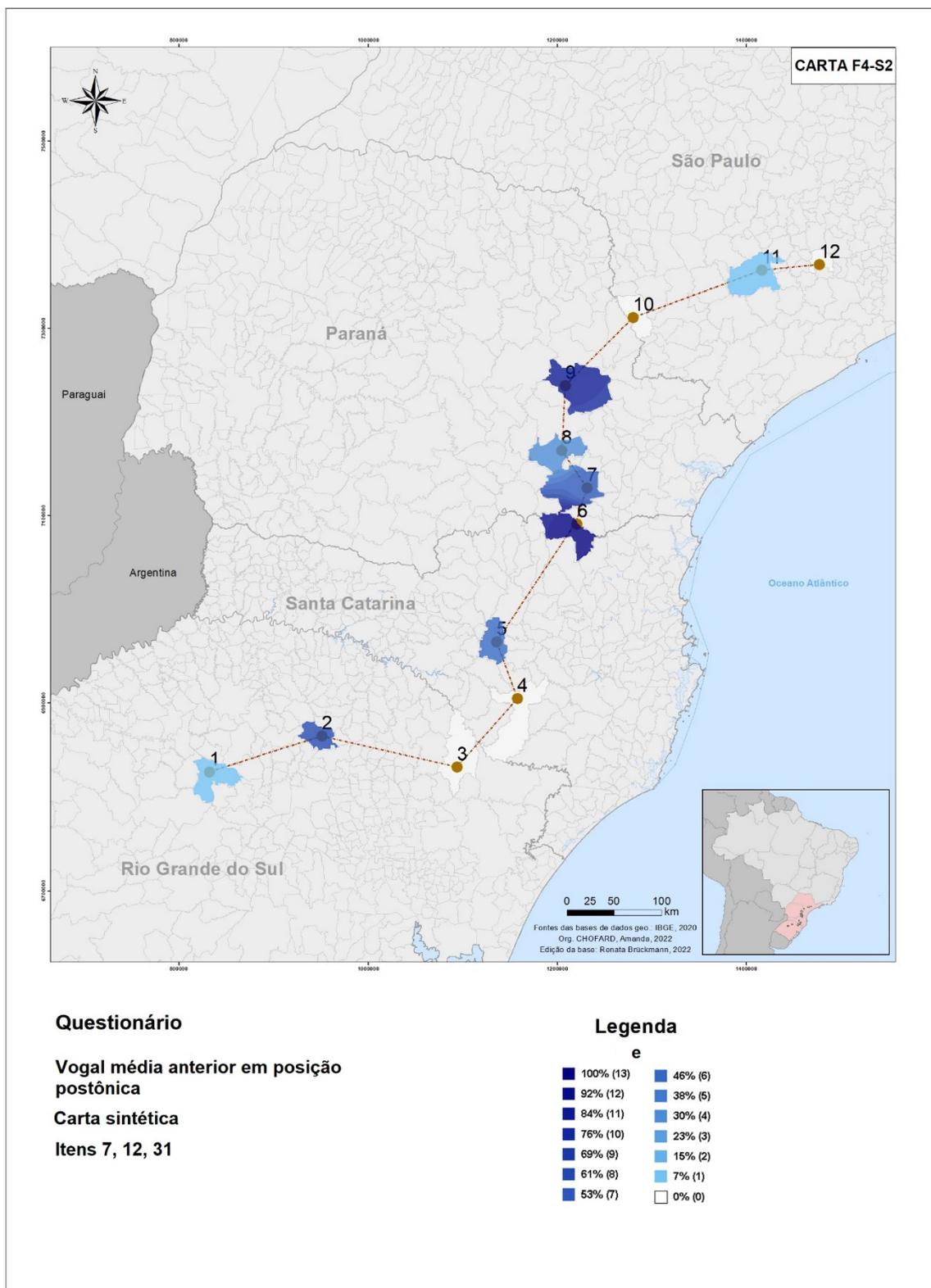
## APÊNDICE G – Carta arealidade: /e/ e /i/

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



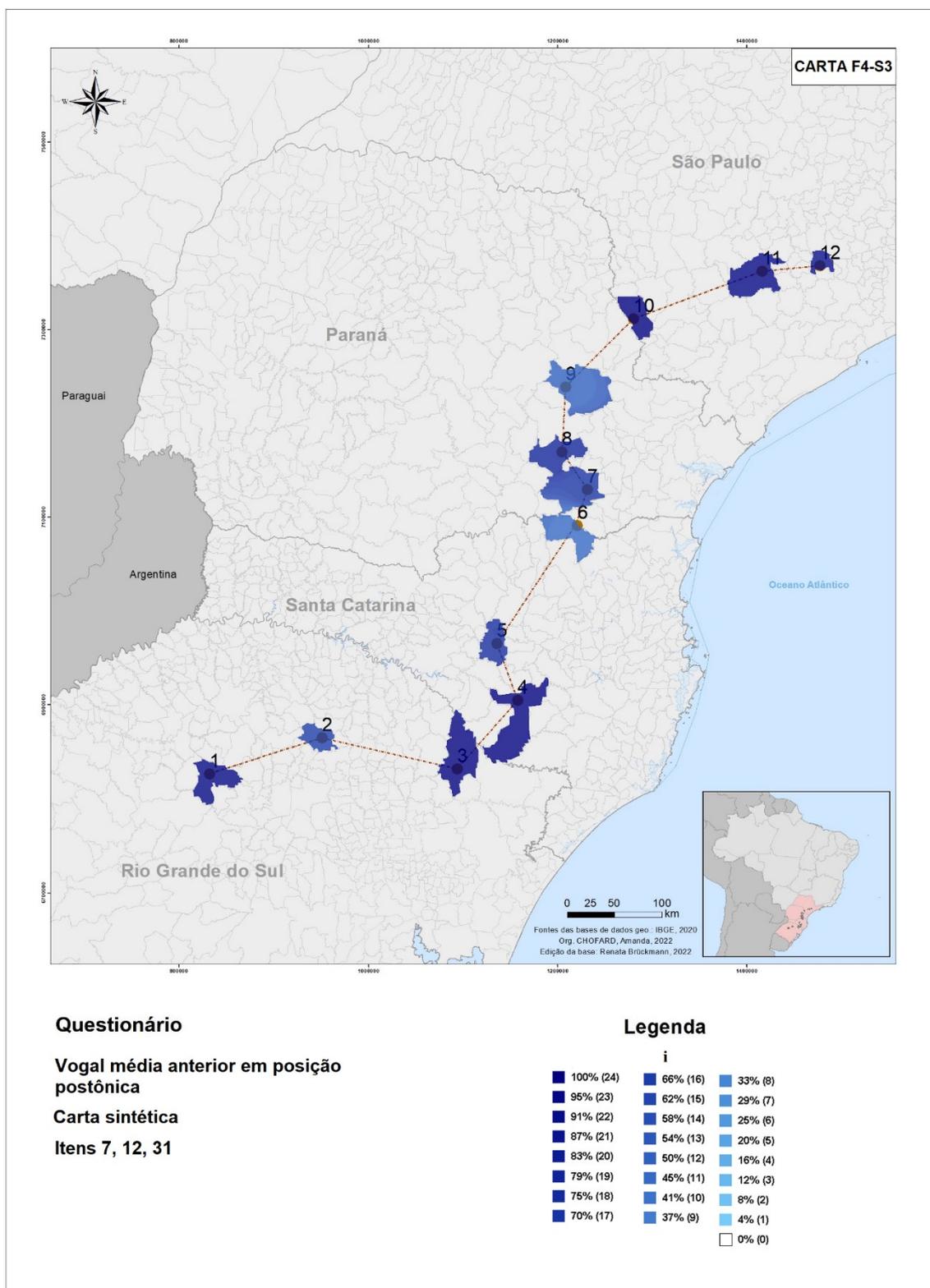
## APÊNDICE H – Carta arealidade gradual: /e/

### ATLAS LINGUÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



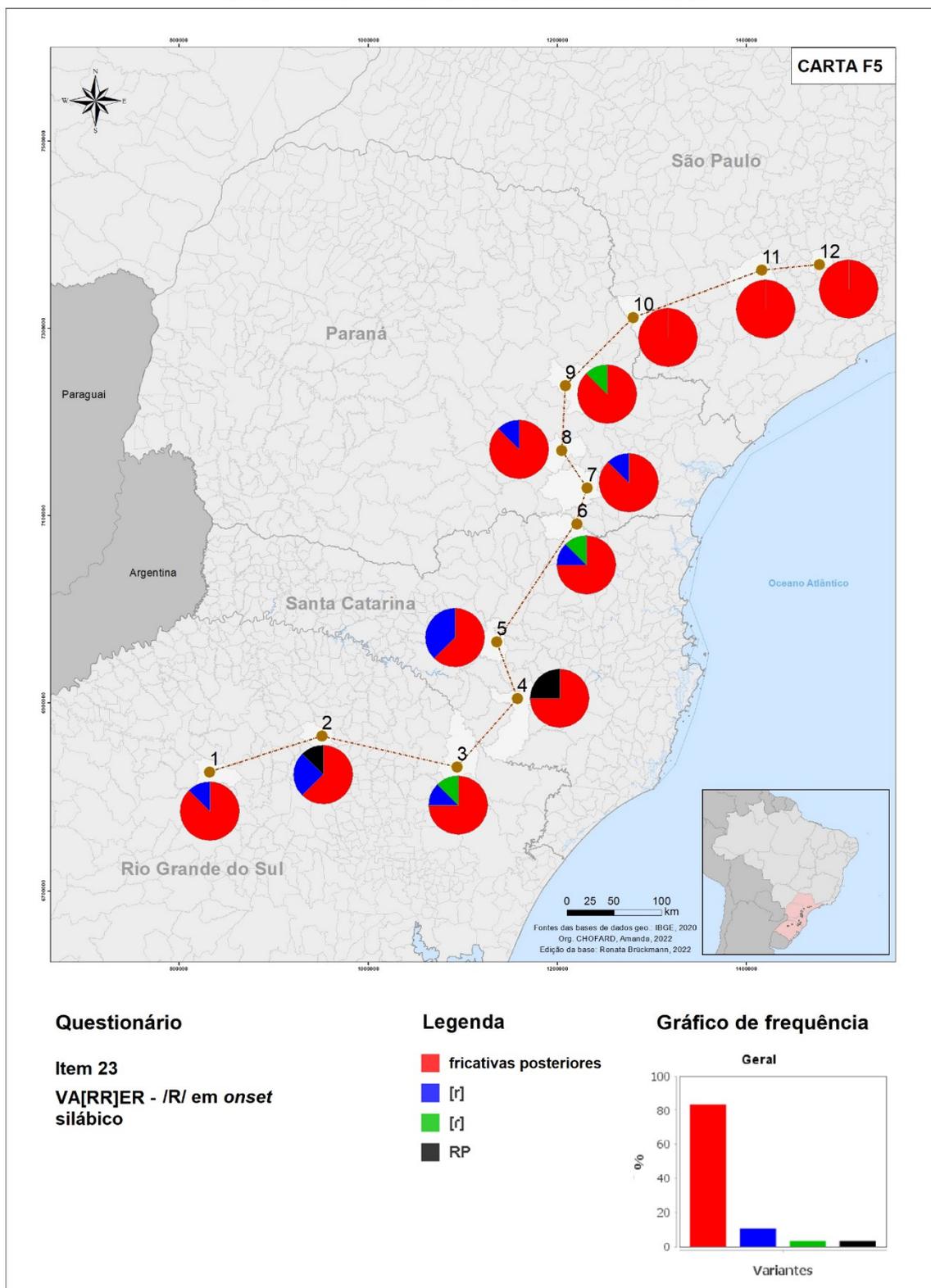
# APÊNDICE I – Carta arealidade gradual: /i/

## ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



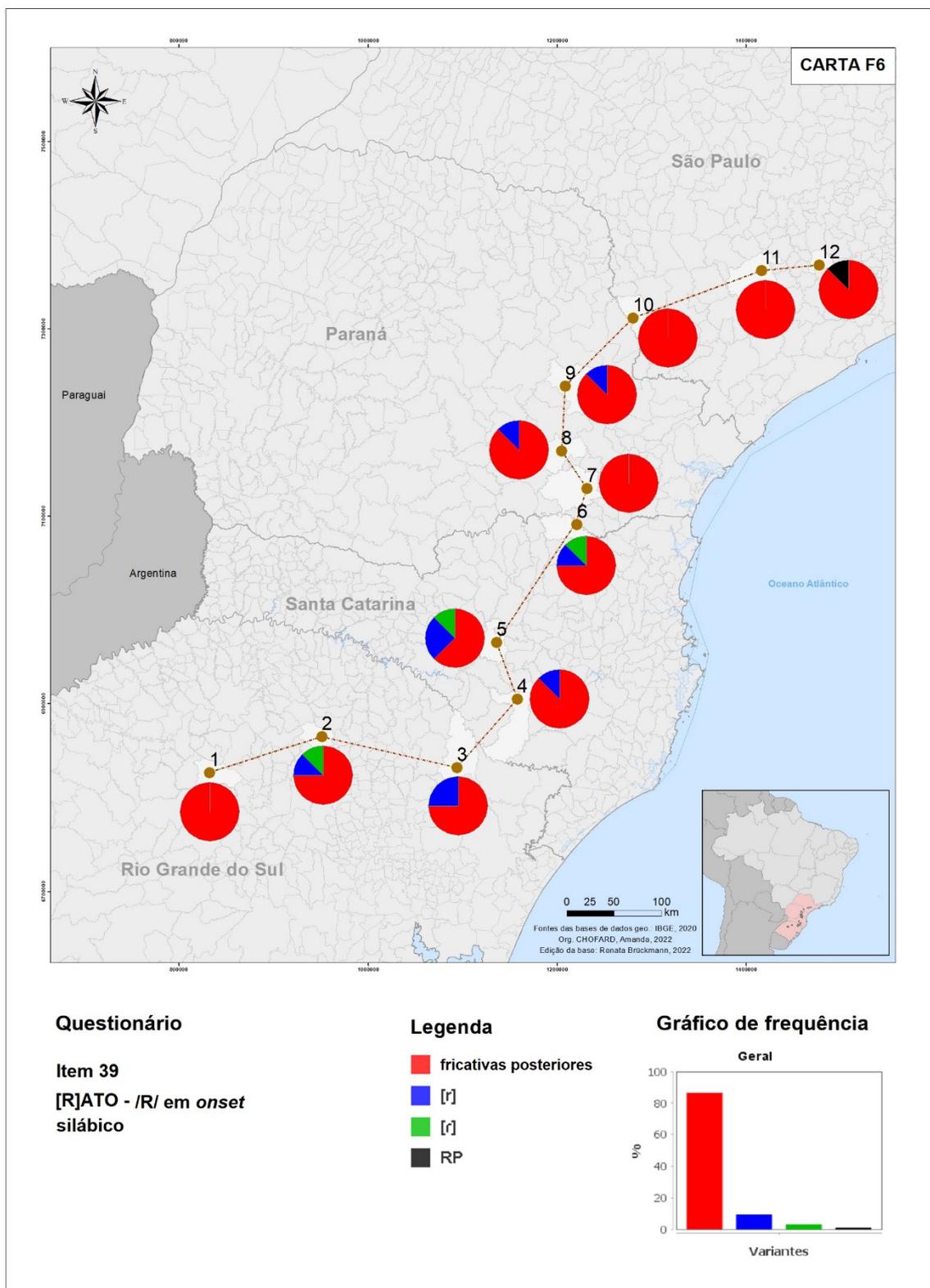
## APÊNDICE J – Carta QFF 23

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



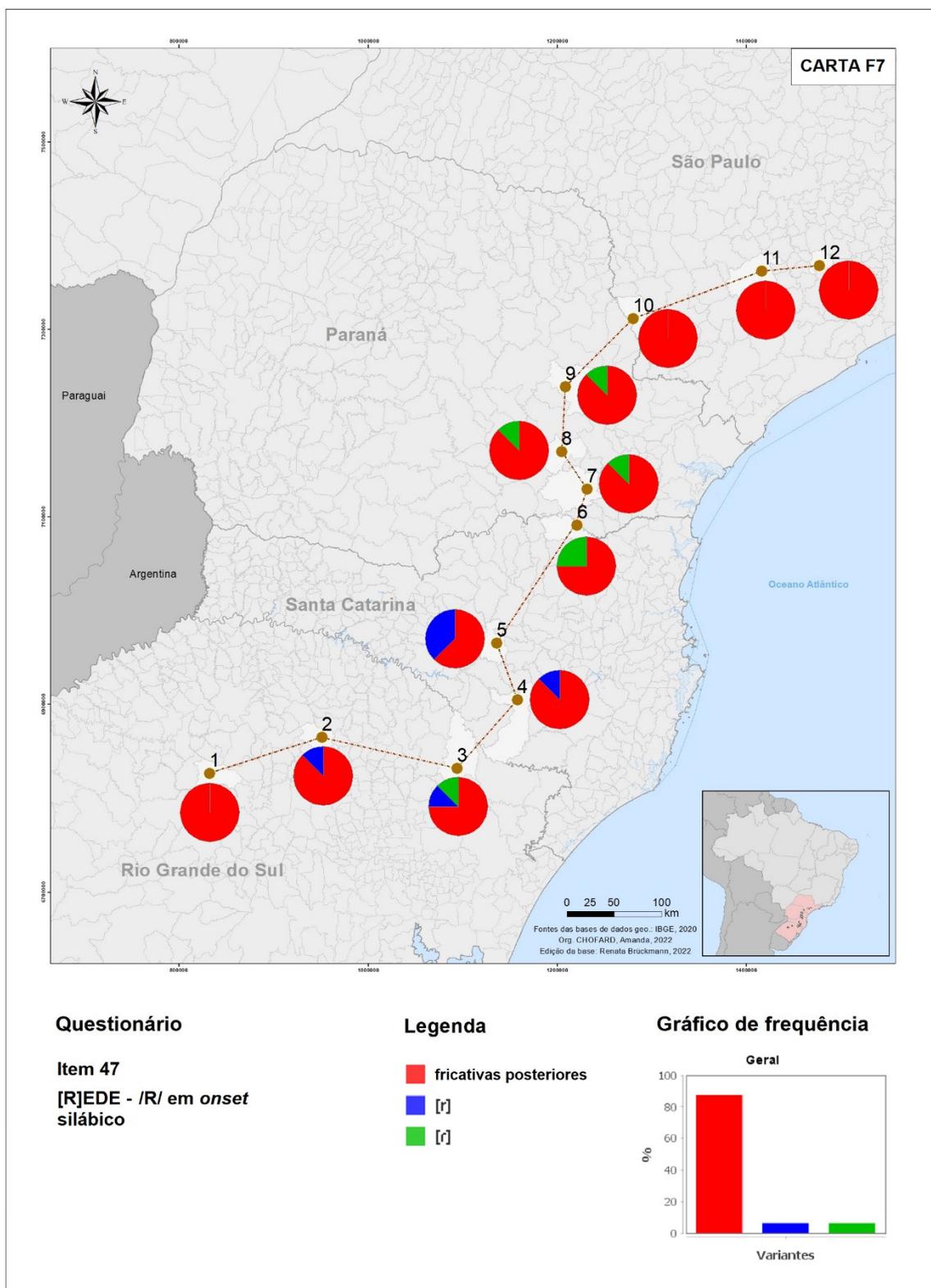
# APÊNDICE K – Carta QFF 39

## ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



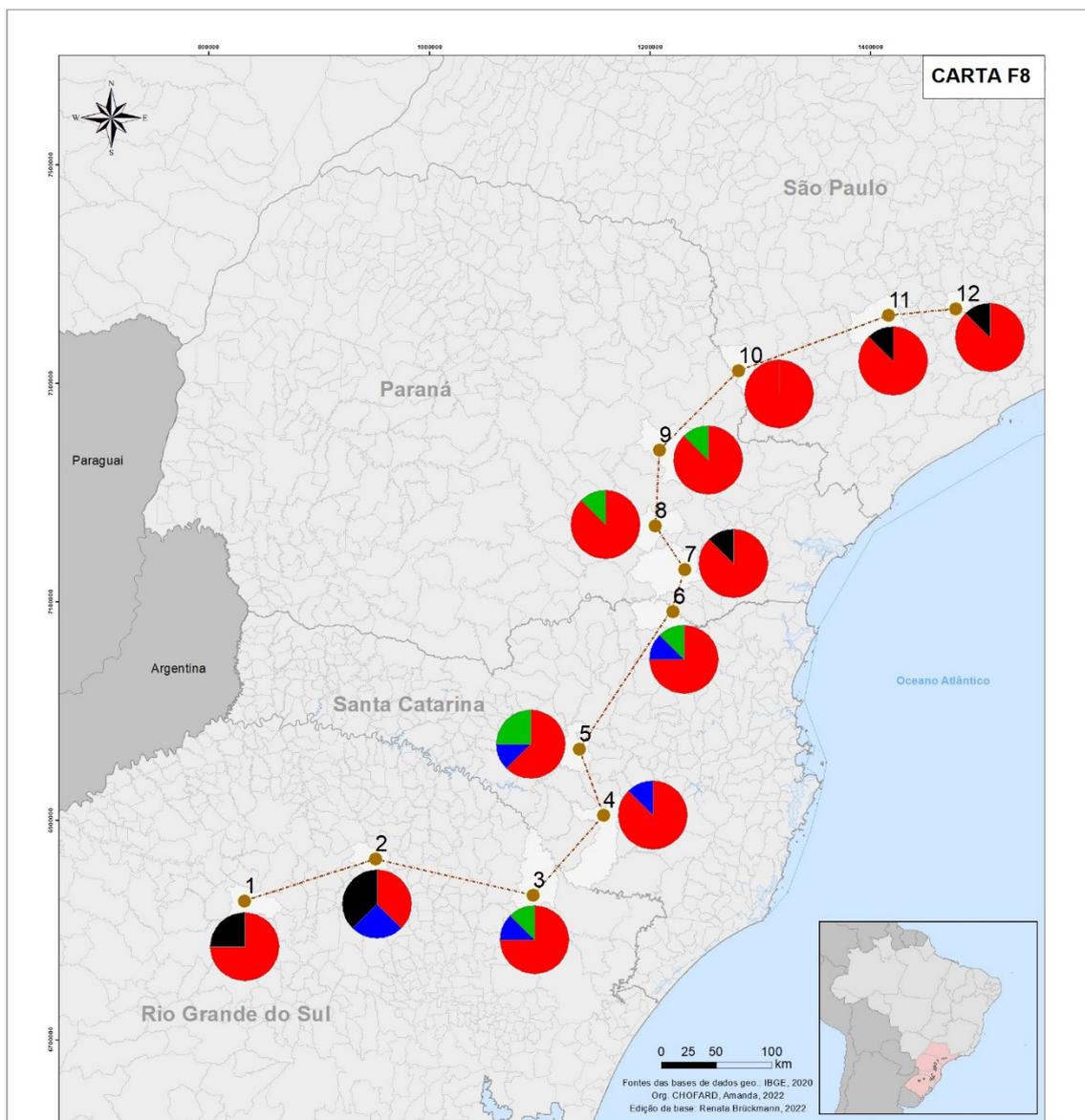
## APÊNDICE L – Carta QFF 47

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



# APÊNDICE M – Carta QFF 51

## ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



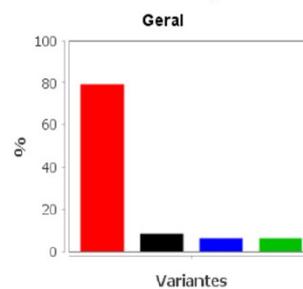
### Questionário

Item 51  
GA[RR]AFA - /R/ em onset  
silábico

### Legenda

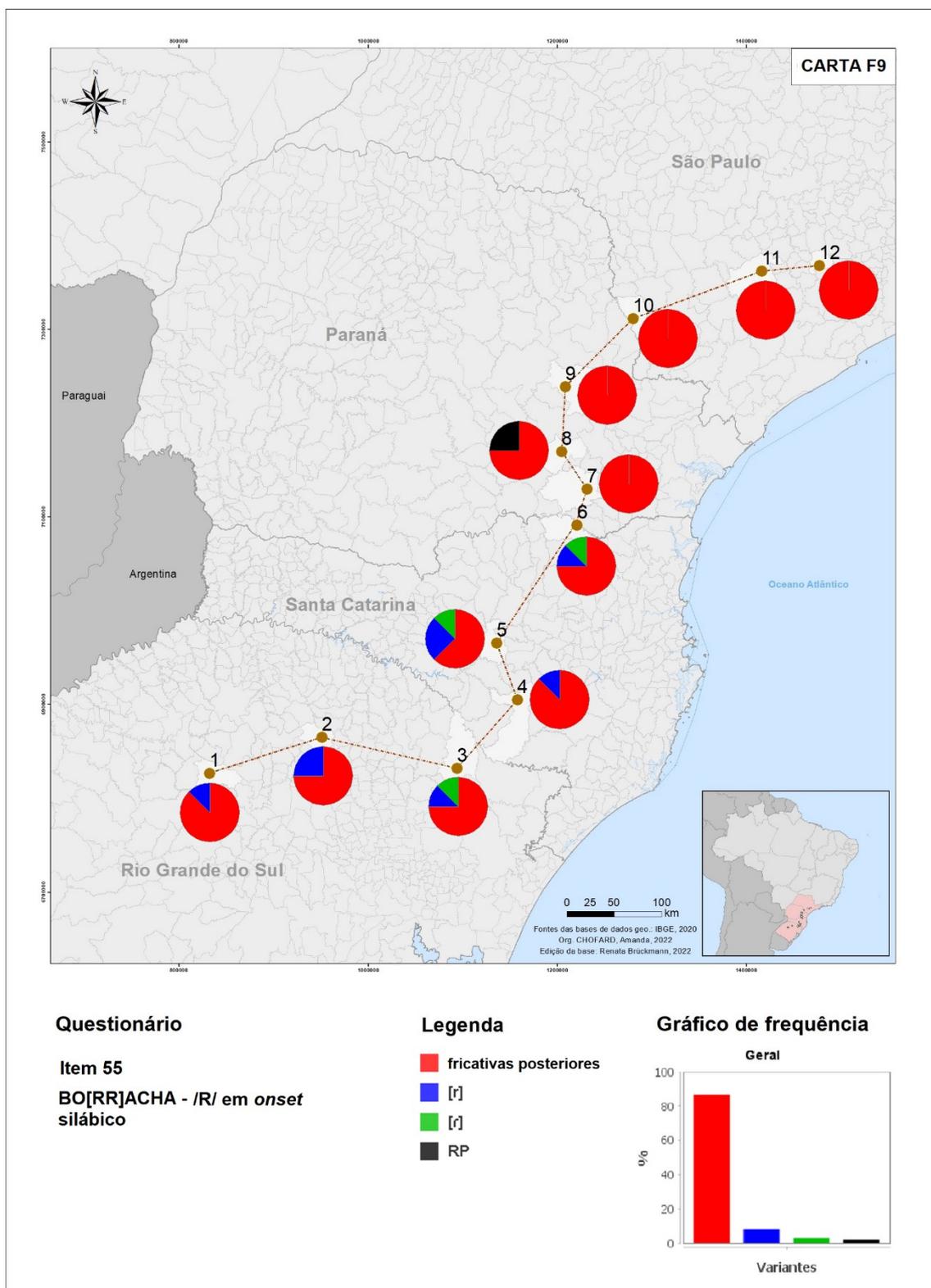
- fricativas posteriores
- [r]
- [ʀ]
- RP

### Gráfico de frequência



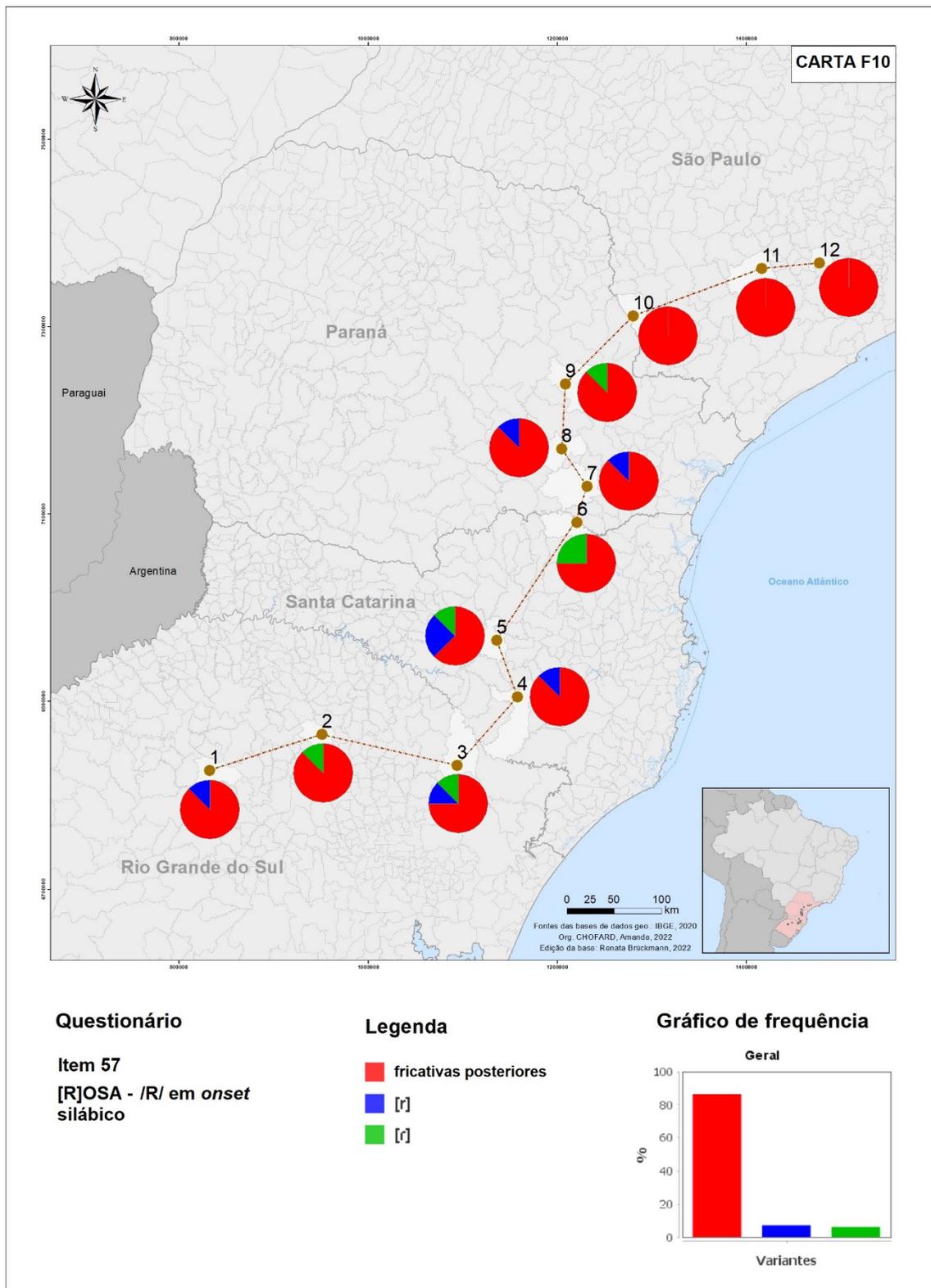
## APÊNDICE N – Carta QFF 55

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



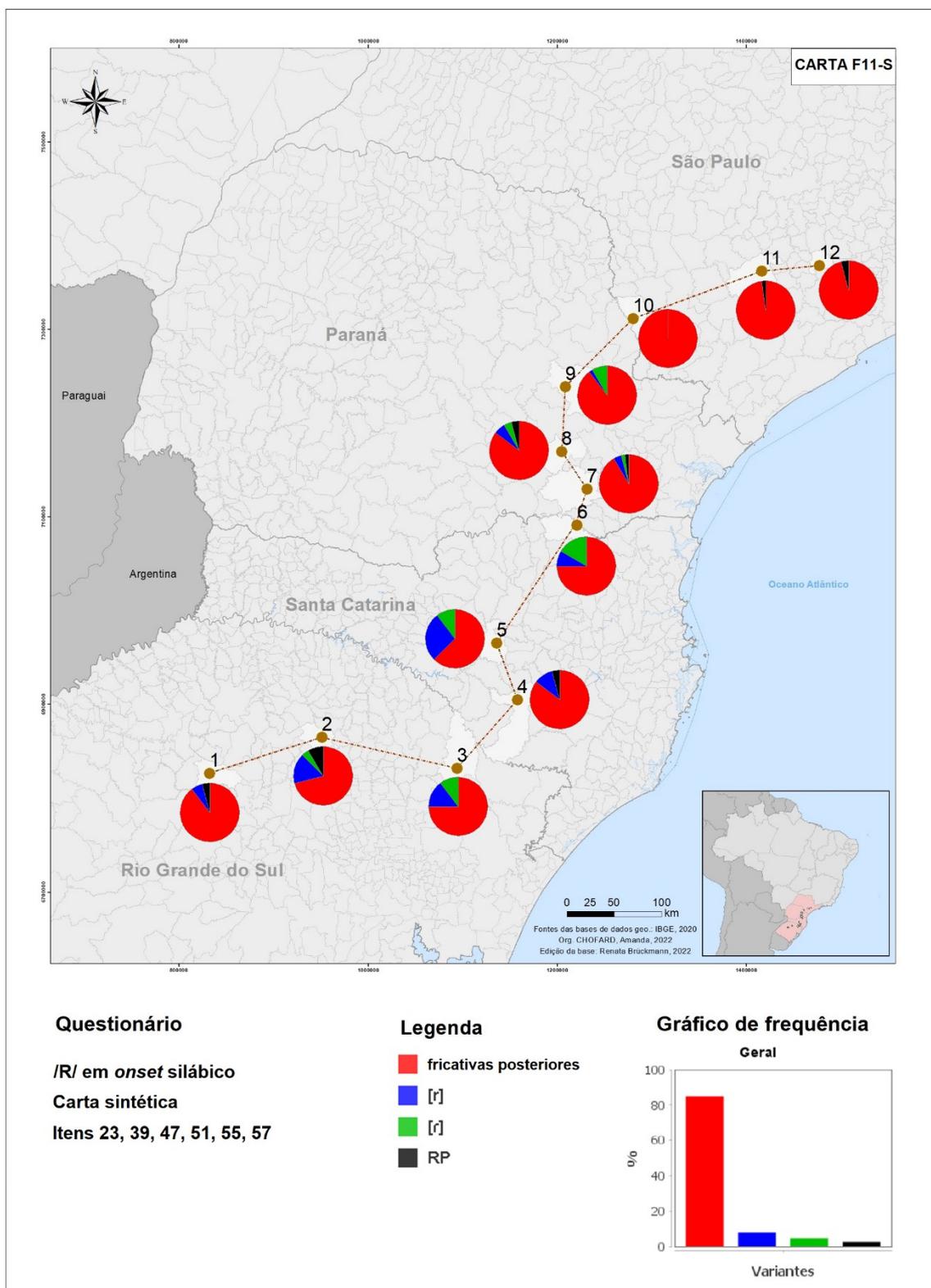
## APÊNDICE O – Carta QFF 57

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



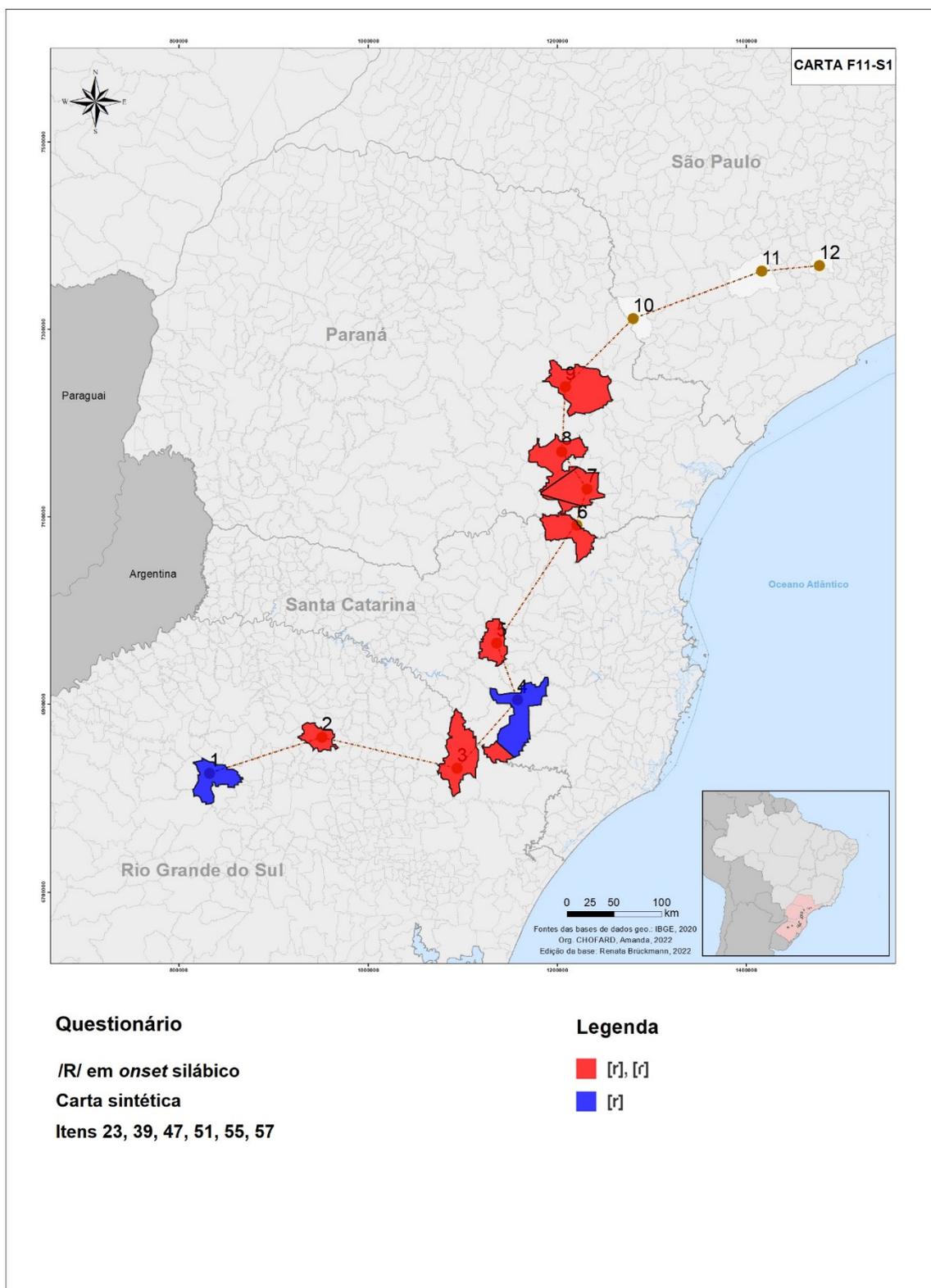
## APÊNDICE P – Carta mista com agrupamento de questões: /R/ em *onset* silábico

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



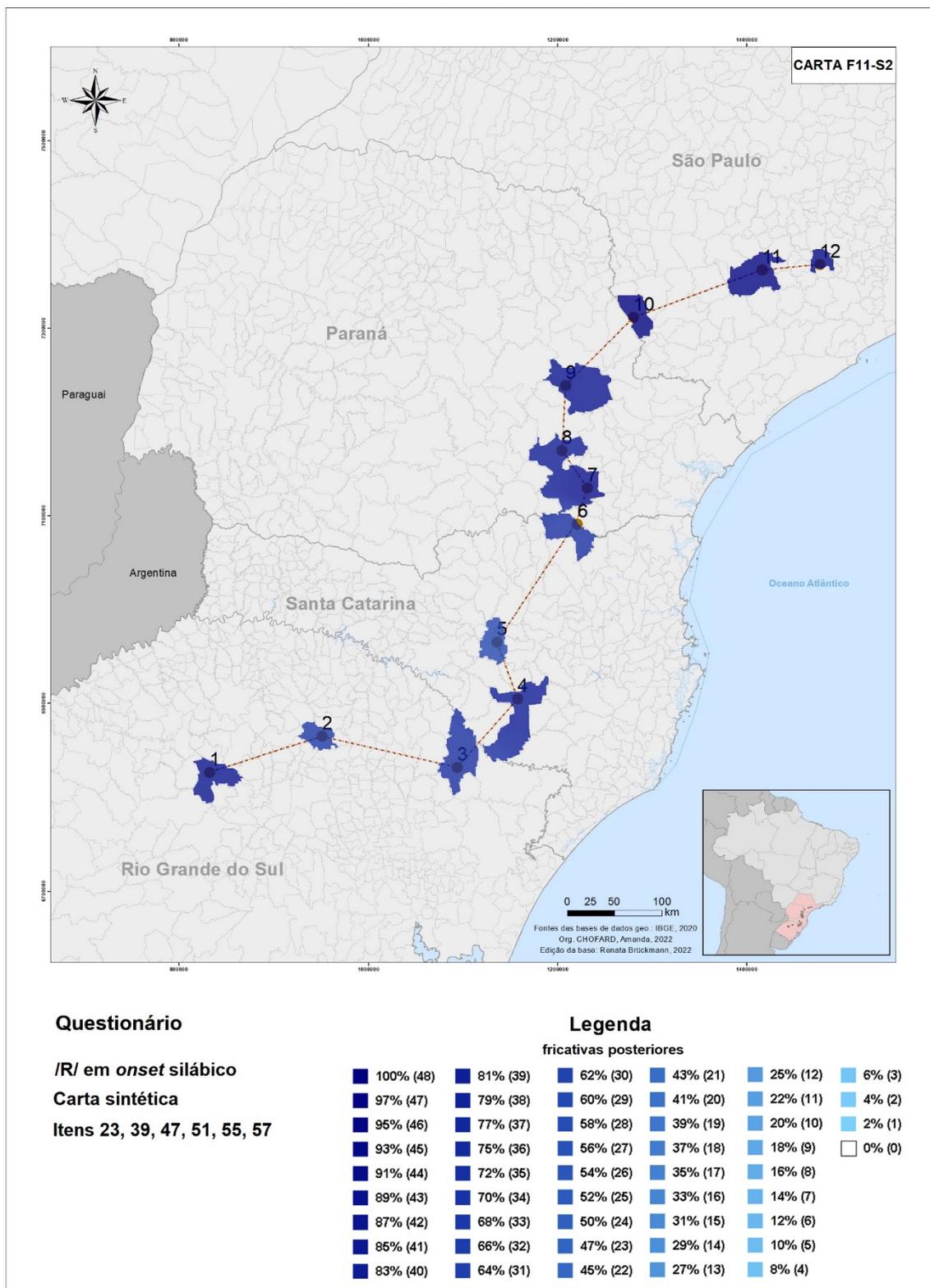
## APÊNDICE Q – Carta arealidade: vibrante múltipla e tepe

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



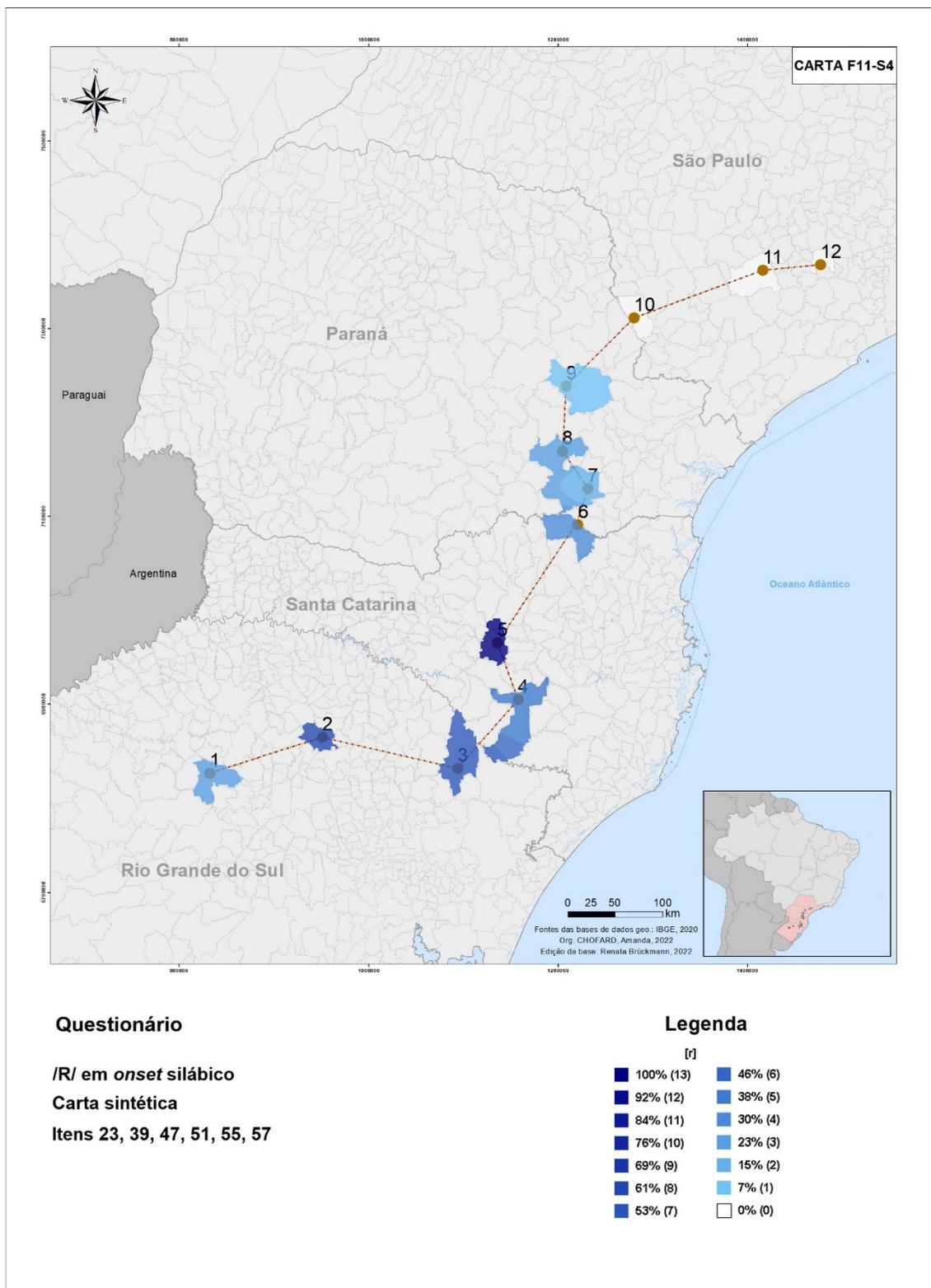
## APÊNDICE R – Carta arealidade gradual: fricativas posteriores

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



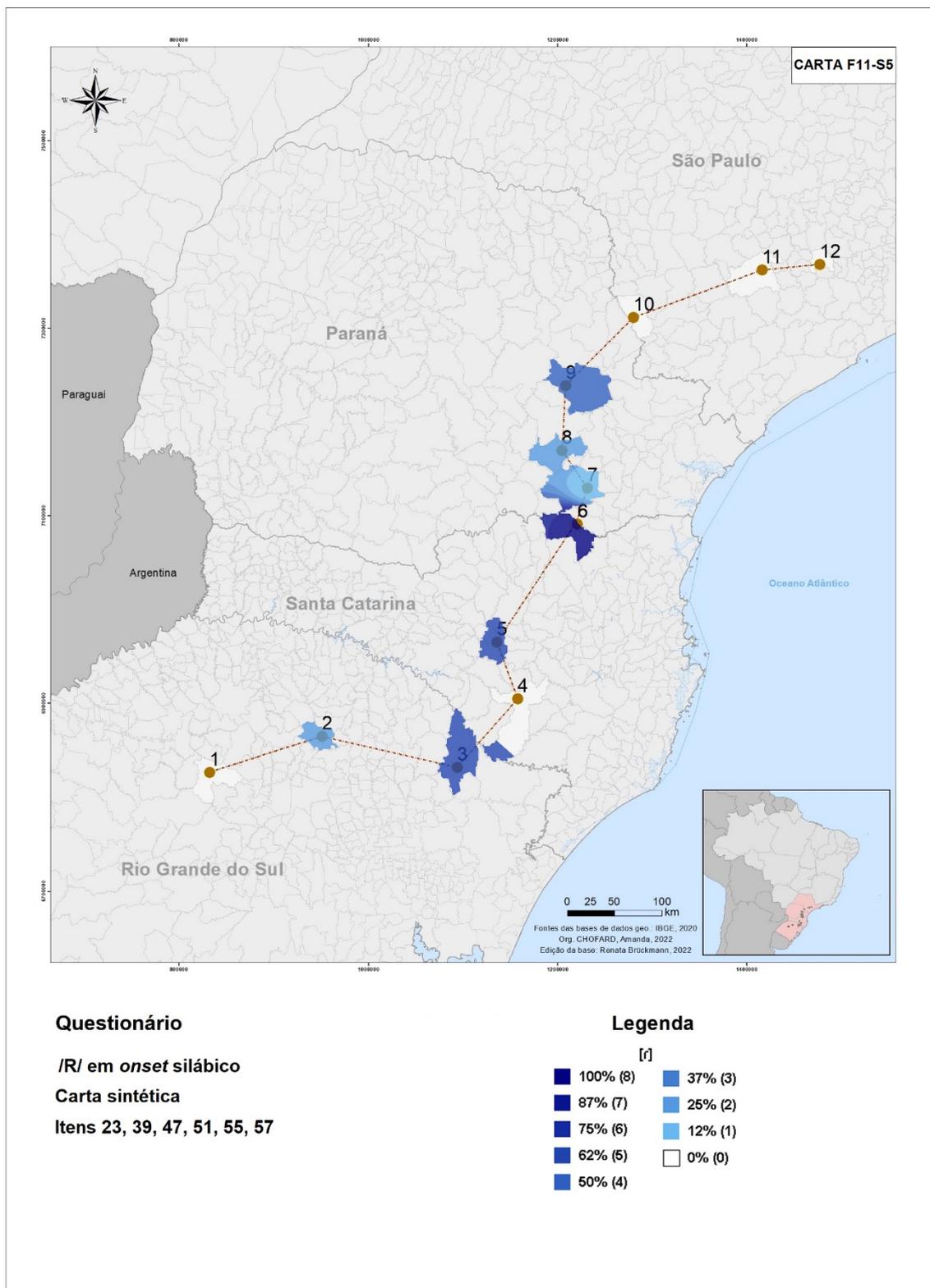
## APÊNDICE S – Carta arealidade gradual: vibrante múltipla

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



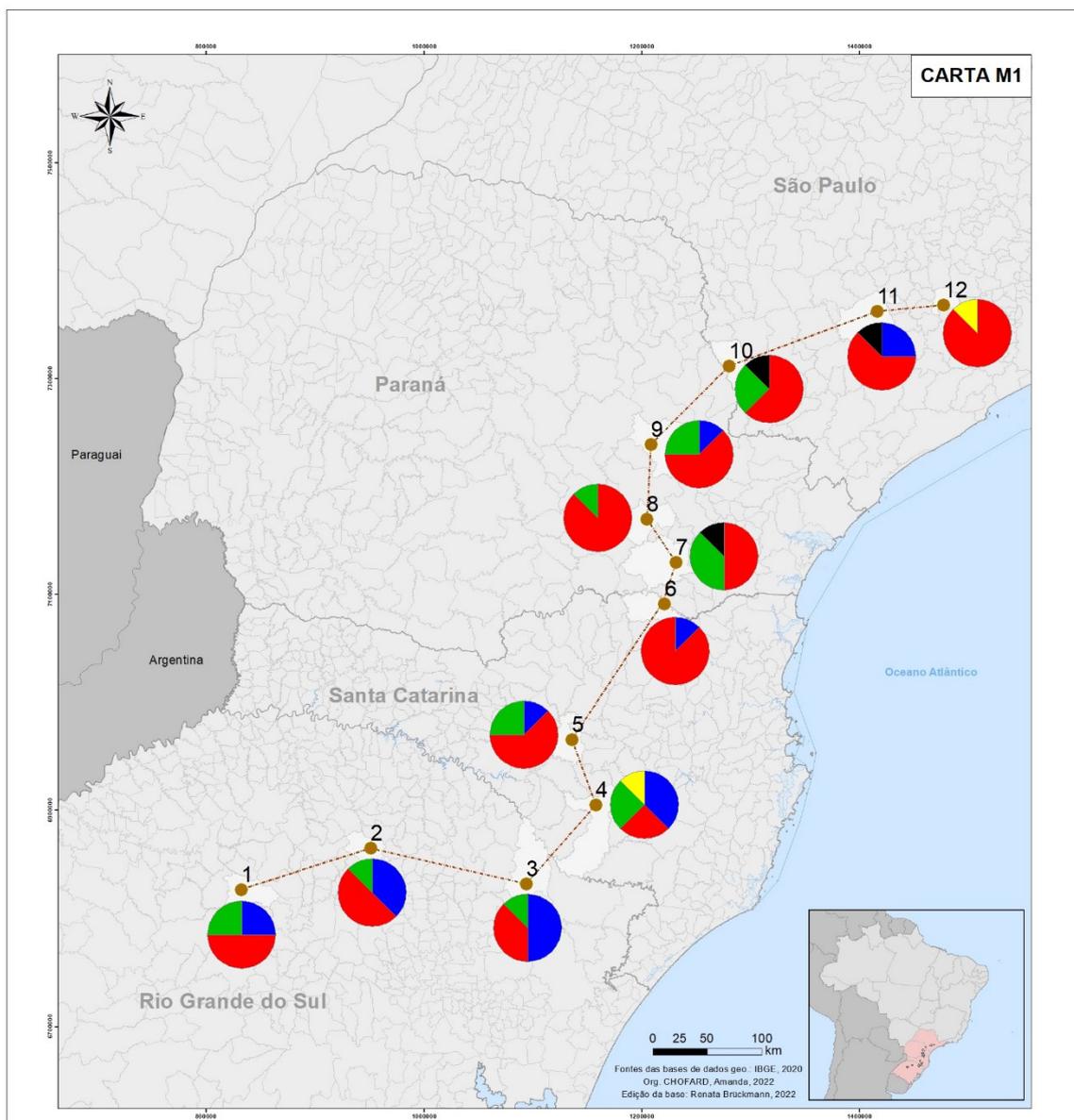
## APÊNDICE T – Carta arealidade gradual: tepe

### ATLAS LINGUÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



# APÊNDICE U – Carta QMS 1

## ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



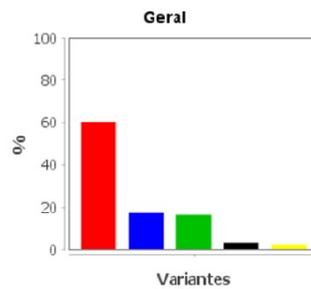
### Questionário

Pronome  
Item 1

### Legenda

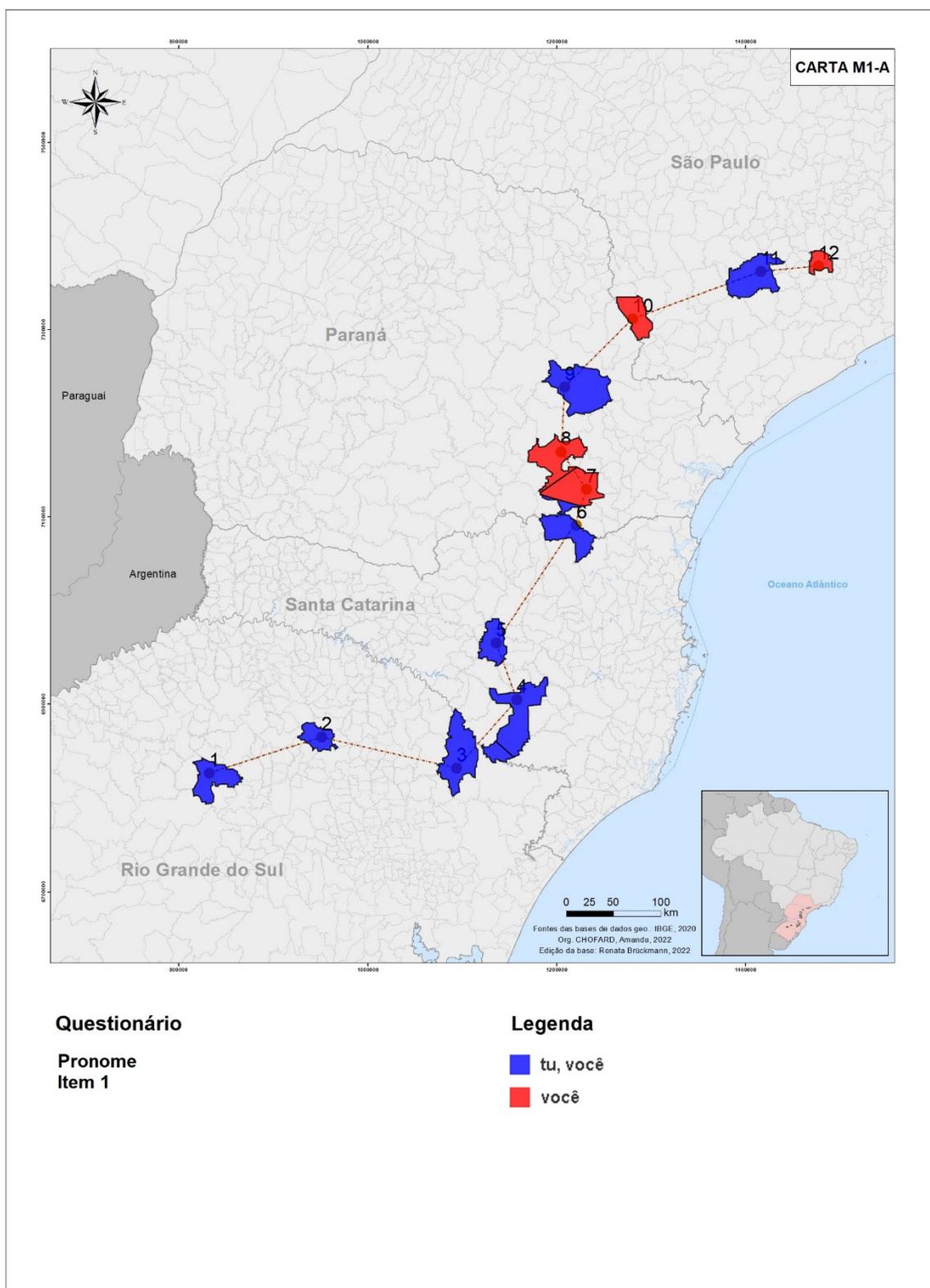
- você
- tu
- apagamento
- tu/você
- RP

### Gráfico de frequência



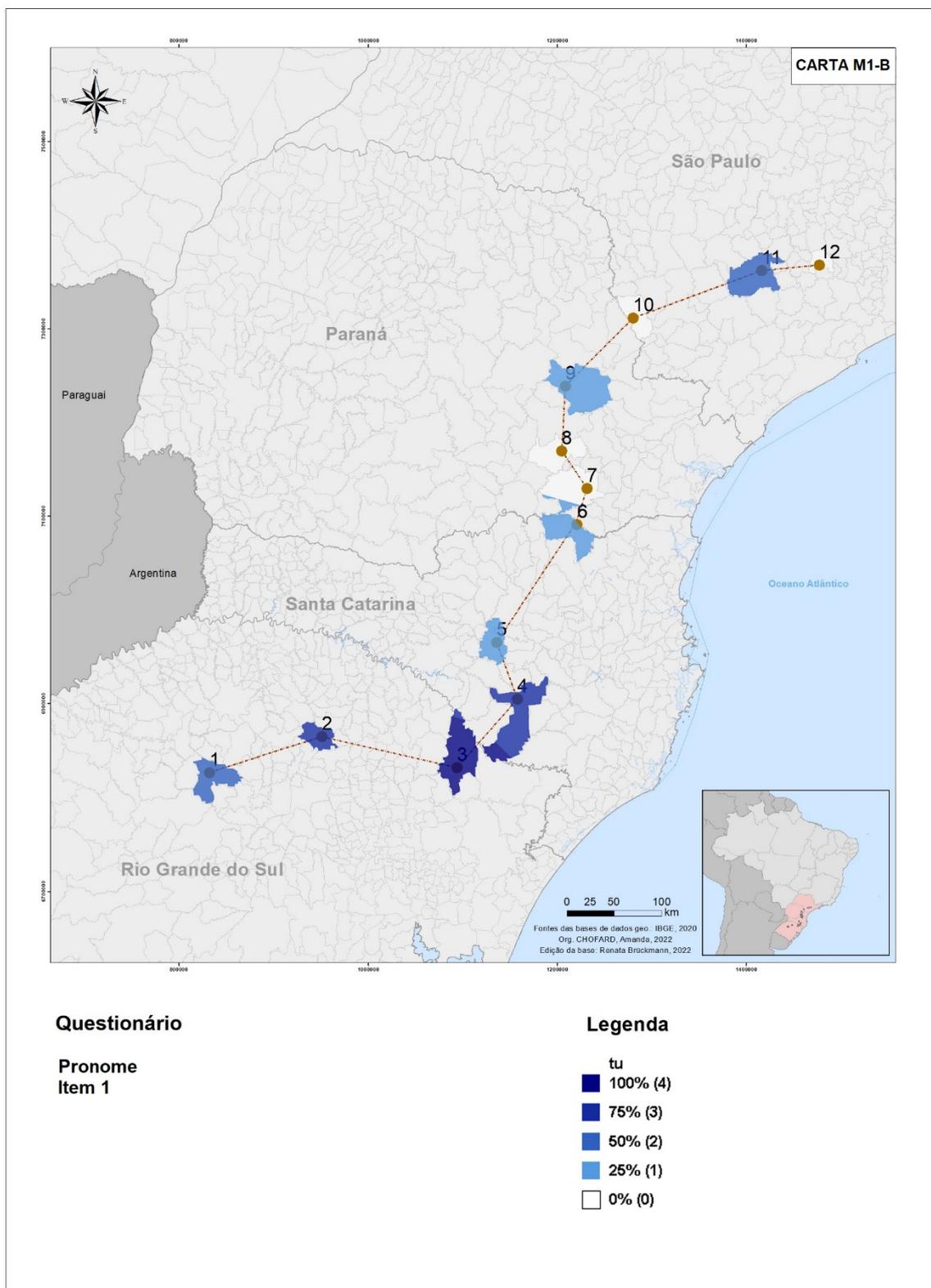
## APÊNDICE V – Carta arealidade: tu e você

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



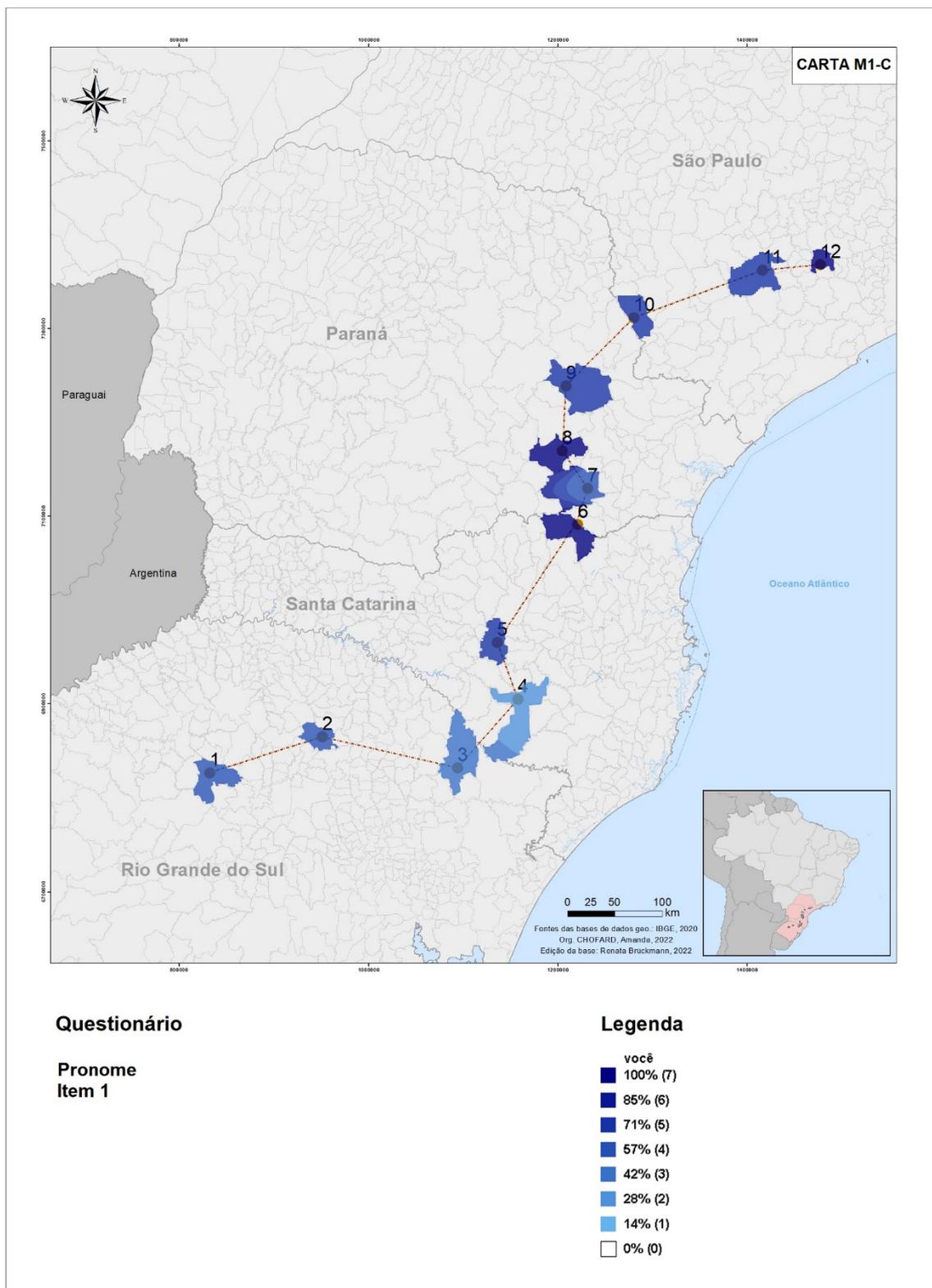
## APÊNDICE W – Carta arealidade gradual: tu

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



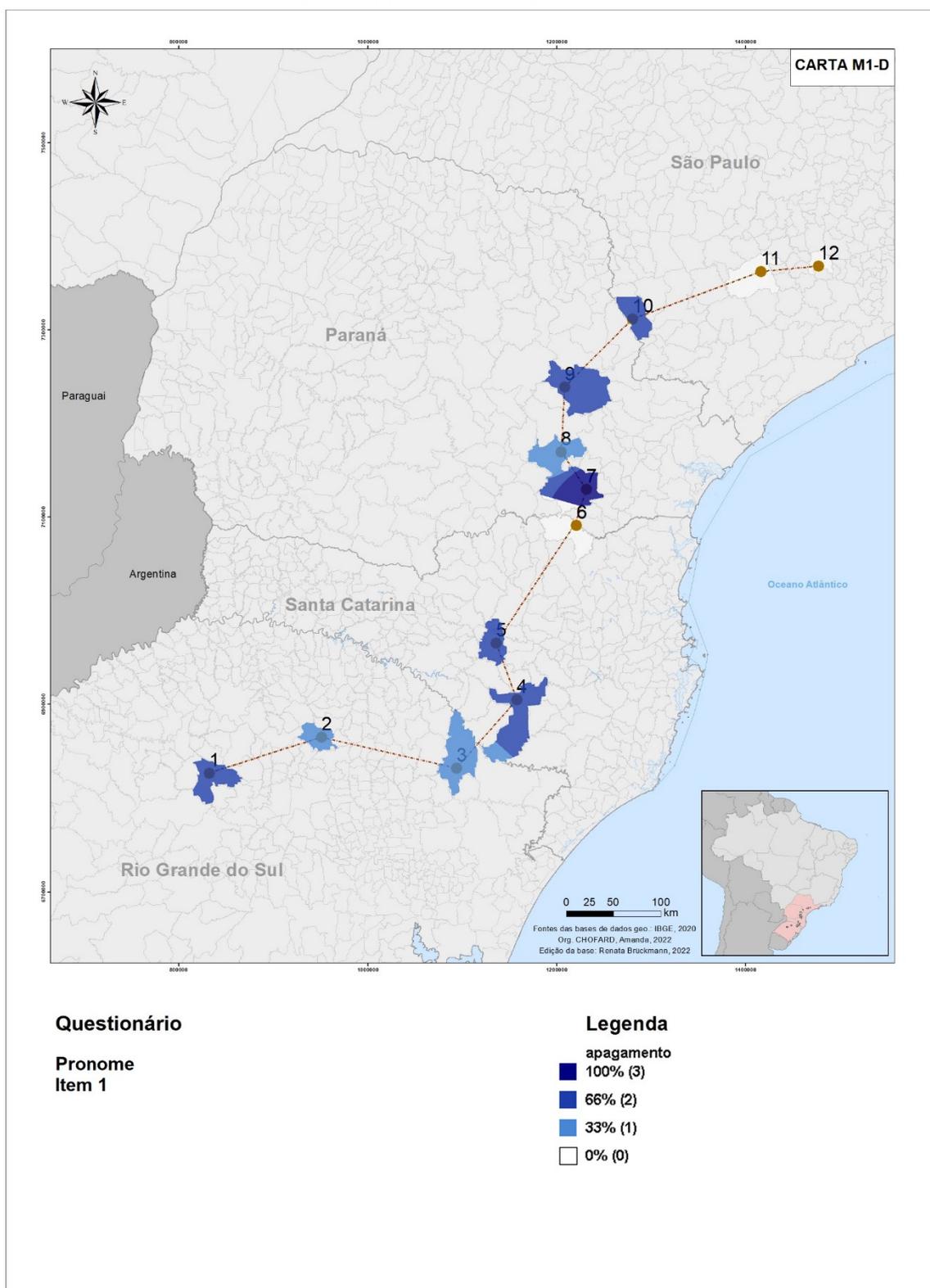
## APÊNDICE X – Carta arealidade gradual: você

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



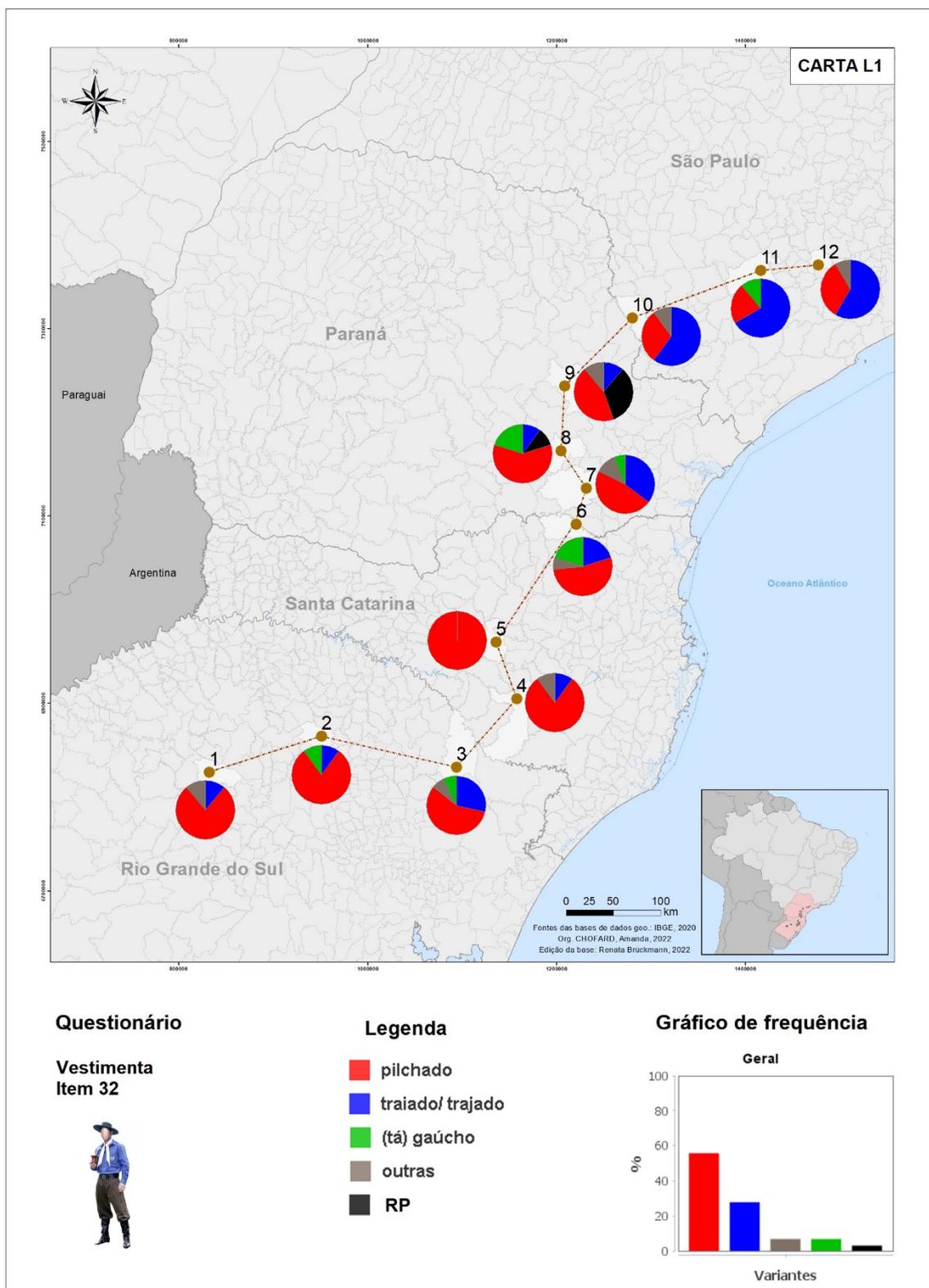
## APÊNDICE Y – Carta arealidade gradual: apagamento

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



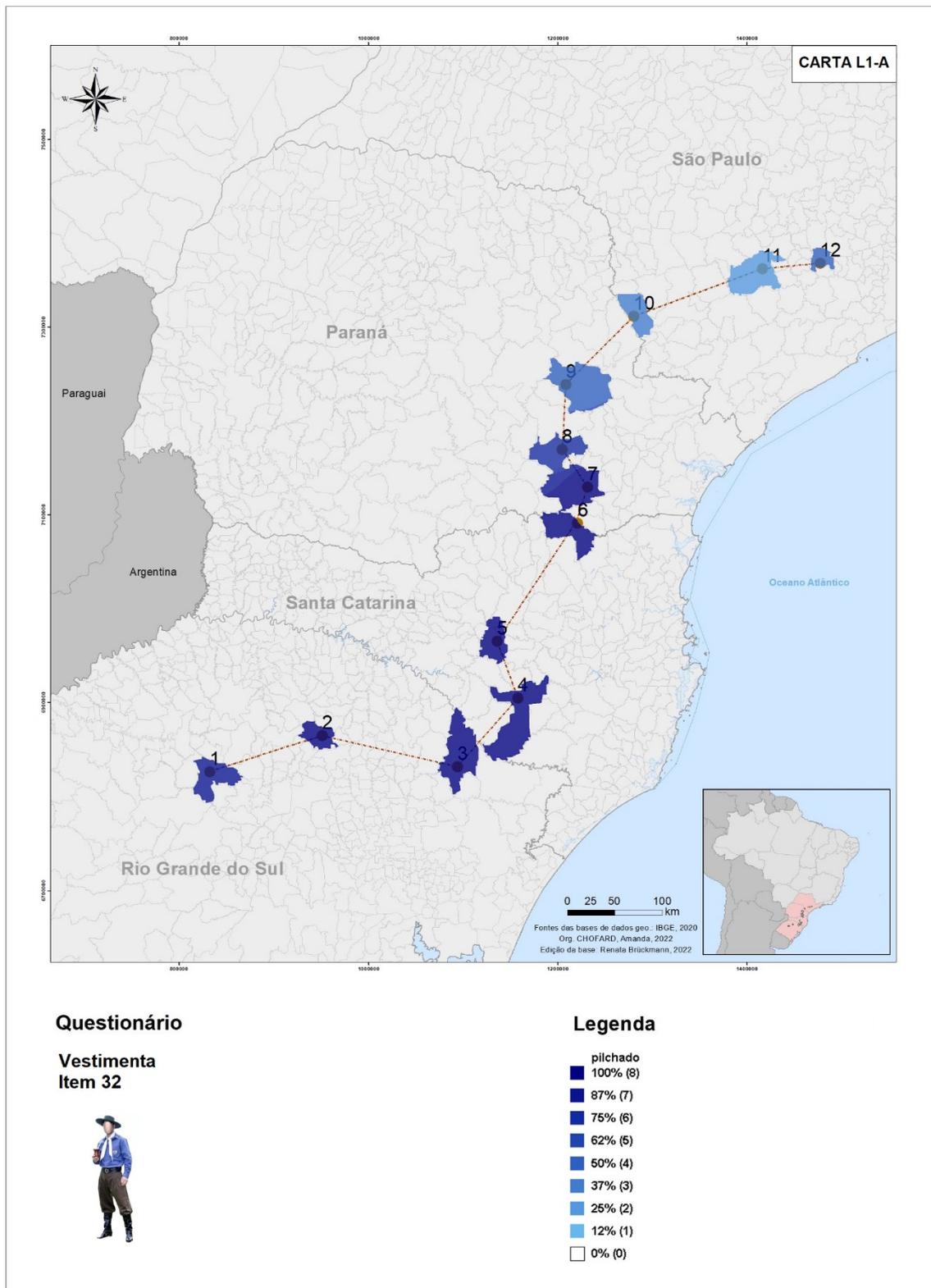
## APÊNDICE Z – Carta QSL 32

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



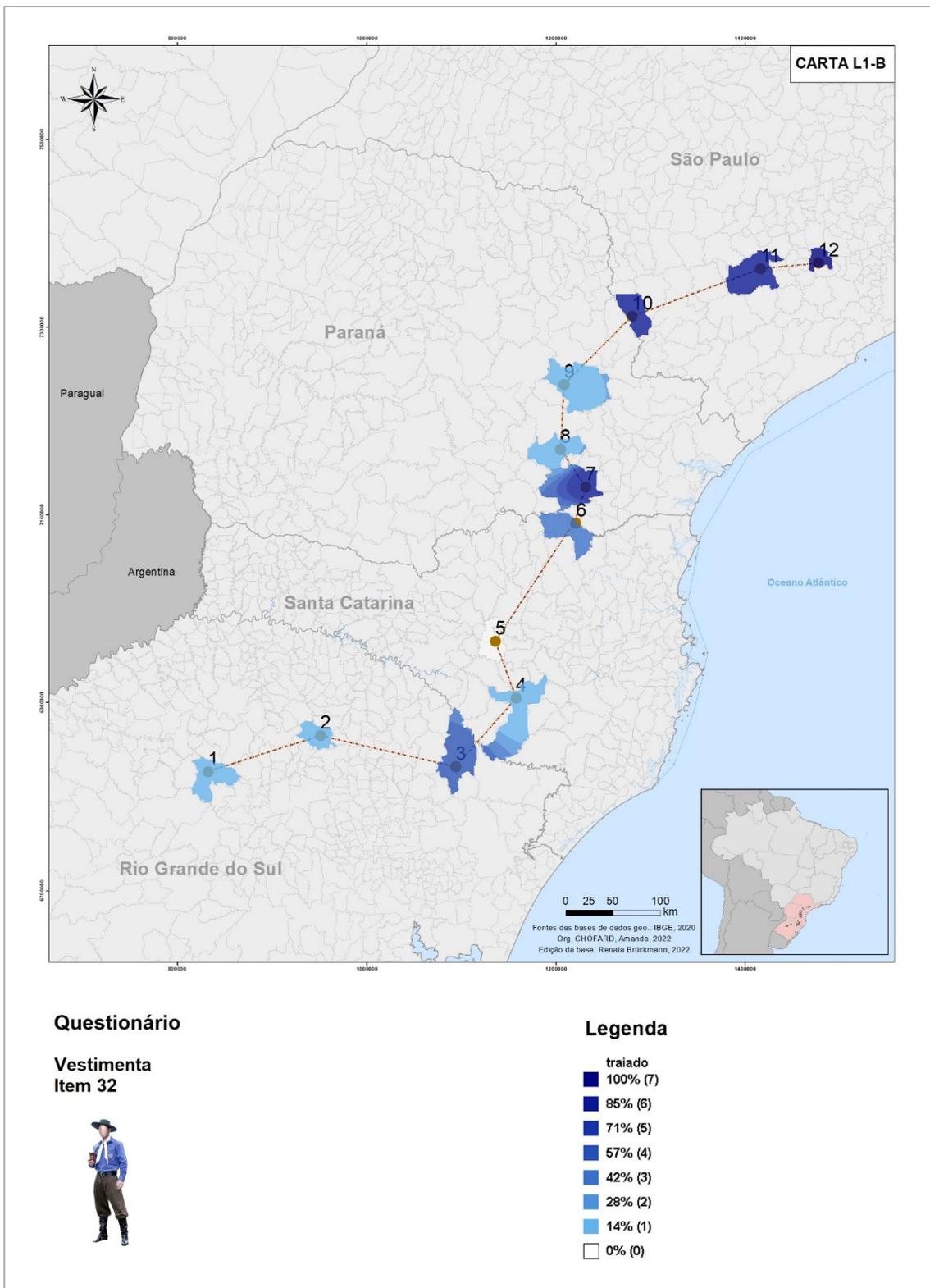
# APÊNDICE AA – Carta arealidade gradual: pilchado

## ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



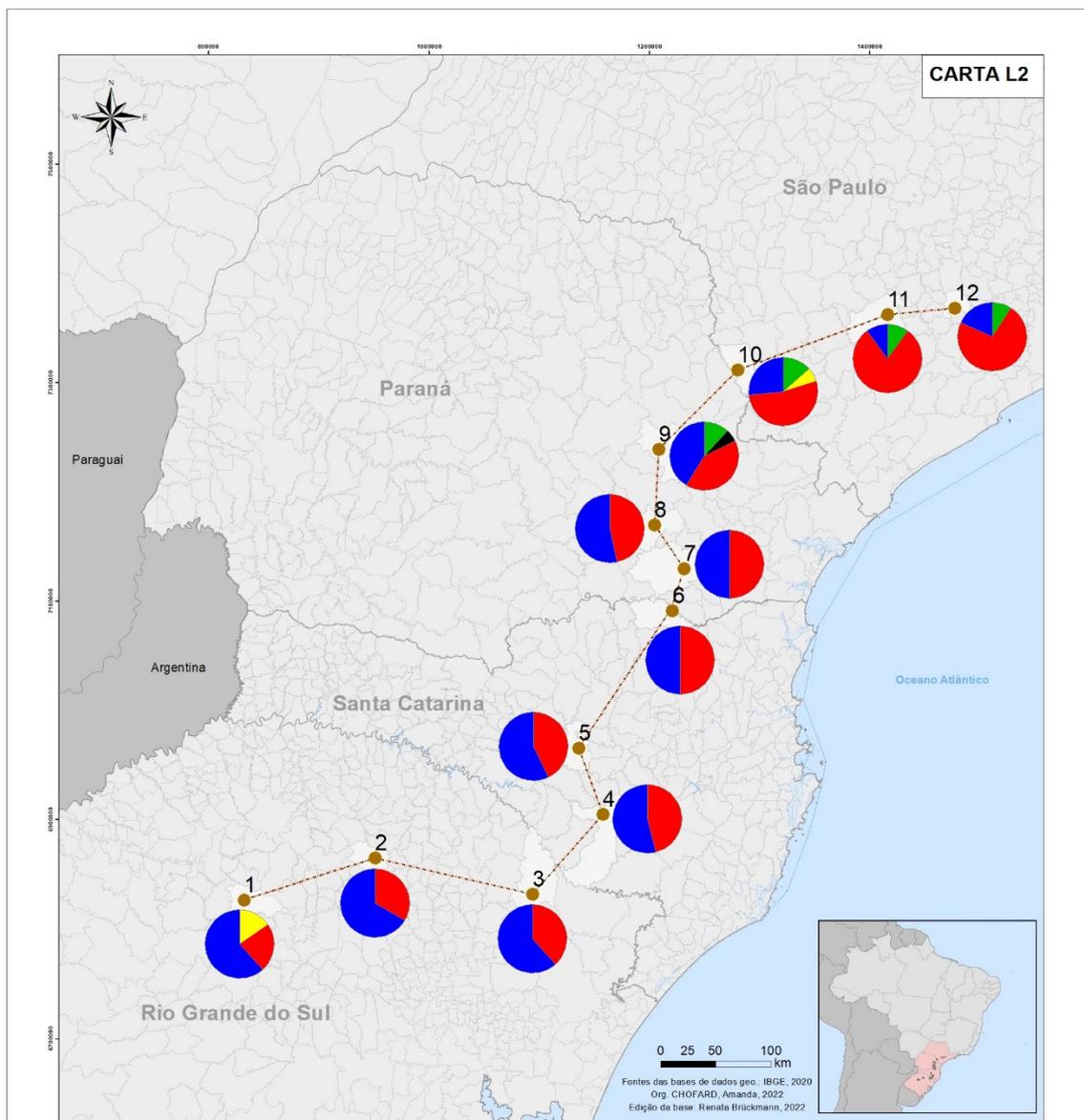
## APÊNDICE AB – Carta arealidade gradual: traiado

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



# APÊNDICE AC – Carta QSL 55

## ATLAS LINGUÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



### Questionário

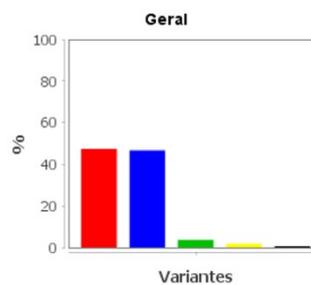
Tipos de cavalos, asininos, muares e tropas  
 Item 55



### Legenda

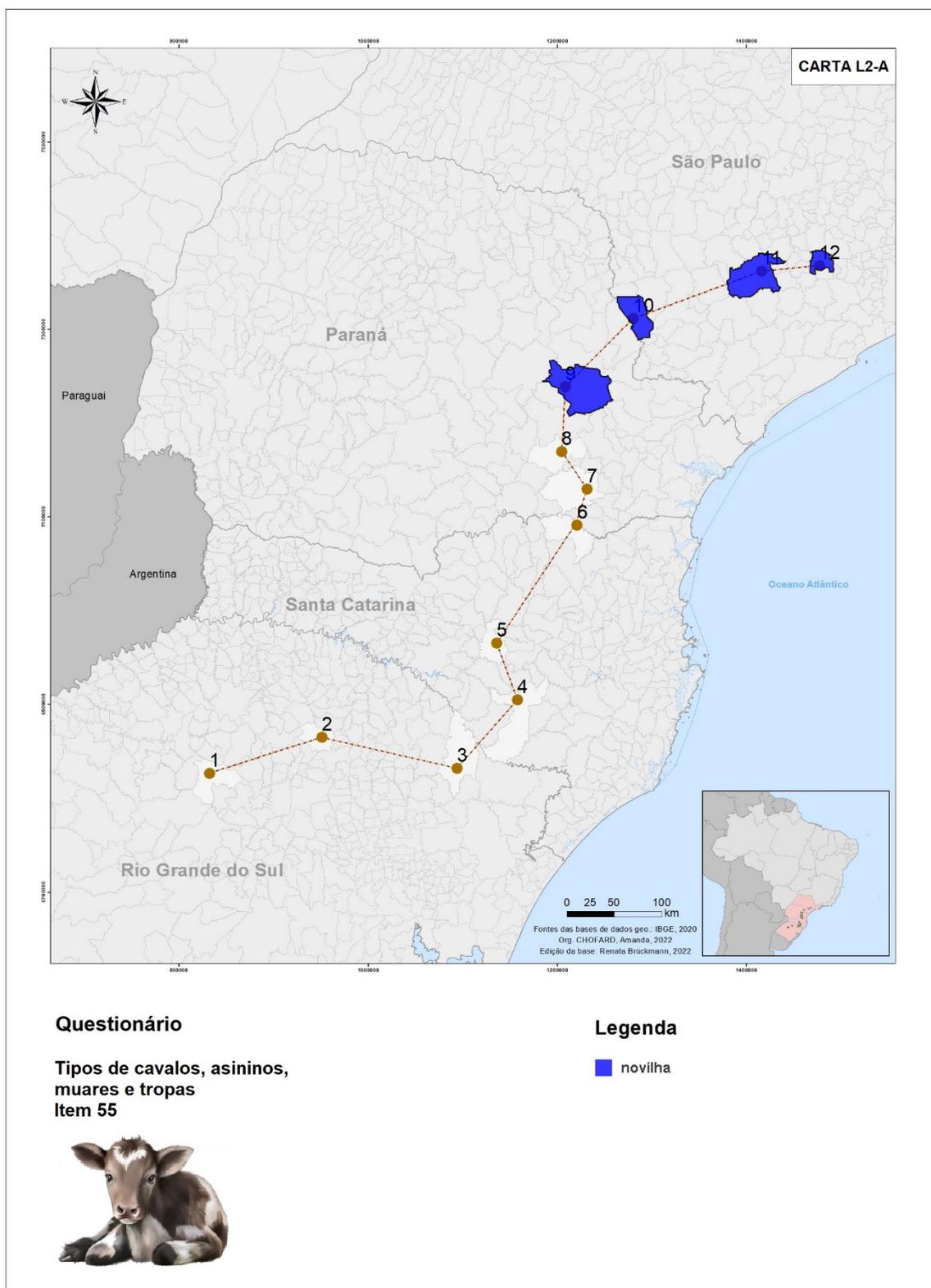
- bezerro
- terneiro
- novilha
- garrote
- boizinho

### Gráfico de frequência



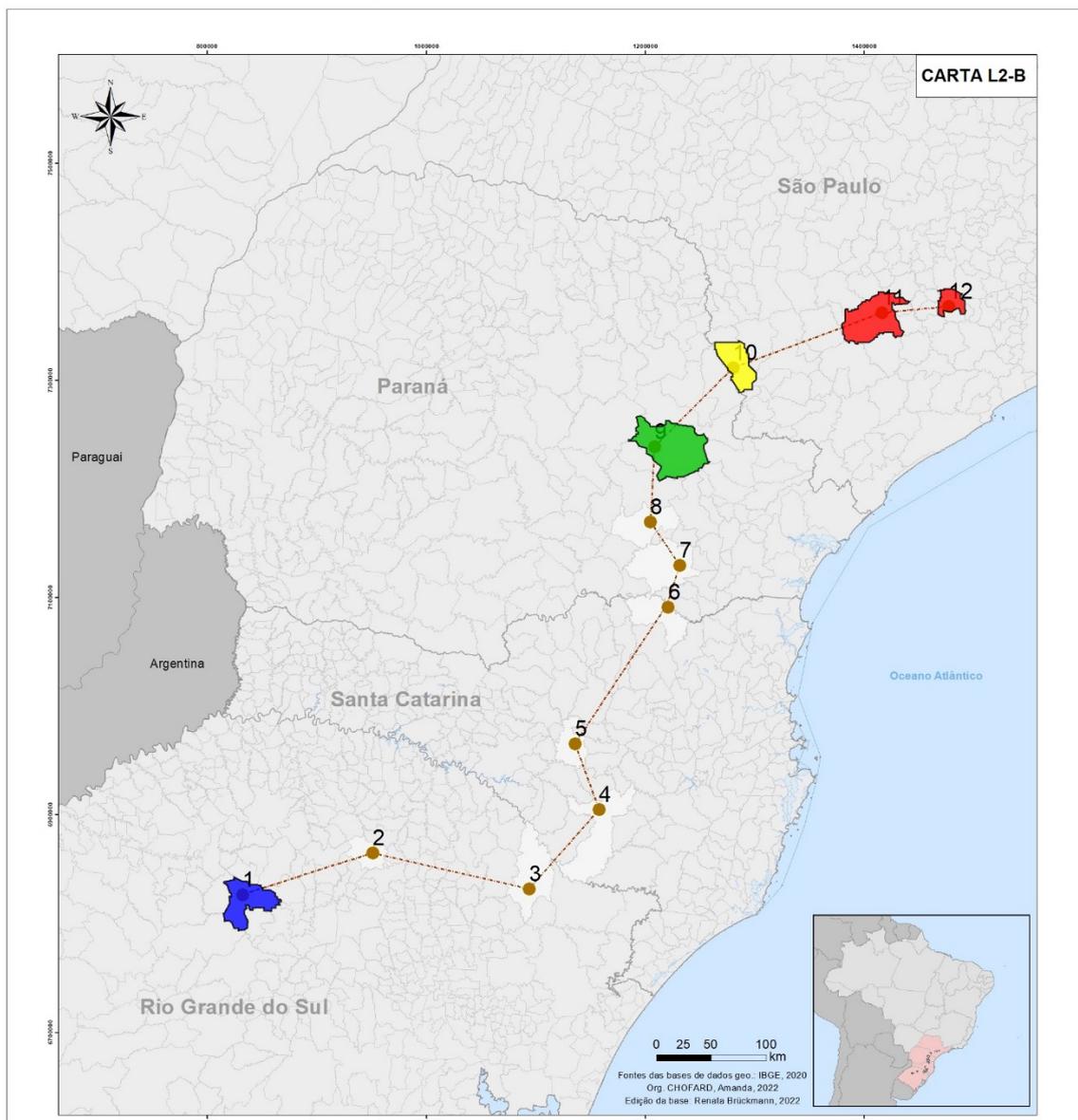
## APÊNDICE AD – Carta arealidade: novilha

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



## APÊNDICE AE – Carta arealidade: novilha, garrote, boizinho

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



#### Questionário

Tipos de cavalos, asininos,  
muas e tropas  
Item 55

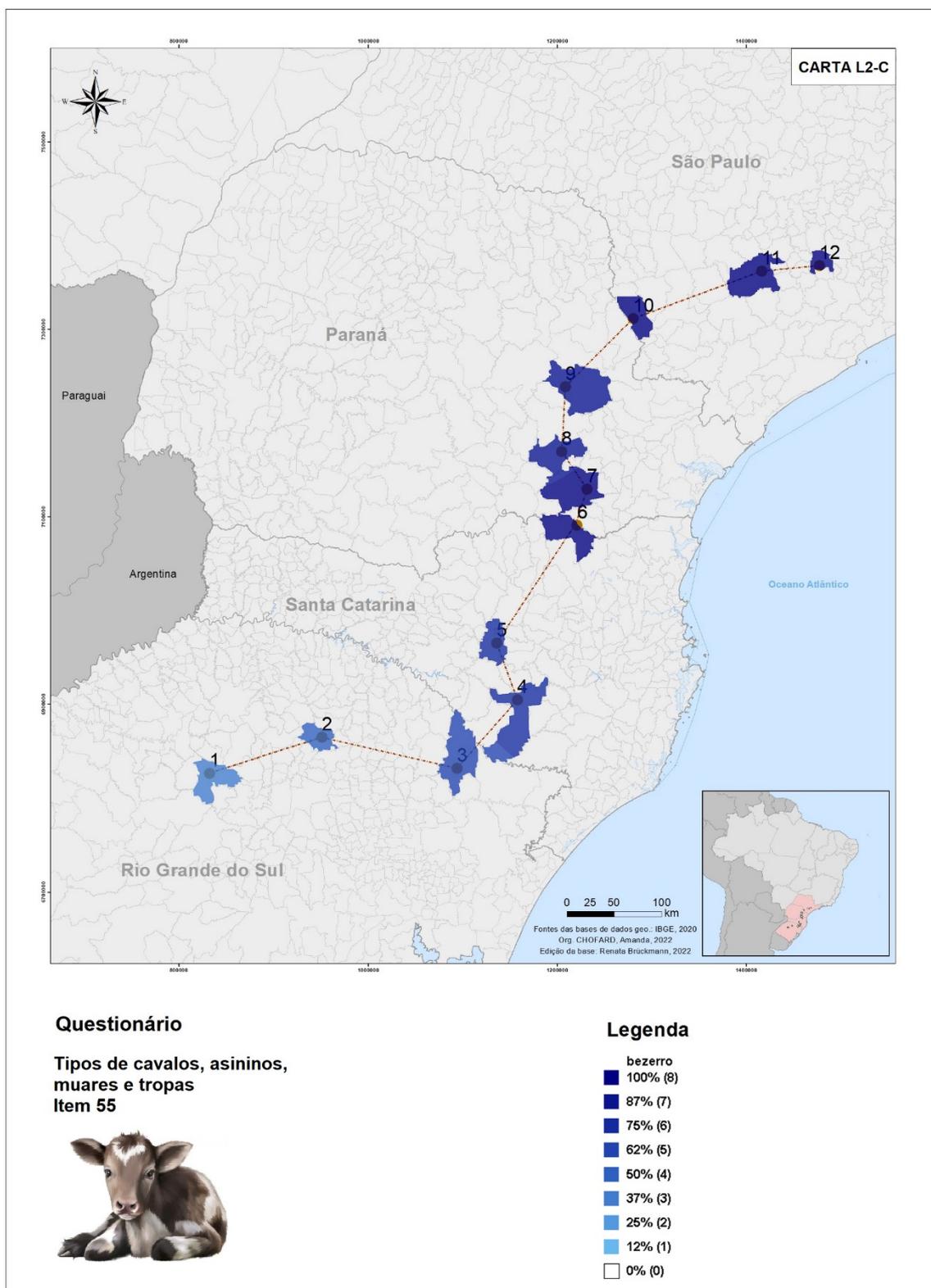


#### Legenda

- garrote
- novilha
- boizinho, novilha
- garrote, novilha

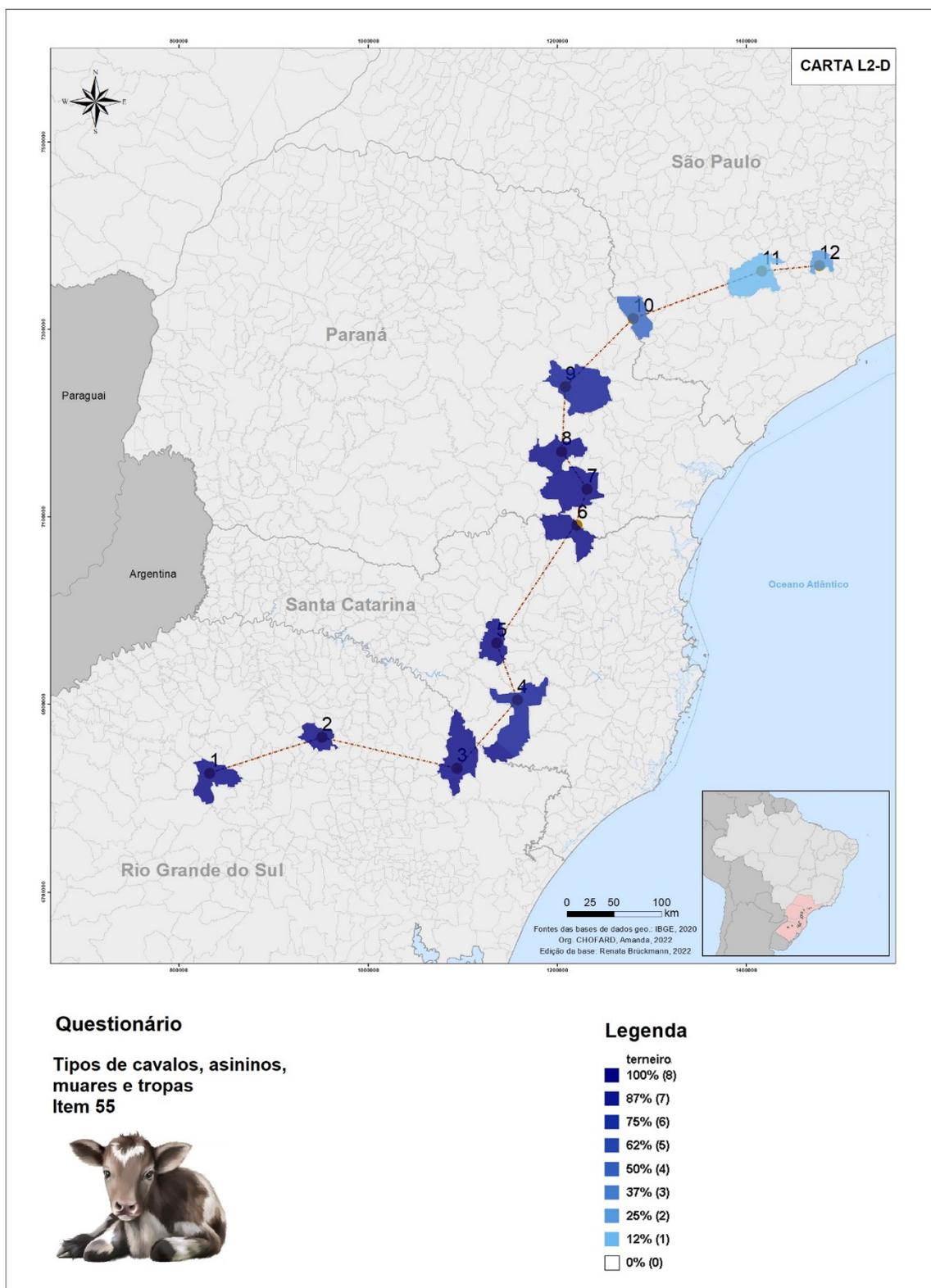
## APÊNDICE AF – Carta arealidade gradual: bezerro

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



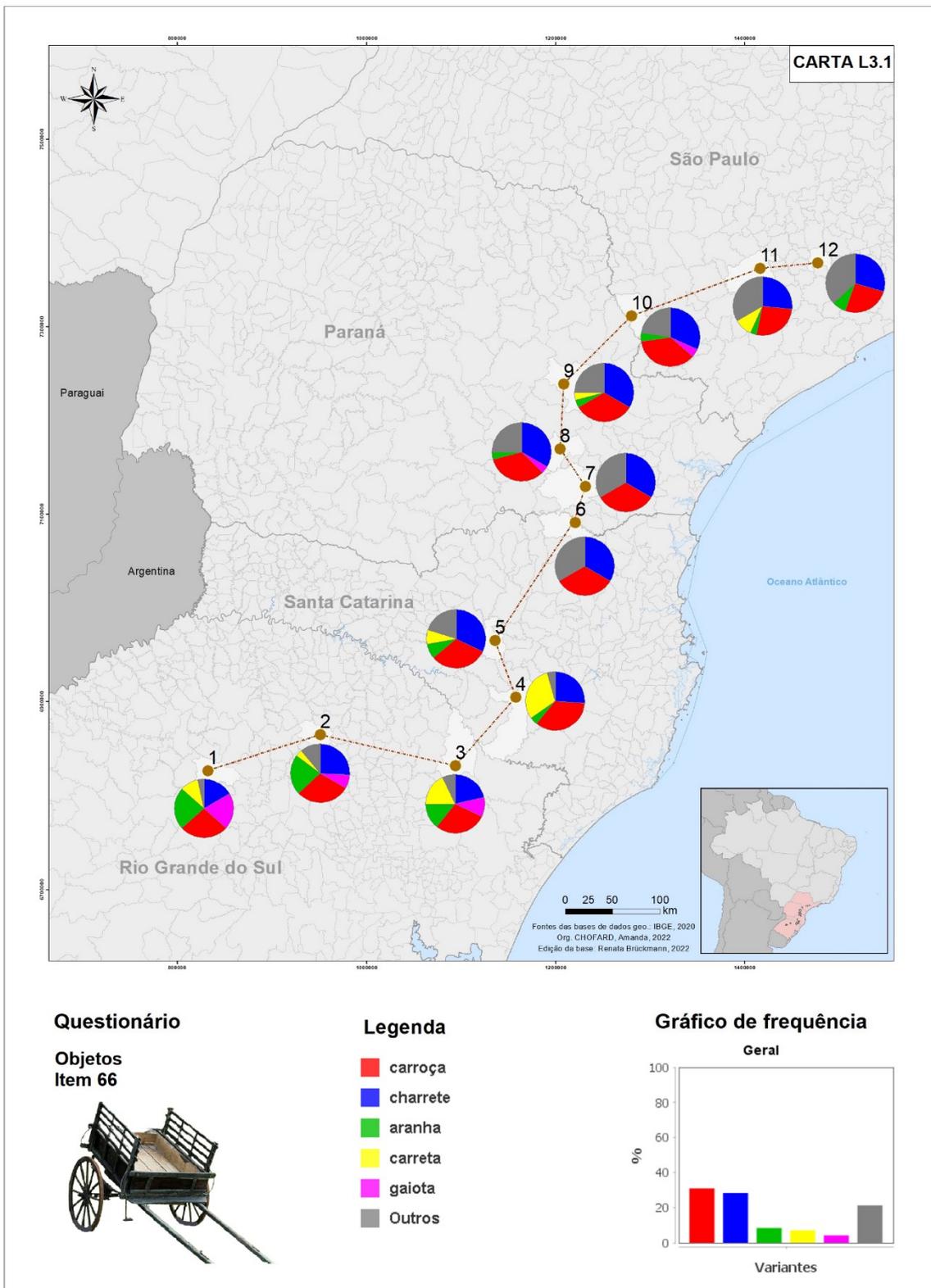
## APÊNDICE AG – Carta arealidade gradual: terneiro

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



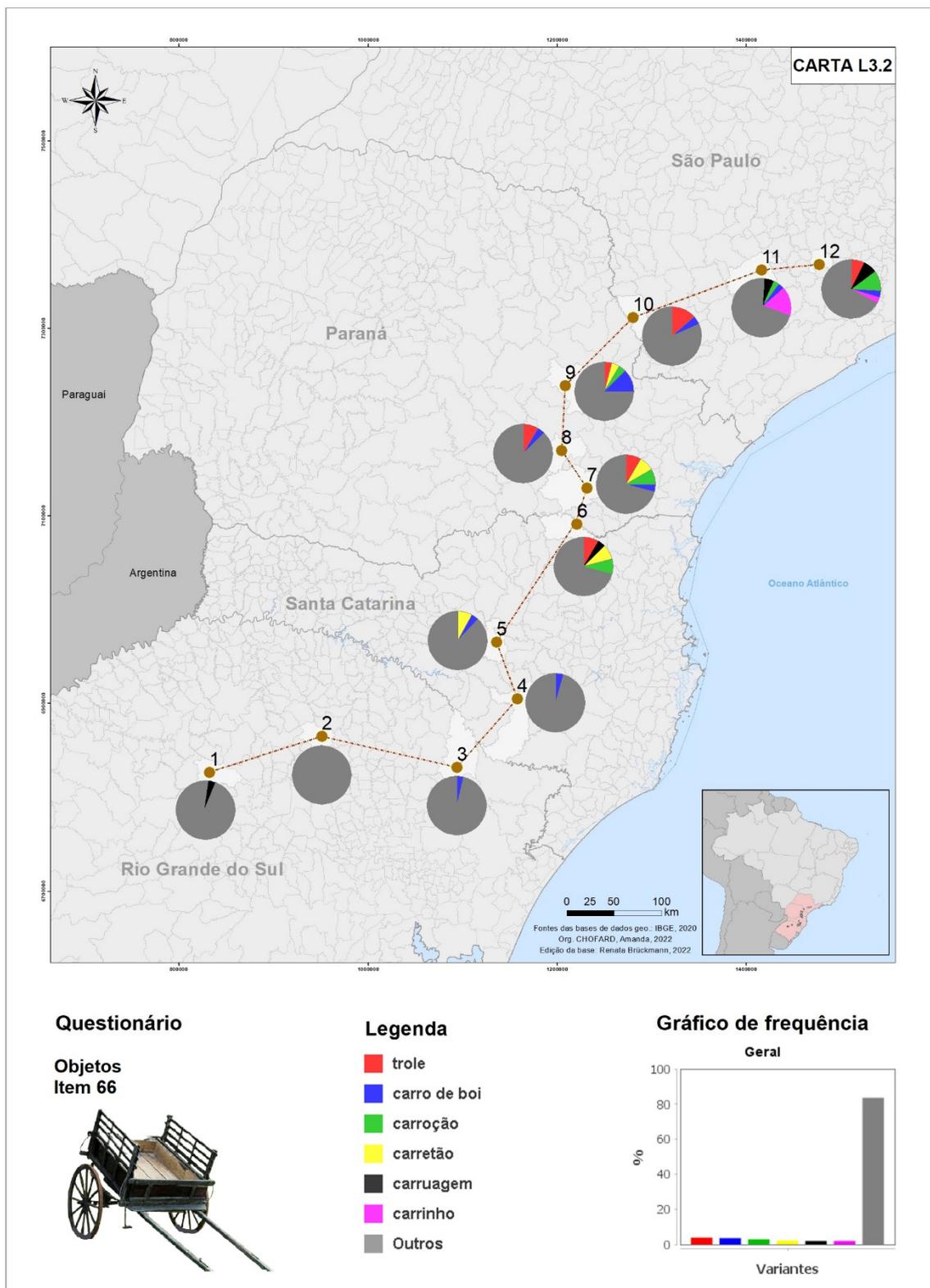
APÊNDICE AH – Carta QSL 66: variantes mais produtivas

ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



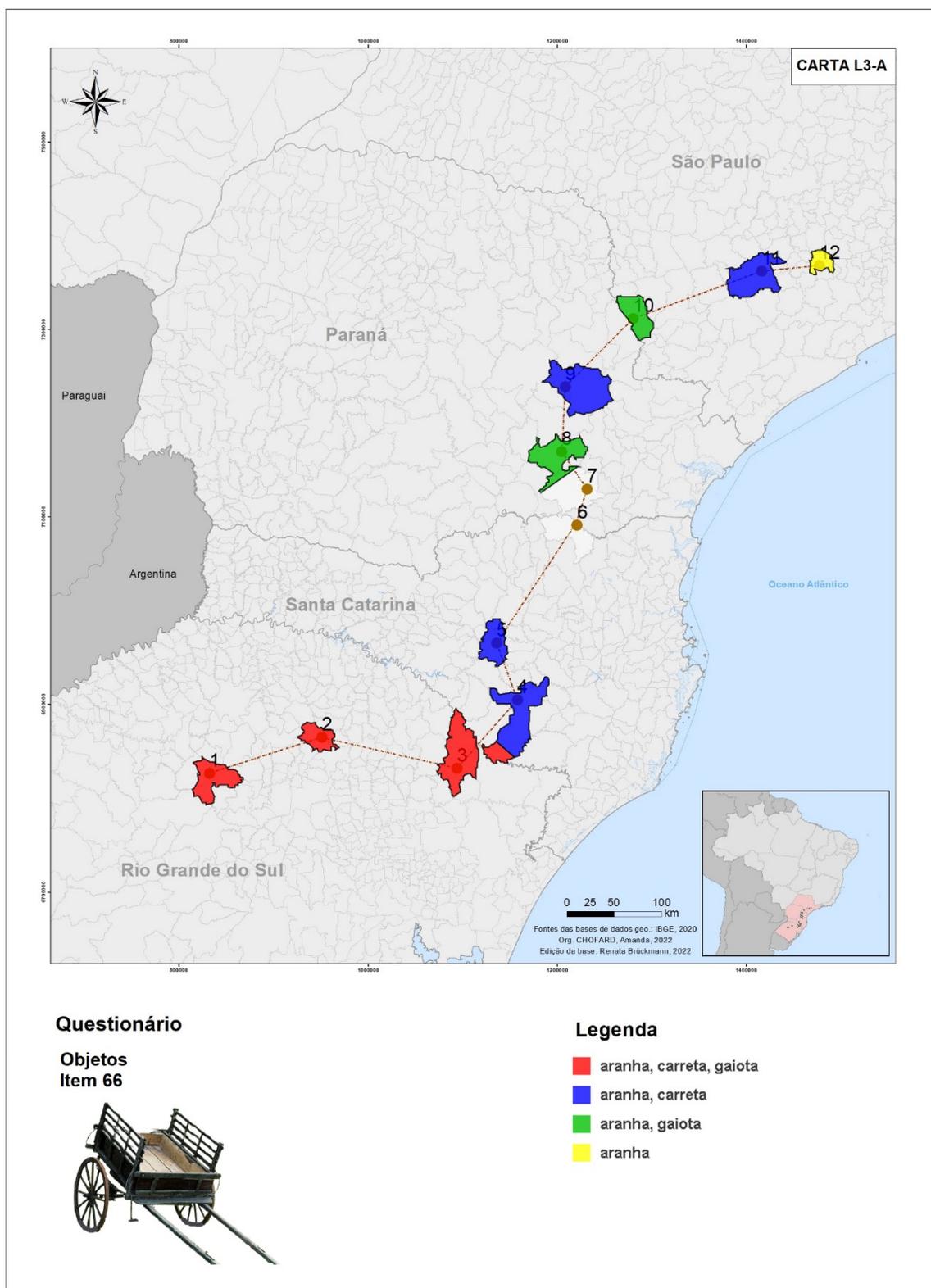
## APÊNDICE AI – Carta QSL 66: variantes menos produtivas

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



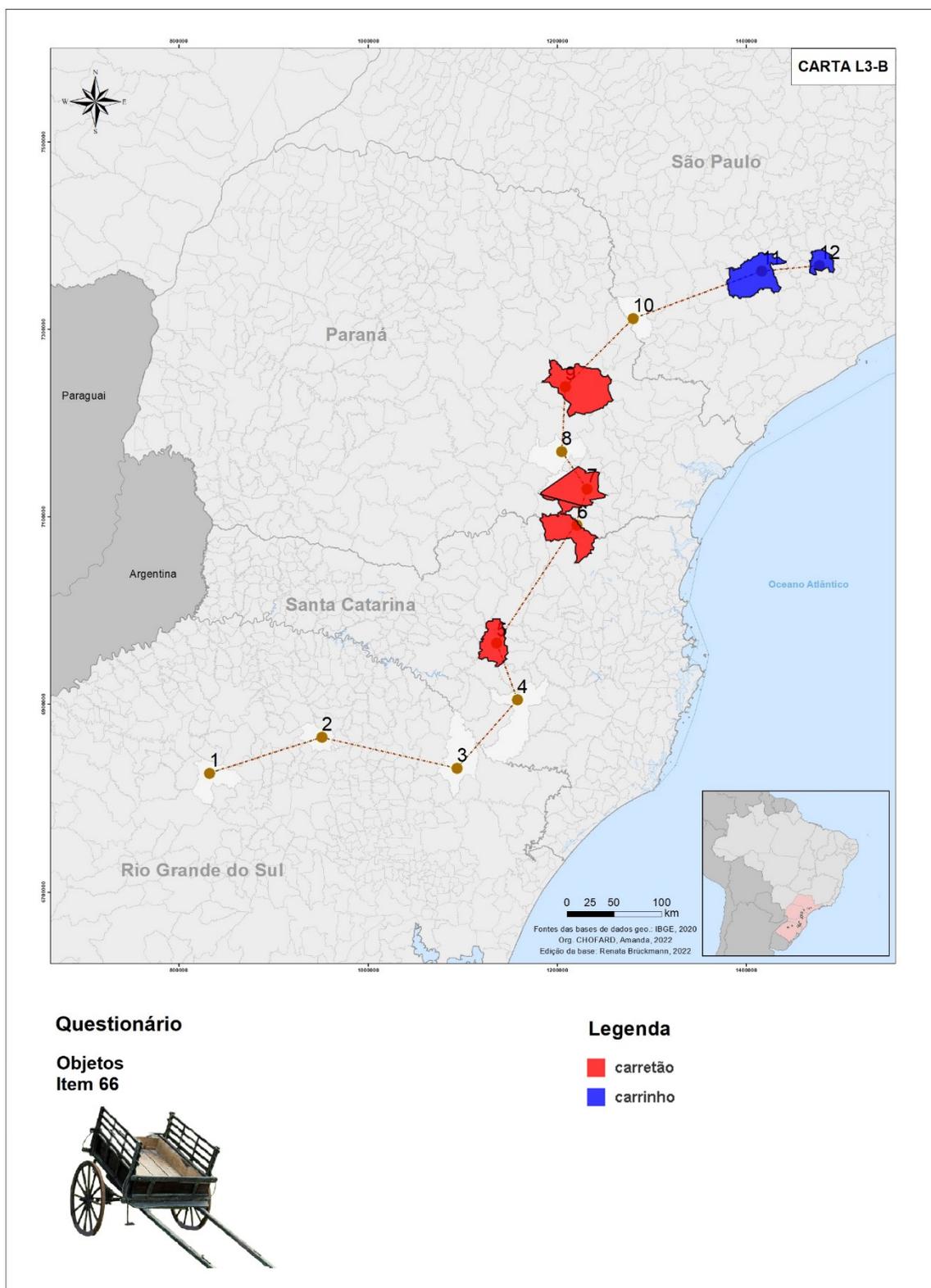
## APÊNDICE AJ – Carta arealidade: aranha, carreta e gaiota

### ATLAS LINGUÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



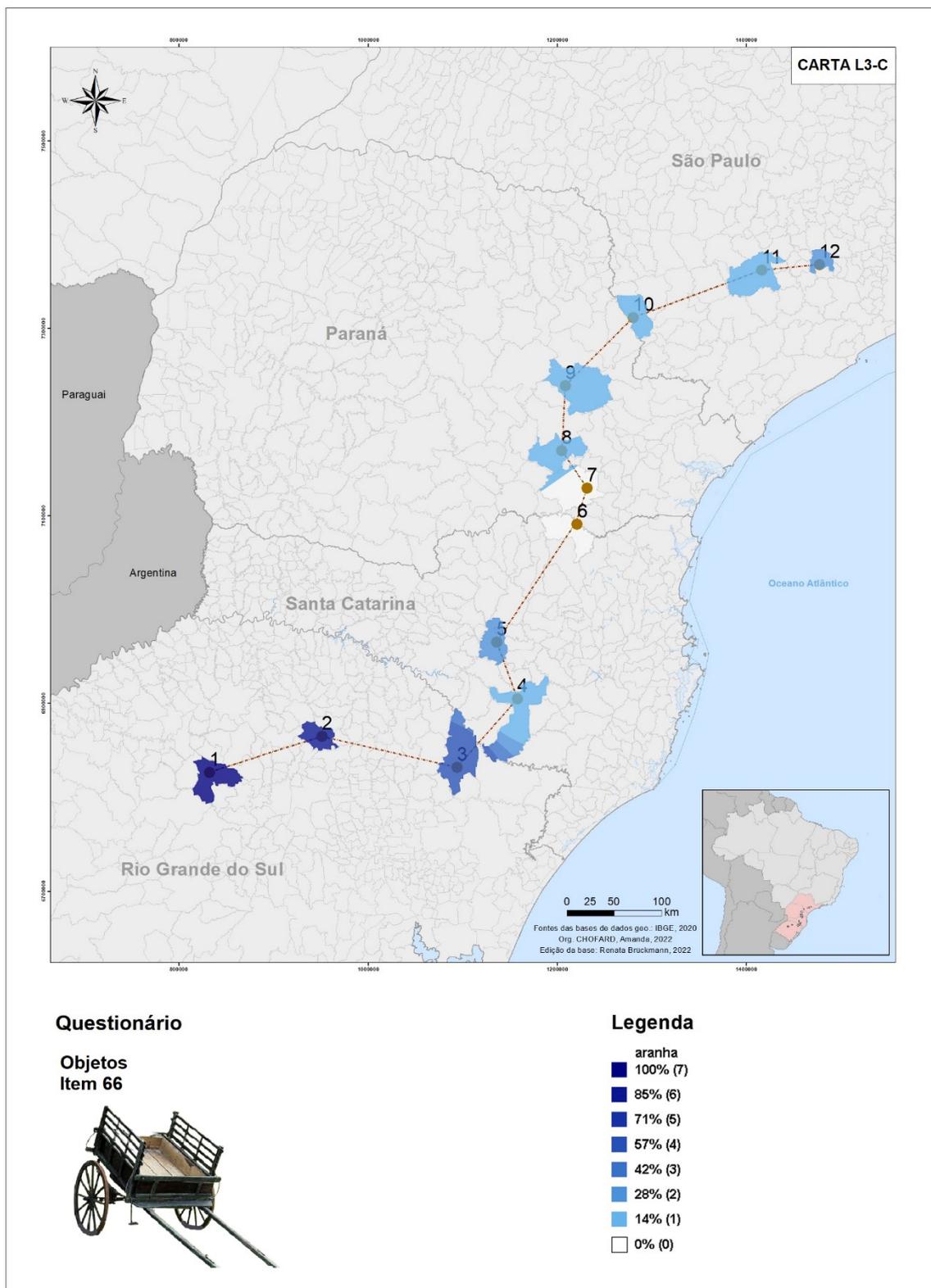
## APÊNDICE AK – Carta arealidade: carretão e carrinho

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



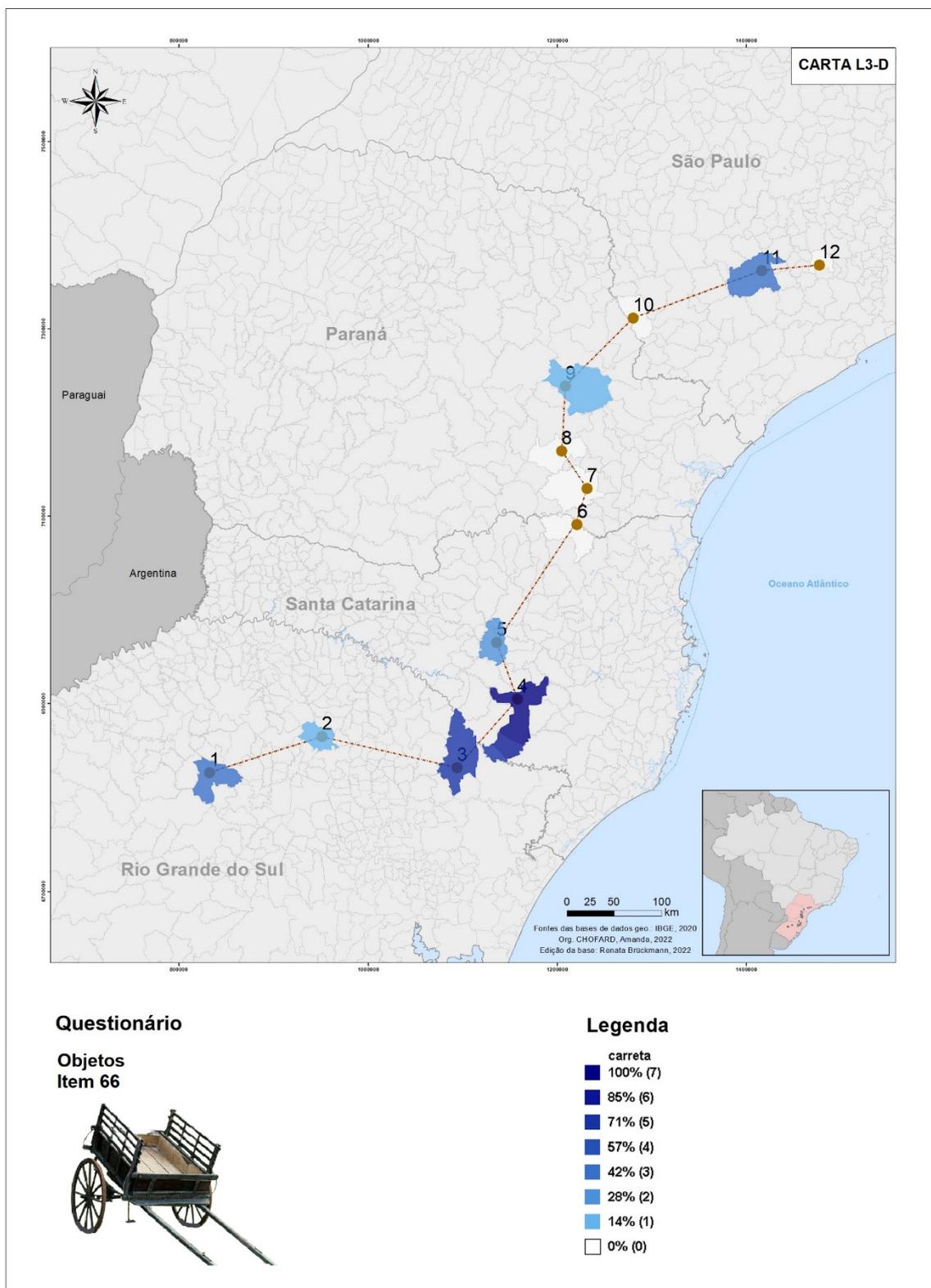
## APÊNDICE AJ – Carta arealidade gradual: aranha

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



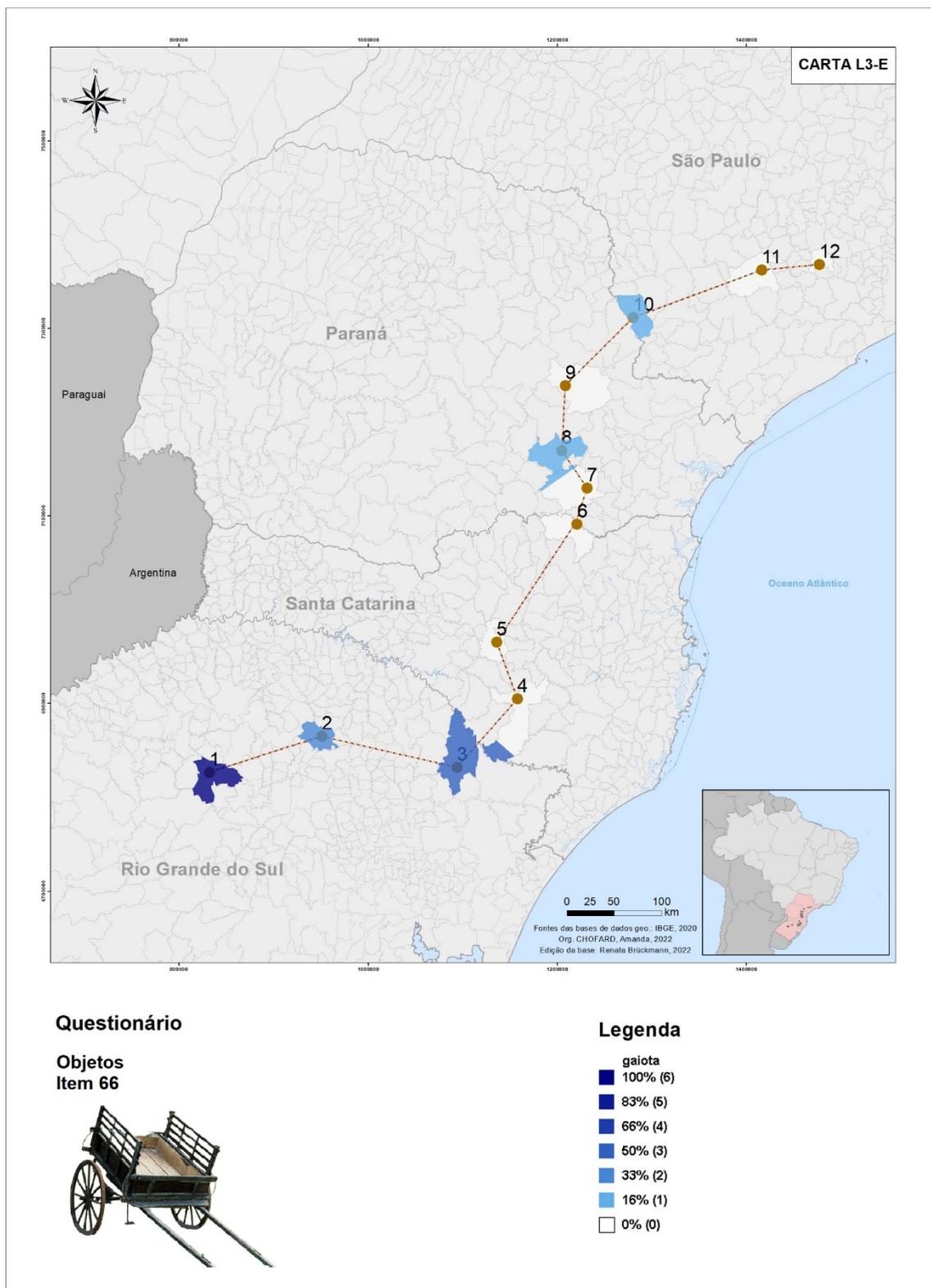
## APÊNDICE AK – Carta arealidade gradual: carreta

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



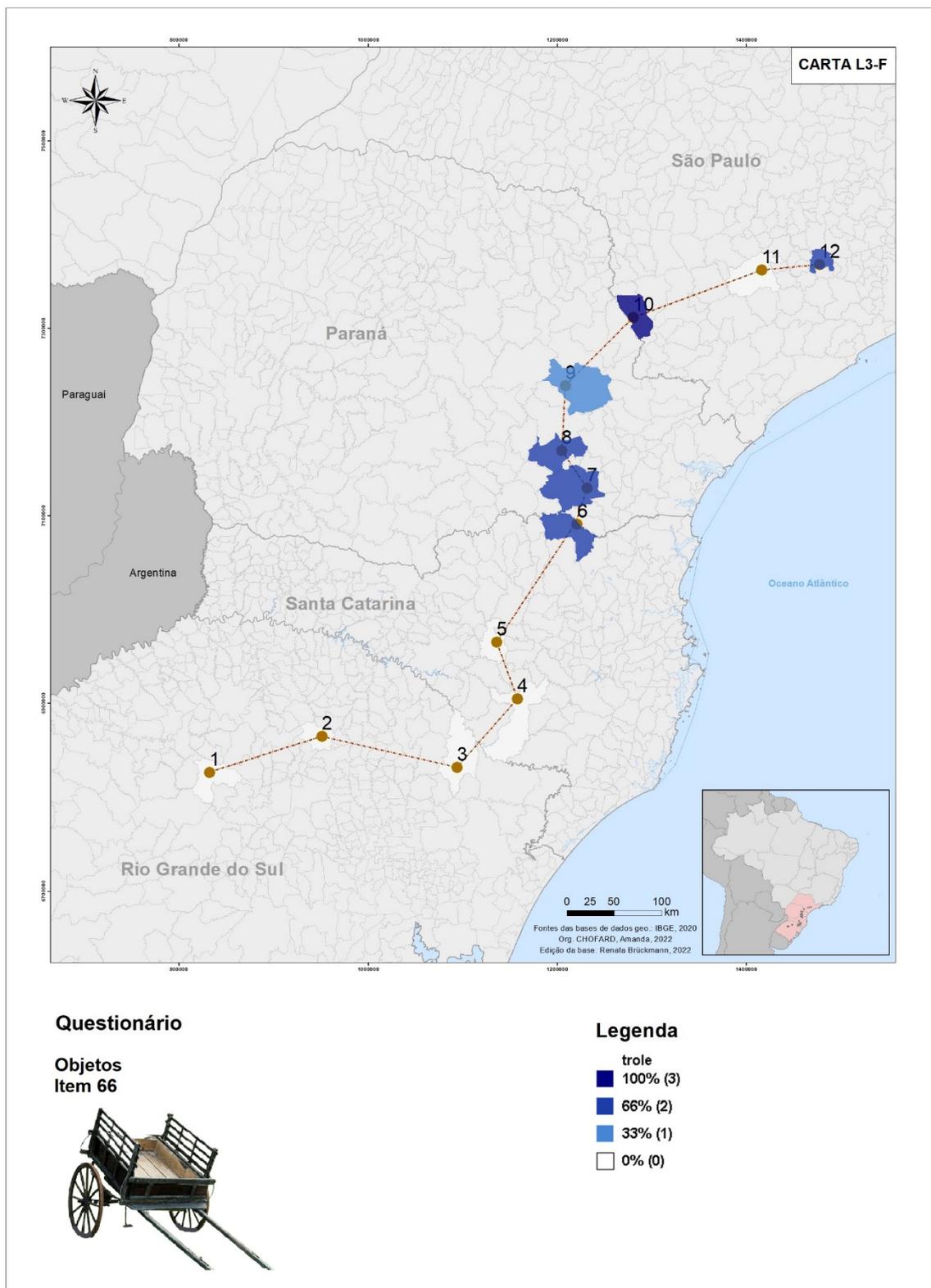
## APÊNDICE AL – Carta arealidade gradual: gaiota

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



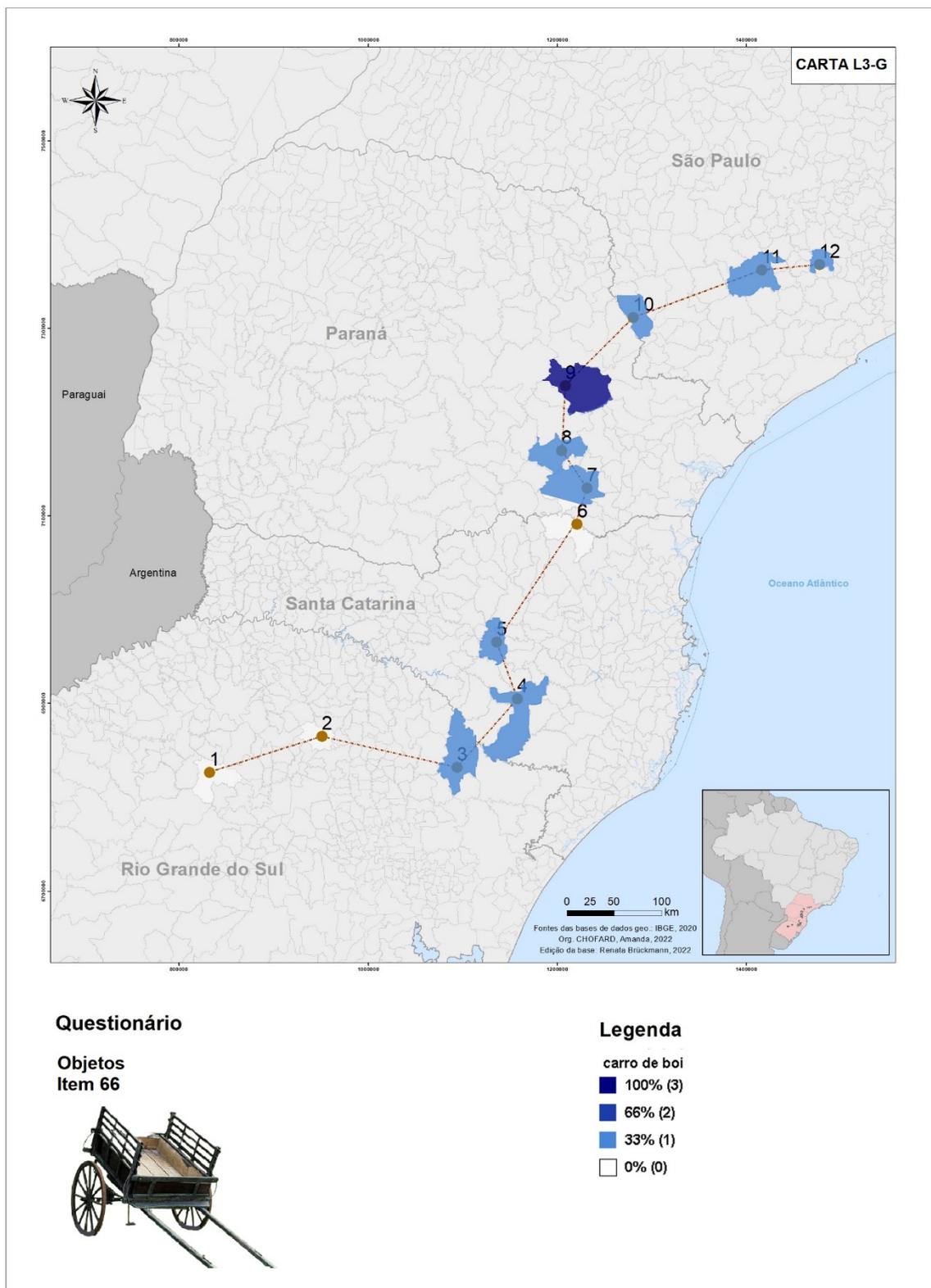
## APÊNDICE AM – Carta arealidade gradual: trole

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



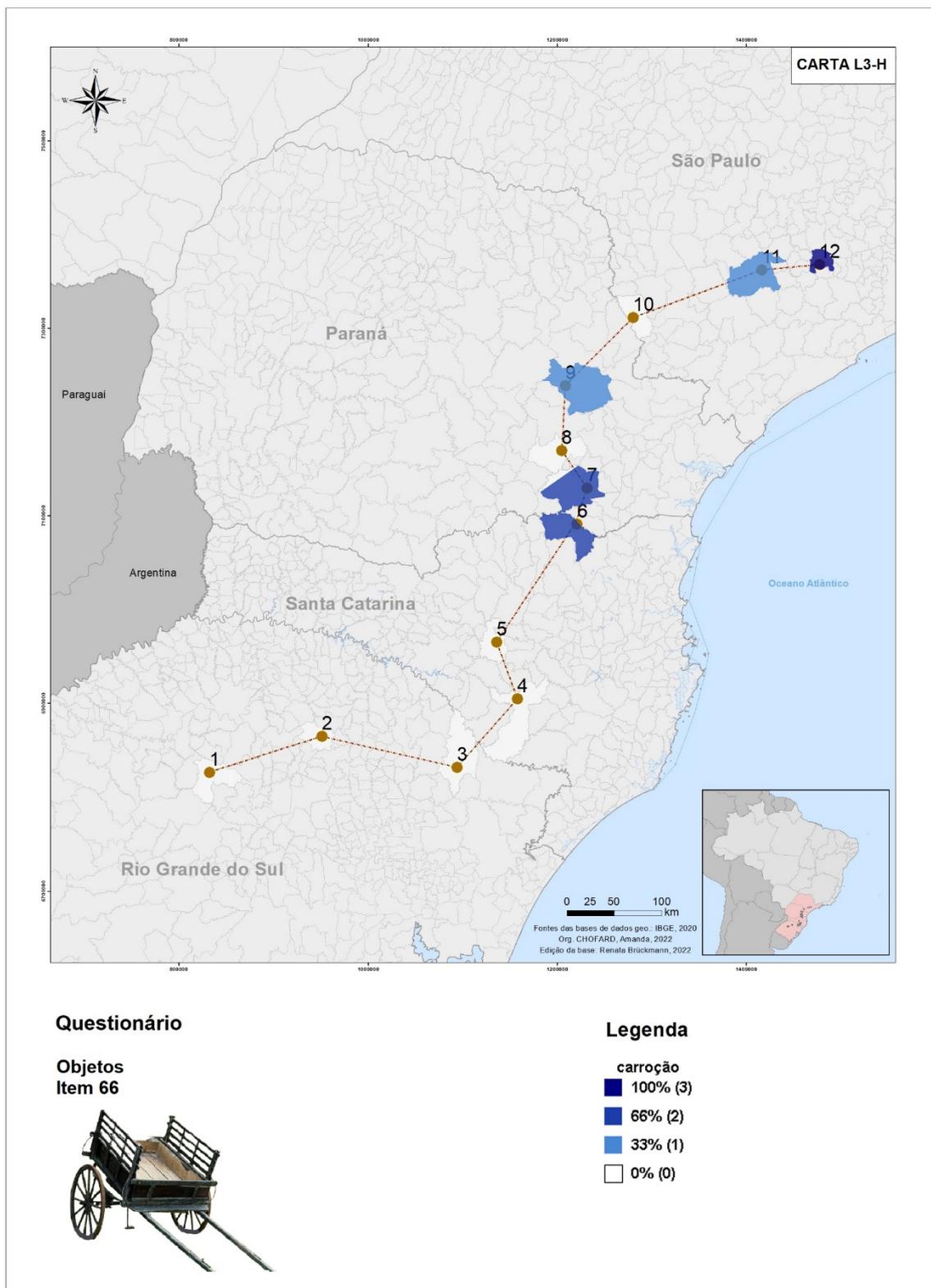
## APÊNDICE AN – Carta arealidade gradual: carro de boi

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



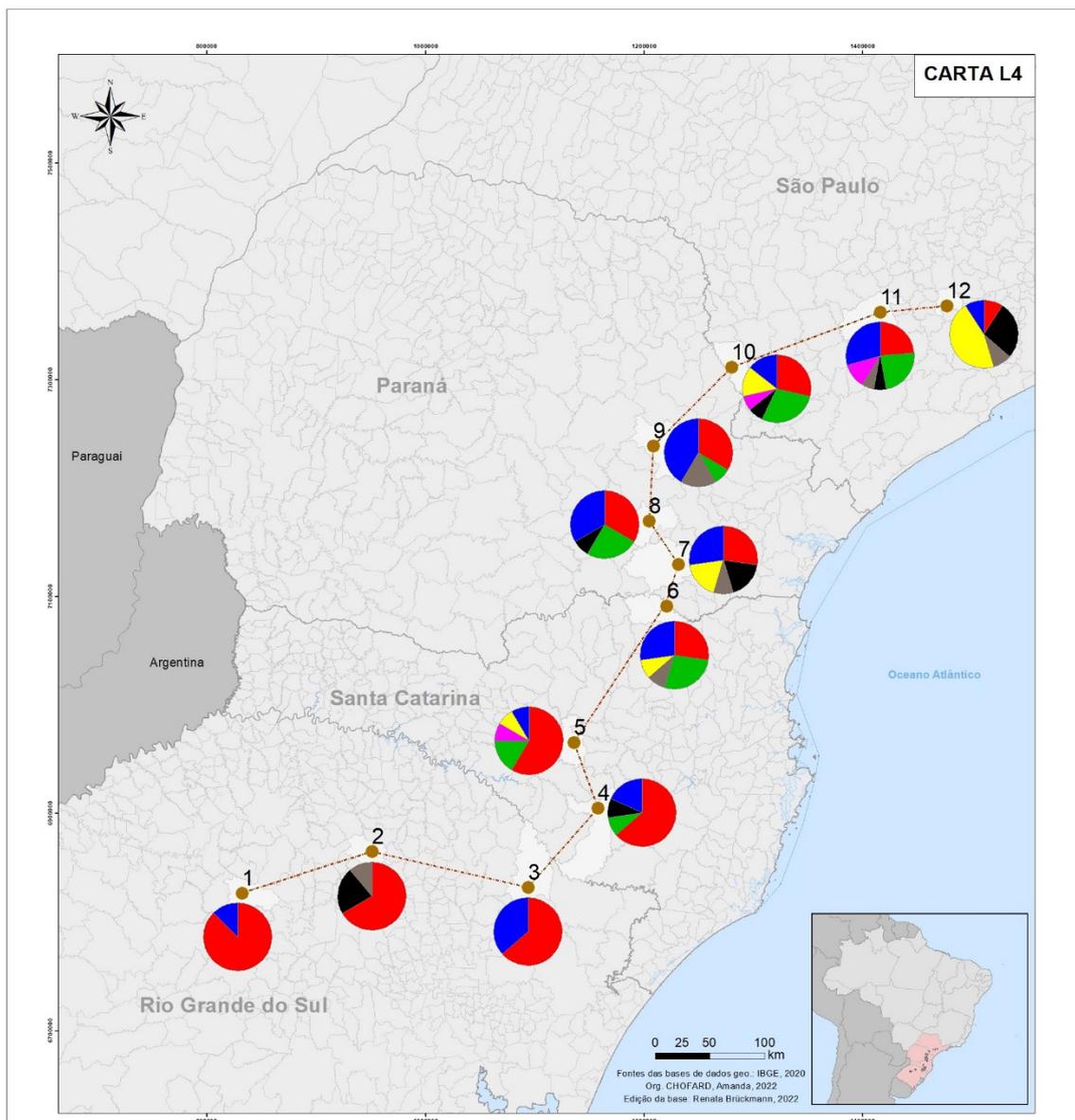
## APÊNDICE AO – Carta arealidade gradual: carroção

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



# APÊNDICE AP – Carta QSL 93

## ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



### Questionário

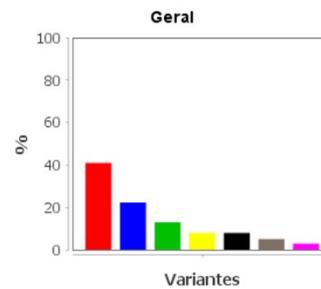
Funções e atribuições da tropa  
Item 93



### Legenda

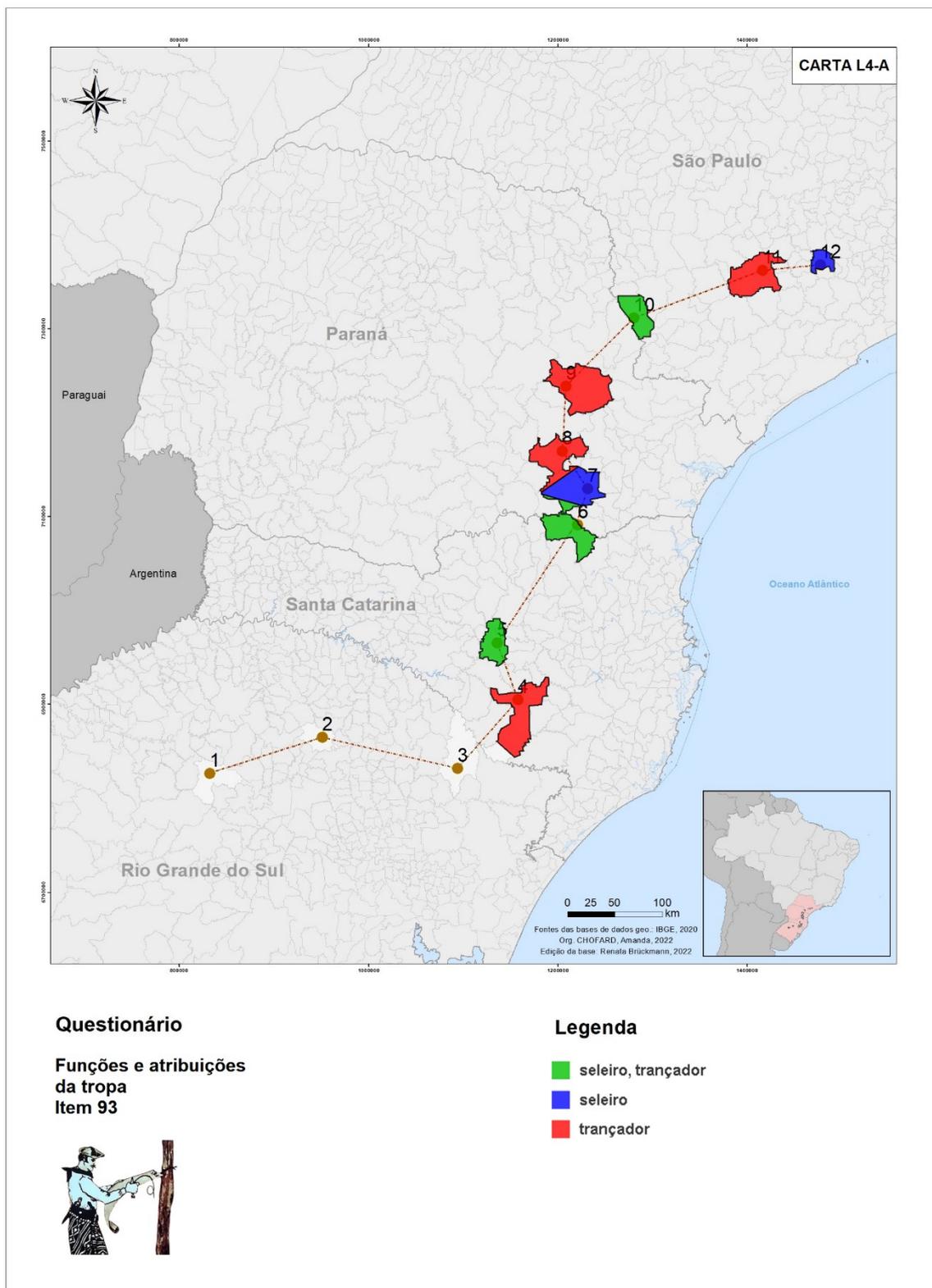
- guasqueiro
- coureiro
- trançador
- seleiro
- artesão
- outras
- RP

### Gráfico de frequência



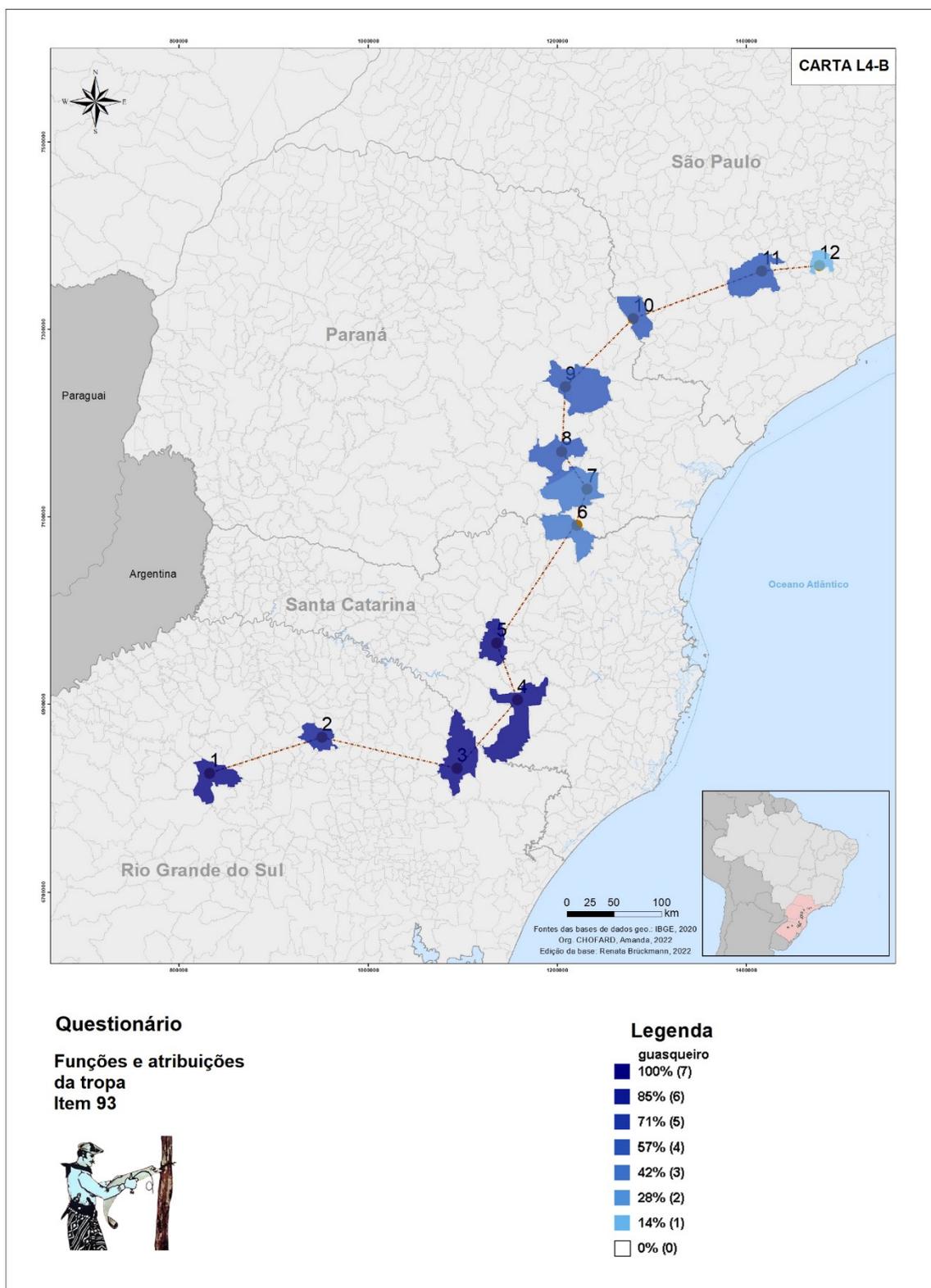
## APÊNDICE AQ – Carta arealidade: trançador e seleiro

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



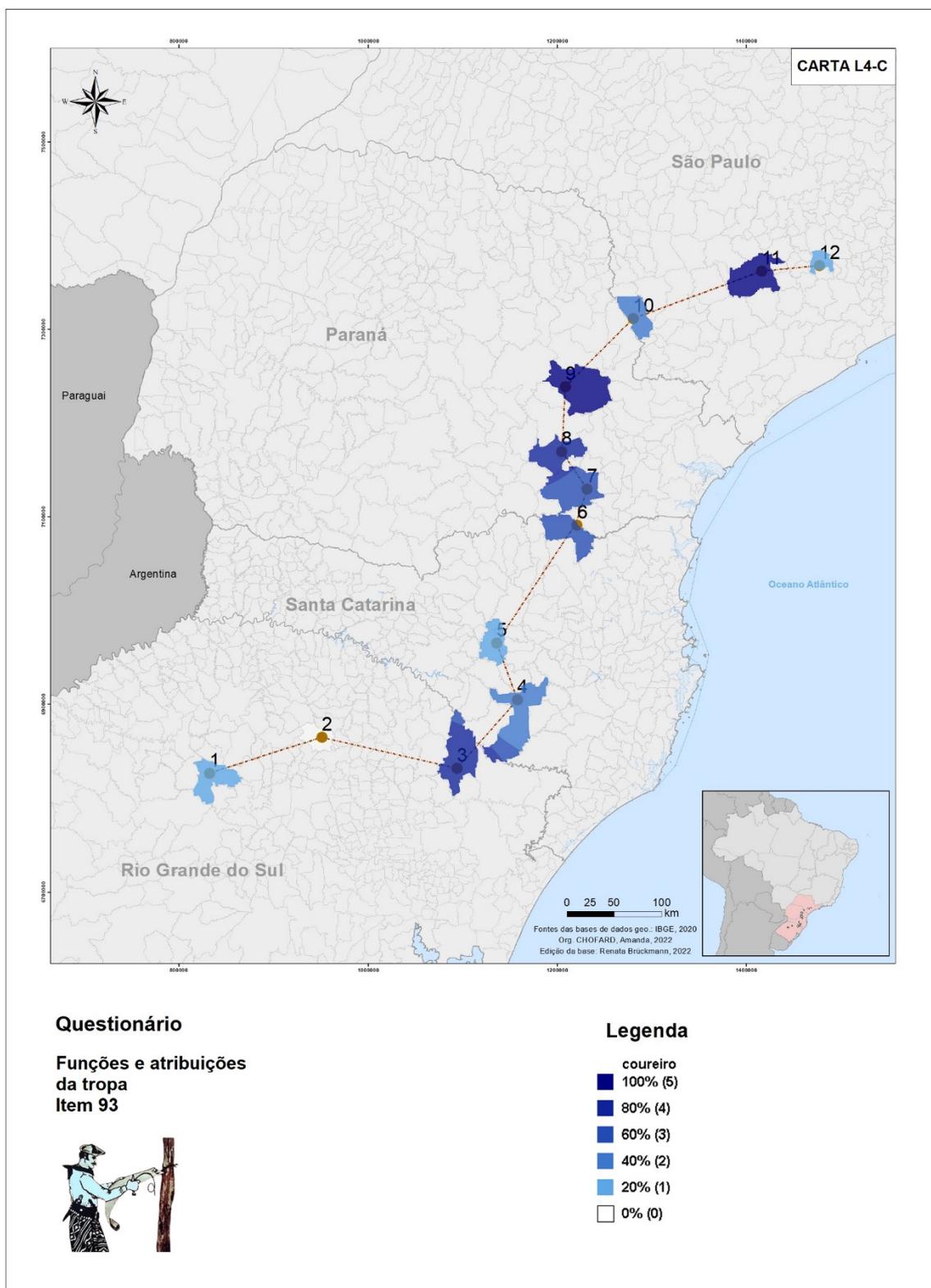
## APÊNDICE AR – Carta arealidade gradual:guasqueiro

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



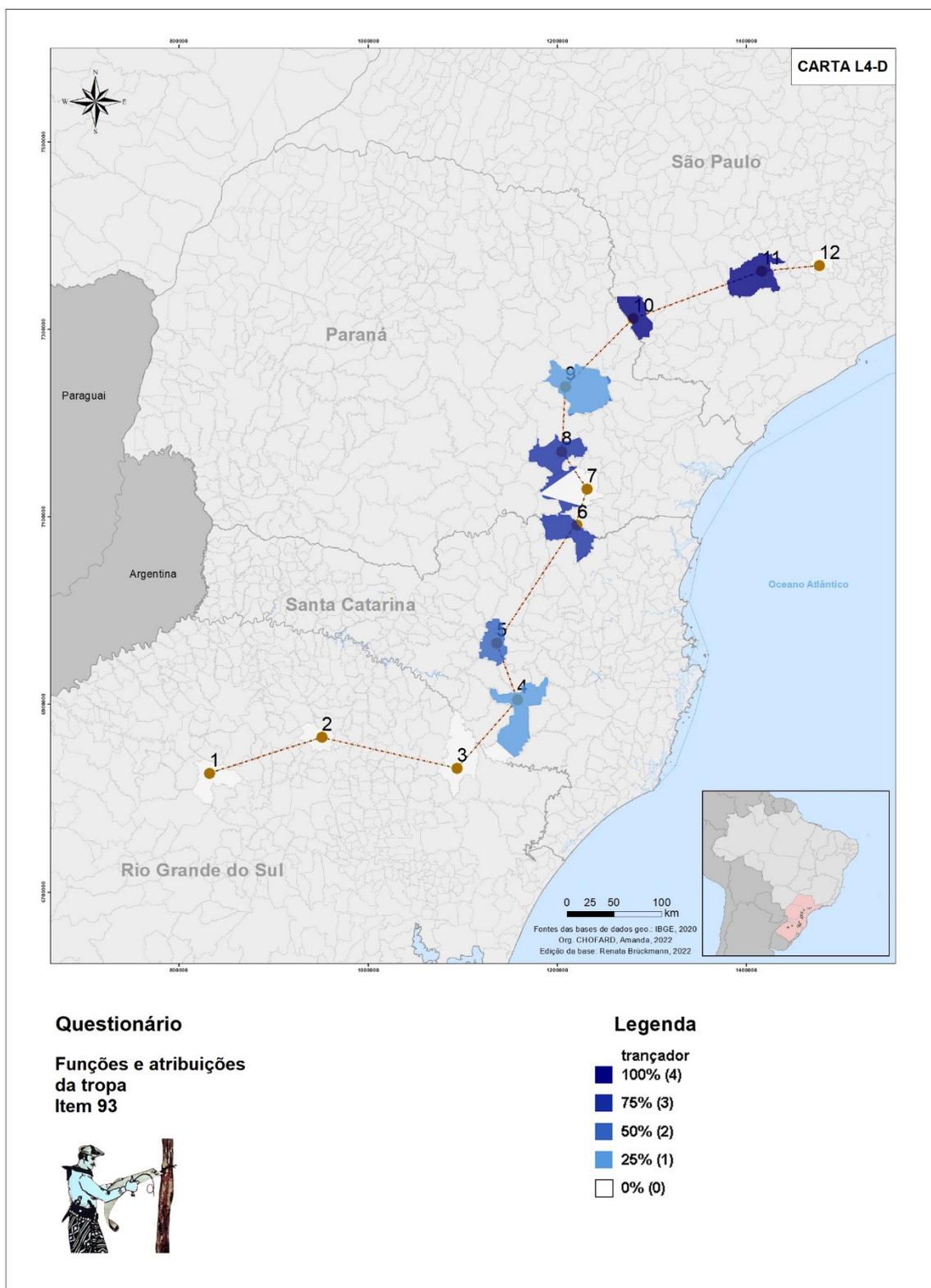
## APÊNDICE AS – Carta arealidade gradual: coureiro

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



## APÊNDICE AT – Carta arealidade gradual: trançador

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT



## APÊNDICE AU – Carta arealidade gradual: seleiro

### ATLAS LINGÜÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS - ALRT

